

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Nayla Fernanda Andrade Lopes

ENQUADRAMENTOS DA REALIDADE E VERDADES EM DISPUTA:

Negacionismo, agnotologia e raciocínio motivado durante a pandemia de
Covid-19

Belo Horizonte

2024

Nayla Fernanda Andrade Lopes

ENQUADRAMENTOS DA REALIDADE E VERDADES EM DISPUTA:

Negacionismo, agnotologia e raciocínio motivado durante a pandemia de
Covid-19

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial à obtenção do título de Doutora
em Ciência Política.

Orientadora: Profa. Dra. Helcimara de Souza Telles

Belo Horizonte

2024

320	Lopes, Nayla Fernanda Andrade.
L864e	Enquadramentos da realidade e verdades em disputa
2024	[recurso eletrônico] : negacionismo, agnotologia e raciocínio motivado durante a pandemia de Covid-19 / Nayla Fernanda Andrade Lopes - 2024.
	1 recurso online (241 f.): pdf.
	Orientadora: Helcimara de Souza Telles.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Ciência política – Teses. 2.Negacionismo - Teses.
	3.Participação política - Teses. 4. COVID-19 Pandemia, 2020- Teses. I. Telles, Helcimara de Souza. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

FAFICH - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA - SECRETARIA

ATA 19ª/2024 DA DEFESA DA TESE DA ALUNA NAYLA FERNANDA ANDRADE LOPES

Realizou-se, no dia 23 de setembro de 2024, às 14:00 horas, por videoconferência, a defesa da tese, intitulada "ENQUADRAMENTOS DA REALIDADE E VERDADES EM DISPUTA: Negacionismo, agnotologia e raciocínio motivado durante a pandemia de Covid-19", elaborada e apresentada por NAYLA FERNANDA ANDRADE LOPES - número de registro 2019664768, graduada no curso de COMUNICAÇÃO SOCIAL. A defesa é requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em CIÊNCIA POLÍTICA, e foi submetida e analisada pela seguinte Comissão Examinadora: Profa. Helcimara de Souza Telles - Orientadora (DCP/UFMG), Profa. Regina Helena Alves da Silva (HIS/UFMG), Profa. Érica Anita Baptista Silva (INCT-DSI), Profa. Luciana Fernandes Veiga (UNIRIO), Prof. Paulo Victor Teixeira Pereira de Melo (CMBH), Prof. Pedro Santos Mundim (UFG). A Comissão considerou a tese APROVADA. Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada eletronicamente pelos membros da Comissão. Belo Horizonte, 23 de setembro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Victor Teixeira Pereira de Melo, Usuário Externo**, em 23/09/2024, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Santos Mundim, Usuário Externo**, em 24/09/2024, às 09:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Érica Anita Baptista Silva, Usuário Externo**, em 25/09/2024, às 09:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Regina Helena Alves da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 26/09/2024, às 10:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helcimara de Souza Telles, Professora do Magistério Superior**, em 27/09/2024, às 15:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Fernandes Veiga, Usuário Externo**, em 11/10/2024, às 21:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3530188** e o código CRC **C3FE7BEC**.

AGRADECIMENTOS

Há bastante tempo, digo a todos que perguntam sobre a tese: “ela já está toda escrita na minha cabeça, falta ‘apenas’ colocar no papel”. E, obviamente, eu não poderia estar mais enganada; afinal, se essa afirmação otimista encontrasse respaldo na realidade, eu, cuja pesquisa reside parcialmente em apontar vieses alheios, seria a maior raciocinadora motivada de todos (favor ler a tese para compreender). Eu estava enganada não somente porque, da cabeça para o papel, o caminho é longo, tortuoso, complexo e cheio de surpresas – do jeito que minha mentalidade quali adora. Também estava incorreta porque é na interseção entre meus pensamentos, ideias, intenções e análises e as contribuições de tantas outras pessoas que a tese se construiu. Incompleta, provavelmente com erros (não intencionais) e não definitiva, como se espera de qualquer tentativa de produção de conhecimento e compreensão do mundo.

Estes agradecimentos também têm sido mentalmente esboçados há anos, provavelmente por medo de me esquecer de mencionar alguém (certamente vai acontecer, desculpem-me desde já). À minha mãe, Graça, agradeço pelo apoio e torcida cotidianos, pelo trabalho (muitas vezes invisibilizado) para tornar minha jornada mais fácil e saudável, por me ensinar a buscar sempre fazer o melhor possível e a não me acomodar, por me acolher e compreender, com generosidade e afeto incondicionais, todos os momentos que passei ao longo da vida. Ao Rafa, irmão caçula que se tornou referência intelectual, agradeço pelas incontáveis conversas sobre o projeto e a tese, pelo olhar crítico, pelos esforços para compreender um trabalho tão diferente do dele e trazer sugestões que melhoraram demais o resultado aqui apresentado, pelos tantos textos, autores, perspectivas, ouvidos atentos e ombro amigo para compartilhar as reclamações e angústias, e por me fazer acreditar que seria possível concluir esta etapa. Tenho certeza de que você também consegue! Ao meu pai, Onofre, agradeço pelo constante olhar de orgulho e admiração, pelo apoio em atividades cotidianas e por apostar que seus filhos são sempre capazes de ir além e conseguir bons resultados. Ao Dani, obrigada pela ajuda na coleta de dados (eu não teria conseguido sem você), nas transcrições, montagem de quadros e formatação da tese, pelo companheirismo ao longo de tantos anos, por abraçar meus projetos com empolgação (às vezes, mais do que eu mesma), por ser meu cinegrafista durante anos para as entrevistas em manifestações, pelo Politube, pela paciência e acolhimento das minhas decisões.

A experiência do doutorado no meio de uma pandemia trouxe muitos desafios – mas, no meu caso, algumas possibilidades. Meu projeto de pesquisa foi totalmente remodelado, de modo a abarcar a surpresa e o choque com alguns comportamentos claramente contrários ao

senso de preservação da própria vida. A busca por compreender o que leva pessoas a adotarem posturas de negação da realidade mais elementar e imediata deu sentido e canalizou minhas energias durante um período muito difícil para todos nós. Vivemos muita incerteza, muito medo e incompreensão. Este trabalho é uma tentativa de, em primeiro lugar, registrar o que aconteceu, uma vez que a disputa pela memória se inicia enquanto vivenciamos as experiências cujos significados e desdobramentos serão alvos de divergências. É pelo seu papel para possibilitar que sobrevivêssemos a tantas dificuldades (não apenas o vírus) que agradeço a todos os pesquisadores de múltiplas áreas, cientistas, profissionais de saúde comprometidos com a vida das pessoas, jornalistas, lideranças políticas que se basearam nas melhores evidências disponíveis à época – enfim, todas e todos que viabilizaram que eu e bilhões de pessoas sem poder de decisão política (várias delas induzidas ao erro e à adoção de comportamentos potencialmente suicidas pelas suas referências na busca por informações e orientações) atravessássemos esta pandemia vivas, até que as vacinas estivessem disponíveis e um vislumbre de normalidade nos trouxesse a esperança de volta.

Não posso deixar de agradecer aos amigos de turma do doutorado, que estiveram presentes mesmo de longe, pelo suporte em diferentes momentos; compartilhamos nossas dificuldades em conversas com poder quase terapêutico, e a sensação de amparo e de pertencimento eram especialmente reconfortantes. Algumas coisas só podem ser compreendidas por quem vive as mesmas experiências e está em situação semelhante à nossa. Aos amigos do Opinião Pública das antigas, agradeço por constantemente tentarem me convencer de que vou dar conta! Obrigada especialmente ao Paulo, Érica, Ana Clara, Hanna, Roberto, Nerea, Noelle, Pedro e Felipe; vocês são incríveis e o melhor grupo de apoio que eu poderia ter. Aos amigos que tiveram que lidar, em algum momento, com a minha indisponibilidade ao longo destes anos (especialmente Alana e Cibele, Ana, Dani e Mayra), agradeço pela paciência e carinho inabaláveis. João, obrigada pelas reuniões, dicas, ajudas, busca por dados, desabafos, trocas de ideias. Você é brilhante, curioso, dedicado e nada parcimonioso (quer abraçar o mundo como eu, então não te julgo), e fico muito feliz por ter te acompanhado desde o início da sua trajetória – que, tenho certeza, será de muito sucesso.

Aos professores da UFMG, minha casa desde o mestrado, agradeço pelas aulas que fizeram com que eu me sentisse preparada para compreender e debater sobre os temas mais relevantes da Ciência Política em qualquer lugar do mundo. À minha orientadora, Mara, agradeço por compreender e confiar no meu processo, por abraçar minhas escolhas e pela

empolgação compartilhada comigo diante de cada teoria, texto, material novo que trocávamos. Você, Mara, dirá que geminianos são difíceis e não sabem encontrar foco (o que me parece válido), mas, em um período tão difícil, espero que esta nossa tentativa de trazer uma contribuição para a interpretação do caos tenha te deixado orgulhosa. Um agradecimento especial ao professor Mario Fuks, que manteve a disciplina de Atitudes Políticas quando a pandemia virou a vida de todos pelo avesso. Aquelas aulas trouxeram muito mais do que conhecimento e crescimento intelectual; elas representaram momentos semanais de retomada da rotina (mesmo que online), constância e normalidade em meio ao caos. Agradeço ainda ao professor Ricardo Fabrino, que sempre estuda os temas mais interessantes e foi meu orientador no estágio docente. Obrigada pela gentileza cotidiana e pelas várias referências e conceitos relevantes para minha formação intelectual e para esta pesquisa. Aos membros da banca, agradeço pela leitura atenta e pelas considerações que certamente vão melhorar este trabalho.

Em meio a tantos desafios – que já se amontoariam mesmo em tempos normais –, a ideia de estudar o negacionismo me levou longe. Agradeço aos amigos bolsistas Fulbright do programa de doutorado sanduíche; os motivos e as pessoas são tantos que não cabem aqui. Carol, você faz muito mais que seu trabalho, e sou (somos!) muito grata pelo carinho, acolhimento, cuidado, empatia, por nos dar as mãos sempre que precisamos. Estar em um grupo com pessoas tão diversas quanto brilhantes e desajeitadas me fez um bem danado. Vocês são inspirações constantes, são referências do que quero ser e de como o compromisso com a ciência e a ética não precisam ser chatos nem entediados. Desejo a todos e a cada um/a que continuem na trajetória de sucesso e de falhas, e como ter contato com as falhas e “cozinhas” de pesquisas tão diferentes da minha me fortaleceu! Às comissões Fulbright Brasil e Estados Unidos, agradeço imensamente pela oportunidade de desenvolver parte da minha pesquisa na Califórnia – experiência esta que me permitiu um olhar nuançado e aguçado para realidades de pessoas e culturas diferentes, mas que, ao mesmo tempo, enfrentaram problemas semelhantes durante a pandemia. Representar o Brasil foi motivo de orgulho e trouxe um grande senso de responsabilidade. Agradeço especialmente pelo seminário sobre comunicação de ciência, no qual pude conhecer pesquisadores de mais de 80 países e estar em contato com as melhores práticas de divulgação e “tradução” da ciência dos laboratórios para o cotidiano.

Obrigada aos amigos que tornaram minha ida possível e o período nos Estados Unidos, mais prazeroso, feliz e cheio de aprendizados. Ao pessoal do IBGE, dos colegas mais próximos à chefia estadual, agradeço por tornarem possível que eu trabalhasse remotamente durante o

Censo Demográfico. Não foi fácil, mas vocês fizeram com que eu pudesse conciliar a responsabilidade institucional e os compromissos do doutorado. Cito especialmente Maria Antônia, Rapha, Lila, Ângela, Elaine, Carmelita, Marinho, Maristella, Daniel, Luciene, Rúbia, Cláudia, Bruno, Aluizbi, Otávio, Cecília, Vilma, Neuza, Marli, Helvecio, Maria (entre tantos outros amigos e colegas especiais não somente agora, mas ao longo dos meus 17 anos de IBGE).

Cloves e Lena, professores e mentores tão queridos, obrigada pelo apoio no processo seletivo para a bolsa, pelas conversas e ideias. Professor Russ Dalton, nunca vou encontrar palavras suficientes (muito menos em inglês) para agradecer pela acolhida tão generosa e cuidadosa, mesmo que já esteja aposentado. Obrigada pelas contribuições acadêmicas, pelas conversas, por me ajudar a organizar os pensamentos e, principalmente, por me ensinar que o doutorado é apenas um trecho do filme da minha vida e que não preciso incluir todos os meus personagens, interesses e paixões em uma tese (até porque isso seria inviável). Professores Elizabeth Loftus, Peter Ditto e Michael Tesler, é difícil expressar minha gratidão pelas aulas, discussões sobre minha pesquisa, envio de materiais, contribuições para afiar meus pensamentos e conhecer outros conceitos e abordagens. É muito bom quando as referências saltam dos livros para o convívio cotidiano e encontramos pessoas tão gentis, amigáveis e humildes. Sebastian, Robert, Kyle, conhecer vocês e suas pesquisas foi muito enriquecedor e me mostrou como um pesquisador desenvolve sua carreira e pesquisa integralmente nos Estados Unidos, com estrutura diferente da que temos no Brasil. Agradeço a vocês pelos cafés, almoços, jantares, sugestões de textos, leitura de materiais meus, pelo grupo de escrita coletiva e pelas muitas conversas durante meu ano acadêmico na UCI. Professores Graeme Boushey e Simone Chambers, obrigada pela acolhida e por toda a estrutura disponibilizada na universidade; meus dias na UCI foram os melhores da minha vida acadêmica.

Bruna e Luíza, companheiras do office 5243, de almoços, viagens, fofocas, discussões sobre projetos e sobre a vida, desassossego, desamparo e desesperança (e drama, claro), obrigada pelos meses inesquecíveis que vivemos juntas na impecável e entediante Irvine. Aquela cidade cinematográfica precisava da desarrumação, das cores e do caos que levamos para lá. Toloue, minha gêmea estadunidense/iraniana apaixonada pelo Brasil, você é incrivelmente parecida comigo e te encontrar foi um presente da vida. Guillém, Llorenç, Virginia, Bruno, Helena, Davi, Janaina, Rogério, Caio, vocês fizeram da experiência em Irvine um amontoado de memórias para as quais vou sempre me voltar para buscar sorrisos. JoAnn, obrigada por ser a melhor *host* de todas, por abrir as portas da sua casa e da sua vida para mim,

sempre com tanta generosidade, carinho, segurança e preocupação. Nunca vou me esquecer de todas as nossas conversas, passeios e risadas.

A jornada do doutorado trouxe momentos de arrependimento (que pesquisador nunca se arrependeu de ter escolhido um caminho tão desafiador e pouco reconhecido no Brasil?). Mas hoje, olhando para trás, fico muito feliz por ter tomado a decisão de iniciar esta jornada que se encerra aqui – com alívio, é verdade, mas, também, com um aperto no peito, saudade de todas as experiências e pessoas que esta montanha-russa trouxe para a minha vida.

SÓCRATES: Considera, então, de que caráter seria a libertação dessas correntes e a cura dessa ignorância se algo assim acontecesse: quando um deles fosse libertado e subitamente obrigado a se levantar, virar a cabeça, caminhar e – erguendo o olhar – fitar a luz, experimentaria dor devido à ofuscação da vista e ficaria incapacitado para ver as coisas cujas sombras vira antes. O que achas que ele diria se nós lhe disséssemos que o que vira antes era tudo uma ilusão, mas que agora, estando ele mais próximo da realidade e voltado para coisas mais reais, ele vê mais verdadeiramente? Ou, formulando-o de outra maneira, se apontássemos para cada uma das coisas que passam diante de seus olhos e lhe perguntássemos o que é cada uma delas e o constrangêssemos a responder, não achas que ele ficaria confuso e que acreditaria que os objetos que havia visto antes eram mais reais do que os que agora lhe eram mostrados?

GLÁUCON: Muitíssimo mais reais.

SÓCRATES: E se alguém o forçasse a fitar a própria luz, seus olhos não doeriam e não daria ele as costas, fugindo na direção das coisas que é capaz de ver, convicto de que são positivamente mais nítidas e exatas do que as que lhe estão sendo mostradas?

GLÁUCON: É o que ele faria. (*Platão, O mito da caverna, em A República – Livro VII*)

RESUMO

A presente tese tem o objetivo geral de contribuir para a compreensão das opiniões e comportamentos negacionistas adotados por cidadãos comuns durante a pandemia de Covid-19. Para isso, realizamos o estudo de caso de Brasil e Estados Unidos, países que tiveram em comum lideranças negacionistas da gravidade da crise sanitária e estão entre os que apresentaram resultados mais desastrosos em proporções de casos e mortes. Especificamente, pretende-se: avançar na compreensão dos papéis de lideranças políticas agnotológicas/negacionistas, de autoridades científicas e dos meios de comunicação no fornecimento de “pistas”, enquadramentos da realidade pandêmica e argumentos que orientem a construção e o fortalecimento de atitudes e comportamentos negacionistas entre os indivíduos; avaliar variações das percepções de medo e gravidade da pandemia a partir de preferências políticas; por fim, verificar, de maneira qualitativa, se e como se manifesta a resistência à mudança de atitudes e opiniões diante de evidências científicas e factuais contrárias às crenças prévias. As metodologias utilizadas incluem análises de regressões logísticas, análise de conteúdo qualitativa das entrevistas em profundidade realizadas para a tese e análise de conteúdo do enquadramento dos telejornais selecionados nos dois países. Os resultados apontam para divergências entre os enquadramentos da realidade pandêmica por diferentes atores (políticos, científicos e midiáticos), com a ocorrência de incongruências, inclusive, no interior de cada campo. O caos informacional resultante dessa combinação leva a compreensões profundamente distintas – e, por vezes, negacionistas – das experiências vividas ao longo da pandemia. Diante de realidades mais brutais, como a perda de familiares, o adoecimento severo por Covid-19 e o contato em primeira mão com notificações de casos e mortes, observou-se uma propensão à busca por formas de ressignificar esses acontecimentos, reforçando-se o processo do negacionismo.

PALAVRAS-CHAVE: comportamento político; atitudes políticas; negacionismo; agnotologia; raciocínio motivado; enquadramentos; crise epistêmica.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to contribute to the understanding of denialist opinions and behaviors adopted by ordinary citizens during the Covid-19 pandemic. To achieve this, we conducted a case study of Brazil and the United States, countries that shared denialist leadership regarding the severity of the health crisis and had some of the most disastrous outcomes in terms of cases and deaths. Specifically, the aims are: to advance the understanding of the roles of denialist/agnotological political leaders, scientific authorities, and the media in providing cues, framing the pandemic reality, and arguments that guide the construction and reinforcement of denialist attitudes and behaviors among individuals; to assess variations in perceptions of fear and the severity of the pandemic based on political preferences; and finally, to qualitatively examine whether and how resistance to changing attitudes and opinions in face of scientific and factual evidence contrary to pre-existing beliefs manifests. The methodologies employed include logistic regression analyses, qualitative content analysis of the in-depth interviews conducted for the dissertation, and content analysis of the framing of the selected television news programs in the two countries. The results indicate divergences in the framing of the pandemic reality by different actors (political, scientific, and media-related), with the occurrence of inconsistencies even within each field. The resulting informational chaos leads to deeply distinct – and sometimes denialist – understandings of the experiences lived throughout the pandemic. In the face of more brutal realities, such as the loss of family members, severe illness from Covid, and firsthand exposure to case and death notifications, a tendency to seek ways to reinterpret these events was observed, reinforcing the process of denialism.

KEYWORDS: political behavior; political attitudes; denialism; agnotology; motivated reasoning; framing; epistemic crisis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - “Placar de recuperados” da Covid-19 no Jornal da Record	96
Figura 2 - Enquadramento de Anthony Fauci pela Fox News	98
Figura 3 - Tucker Carlson e Naomi Wolf em conversa sobre o suposto autoritarismo de medidas de contenção do coronavírus – 22/2/2021	136

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Avaliação do governo Bolsonaro – 2019 a 2022	29
Gráfico 2 - Confiança em fontes de notícias por preferência partidária – 2019	34
Gráfico 3 - Desconfiança em fontes de notícias por preferência partidária – 2019	34
Gráfico 4 - Aprovação ao governo Trump – 2017 a 2021	35
Gráfico 5 - Média semanal de casos e mortes por um milhão de pessoas – Brasil, Estados Unidos e mundo – 2020 a 2024	41
Gráfico 6 - Doses de vacinas aplicadas por 100 pessoas e mortes confirmadas por um milhão de pessoas – Brasil, Estados Unidos e mundo – 2020 a 2024	42
Gráfico 7 - Doses de vacinas aplicadas por 100 pessoas, proporções das populações com ao menos uma dose, com duas e com mais doses das vacinas contra Covid-19 – Brasil, Estados Unidos e mundo – 2020 a 2024	43
Gráfico 8 - Percepções quanto à necessidade, acurácia e utilidade pública da cobertura da pandemia por preferência partidária – abril de 2020 – Estados Unidos	128
Gráfico 9 - Percepções quanto ao dimensionamento atribuído ao surto de coronavírus – Estados Unidos – abril a novembro de 2020	151
Gráfico 10 - Opiniões sobre medidas para lidar com a pandemia de Covid-19 por identificação partidária – 2021	152
Gráfico 11 - Confiança em cientistas nos Estados Unidos – Geral e por identificação partidária – 2019 a 2023	184

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Eventos e semanas selecionados para análise de conteúdo da cobertura jornalística – Global, Brasil e Estados Unidos – 2020 a 2023	124
Quadro 2 - Nomes, emissoras e links dos programas em análise	125
Quadro 3 - Dicionário de códigos para análise de conteúdo de noticiários	126
Quadro 4 - Informações básicas dos entrevistados	174

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência das variáveis de interesse – Estados Unidos - 2020	153
Tabela 2 - Regressões logísticas binárias com variável dependente “Percepção de gravidade da pandemia”	154
Tabela 3 - Regressões logísticas ordinais com variável dependente “Avaliação da gestão federal da pandemia”	156
Tabela 4 - Regressões logísticas ordinais com variável dependente “confiança na ciência para nortear decisões governamentais sobre a pandemia”	158
Tabela 5 - Modelos de regressão logística com variáveis dependentes “Pandemia como principal problema do país”, “Preocupação com a pandemia” e “Expectativa de impacto econômico da pandemia” - Brasil	160
Tabela 6 - Códigos, categorias e frequências das variáveis de interesse – Brasil – Rodada 1	163
Tabela 7 - Códigos, categorias e frequências das variáveis de interesse – Brasil – Rodada 2	163
Tabela 8 - Regressões logísticas ordinais com variável dependente “Sentimento de medo da pandemia”	164
Tabela 9 - Modelo de equações simultâneas com variáveis dependentes “Sentimento de medo da pandemia” e “Intenção de se vacinar”	166
Tabela 10 - Modelos de regressão logística com variáveis dependentes “Pandemia como principal problema do país”, “Preocupação com a pandemia” e “Expectativa de impacto econômico da pandemia” - Brasil	168

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. ENTRE INCERTEZAS E DESINFORMAÇÃO: A PANDEMIA DE COVID-19 E O PAPEL DOS PRESIDENTES.....	27
1.1. Momentos iniciais.....	27
1.1.1. Brasil – contexto anterior e breve histórico da pandemia.....	28
1.1.2. Estados Unidos – contexto anterior e breve histórico da pandemia	33
1.2. Alguns dados sobre a pandemia em Brasil e Estados Unidos.....	39
1.3. Os equívocos da “imunidade de rebanho por contágio”	43
1.4. Elites políticas e metacontingências (uma perspectiva da psicologia comportamental).....	45
1.5. Lideranças políticas enquanto <i>cue givers</i> e os sentidos políticos de uma crise de saúde	47
1.6. Elites políticas e agnotologia – evidências do caso brasileiro	52
1.6.1. O papel dos especialistas (e a instrumentalização de alguns deles)	52
1.6.2. As “vozes da ciência” no debate público e a opção governamental por ignorá-las.....	55
1.7. Agnotologia e intencionalidade	57
2. ATITUDES POLÍTICAS, RACIOCÍNIO MOTIVADO, NEGAÇÕES E NEGACIONISMOS.....	64
2.1. Atitudes políticas – componentes, formação e fortalecimento	64
2.2. Dissonância cognitiva e raciocínio motivado	69
2.2.1. Raciocínio motivado enquanto estratégia para redução de dissonâncias cognitivas	72
2.3. Sofisticação política e raciocínio motivado em ambientes informacionais diversificados..	76
2.4. Das negações ao negacionismo – ou quando as dissonâncias se encontram	80
2.4.1. Negação	81
2.4.2. Negacionismo – ou sobre as negações entrelaçadas.....	84
2.4.3. Negar o presente para negar o passado.....	86
2.4.4. Negacionismos durante a pandemia de Covid-19 – sobre as disputas pelas verdades factual e científica	88
3. O QUE SE NEGA? DIFERENTES INSTÂNCIAS DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	92
3.1. Realidade factual.....	92
3.1.1. <i>Agenda-setting</i>	92
3.1.2. <i>Priming</i>	94
3.1.3. <i>Framing</i>	94
3.2. Consensos científicos e a busca por certezas	99
3.2.1. A(s) verdade(s) científica(s) em perspectiva crítica: da eugenia à pandemia.....	102
3.2.2. O que é – e o que <i>não é</i> – a ciência?.....	106

3.3.	Desconfiança nas instâncias de acesso às realidades factual e científica: crise epistêmica e desinformação	112
3.3.1.	Crise epistêmica e a pandemia de Covid-19.....	116
4.	AS “HISTÓRIAS DA PANDEMIA” CONTADAS NOS NOTICIÁRIOS.....	119
4.1.	Análise dos noticiários.....	127
4.2.	Estados Unidos	127
4.2.1.	Primeiro semestre de 2020	128
4.2.2.	Segundo semestre de 2020	132
4.2.3.	2021 e 2022	135
4.3.	Brasil.....	138
4.3.1.	Primeiro semestre de 2020	138
4.3.2.	Segundo semestre de 2020	139
4.3.3.	2021	142
4.3.4.	2022 e 2023	145
4.4.	Conclusões gerais do capítulo.....	146
5.	AS INFLUÊNCIAS DA PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA (ESTADOS UNIDOS) E DA AVALIAÇÃO DA GESTÃO FEDERAL (BRASIL) NAS PERCEPÇÕES SOBRE A PANDEMIA	148
5.1.	Estados Unidos	150
5.1.1.	Percepção de gravidade da pandemia.....	153
5.1.2.	Avaliação da gestão federal da pandemia.....	155
5.1.3.	Confiança na ciência para nortear decisões sobre a pandemia.....	157
5.1.4.	Percepções sobre a pandemia na gestão Biden (2021)	159
5.2.	Brasil.....	161
5.2.1.	Medo da pandemia (2020).....	163
5.2.2.	Medo e intenção de se vacinar (2021) – modelo de equações simultâneas.....	165
5.2.3.	Percepções sobre a pandemia (2021).....	167
6.	SENTIMENTOS, OPINIÕES E ENQUADRAMENTOS NEGACIONISTAS DA PANDEMIA – UMA ABORDAGEM QUALITATIVA	170
6.1.	Método, desafios e estratégias de recrutamento	170
6.2.	Perfil dos participantes.....	174
6.3.	Enquadramento analítico	175
6.4.	Sentimentos relacionados à pandemia	178
6.5.	Fontes de informação e autoridades epistêmicas	179
6.5.1.	Avaliação da cobertura midiática sobre a pandemia e alternativas utilizadas	179
6.5.2.	Papel da ciência: opiniões para além de “a ciência é muito importante”	184
6.6.	As vacinas: entre a cultura vacinal e o medo do desconhecido	188

6.7.	Opiniões e motivos para uso do “kit Covid”	192
6.8.	A polêmica das máscaras	194
6.9.	<i>Lockdown</i> e distanciamento social: dos impactos econômicos ao “isolamento vertical” ..	195
6.10.	Dissonância cognitiva, raciocínio motivado e o recurso a teorias da conspiração	198
6.11.	Avaliação dos presidentes e atribuição de responsabilidades	200
6.12.	O império e a resignificação das experiências imediatas	204
6.13.	O conforto da certeza	207
6.14.	Teorias da conspiração: as “intenções nefastas” dos poderosos por trás da pandemia	208
6.15.	Efeitos das vacinas.....	210
6.16.	Negações e o paradoxo do “saber/não-saber”:	212
6.16.1.	Negação factual.....	212
6.16.2.	Negação interpretativa	215
6.16.3.	Negação implicatória	217
6.17.	Um exemplo de recurso a falsas memórias.....	218
6.18.	A coesão dos sistemas de crenças negacionistas – uma expansão para outros temas.....	220
CONSIDERAÇÕES FINAIS		223
REFERÊNCIAS		227
APÊNDICES.....		236

INTRODUÇÃO

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João, 8:32). Esse versículo bíblico é certamente o mais citado pelo presidente brasileiro de 2018 a 2022, Jair Bolsonaro (PL). *Truth Social*¹, rede social fundada pelo presidente dos Estados Unidos (de 2017 a 2020, novamente eleito em 2024), o republicano Donald Trump, também investe em uma referência à palavra “verdade”. Mas, curiosamente, esses líderes políticos têm não somente aderido, mas atuado ativamente na disseminação de informações comprovadamente falsas e teorias conspiratórias, como as que questionam os resultados dos processos eleitorais que culminaram em suas derrotas. Além disso, suas gestões da pandemia de Covid-19 foram marcadas pelo estímulo ao negacionismo da gravidade da crise sanitária e pelo rechaço às medidas de cuidados pessoais e restrições de circulação recomendadas por cientistas e adotadas pela maior parte dos governantes ao redor do globo.

Portanto, ao mesmo tempo em que fazem questão de reivindicar para seus enunciados o *status* de “verdade”, estes líderes desinformam, inclusive acerca de fatos corriqueiros e facilmente verificáveis – e o fazem também a respeito de temas que podem fazer a diferença entre a vida e a morte, como se viu durante a pandemia. Levantamento da agência de checagem brasileira *Aos Fatos* detectou que, durante seu mandato como presidente, Bolsonaro prestou mais de 6.600 declarações distorcidas ou falsas, sendo que, destas, 2.600 foram relacionadas à pandemia². Houve também um levantamento do jornal *The Washington Post* sobre as falas de Donald Trump, no qual foram contabilizadas, durante seus quatro anos do primeiro mandato, mais de 30.500 declarações falsas ou enganosas³. O objetivo, ao citar esses números, não é estabelecer as empresas de jornalismo e checagem de fatos como “guardiãs da verdade”, tampouco sugerir que os dois políticos aqui mencionados tenham inaugurado o emprego de distorções e inverdades como ferramenta comunicacional e política⁴. Mencionar esses

¹ “Truth Social’s influence grows despite its business problems”. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/11/01/technology/truth-social-conservative-social-app.html>>. Acesso em 01 dez. 2022.

² “Em 1407 dias como presidente, Bolsonaro deu 6673 declarações falsas ou distorcidas”. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>>. Acesso em 01 dez. 2022.

³ “Trump’s false or misleading claims total 30,573 over 4 years”. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/2021/01/24/trumps-false-or-misleading-claims-total-30573-over-four-years/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

⁴ A este respeito, cabe destacar que o termo *fake news* se tornou corrente no nosso cotidiano (e em estudos acadêmicos) desde a eleição de Trump, em 2016, utilizado tanto por ele (para acusar os veículos de comunicação

levantamentos, mesmo que sem detalhar as metodologias de classificação neles empregadas, atende ao intuito de demonstrar o que Rauch (2021) definiu como a “arte da desinformação”, que consiste no trabalho cotidiano de sabotar a capacidade da sociedade de distinguir verdades e mentiras – o que, no limite, pode ocasionar a perda de uma realidade socialmente partilhada e retroalimentar a crise epistêmica.

Ao promoverem a desinformação e o desnorтеio das populações de seus países durante a pandemia de Covid-19, Bolsonaro e Trump revestiram de significados políticos comportamentos que deveriam ser adotados para a preservação de vidas e a redução do ritmo de contágio do coronavírus. Dessa forma, as pistas emanadas pelos líderes se desdobraram em condutas negacionistas de parcela de seus apoiadores (embora, obviamente, não possamos afirmar que apenas estes tenham adotado tais comportamentos, tampouco que a postura desses políticos tenha sido a única ou principal influência sobre seus seguidores).

O *Covid Performance Index*⁵, construído pelo *Lowy Institute*, coloca o Brasil como último colocado num *ranking* de gestão da pandemia. A penúltima posição foi ocupada pelo México – país que, ao contrário de Brasil e Estados Unidos à época da pandemia, era governado por um presidente ideologicamente à esquerda. Apesar do afastamento ideológico em relação a seus pares brasileiro e estadunidense, Andrés Manuel López-Obrador adotou algumas posturas bastante parecidas com as de Bolsonaro e Trump diante da pandemia: se recusou a usar máscara, subestimou publicamente o potencial danoso do vírus (inclusive após ter sido infectado) e investiu no discurso de que a pandemia estava sob controle⁶. É neste contexto extremo em que esta pesquisa, sobre a persistência, durabilidade e possível mudança de atitudes políticas (muitas vezes a despeito da realidade factual observável e não necessariamente associada a apenas uma posição no espectro ideológico)⁷, com especial enfoque em sua manifestação comportamental negacionista, faz-se ainda mais necessária.

e de jornalismo profissional de disseminarem mentiras) quanto sobre ele, na análise de suas declarações e sua postura geral como presidente legitimamente eleito na aclamada democracia estadunidense.

⁵ Disponível em: <<https://interactives.lowyinstitute.org/features/covid-performance/#rankings>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

⁶ Coronavírus: ‘No México, não é que não soubessem o que fazer com a pandemia, é que decidiram não fazer’. Entrevista com Laurie Ann Ximénez-Fyvie. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56257413>>. Acesso em: 08 mar. 2021. Cabe ressaltar que, apesar desse ponto de similaridade entre as realidades pandêmicas vivenciadas nos três países, o foco da tese recai sobre Brasil e Estados Unidos.

⁷ Há discussões sobre o que é a realidade ou a “verdade”, em campos como a Filosofia e a Comunicação. Ao abordar temas como *agenda-setting*, *framing* e *priming*, esta pesquisa trata especificamente dos recortes da realidade realizados pelos veículos de comunicação e por especialistas e divulgadores científicos. A discussão sobre o aspecto comunicacional será abordada na tese.

São numerosos os estudos a respeito da desinformação durante a pandemia, também chamada de *infodemia* (Sampaio *et al.*, 2021). Para além do ecossistema midiático que se conforma a partir de interesses de grupos específicos – como ficou demonstrado durante a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia de Covid-19 no Brasil – e se retroalimenta, municiando as conversações sobretudo nas redes sociais (Santos, 2021), é importante que se avaliem os possíveis impactos na conduta dos cidadãos comuns. Nesse sentido, também têm sido publicadas pesquisas que evidenciam a adoção de medidas governamentais para disseminar o vírus no Brasil (Ventura *et al.*, 2021), bem como o papel de alinhamentos prévios com o presidente e das predisposições e preferências político-ideológicas dos indivíduos na conformação de seu comportamento durante a pandemia (Gramacho *et al.*, 2021; Xavier *et al.*, 2022).

No início (primeiras semanas e meses) da crise mundial de saúde, talvez a falta de informação tenha sido o principal problema, por dificultar as condutas fundamentadas, tanto de indivíduos quanto de governos. Com o passar dos meses e anos, no entanto, foram se acumulando tanto informações científica e factualmente validadas – conformando consensos momentâneos e suscetíveis a equívocos honestos e a atualizações, como ocorre na ciência e no jornalismo baseado na apuração de acontecimentos verificáveis – quanto enquadramentos “alternativos” (ou distorcidos) da realidade pandêmica. Tais versões encontraram reverberação não apenas no espalhamento dos conteúdos enganosos, mas no comportamento diante da emergência de saúde – mesmo que tais comportamentos contrários às melhores evidências disponíveis pudessem levar à morte.

A presente tese tem o objetivo geral de contribuir para a compreensão das opiniões e comportamentos negacionistas adotados por cidadãos comuns durante a pandemia de Covid-19. Para isso, será realizado o estudo de caso de dois países que tiveram em comum lideranças negacionistas da gravidade da crise sanitária e estão entre os que apresentaram resultados mais desastrosos em proporções de casos e mortes: Brasil e Estados Unidos. O período de análise se estende da declaração do novo coronavírus como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, ao fim da emergência de saúde pública de importância internacional, em 5 de maio de 2023.

Especificamente, pretende-se: avançar na compreensão dos papéis de lideranças políticas agnotológicas/negacionistas, de autoridades científicas e dos meios de comunicação no fornecimento de “pistas”, enquadramentos da realidade pandêmica e argumentos que

orientem a construção e o fortalecimento de atitudes e comportamentos negacionistas entre os indivíduos; analisar divergências entre os enquadramentos no interior desses campos (comunicacional, científico e político); avaliar variações das percepções de medo e gravidade da pandemia a partir de preferências políticas; e, por fim, verificar, de maneira qualitativa, se e como se manifestou a resistência à mudança de atitudes e opiniões diante de evidências científicas e factuais contrárias às crenças prévias.

As hipóteses/expectativas que norteiam este trabalho são as seguintes:

1. a identificação partidária (Estados Unidos) e/ou a aprovação de lideranças políticas (Brasil) exerceram influência sobre as percepções de medo e de gravidade da pandemia, assim como sobre a (des)confiança em fontes tradicionais de informação e conhecimento;
2. tais indivíduos tendem a aprovar as ações e falas dos presidentes que minimizaram o impacto da pandemia e até mesmo atuaram para a disseminação do coronavírus;
3. quando confrontados (ainda que indiretamente) com elementos cognitivos incongruentes com suas crenças e comportamentos preexistentes, a expectativa é que esses indivíduos atuem como *motivated reasoners* e busquem argumentar no sentido contrário, de modo a minimizar a dissonância cognitiva que adviria dos “ruídos” causados pelas informações inconsistentes;
4. as fontes de informação utilizadas por indivíduos negacionistas tendem a ser majoritariamente alternativas aos grandes veículos de comunicação;
5. os enquadramentos dos veículos de comunicação tradicionais acerca da realidade pandêmica não são homogêneos – o que pode contribuir tanto para o sentimento de desnorteio quanto para reforçar o argumento de sua falta de credibilidade aos olhos dos negacionistas (mas não apenas deles) e a crise epistêmica, de modo geral.

Tendo em vista que trataremos sobre negacionismo, uma reflexão anterior precisa ser empreendida⁸. Acerca dos termos “verdade” e “realidade”, embora deem margem a amplas e complexas discussões, oriundas de diversos campos de conhecimento (da Comunicação à Filosofia, passando pela História), é importante esclarecer que nosso objetivo é conhecer e compreender alguns dos mecanismos de construção de tais enquadramentos – ou “[...] estruturas mentais que modelam a forma como vemos o mundo” (Lakoff, 2014, p. vi) – das informações que, articuladas, componham o que os indivíduos negacionistas considerem como “real” ou “verdadeiro”. Esta definição geral de “enquadramento” permeia a tese em diferentes

⁸ Uma seção específica sobre negação e negacionismo estará presente no capítulo 2 desta tese.

perspectivas – da individual à socialmente partilhada e manifesta pela opinião pública, passando pela comunicacional.

A relevância da tese pode ser explicitada a partir de dois eixos. O primeiro deles é a necessidade de pensar o fenómeno do negacionismo inserido em contexto mais amplo e duradouro, uma vez que, “[...] sem um trabalho prévio de normalização dos discursos e das posturas negacionistas [...], talvez seu sucesso fosse menor” (Avila, 2021, p. 162). A recusa a encarar de frente situações desconfortáveis ou mesmo brutais tem explicações em diversos níveis, do individual ao cultural, e é da articulação desses elementos multinível que este trabalho se ocupa. Ao apresentar elementos das realidades factual e científica que circularam e foram tão contestadas durante a pandemia, logo enquanto eram produzidas, a tese pretende contribuir para que, futuramente, a catástrofe representada pela pandemia – e os fatores aqui trabalhados que a agravaram – não sejam esquecidos, apagados ou minimizados, como se fossem “questão de opinião”.

Outra justificativa, de carácter conjuntural (embora inserido na estrutura anteriormente mencionada), está no fato de que “o negacionismo está na moda – tão na moda que agora temos até chefes de Estado a seu serviço (Avila, 2021, p. 162)”. Lideranças políticas, por meio de suas posições, exemplos, decisões, ações e omissões na gestão da pandemia, podem influenciar a postura de pessoas que neles confiem, conforme começam a evidenciar alguns estudos (Cabral *et al.*, 2021; Ramos *et al.*, 2020).

Cabe acrescentar que as entrevistas em profundidade desta pesquisa foram realizadas com pessoas altamente escolarizadas. Essa escolha metodológica se justifica no potencial danoso dos argumentos possivelmente bem construídos – visto que os indivíduos mais escolarizados têm todas as condições para apresentar pontos de vista aparentemente acurados e imparciais – destes cidadãos, considerando sua presumida legitimidade junto aos membros de seus grupos sociais para falar sobre política (já que são interessados pelo tema e os demais, via de regra, desatentos em relação à política). Segundo pesquisa da *Quaest Consultoria* realizada em junho de 2019 com 1500 usuários de redes sociais no Brasil, 91% dos entrevistados acreditam na opinião de amigos, 65% confiam mais na opinião de amigos do que na de especialistas e 53% já mudaram de opinião por influência de um amigo. Vê-se, portanto, que quem tem interesse em falar sobre política pode influenciar os que estão em seu entorno, atuando como um filtro entre a infinidade de informações disponíveis e os menos interessados por processá-las sem intermediários (Lazarsfeld *et al.*, 1948).

Muito embora a pandemia seja tema de saúde, como ficará evidenciado neste trabalho, a resignificação de comportamentos relacionados às medidas de prevenção, contenção e tratamento tornou a Covid-19 uma questão profundamente política. Vale considerar, a esse respeito, o papel de lideranças políticas enquanto fornecedoras de pistas sobre a gravidade de uma crise, por meio de suas declarações e exemplos. A propósito, é interessante ressaltar que a Organização Mundial da Saúde (OMS), em relatório divulgado ainda em abril de 2020, implementava como estratégia de combate à *infodemia* (definida pela organização como “a rápida disseminação de todos os tipos de informação, o que tem tornado a solução mais difícil”) uma abordagem baseada em evidências disseminada por “amplificadores” – isto é, “fontes de informações confiáveis para audiências específicas”⁹. Tendo em vista um cenário marcado tanto pela declarada confiança na ciência quanto pela incompreensão quanto ao seu funcionamento, métodos e graus de (in)certeza, conhecer elementos que compõem o ambiente informacional de um momento excepcional de nossa história se revela imprescindível.

Pesquisas no Brasil (realizada pelo instituto de pesquisas *Quaest* e analisadas por Felipe Nunes e Daniela Campello)¹⁰ e nos Estados Unidos (estudo de autoria de Alberto Alesina, Armando Miano e Stefanie Stantcheva)¹¹ indicam distorções de percepções da realidade por parte de indivíduos com atitudes políticas fortes - sejam elas o partidarismo que estrutura a política estadunidense ou a preferência por um dos polos da disputa política brasileira. Chegamos ao ponto em que o uso de determinados medicamentos é visto por uns como indicativo de apoio a um político e a crítica à não comprovação científica de sua eficácia é equiparada por outros à crítica ao mesmo político; da mesma forma, comportamentos em busca da preservação da própria vida, como o uso de máscaras ou o distanciamento social, transformaram-se em sinônimos de uma ideologia política ou de repressão às liberdades individuais.

Para além dessas justificativas, a tese representa uma contribuição à Ciência Política a partir de uma abordagem multimétodos, por meio da qual esperamos explorar, de maneira mais

⁹ “Infodemic management: a key component of the Covid-19 global response”. Disponível em: <<https://extranet.who.int/iris/restricted/bitstream/handle/10665/331774/WER9516-eng-fre.pdf?ua=1>>. Acesso em: 04 dez. 2022.

¹⁰ “Enxergando mundos diferentes: percepções da pandemia pela lente do Bolsonarismo”. Disponível em: <<https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/quaest-opiniao/enxergando-mundos-diferentes-percepcoes-da-pandemia-pela-lente-do-bolsonarismo-01072020>>. Acesso em: 31 jul 2020.

¹¹ “When we can’t even agree on what is real”. Disponível em: <<https://news.harvard.edu/gazette/story/2020/06/study-finds-political-bias-skews-perceptions-of-verifiable-fact/>>. Acesso em: 31 jul 2020.

aprofundada e nuançada, o fenômeno do negacionismo. As variáveis de interesse da pesquisa, como o medo da pandemia, a adoção de comportamentos de risco e a confiança em líderes políticos como atalhos informacionais, são comumente estudadas a partir de uma abordagem quantitativa. Nesse sentido, pretende-se aliar as vantagens dos métodos quantitativos com as oriundas de abordagens qualitativas. Por isso, serão realizadas: análises de regressões logísticas multinomiais; análise de conteúdo qualitativa das entrevistas em profundidade realizadas para a tese e análise de conteúdo do enquadramento dos telejornais selecionados nos dois países. Para o capítulo 6, dedicado a entrevistas qualitativas com negacionistas, uma especificação – a de escolaridade mínima de nível superior – é relevante por um motivo especial, brevemente mencionado anteriormente: o objetivo de conhecer os processos de argumentação daqueles que, por seu repertório, tendem a ter mais ferramentas para construir argumentos em favor de seus posicionamentos. Pretende-se, pois, observar os processos de fundamentação dos vieses e negações por parte desses indivíduos.

Outra contribuição, esta de caráter teórico, reside na proposta de uma diferenciação entre, por um lado, o negacionismo enquanto fenômeno social no âmbito dos cidadãos comuns (não necessariamente desinformados, mas, em alguma medida, “ingênuos” ou com motivações afetivas; um “entrelaçamento de negações”, como trataremos no capítulo 2) e, por outro lado, o conjunto de estratégias operadas, com objetivos variados, para promover, deliberadamente, o apagamento ou o reenquadramento de realidades inconvenientes. A este último fenômeno, propomos que seja referido como agnotologia. Essa distinção é importante para maior precisão conceitual e operacional.

A tese está estruturada em seis capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O capítulo 1 traz um panorama da pandemia no Brasil e nos Estados Unidos, com destaque para as ações, diretrizes e orientações/ “pistas” fornecidas pelos presidentes Bolsonaro e Trump. O capítulo 2 aborda aspectos teóricos relacionados à formação de atitudes, crenças e comportamentos políticos e sua resistência a mudanças – resistência esta manifesta por meio do raciocínio motivado, da negação da realidade e do negacionismo enquanto fenômeno social. Já no capítulo 3, apresentamos discussões e reflexões, nos níveis teórico e aplicado à pandemia, sobre as instâncias da realidade factual e científica, alvos do negacionismo ao longo da crise global.

O capítulo 4 contempla uma análise de conteúdo dos noticiários selecionados para os dois países-alvo deste trabalho, de modo a retratar um panorama das formas como a realidade

pandêmica foi enquadrada pelos veículos de comunicação. Já o capítulo 5 conta com uma análise quantitativa, a partir de dados de *surveys* do Instituto Datafolha (Brasil), do *American National Election Studies* (ANES – Estados Unidos) e do *Barômetro das Américas* (LAPOP), atinente às influências do partidarismo (Estados Unidos) e da aprovação de governo (Brasil) sobre as percepções de gravidade e de preocupação e medo da pandemia. A análise de conteúdo qualitativa das entrevistas em profundidade está contida no capítulo 6, bem como as explicações sobre os procedimentos de recrutamento e de realização das entrevistas. Cabe destacar que as escolhas, decisões, abordagens e percursos metodológicos para cada análise empreendida na tese estão no início de cada um dos capítulos analíticos.

1. ENTRE INCERTEZAS E DESINFORMAÇÃO: A PANDEMIA DE COVID-19 E O PAPEL DOS PRESIDENTES

Este capítulo tem o objetivo de descrever um panorama da pandemia de Covid-19 nos dois países de interesse da pesquisa: Brasil e Estados Unidos. Além da apresentação dos dados gerais (casos, mortes, vacinação, confiança geral na ciência e nos presidentes, datas importantes, evolução da pandemia, entre outros), o enfoque recairá sobre o papel dos presidentes que minimizaram a proporção da pandemia enquanto fornecedores de enquadramentos distorcidos da realidade naquele período.

1.1. Momentos iniciais

Parecia uma virada de ano como outra qualquer. Mas, em 31 de dezembro de 2019, a China alertava a Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre casos de pneumonia na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei¹². Em 30 de janeiro de 2020, o surto foi declarado uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional¹³, mais alto nível de alerta e que requer uma resposta coordenada internacionalmente. No dia 11 de março, diante do registro de 118 mil casos em 114 países, além de 4.291 mortes, a OMS classificou a Covid-19 como uma pandemia¹⁴.

Não se tratava da primeira pandemia da história¹⁵. De qualquer maneira, diante das incertezas daquele momento, as ações e diretrizes estabelecidas pelos governos nacionais seriam importantes balizadores das formas como os países atravessariam aquela crise sanitária. As respostas variaram em rigor, abrangência, tempo de duração e resultados obtidos¹⁶. Naquele início, com a pandemia ganhando os noticiários conforme aumentavam os quantitativos de

¹² “Pneumonia of unknown cause – China”. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/disease-outbreak-news/item/2020-DON229>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

¹³ “Histórico da pandemia de Covid-19”. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos.>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

¹⁴ “CDC Museum COVID-19 Timeline”. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/museum/timeline/covid19.html#Early-2020>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

¹⁵ “Conheça as 5 maiores pandemias da história”. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/03/conheca-5-maiores-pandemias-da-historia.html>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

¹⁶ “Como diferentes países têm enfrentado a pandemia de Covid-19?”. Disponível em: <<https://isc.ufba.br/como-diferentes-paises-tem-enfrentado-a-pandemia-de-covid-19/>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

casos e de óbitos, é razoável supor que as reações das populações se dividissem em dois grandes grupos: o medo do desconhecido, entre os mais atentos, e a despreocupação, entre aqueles que ainda não houvessem percebido nenhum impacto em seu cotidiano. Fosse qual fosse o caso, pronunciamentos dos presidentes trariam as primeiras informações e diretrizes, idealmente alertando os menos atentos aos noticiários, tranquilizando os alarmados (na medida do possível) e fornecendo os indícios iniciais sobre como pretendiam lidar com a crise. Naquele momento, os presidentes poderiam fortalecer o consenso quanto à necessidade de adotar medidas cientificamente orientadas ou, ao contrário, oferecer aos públicos a ampliação do cardápio de enquadramentos da realidade pandêmica. No Brasil e nos Estados Unidos, os presidentes no poder no início da pandemia optaram por ofertar o negacionismo.

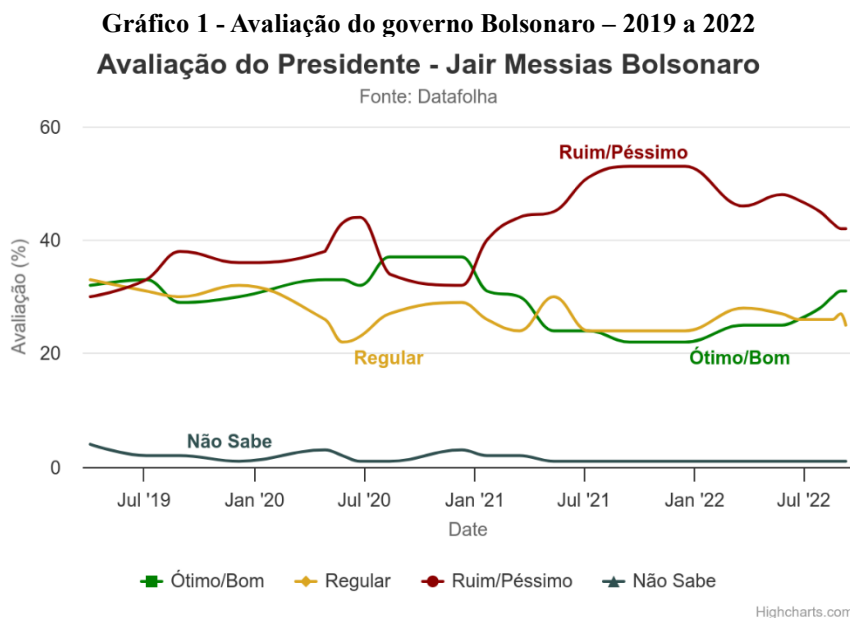
1.1.1. Brasil – contexto anterior e breve histórico da pandemia

Em março de 2020, quando a OMS declarou a pandemia de Covid-19, o Brasil era governado pelo presidente de extrema direita Jair Bolsonaro, naquele momento sem partido político (mas que havia sido eleito, em 2018, pelo PSL – Partido Social Liberal). Bolsonaro tinha uma trajetória de 28 anos como deputado federal no Brasil, sem uma atuação legislativa destacada em termos de aprovação de leis. Na eleição de 2018, após a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o indeferimento de sua candidatura, Bolsonaro foi ao segundo turno contra Fernando Haddad (PT), que era candidato a vice-presidente na chapa anteriormente encabeçada por Lula.

Ao personificar o antipetismo e após um episódio que pautou a metade final da campanha – uma facada sofrida por Bolsonaro em evento de campanha em setembro de 2018, no município mineiro de Juiz de Fora –, o candidato conseguiu se manter afastado dos debates e evitar potenciais ataques e exposições desfavoráveis, ao mesmo tempo em que permanecia nos noticiários. Ele foi eleito com 57,8 milhões de votos (55,13% dos votos válidos), após um período de seis eleições presidenciais consecutivas em que o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) se revezavam nas duas primeiras colocações das disputas por esse cargo.

No início da crise sanitária, o governo de Jair Bolsonaro contava com 33% de aprovação (ótimo/bom), 26% de avaliação regular e 38% de reprovação (ruim/péssimo), conforme dados de abril de 2020. No fim de 2019, a divisão entre avaliações positiva, regular e negativa estava

ainda mais equilibrada: 30%, 32% e 36%, respectivamente. Como se verifica no Gráfico 1, após uma ligeira elevação (37% de bom/ótimo em agosto e dezembro de 2020), houve uma tendência de redução da avaliação positiva do governo. Já a reprovação atingiu o pico (53% de ruim/péssimo) no segundo semestre de 2021, voltando a cair no ano eleitoral de 2022.



Fonte: Datafolha – Disponível em: <<https://centrodametropole.fflch.usp.br/pt-br/presidentes-e-governadores/presidentes/datafolha/avaliacao/bolsonaro>>.

Foi neste contexto geral, portanto, que o Brasil ingressou na pandemia. No dia seguinte à declaração da OMS (ou seja, em 12 de março de 2020), o presidente Jair Bolsonaro fez um pronunciamento oficial de dois minutos, em rede nacional de rádio e televisão¹⁷. Em sua fala, o presidente classificou a ação da OMS como “responsável”, mencionou que o sistema de saúde tem limitações em sua capacidade de atendimento, destacou que o aumento do número de casos era provável, mas ressaltou não haver motivo para pânico. “Há, também, recomendação das autoridades sanitárias para que evitemos grandes concentrações populares”. Neste ponto, faz-se necessária uma contextualização: havia manifestações pró-governo federal programadas para 15 de março¹⁸. É por isso que Bolsonaro afirma, em seu pronunciamento, que elas deveriam ser repensadas, em nome da preservação da saúde das pessoas.

¹⁷ “Pronunciamento oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bS2qiXHtMnI>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

¹⁸ “Atos pró-Bolsonaro acontecem em várias cidades”. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/apesar-do-coronav%C3%ADrus-atos-pr%C3%B3-bolsonaro-ocorrem-em-v%C3%A1rias-cidades/a-52786730>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

Três dias após esse pronunciamento ponderado, ele estava em meio aos apoiadores, na manifestação programada e não repensada. Cabe destacar que os protestos eram em favor de Bolsonaro e contra instituições brasileiras como o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (STF). Essa contraposição explicita uma tendência constante no governo Bolsonaro, a de promoção e reforço do tensionamento com instituições políticas do país. Como líder populista, Bolsonaro se elegeu e buscava se manter a partir de uma suposta posição *anti-establishment*, apesar de sua longa carreira política. Essa informação contextual nos auxilia a compreender as posições que viriam a ser assumidas por diferentes atores institucionais e políticos ao longo da pandemia no Brasil.

Nove dias depois da aglomeração com participação presidencial, no dia 24 de março, Bolsonaro estava novamente em rede nacional, em pronunciamento de cinco minutos no qual classificou a Covid-19 como uma “gripezinha” ou “resfriadinho”¹⁹. Nesta ocasião, o presidente afirmou que seus esforços buscavam conter a “histeria” – segundo ele, alimentada pelos meios de comunicação – e evitar o desemprego em massa. “Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade”, assinalou o presidente brasileiro. Bolsonaro afirmou, ainda, que a *Food and Drug Administration* (FDA) e o Hospital Albert Einstein buscavam a comprovação da eficácia da cloroquina contra a Covid-19, e que as respostas até o momento eram animadoras. De fato, em 28 de março, a FDA publicou uma autorização de uso emergencial do medicamento em algumas situações de infecção pelo coronavírus²⁰. Entretanto, diante das evidências de improbabilidade da eficácia e de efeitos cardíacos adversos pelo uso da cloroquina e hidroxicloroquina, a autorização foi revogada em 15 de junho de 2020²¹.

É fundamental destacar que, ainda naquele primeiro mês da pandemia de Covid-19, em março de 2020, o governo federal brasileiro explicitou a postura que adotaria institucionalmente (e não apenas por meio de falas e exemplos do então presidente): a campanha

¹⁹ “Pronunciamento oficial do presidente da República, Jair Bolsonaro”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VWsDcYK4STw>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

²⁰ “Coronavirus (COVID-19) Update: Daily Roundup March 30, 2020”. Disponível em: <<https://www.fda.gov/news-events/press-announcements/coronavirus-covid-19-update-daily-roundup-march-30-2020>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

²¹ “Coronavirus (COVID-19) Update: FDA Revokes Emergency Use Authorization for Chloroquine and Hydroxychloroquine”. Disponível em: <<https://www.fda.gov/news-events/press-announcements/coronavirus-covid-19-update-fda-revokes-emergency-use-authorization-chloroquine-and>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

“#OBrasilNãoPodeParar”²², veiculada pela Secretaria de Comunicação Social, se baseava no argumento de que o isolamento social traria prejuízos econômicos e demissões. Em lugar de informar como o governo federal atuaria para amenizar os efeitos da crise, a peça publicitária incentivava as pessoas a levarem uma vida normal. A campanha não definia serviços essenciais, mas incitava comportamentos de risco e empurrava para os indivíduos a responsabilidade por demissões e falências decorrentes da emergência sanitária (e da inação governamental).

Um mês depois do início da pandemia, em 16 de abril, Bolsonaro demitiu o Ministro da Saúde, o ortopedista Luiz Henrique Mandetta²³. Mandetta, que havia sido deputado federal pelo Democratas (DEM) por dois mandatos, estava à frente do Ministério desde o início do governo Bolsonaro, em janeiro de 2019. A demissão resultou de divergências entre o presidente, cuja postura desafiava as recomendações de cuidado e prevenção, e as orientações emanadas pelo Ministério – que, naquele momento, buscava atuar em alinhamento às orientações emitidas por autoridades de saúde e científicas. No lugar de Mandetta, assumiu outro médico, o oncologista e empresário na área da saúde Nelson Teich. Ao ingressar no cargo, Teich afirmou estar alinhado ao governo federal do momento, mas que não faria grandes mudanças nas ações adotadas até então. Mas ele ficou à frente da pasta por apenas 28 dias, até 15 de maio de 2020. Em 2021, durante a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou as ações e omissões do governo federal na gestão da pandemia no Brasil, Teich afirmou que pediu demissão em virtude da falta de autonomia – que se manifestou, sobretudo, no insistente desejo do governo de ampliar o uso da hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19²⁴.

Após a saída de Teich, o Ministério da Saúde foi assumido pelo general do Exército (e que não é profissional da saúde nem tinha experiência na área, mas supostamente era especialista em logística) Eduardo Pazuello, que ficou no cargo por dez meses – de maio de 2020 a março de 2021. Pazuello, que chegou a ser desautorizado pelo presidente na compra de vacinas CoronaVac e afirmou em seguida que “é simples assim: um manda e o outro obedece”²⁵,

²² “Campanha publicitária “O Brasil não pode parar” e a oposição ao isolamento social”. Disponível em: <<https://acervopandemia-souciencia.unifesp.br/estudos-do-negacionismo/o-brasil-nao-pode-parar-campanha-da-secom-estimulava-populacao-a-retornar-ao-trabalho/>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

²³ “Mandetta é demitido do Ministério da Saúde após um mês de conflito com Bolsonaro: relembre os principais choques”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52316728>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

²⁴ “Teich diz que pediu demissão em razão de desejo do governo de 'ampliação do uso da cloroquina’”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/05/05/teich-cpi.ghtml>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

²⁵ “‘É simples assim: um manda e o outro obedece’, diz Pazuello ao lado de Bolsonaro”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/22/e-simples-assim-um-manda-e-o-outro-obedece-diz-pazuello-ao-lado-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

teve sua gestão marcada pelo alinhamento às diretrizes anticientíficas oriundas da presidência brasileira e pela crise de falta de oxigênio em Manaus, que ocasionou mortes em massa²⁶.

Para substituir Pazuello, Bolsonaro escolheu o presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, Marcelo Queiroga, que permaneceu no cargo até o fim do mandato de Bolsonaro, em dezembro de 2022. Já no ano de 2023, em resposta a críticas à gestão da pandemia contidas em carta publicada no periódico *The Lancet* por professores, ex-ministros da saúde e um consultor nacional da Organização Panamericana de Saúde (OPAS), o ex-ministro Queiroga citou valores de despesas com a saúde no Brasil para sustentar uma defesa da gestão Bolsonaro²⁷. Mas, conforme evidenciaremos ao longo deste trabalho, os principais problemas ocasionados pelo governo Bolsonaro foram de conduta (até porque outros atores políticos e institucionais atuaram para amenizar os danos das ações do governo federal, como na aprovação de auxílio financeiro e na atribuição de competências de gestão): o então presidente boicotou a confiança dos brasileiros nas medidas de proteção pessoal, deu exemplos de desprezo às normas que visavam a proteção da vida, promoveu medicamentos ineficazes e tentou minar a credibilidade das vacinas – além de ter atrasado a aquisição dos imunizantes²⁸. A troca de ministros mais alinhados às evidências científicas para escolhidos que aceitassem se submeter à sua estratégia de espalhamento do vírus e promoção de tratamentos ineficazes é um exemplo desses equívocos.

Se Donald Trump esteve na presidência dos Estados Unidos somente no primeiro ano da pandemia – embora devamos assinalar que este era o período crucial para estabelecer as diretrizes e estimular os hábitos de prevenção e combate ao vírus –, Bolsonaro permaneceu como presidente brasileiro pelos três anos mais críticos da crise global. No período, ele jamais recuou em seus comportamentos: espalhava desinformação, estimulava e participava de aglomerações, criticava as vacinas, divulgava que estava se tratando com hidroxicloroquina, dizia que “ia morrer gente mesmo” e que não poderia fazer milagres. Além disso, editou medidas que atrapalhavam o isolamento social e o auxílio a populações vulneráveis. Após

²⁶ “gestão de Pazuello no Ministério da Saúde em 4 eixos”. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/15/a-gestao-de-pazuello-no-ministerio-da-saude-em-4-eixos>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

²⁷ “Bolsonaro's Ministry of Health's response to COVID-19 and other health challenges”. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(23\)01364-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(23)01364-8/fulltext)>. Acesso em: 02 set. 2024.

²⁸ “Bolsonaro's Ministry of Health's response to COVID-19 and other health challenges – Authors' reply”. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(23\)01363-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(23)01363-6/fulltext)>. Acesso em: 02 set. 2024.

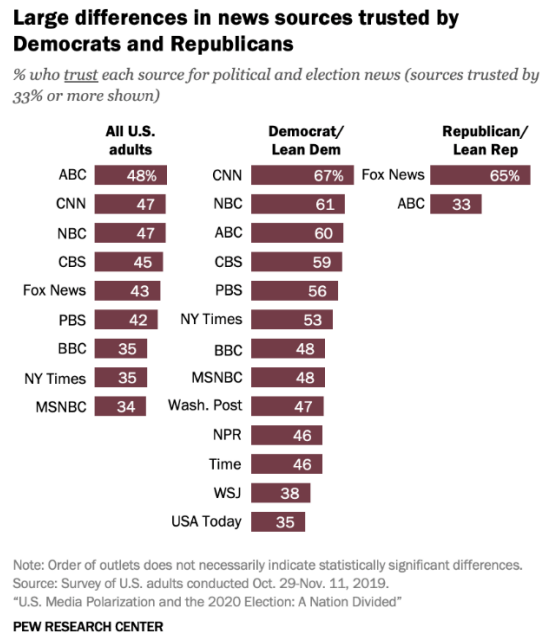
alcançar patamares de óbitos desproporcionais ao percentual da população brasileira em relação à global (como veremos a seguir), Bolsonaro foi derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva, em disputa bastante acirrada, na eleição de outubro de 2022. Em 2 de janeiro de 2023, segundo dia de governo de Lula, o Brasil contabilizava 693.853 óbitos por Covid-19²⁹. De lá para cá, em agosto de 2024, foram registradas aproximadamente mais 19 mil mortes pela enfermidade.

1.1.2. Estados Unidos – contexto anterior e breve histórico da pandemia

Em novembro de 2016, os estadunidenses tiveram que escolher, na eleição presidencial, entre a ex-Secretária de Estado Hillary Clinton e o empresário e ex-apresentador de televisão Donald Trump. Trump, que não tinha experiência em cargos políticos, perdeu no voto popular, com cerca de três milhões de votos a menos que Clinton. Mas, em virtude de especificidades do sistema eleitoral do país, Trump conquistou a maioria dos colégios eleitorais e foi eleito presidente. Desde a campanha, ele investiu na desinformação, em um comportamento histriônico e na desqualificação dos veículos de comunicação tradicionais. Assim como Bolsonaro no Brasil, Trump manteve a postura agressiva e a estratégia de antagonizar as fontes jornalísticas *mainstream*, sobretudo as não alinhadas a ele. Nesse contexto, republicanos e democratas chegaram a 2019 com sua confiança e desconfiança em canais de mídia depositadas em fontes completamente diferentes, como se observa nos gráficos 2 e 3. Ademais, observa-se que o cardápio informacional dos democratas era bem mais diversificado e mais parecido com o geral para os adultos do país – ou seja, os republicanos pareciam mais isolados em seu *cluster*, confiando, sobretudo, na *Fox News*, que era o alvo principal da desconfiança dos demais grupos.

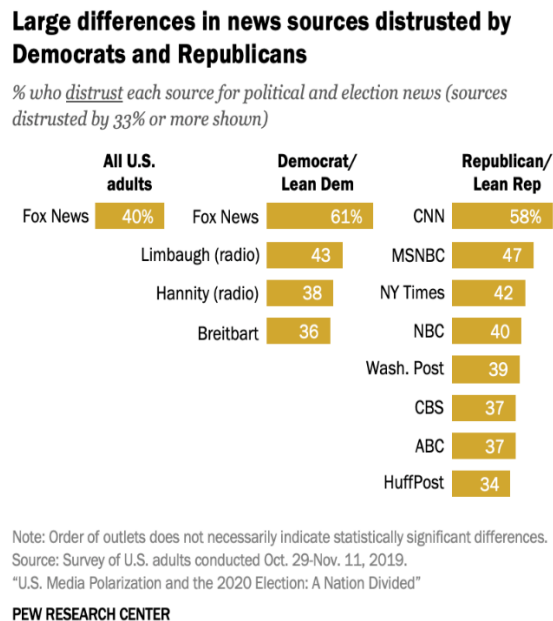
²⁹ “Cumulative confirmed Covid-19 deaths – Brazil”. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/explorers/covid?Metric=Confirmed+deaths&Interval=Cumulative&Relative+to+population=false&country=~BRA>>. Acesso em: 02 set. 2024.

Gráfico 2 - Confiança em fontes de notícias por preferência partidária – 2019



Fonte: Pew Research Center – Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/journalism/2020/01/24/democrats-report-much-higher-levels-of-trust-in-a-number-of-news-sources-than-republicans/>>.

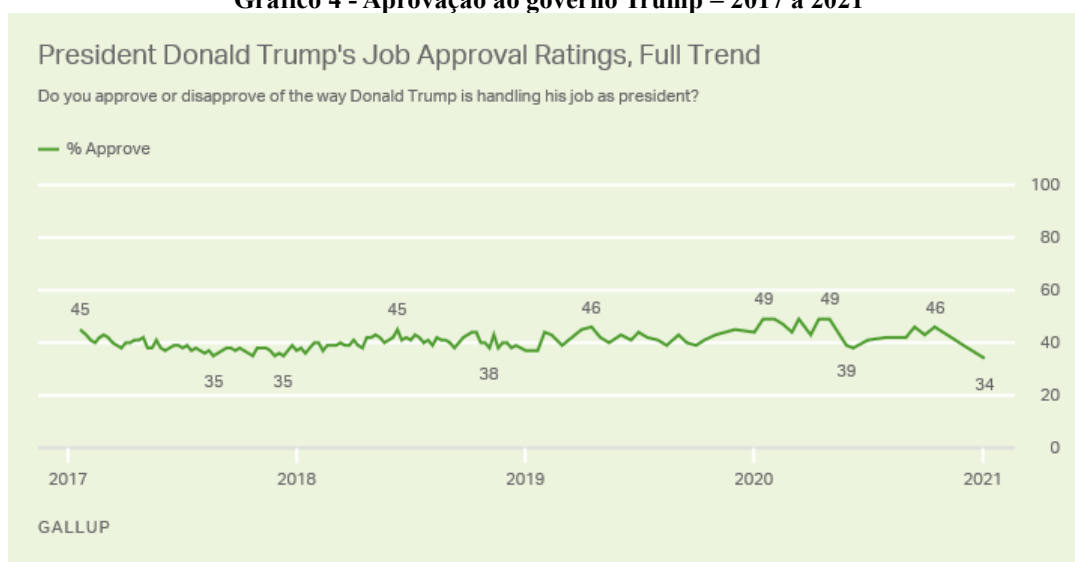
Gráfico 3 - Desconfiança em fontes de notícias por preferência partidária – 2019



Fonte: Pew Research Center – Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/journalism/2020/01/24/democrats-report-much-higher-levels-of-trust-in-a-number-of-news-sources-than-republicans/>>.

Por sua vez, a aprovação ao governo de Donald Trump jamais ultrapassou os 50%, como se observa no Gráfico 4. Em 2020, a proporção desse indicador sofreu algumas oscilações, chegando aos 39% no meio do ano e alcançando o menor valor da série no fim de 2020, quando estava concluindo seu mandato e havia acabado de ser derrotado por Joe Biden.

Gráfico 4 - Aprovação ao governo Trump – 2017 a 2021



Fonte: Gallup – Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/328637/last-trump-job-approval-average-record-low.aspx>>.

Portanto, os Estados Unidos eram liderados por outro presidente populista de extrema direita no primeiro ano da crise de saúde. Naquele dia 11 de março de 2020, a população foi endereçada por pronunciamento de Donald Trump³⁰, diretamente do Salão Oval da Casa Branca. Ao longo de nove minutos e meio, Trump destacou que os esforços governamentais estavam voltados à proteção da população contra o vírus “estrangeiro oriundo da China”; enumerou as ações já implementadas; criticou a União Europeia pela demora em restringir as viagens da China – o que, segundo ele, fez com que os europeus infectados levassem ao crescimento de casos nos Estados Unidos naquele momento; anunciou a suspensão de viagens vindas daquele continente; ressaltou a busca por tratamentos antivirais; abordou a liberação de recursos para financiar a expansão da capacidade de testes e a pesquisa para o desenvolvimento de vacinas, além de outras medidas econômicas; mencionou grupos de maior risco (idosos e pessoas com comorbidades). “O vírus não terá nenhuma chance contra nós. Nenhuma nação está mais preparada: temos a melhor economia, o sistema de saúde mais avançado e os médicos,

³⁰ “President Trump addresses the nation”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6a1Mdq8-_wo>. Acesso em: 25 ago. 2024.

cientistas e pesquisadores mais talentosos do mundo. Nós estamos todos juntos nisto”, destacou o presidente, que completou: “devemos colocar a política de lado, parar o partidarismo e nos unificar como uma nação e uma família”.

Ainda no mês de março de 2020, Trump já promovia – ainda sem evidências científicas, o que ele justificava pelo fato de que “não tinham tempo para esperar os estudos” – a hidroxicloroquina³¹, o que também foi feito (de maneira ainda mais duradoura) por Jair Bolsonaro no Brasil. Em 23 de abril, durante uma coletiva de imprensa, Trump sugeriu que as pessoas tomassem sol e que a equipe de saúde do governo testasse se “luz e calor” seriam capazes de eliminar o coronavírus. Foi nessa ocasião, quando os Estados Unidos ultrapassaram a barreira dos 50 mil mortos por Covid-19, que o presidente sugeriu que “injetar desinfetante” no corpo poderia vir a ser um bom tratamento contra a enfermidade, uma vez que “limparia os pulmões”³². Após incontáveis críticas e desmentidos, como era impossível negar o teor da fala, o presidente disse, no dia seguinte, que havia sido “sarcástico”³³. Embora não seja possível saber se pessoas seguiram o conselho de Trump, um levantamento da Associação Americana de Centros de Controle de Envenenamento (AAPCC, na sigla em inglês) detectou aumento nos casos de intoxicação por produtos desinfetantes – crescimento este que já vinha acontecendo desde janeiro de 2020, mas ocorreu em proporção mais acentuada nas semanas imediatamente seguintes à fala de Trump³⁴.

Este não foi um incidente isolado na conduta de Trump. Apesar da existência de medidas práticas durante sua gestão da pandemia, como o financiamento a pacotes de incentivo econômico e a pesquisas – além da permanência de Anthony Fauci, referência científica nos Estados Unidos, como diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas (NIAID, na sigla em inglês) e principal cientista de seu governo³⁵ –, Trump contrariou seu próprio conselho. O presidente entrou em conflito com as evidências científicas, sugeriu tratamentos

³¹ “Trump, promoting unproven drug treatments, insults NBC reporter at coronavirus briefing”. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/politics/donald-trump/trump-rips-reporter-who-asked-him-calm-scared-americans-terrible-n1165031>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

³² “President Trump claims injecting people with disinfectant could treat coronavirus”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=33QdTOyXz3w>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

³³ “After backlash that his disinfectant 'injection' idea could be deadly, Trump claims he was being 'sarcastic'”. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Politics/warnings-trump-suggesting-disinfectant-ingestion-deadly-wh-claims/story?id=70328631>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

³⁴ “Accidental Poisonings Increased After President Trump’s Disinfectant Comments”. Disponível em: <<https://time.com/5835244/accidental-poisonings-trump/>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

³⁵ “Fauci’s memoir reveals clashes with Trump, other private moments”. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/health/2024/06/18/fauci-trump-book/>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

sem eficácia comprovada, contradisse seus especialistas da área da saúde³⁶, recebeu conselhos de seu advogado³⁷ sobre possíveis medicamentos a adotar no governo contra a Covid-19, resistia ao uso de máscara, repetidamente afirmava que a pandemia estaria se aproximando do fim (mesmo diante das abundantes evidências contrárias) e declarou que estava “imune” à enfermidade quando se recuperou da infecção pelo vírus³⁸.

A respeito do desenrolar da pandemia nos Estados Unidos, faz-se necessário um lembrete: 2020 era o ano da eleição presidencial, na qual Trump viria a concorrer contra o democrata Joe Biden. É difícil imaginar uma campanha eleitoral convencional em contexto pandêmico. Essa foi apenas uma das diferenças entre os sinais deixados pelos dois candidatos a presidente: enquanto Biden seguia com eventos de campanha *online*, Trump não apenas realizava comícios com milhares de pessoas aglomeradas e sem máscaras, como também debochava do fato de seu oponente manter as medidas de proteção. No primeiro comício desde o início da pandemia, em Tulsa³⁹, Trump afirmou que Biden continuava “silencioso em seu porão” (Gadarian *et al.*, 2022, p. 2) – ou seja, o então presidente enviava aos estadunidenses uma mensagem que associava os cuidados preventivos à covardia ou fraqueza. Naquele momento, os Estados Unidos acumulavam mais de 115 mil óbitos por Covid-19.

Extensa reportagem do jornal *The Washington Post*, de 19 de dezembro de 2020⁴⁰, detalha os bastidores do gerenciamento da crise de saúde pelo governo Trump. Dois aspectos chamam bastante atenção: o primeiro é que, apesar dos investimentos em vacinas (cujo desenvolvimento era caro, com resultados ainda incertos e prazos desconhecidos), Trump resistia a tomar as medidas mais simples, sobretudo incentivar o uso de máscaras e investir na expansão da capacidade de testagem da população. Ao contrário, o próprio presidente não tinha o hábito de usar máscara e, apesar de ter nomeado o vice-presidente, Mike Pence, como o

³⁶ “Trump versus the scientists: The president’s tug-of-war with experts over coronavirus policy”. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/trump-versus-scientists-coronavirus/2020/03/24/0ff92b28-6ddb-11ea-96a0-df4c5d9284af_story.html>. Acesso em: 25 ago. 2024.

³⁷ “Giuliani, a familiar voice in Trump’s ear, promotes experimental coronavirus treatments”. Disponível em: <http://washingtonpost.com/politics/giuliani-a-familiar-voice-in-trumps-ear-promotes-experimental-coronavirus-treatments/2020/04/05/d4b3b56a-7438-11ea-85cb-8670579b863d_story.html?tid=pm_politics_pop>. Acesso em: 25 ago. 2024.

³⁸ “Trump indicates he no longer has the coronavirus, says he is ‘immune’”. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/politics/trump-sunday-morning-futures-interview-coronavirus>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

³⁹ “In pictures: Trump returns to the campaign trail with rally in Tulsa”. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2020/06/20/politics/gallery/trump-rally-tulsa/index.html>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

⁴⁰ “The inside story of how Trump’s denial, mismanagement and magical thinking led to the pandemic’s dark winter”. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/graphics/2020/politics/trump-covid-pandemic-dark-winter/>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

responsável pela estratégia de combate ao vírus, Trump não perdeu oportunidades de se postar em frente às câmeras para espalhar desinformação. O presidente caminhava em uma linha tênue: ao mesmo tempo em que parecia querer demonstrar a eficiência dos “melhores do mundo” e “resolver logo a crise” para restaurar a normalidade, adotou, desde o primeiro pronunciamento, a estratégia de culpar os outros (no caso, a China) pelo vírus e pela pandemia. Além disso, assim como para Bolsonaro, a liberdade era um valor central no discurso de Trump, motivo pelo qual as medidas de restrição de circulação tenderiam a ser negativamente avaliadas por seus apoiadores.

O segundo ponto de destaque foi a busca de Trump por um *expert* que não apenas tivesse currículo consolidado, mas se alinhasse às suas ideias acerca da pandemia. Foi nesse contexto que o dr. Atlas Scott, neurorradiologista da faculdade de medicina da Universidade de Stanford, se tornou conselheiro especial de Trump e membro da força-tarefa da Casa Branca contra a Covid-19 a partir de julho de 2020. Scott se contrapôs à equipe de especialistas já existente na presidência, sobretudo a Anthony Fauci e Deborah Birx (ambos servidores de carreira há mais de 40 anos), principalmente quanto à necessidade de mais testagem da população e medidas não-farmacológicas de prevenção ao contágio. A respeito do impacto da mensagem transmitida por Scott e endossada por Trump nas pessoas comuns, a reportagem do *The Washington Post* destaca as palavras de Fauci: “Elas poderiam dizer: ‘Olha, esse cara, que é uma pessoa bem respeitada de Stanford e que o presidente parece gostar, está dizendo isso; por que deveríamos ouvir o Fauci?’ Acho que ele foi um elemento de perturbação para o que Birx e eu estávamos tentando fazer”.

A matéria supracitada menciona que Trump gostava da mensagem de otimismo transmitida a ele por Scott, ao contrário dos alertas e números alarmantes levados por outros especialistas do governo. De acordo com um conselheiro não identificado na reportagem, “ele ‘tinha um título de doutor, mas uma perspectiva MAGA’, referindo-se ao slogan ‘Make America Great Again’ de Trump”. Enquanto Scott se tornava mais influente, Fauci e Birx buscavam formas de amenizar os prejuízos decorrentes do fato de que o presidente havia escolhido seguir diretrizes contrárias às evidências científicas.

Em algumas oportunidades, o presidente estadunidense disse que não era médico, mas sim uma pessoa que pensava em algumas hipóteses que poderiam ser verificadas (como no episódio do desinfetante). Scott, portanto, era o pesquisador e médico que, aparentemente, fornecia o verniz de credibilidade que as falas de Trump buscavam, potencialmente ampliando

seu alcance público e sua legitimidade. Após a derrota de Trump na busca pela reeleição e depois de ter suas ações enquanto conselheiro da força-tarefa contra a Covid-19 duramente criticadas e repudiadas pelo conselho de professores da faculdade de medicina em Stanford⁴¹ (universidade na qual ele próprio era professor), Scott se demitiu da função de conselheiro presidencial, em 30 de novembro de 2020⁴². Ele disse que atuou com base nas melhores evidências disponíveis e negou a informação, também publicada pelo *Washington Post*, de que ele teria defendido a tese da “imunidade de rebanho por contágio”.

Conforme mencionado, 2020 era o ano da eleição presidencial nos Estados Unidos. Após uma campanha tornada atípica pela crise global, Donald Trump foi derrotado por Joe Biden em novembro daquele ano. A propósito, outro exemplo de negacionismo reside, tanto para Trump quanto para Bolsonaro, na recusa à aceitação das respectivas derrotas nas urnas. Até hoje, em 2024, quando concorre novamente à presidência, Trump afirma que as eleições de 2020 foram “roubadas”. O presidente Joe Biden, que tomou posse em janeiro de 2021, optou por não repetir as estratégias de seu antecessor. Quando Trump deixou a presidência, havia 422.342 óbitos confirmados por Covid-19 nos Estados Unidos. Desde então, um adicional de cerca de 800 mil mortes pelo coronavírus foi registrado no país⁴³. Esses dados serão explorados de maneira longitudinal na próxima seção, assim como os do Brasil e os globais.

1.2. Alguns dados sobre a pandemia em Brasil e Estados Unidos

Até aqui, falamos sobre as ações e medidas adotadas (ou rejeitadas) pelos governos de Brasil e Estados Unidos nas gestões agnotológicas/negacionistas da pandemia. Agora iremos tratar brevemente dos resultados gerais, em termos de casos e mortes por Covid-19, nos dois países. Dados do Ministério da Saúde brasileiro indicam 38.883.865 casos e 713.026 óbitos pelo coronavírus no país, de março de 2020 a agosto de 2024⁴⁴. Já nos Estados Unidos, foram

⁴¹ “Faculty Senate condemns COVID-19 actions of Hoover’s Scott Atlas”. Disponível em: <<https://news.stanford.edu/stories/2020/11/faculty-senate-condemns-actions-hoover-fellow-scott-atlas>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁴² “Scott Atlas, consultor de Trump sobre a Covid-19, pede demissão”. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/scott-atlas-consultor-de-trump-sobre-a-covid-19-pede-demissao/>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁴³ “Cumulative confirmed Covid-19 deaths – United States”. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/explorers/covid?country=~USA&Metric=Confirmed+deaths&Interval=Cumulative&Relative+to+population=false>>. Acesso em: 02 set. 2024.

⁴⁴ “Covid-19 no Brasil”. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 31 ago. 2024.

registrados cerca de 103 milhões de casos confirmados da doença e 1.199.613 mortes, de janeiro de 2020 a agosto de 2024, segundo dados da OMS⁴⁵ e do CDC⁴⁶. Esses quantitativos correspondem a 5,0% (Brasil) e 13,3% (Estados Unidos) do total de casos registrados no mundo – que chegou aos 776.001.137 em agosto de 2024. Quanto às proporções em relação às mortes no mundo, o Brasil foi responsável por uma fatia de 10,1% e os Estados Unidos, por 17,0% dos 7.059.612 óbitos globais por Covid-19. Cabe assinalar que o Brasil abrigava 2,7% e os Estados Unidos, 4,2% da população mundial em 2022.

O Gráfico 5 apresenta a evolução das médias semanais de casos e mortes pelo coronavírus, por um milhão de pessoas, nos dois países e no mundo. Observa-se que o pico de casos no Brasil ocorreu na semana de 30 de janeiro de 2022; nos Estados Unidos, esse patamar recorde de casos foi alcançado alguns dias antes, na semana de 17 de janeiro. Os picos foram alcançados logo após a disseminação da Ômicron, variante mais transmissível e que havia sido detectada inicialmente na África do Sul, em novembro de 2021⁴⁷. Quanto às proporções de óbitos a cada milhão de pessoas, elas se mantiveram em patamares superiores nos dois países (em relação à proporção global) ao longo da maior parte da crise sanitária.

⁴⁵ “WHO Covid-19 Dashboard”. Disponível em: < <https://data.who.int/dashboards/covid19/cases?n=o>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

⁴⁶ “Covid Data Tracker”. Disponível em: < https://covid.cdc.gov/covid-data-tracker/?ref=blog.stacker.com&gad_source=1&gclid=Cj0KCQjw_sq2BhCUARIsAIVqmQvN8kO48M-0BCq4sfsAeZySiOWXkm5P-EKxU6lqucwXYNCzSzctNakaAmb3EALw_wcB#trends_totaldeaths_select_00>. Acesso em: 31 ago. 2024.

⁴⁷ “Seis fatos sobre a ômicron, a variante mais transmissível da Covid-19”. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/seis-fatos-sobre-a-omicron-a-variante-mais-transmissivel-da-covid-19>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Gráfico 5 - Média semanal de casos e mortes por um milhão de pessoas – Brasil, Estados Unidos e mundo – 2020 a 2024

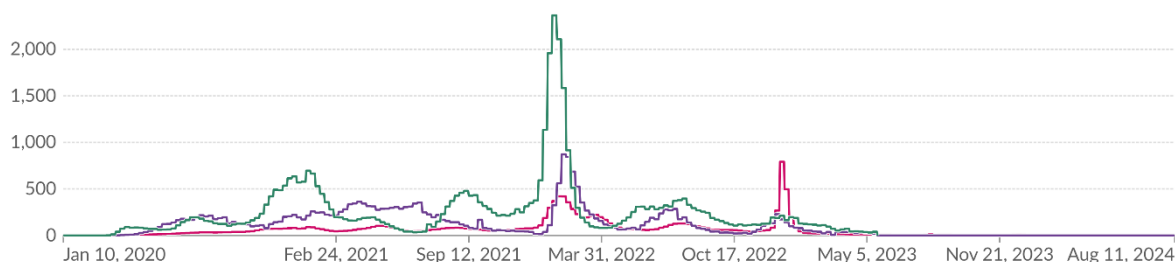
Daily new confirmed COVID-19 cases & deaths per million people

7-day rolling average. Limited testing and challenges in the attribution of cause of death means the cases and deaths counts may not be accurate.

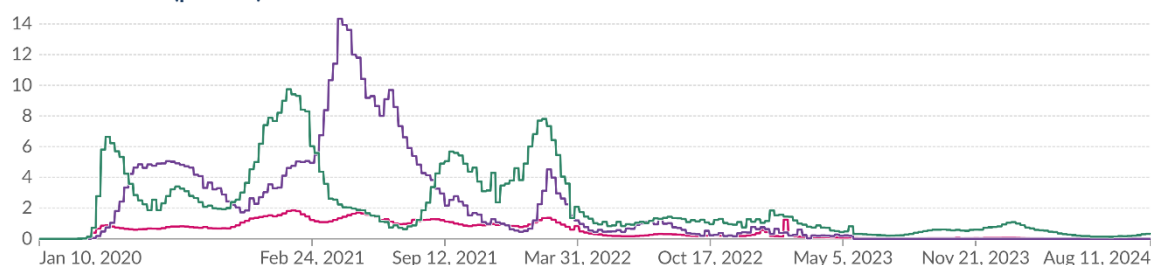
Our World
in Data

United States Brazil World

New cases (per 1M)



New deaths (per 1M)



Data source: World Health Organization (2024); Population based on various sources (2024)

CC BY

Fonte: Our World in Data.

Graças às vacinas, que começaram a ser aplicadas em dezembro de 2020, os picos de casos não ocasionaram novos recordes de mortes, como se verifica no Gráfico 6. Os recordes de óbitos ocorreram em 17 de janeiro de 2021 nos Estados Unidos e em 04 de abril de 2021 no Brasil. Quanto à vacinação, deve-se assinalar que, a despeito da influência do presidente sobre percepções de gravidade e sobre outros comportamentos associados à pandemia, a tradição de décadas do Programa Nacional de Imunização brasileiro e a capilaridade do Sistema Único de Saúde (SUS) se converteram em proporções de vacinação superiores àquelas alcançadas nos Estados Unidos e no mundo⁴⁸ (apesar da redução da cobertura vacinal no Brasil nos anos anteriores à pandemia e de todo o atraso na aquisição dos imunizantes contra a Covid-19 por

⁴⁸ A respeito da vacinação contra Covid-19 ao redor do mundo, é importante ter em conta as desigualdades no acesso aos imunizantes. Apesar da meta de vacinação global de 70% estipulada pela Organização Mundial da Saúde, dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) disponíveis em <<https://data.undp.org/insights/vaccine-equity>> indicam um cenário preocupante: enquanto, nos países de alta renda, 79,86% das populações receberam ao menos uma dose da vacina, esse percentual chegava a apenas 32,82% das pessoas que vivem nos países de baixa renda.

parte do governo brasileiro). Nota-se tendência de queda nas mortes (de maneira mais acentuada no Brasil, que vinha num patamar mais elevado) a partir de setembro de 2021, com o avanço da vacinação. Houve outro aumento na proporção de óbitos em fevereiro de 2022, em decorrência da explosão de casos da variante Ômicron anteriormente citada – sem que, no entanto, se alcançasse os patamares anteriores ao crescimento da parcela de imunizados pela vacina.

Gráfico 6 - Doses de vacinas aplicadas por 100 pessoas e mortes confirmadas por um milhão de pessoas – Brasil, Estados Unidos e mundo – 2020 a 2024

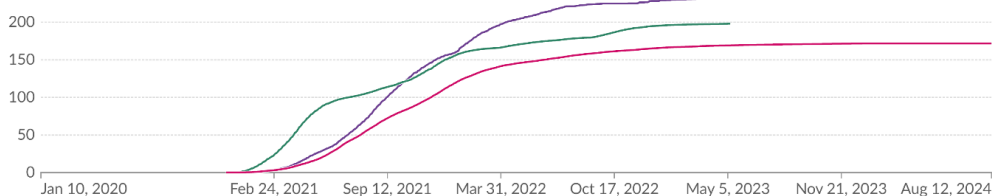
COVID-19 vaccine doses and confirmed deaths



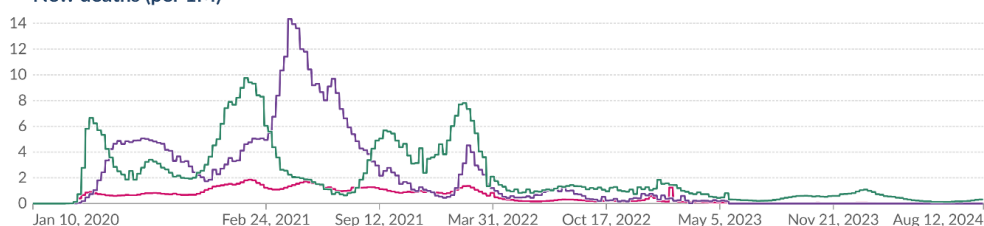
Due to varying protocols and challenges in the attribution of the cause of death, the number of confirmed deaths may not accurately represent the true number of deaths caused by COVID-19.

■ World ■ United States ■ Brazil

Vaccine doses (per 100)



New deaths (per 1M)



Data source: Official data collated by Our World in Data (2024) and other sources

CC BY

Fonte: Our World in Data.

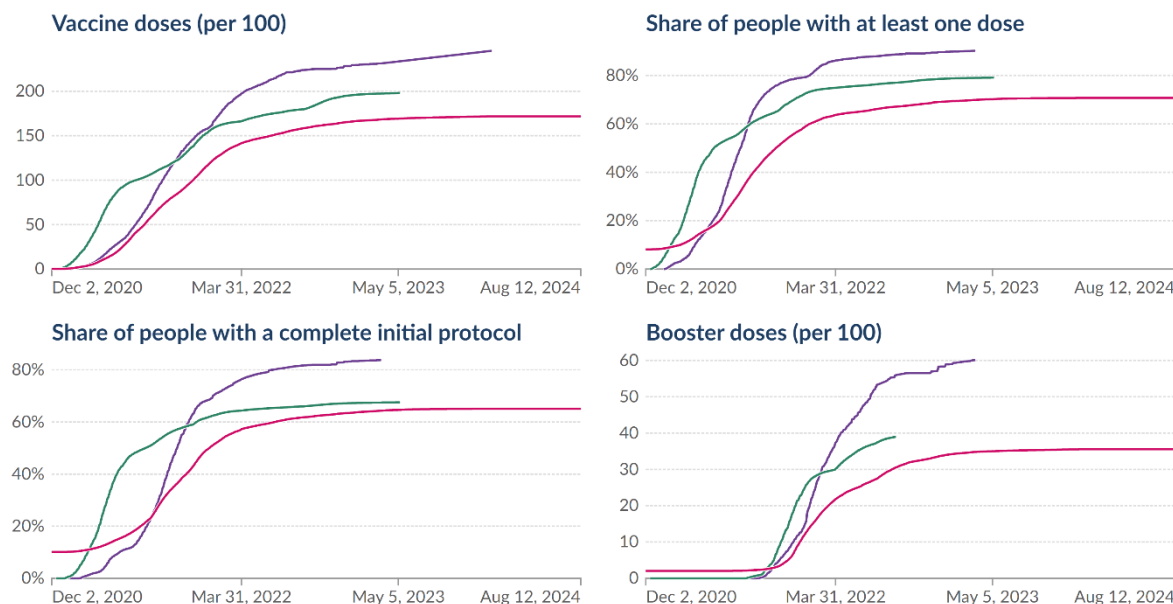
Em todos os indicadores relacionados à vacinação, o Brasil se manteve em patamares superiores aos estadunidenses e globais (ver Gráfico 7). Apesar da clivagem acerca da avaliação da gestão da pandemia e das percepções de gravidade da crise sanitária, esses dados são indícios de que o comportamento de se imunizar prevaleceu, inclusive entre parte dos indivíduos com condutas negacionistas. Alguns dos motivos para a imunização dessas pessoas com atitudes alinhadas ao governo Bolsonaro serão explorados no capítulo 6, dedicado à análise das entrevistas qualitativas.

Gráfico 7 - Doses de vacinas aplicadas por 100 pessoas, proporções das populações com ao menos uma dose, com duas e com mais doses das vacinas contra Covid-19 – Brasil, Estados Unidos e mundo – 2020 a 2024

COVID-19 vaccine doses, people with at least one dose, people with a full initial protocol, and boosters per 100 people

Our World in Data

■ World ■ United States ■ Brazil



Data source: Official data collated by Our World in Data (2024); World Health Organisation (2024); Population based on various sources (2024) CC BY

Fonte: Our World in Data.

Porém, apesar dos números mais favoráveis de vacinação contra a Covid-19 no Brasil (no comparativo com os Estados Unidos e com a média global), cabe salientar que o Brasil vinha apresentando, desde 2012, declínio na cobertura vacinal de sua população (Homma *et al.*, 2023). Essa ameaça ao trabalho desenvolvido ao longo de décadas pelo Programa Nacional de Imunizações, anterior à pandemia de Covid-19, integra um quadro de hesitação vacinal em escala global – e definido pela OMS, em 2019, como uma das 10 maiores ameaças mundiais à saúde pública.

1.3. Os equívocos da “imunidade de rebanho por contágio”

Houve um momento, nas primeiras semanas da pandemia, em que se discutia qual seria a proporção da população imune ao coronavírus necessária para que se alcançasse um patamar

de “imunidade coletiva” suficiente para interromper a propagação descontrolada da doença. Reportagens de maio de 2020⁴⁹ já indicavam que, para especialistas, a ideia de deixar o vírus circular livremente, em busca da “imunidade de rebanho” ou “imunidade coletiva por contágio”, era profundamente desaconselhável. Estudos realizados ainda em 2020⁵⁰ e disseminados por divulgadores científicos⁵¹ iam na mesma direção. Alguns fatores, de simples entendimento, contribuem para essa percepção de que a disseminação descontrolada do vírus seria problemática:

1. ainda não havia informações seguras sobre a taxa de letalidade do vírus (dados de março de 2020 apontavam para uma taxa média de 3,6%⁵², mas, ao longo do tempo, verificou-se que esse índice atingiu 1,1% nos Estados Unidos e 1,9% no Brasil⁵³);
2. a letalidade variava bastante entre os grupos etários e a depender das comorbidades;
3. não havia garantias de que, ao se contaminar, mesmo estando fora do estrato populacional até então considerado “grupo de risco”, os indivíduos não desenvolveriam complicações;
4. não se sabia a duração da imunidade decorrente da infecção pelo coronavírus;
5. quanto mais um vírus circula, maior a probabilidade de que ocorram mutações (o que, de fato, veio a acontecer no Brasil, com a variante P1, em Manaus⁵⁴);
6. em um cálculo conservador, caso fosse necessária a imunidade de 70% da população nacional para alcançar a imunidade coletiva: considerando populações de cerca de 211,8 milhões de pessoas no Brasil e 329,5 milhões nos Estados Unidos em 2020, temos que 148,3 milhões de brasileiros e 230,7 milhões de estadunidenses precisariam estar imunes para atingir a proporção de 70%. Suponhamos que a taxa de letalidade – isto é,

⁴⁹ “Imunidade de rebanho pode conter a Covid-19?” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zeTz89v88Eo>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁵⁰ “Estudo espanhol indica que imunidade de rebanho contra covid-19 só deve ser alcançada com vacina”. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/estudo-espanhol-indica-que-imunidade-so-deve-ser-alcancada-com-vacina-contracovid-19>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁵¹ “Live 24/07 - Atualizações e essa tal imunidade de rebanho #FiqueEmCasa”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KjFt7jPSJ2M>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁵² “Taxa de letalidade do Sars-Cov-2 é maior que a da gripe, mas é a menor da família coronavírus; veja comparativos”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/14/taxa-de-letalidade-do-sars-cov-2-e-maior-que-a-da-gripe-mas-e-a-menor-da-familia-coronavirus-veja-comparativos.ghtml>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁵³ “Mortality analyses – Johns Hopkins University”. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁵⁴ “Variante de Manaus do novo coronavírus já circula em Ribeirão Preto”. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/variante-de-manaus-do-novo-coronavirus-ja-circula-em-ribeirao-preto/>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

a proporção de pessoas, dentre as contaminadas, que morre em decorrência do vírus – fosse de 1%. Neste caso, a estimativa de óbitos para alcançar a imunidade coletiva por contágio, sugerida por alguns, seria de 1,48 milhão no Brasil e 2,3 milhões nos Estados Unidos. Cabe destacar o absurdo de esta contabilização de “óbitos aceitáveis” ser sequer cogitada;

7. os casos e mortes ocorreriam em curto período, sobrecarregando os sistemas de saúde e ocasionando óbitos indiretos.

Apesar desses motivos, o comportamento de algumas lideranças políticas durante a pandemia faz transparecer a ideia de que a “imunidade de rebanho por contágio” era uma das opções consideradas para lidar com o SARS-Cov-2. Com o passar do tempo, entretanto, ficou evidenciado, em grande medida graças ao trabalho de pesquisadores, divulgadores científicos e jornalistas, que considerar essa alternativa – ao menos abertamente – não seria aceitável. O que se observou é que a imunidade coletiva deveria ser buscada de outra forma, por meio da vacinação. Mas, se as vacinas foram desenvolvidas em tempo recorde, as pistas desorientantes deixadas pelos presidentes que minimizaram a gravidade da pandemia estiveram na contramão dessa busca mais segura pela imunização das populações e o decorrente fim da emergência sanitária.

1.4. Elites políticas e metacontingências (uma perspectiva da psicologia comportamental)

A propósito dos comportamentos individuais e suas consequências agregadas, algumas observações são pertinentes a este trabalho. Basicamente, as mensagens dos cientistas alinhadas às evidências e dos veículos de comunicação (salvo exceções) indicavam a necessidade de adoção de comportamentos com os quais a maioria de nós não estava acostumada, literalmente de um dia para o outro, sem prazo de duração previsível e sem que fosse possível observar, de antemão, nem o efeito dos comportamentos (já que “não se infectar” não é algo observável) nem os possíveis resultados de não os adotar. Vamos tomar como exemplo uma medida de proteção individual que se tornou alvo de controvérsias: o uso das máscaras. Trata-se de algo geralmente desconfortável e cuja efetividade não é perceptível de maneira clara e imediata pelos leigos. Apenas se essa medida for adotada coletivamente, de maneira correta, em conjunto com

outras iniciativas igualmente ou ainda mais trabalhosas, os impactos – refletidos nos números de casos – poderão ser percebidos (mesmo assim, de forma parcial).

Nesse contexto, o conceito de metacontingência se demonstra relevante para esta tese. Glenn (1986, p. 2, grifos nossos) define *metacontingência* como a “[...] unidade de análise que descreve as *relações funcionais* entre uma classe de operantes, *cada operante com sua consequência imediata* e única, e uma *consequência de longo prazo comum* a todos os operantes na metacontingência”. Operante é um grupo de ações que levam a uma mesma consequência (por exemplo, inserir a chave numa fechadura, bater e chamar são ações que, ocasionalmente, levam uma porta a se abrir).

Numa aplicação à pandemia, pode-se citar o uso de máscaras, o distanciamento social, as medidas de higiene pessoal e o ato de se vacinar como ações que levariam tanto a consequências imediatas para os indivíduos (menor propensão a se contaminarem ou a desenvolverem quadros graves da doença) quanto a resultados comuns de longo prazo. O problema é que essas consequências comuns não são garantidas nem imediatas. Poderia ocorrer, por exemplo, de surgirem variantes mais transmissíveis ou contra as quais as vacinas existentes não fossem efetivas. Da mesma forma, mesmo aqueles indivíduos que não adotassem as ações poderiam ter os mesmos resultados positivos, por motivos muitas vezes imponderáveis.

Diante da necessidade de sacrifícios coletivos, por meio da adoção de comportamentos pouco familiares em nossa cultura e sem resultados garantidos, os dois principais papéis do comportamento verbal seriam de “[...] preencher a lacuna entre comportamento e consequências de longo prazo”, ou por meio do reforço social, que “[...] provê a consequência ao manter o comportamento sob controle da regra até que as consequências de longo prazo possam ser percebidas” (Glenn, 1986, p. 3). Em consonância com a seção anterior, portanto, demonstra-se imprescindível o papel das lideranças políticas enquanto provedoras de comportamentos verbais que estimulem as ações favoráveis à não-propagação do coronavírus por parte dos cidadãos comuns. Em outras palavras, quando os resultados das ações preventivas (por vezes sacrificantes) não são imediatamente visíveis, os líderes políticos, enquanto influenciadores sociais, tinham o papel crucial de indicar as medidas e os caminhos necessários em direção ao objetivo de atravessar a pandemia e retomar a normalidade o quanto antes fosse possível.

Ao contrário de buscarem explicar por que usar máscara e se manter fisicamente distante de pessoas queridas eram comportamentos que protegeriam as vidas dos brasileiros e estadunidenses, Bolsonaro e Trump se esforçaram por passar o recado contrário. Assim,

dificultaram que se estabelecesse, na opinião pública, uma conexão lógica entre a necessidade de medidas individuais (por vezes custosas e inconvenientes) e os resultados esperados. Especialmente no caso do Brasil, diversas medidas adicionais, inclusive por meio da edição de normas governamentais (Ventura *et al.*, 2021), foram um entrave a que as condutas daqueles que buscaram adotar comportamentos de proteção alinhados às evidências científicas se convertessem em resultados agregados satisfatórios.

De acordo com a conclusão de Ventura *et al.* (2021), as ações do governo federal brasileiro foram intencionais, com o objetivo de alcançar a “imunidade de rebanho por contágio”. Já uma projeção apresentada pelo epidemiologista Pedro Hallal em seu depoimento à CPI da Pandemia (sobre a qual falaremos adiante) aponta que o atraso na compra das vacinas custou ao Brasil cerca de 95 mil mortes por Covid-19. Coordenador do Epicovid, monitoramento das contaminações pelo coronavírus financiado pelo governo federal de março a julho de 2020 (e descontinuado sem que houvesse qualquer outro levantamento para continuar a acompanhar o avanço da pandemia no país), Hallal atribuiu a maior parte da responsabilidade pelo resultado desastroso da pandemia no Brasil à postura avessa às evidências adotada por Jair Bolsonaro.

1.5. Lideranças políticas enquanto *cue givers* e os sentidos políticos de uma crise de saúde

De um dia para o outro, foram impostas a bilhões de pessoas, ao redor do mundo, mudanças significativas na forma de viver, se comportar, interagir com outras pessoas e com o ambiente. Termos como “*lockdown*”, “distanciamento social”, “achatar as curvas de casos e de mortes”, “variantes”, “taxas de letalidade e mortalidade”, “transmissão comunitária”, “medidas não-farmacológicas”, “vacina de RNA”, “estudo duplo cego randomizado” passaram a fazer parte do nosso vocabulário – mesmo que, por vezes, não soubéssemos do que se tratava. Assistíamos às notícias de aumentos e espraçamento dos casos e dos óbitos e, ao mesmo tempo, tentávamos nos orientar sobre as melhores formas de nos preservarmos. Era necessário higienizar todas as compras do supermercado? Precisávamos lavar os cabelos a cada retorno para casa? As máscaras de tecido eram eficazes? O coronavírus sobrevivia por quantas horas no ar e nas superfícies? Quais os sintomas? Como saber quando era necessário procurar um hospital? Era preciso estocar alimentos e papel higiênico?

É nesse contexto, de muitas perguntas, poucas respostas seguras (inclusive entre os cientistas e profissionais de saúde) e a necessidade de se informar por uma questão de vida ou morte, que os sinais emitidos pelos líderes políticos dos países adquiriam destaque e relevância. Obviamente, nem todos os cidadãos estariam atentos a todos os passos e declarações dos atores políticos, sobretudo porque se tratava de uma questão de saúde. Por outro lado, considerando o caráter comunitário do problema, espera-se que as elites políticas tenham acesso a mais informações confiáveis e estejam cercadas dos maiores especialistas nos assuntos de interesse público.

Mas, assim como o jornalismo e a ciência fornecem acesso a fragmentos que compõem uma parcela ínfima da realidade (pelo simples fato de que seria inviável reportar tudo nos noticiários e estudar todos os assuntos que podem afetar a vida humana), os líderes políticos também enquadram a realidade a partir de variadas perspectivas, interesses e compreensões do mundo, de forma interseccionada ou conflitante com as demais fontes de informação e conhecimento disponíveis.

No meio do caminho entre essas várias fontes e seus afazeres e preocupações cotidianos, muitas vezes os indivíduos terão apenas “considerações” sobre a maior parte dos assuntos, ou seja, formarão suas opiniões a partir da combinação de baixos níveis de informação e de atenção política (Zaller, 1992). Pessoas mais atentas, com maiores engajamento e habilidade de processamento de informações, são aquelas que a literatura classifica como sofisticadas (Campbell *et al.*, 1960; Converse, 1964) ou como cognitivamente mobilizadas (Dalton, 1984). Estas podem ou não se mobilizar em torno de preferências partidárias, que serão, também, filtros de percepção da realidade. Os sofisticados, cognitivamente mobilizados ou mais atentos seriam aqueles mais expostos às mensagens e pistas das elites políticas, ao mesmo tempo em que seriam os menos vulneráveis a mudarem suas posições a partir delas.

O conhecimento político, portanto, seria o primeiro ingrediente para a interpretação do mundo; porém, não se pode ignorar o papel das predisposições políticas, que tendem a ser estáveis e estruturantes das atitudes formadas posteriormente. É nessa combinação, “[...] moldada por múltiplos e tipicamente conflitantes fluxos de informação, alguns dos quais mais intensos ou fáceis de aprender a respeito do que outros” (Zaller, 1992, p. 20), que se forma a opinião pública. Portanto, tanto a saliência quanto os significados atribuídos pelas elites políticas a determinados eventos tendem a influenciar os modos como eles serão vistos pelos públicos (Berinsky, 2007; Lenz, 2012). Em outras palavras, os líderes políticos são atalhos

cognitivos poderosos e influenciam o exercício do raciocínio motivado por seus apoiadores⁵⁵. “Em vez de constatar que questões de políticas públicas influenciavam os votos, geralmente constatei o inverso: os eleitores primeiro decidiam apoiar um político específico e, depois, adotavam as visões desse político sobre políticas públicas” (Lenz, 2012, p. 216).

O ingrediente da atenção às informações estava, de modo geral, presente naquele período pandêmico. A preocupação, o medo e a ansiedade eram combustíveis para a busca por informações que organizassem e fizessem sentido, inclusive, das experiências imediatas dos indivíduos. Já o conhecimento e a habilidade para processar informações conflitantes, sobretudo por se tratar de temas alheios ao cotidiano da maior parte das pessoas, eram menos incidentes – o que aumenta a relevância dos fornecedores de pistas em diferentes esferas da vida. Dos familiares mais bem informados aos amigos médicos, os indivíduos se apoiavam nas fontes disponíveis que mais lhes parecessem confiáveis – seja pelas credenciais ou pelo pertencimento ao grupo social e capacidade de atuação como líderes de opinião (Lazarsfeld *et al.*, 1948). Naquele período da pandemia (sobretudo o inicial), tínhamos jornalistas retratando o caos e cientistas tentando organizar os dados e fazer estudos em tempo recorde; essas instâncias de acesso ao real ofereciam retratos parciais e borrados pelas incertezas. Políticos que ofereciam certezas absolutas, sobretudo nos primeiros meses da pandemia, tendiam a estar desconectados da realidade e, possivelmente, desatentos ao seu papel enquanto fornecedores de pistas para a conformação da opinião pública.

Mas, conforme mencionado, tratava-se de uma crise de saúde, não política. Como a pandemia poderia dividir atitudes, crenças e comportamentos a partir de alinhamentos e predisposições políticos e ideológicos? Percebe-se que os líderes políticos se apoiaram em dois fatores principais: a atribuição de significados políticos a situações e comportamentos que deveriam ter motivações eminentemente científicas e sanitárias; a busca pela legitimação de suas estratégias de enfrentamento da pandemia. É dessa forma que, por exemplo, o uso de máscaras e o respeito ao distanciamento social passaram a ser vistos como signos de apoio a um político, candidato ou partido. E é a busca por credibilidade científica que fez com que, no Brasil, o presidente Bolsonaro confiasse suas ações a um “gabinete paralelo”⁵⁶, em detrimento

⁵⁵ O conceito de raciocínio motivado será abordado adiante nesta tese.

⁵⁶ Em depoimento na CPI da Pandemia de Covid-19 no Brasil, o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta afirmou que havia um “gabinete paralelo” ao Ministério. Alguns detalhes estão nesta notícia da Agência Senado: “Mandetta revela ‘gabinete paralelo’ e tentativa de mudar bula da cloroquina”. Disponível em:

do Ministério da Saúde; e, nos Estados Unidos, fez com que Trump optasse por dar mais atenção e espaço a um conselheiro que, ao mesmo tempo em que trazia consigo o selo de uma prestigiada universidade, se alinhava às orientações e práticas não-científicas emanadas pelo presidente.

Estudos têm investigado o potencial de influência das mensagens e enquadramentos presidenciais sobre a opinião pública durante a pandemia. Bisbee e Lee (2022) detectaram que tanto os casos locais de Covid-19 quanto as postagens do presidente Trump no antigo Twitter exerciam influência (em sentidos opostos) sobre a adesão ao distanciamento social; em um primeiro momento, os fatos se sobrepunham, mas o papel dos sinais deixados pelo líder político ia crescendo em importância relativa com o passar do tempo – o que corrobora os resultados da pesquisa de Lenz (2012) quanto à influência dos líderes políticos sobre as condutas e opiniões dos apoiadores.

Por meio de um experimento de *survey* realizado em maio de 2020, os achados de Case *et al.* (2022) não indicam efeitos da expertise da fonte (especialista *versus* não especialista) nem do enquadramento da mensagem (com base em fatos *versus* pautada na experiência) sobre as respostas às recomendações contidas nas mensagens. Em lugar desses fatores, o que os autores encontraram foram efeitos das predisposições ideológicas, consumo de mídia e idade dos participantes. Isso aponta, portanto, para o fato de que “elites e veículos de mídia rapidamente adotaram posições em relação à Covid-19, criando uma dimensão política para a crise que pode ter incentivado o público a se posicionar de acordo com suas orientações políticas” (Case *et al.*, 2022, p. 376).

Relihan *et al.* (2023) realizaram um estudo longitudinal com dados dos bimestres março-abril e setembro-outubro de 2020 e verificaram que, entre o início e o final do primeiro semestre da crise sanitária, as diferenças entre Democratas e Republicanos quanto ao medo da pandemia, à percepção de risco de morte e à adoção de medidas de proteção individual se ampliaram. Os autores concluíram, ainda, que esses efeitos, indicativos da polarização atitudinal em relação

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/28/mandetta-revela-gabinete-paralelo-e-tentativa-de-mudar-bula-da-cloroquina>>. Acesso em: 01 set. 2024). Essa instância informal de aconselhamento teria sido utilizada pelo então presidente, Jair Bolsonaro, para embasar decisões relacionadas ao uso de hidroxiclороquina e ao atraso na compra de vacinas, por exemplo. Em vídeo de uma reunião com médicos alinhados à postura anticiência adotada pelo então presidente brasileiro, o médico Paolo Zanutto sugeriu a criação de um “shadow cabinet”, que não seria exposto nem passaria por escrutínio público. Trechos da referida reunião estão nesta reportagem: “Vídeo reforça a tese da CPI da Covid sobre a existência de gabinete paralelo no Planalto para tratar de pandemia”. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9576684/>>. Acesso em: 01 set. 2024.

ao coronavírus, não se repetiam com um vírus não politizado, o da gripe. Nota-se, portanto, um danoso resultado da politização da pandemia.

Da mesma forma, no Brasil, Ajzenman *et al.* (2023) verificaram que o índice de distanciamento social em municípios com as maiores proporções de apoiadores de Bolsonaro se reduzia imediatamente após discursos do presidente contra essa medida de contenção da pandemia. Os autores utilizaram como *proxies* a localização de celulares⁵⁷ e o registro de compras presenciais com cartão realizadas em estabelecimentos que não fossem farmácias. Em mais uma contribuição para a compreensão do impacto de lideranças políticas enquanto fornecedoras de pistas que podem afetar a conduta dos apoiadores, Batista Pereira e Nunes (2022), também utilizando um experimento de survey, argumentam que o impacto das mensagens presidenciais depende do contexto. As primeiras falas de Bolsonaro que minimizavam a gravidade da pandemia levaram à polarização de opiniões em um tema que, até então, era consensual no país – o que é de simples compreensão, já que seu ministro da Saúde no momento da eclosão da pandemia emitia mensagens alinhadas à ciência. Os autores detectaram que os discursos televisivos de Bolsonaro influenciaram as tendências de busca na internet sobre assuntos relacionados à pandemia.

Esses e outros trabalhos (Calvo e Ventura, 2020; Borges e Rennó, 2021) corroboram a afirmação de que, ainda que a pandemia fosse uma questão de saúde, diante de presidentes que optaram por transformar um tema consensual (*valence issue*) em uma batalha política, as predisposições políticas dos indivíduos foram acionadas e contribuíram para moldar seus comportamentos relacionados à pandemia. Deve-se considerar, ademais, a suscetibilidade emocional dos indivíduos perante um acontecimento de porte global e com resultados e duração

⁵⁷ A respeito do método utilizado pelos autores para obter a localização dos aparelhos celulares, cabe apresentar a citação direta do artigo (p. 357): “Para medir o distanciamento social, utilizamos um índice criado e desenvolvido pela In Loco (In Loco 2020), uma empresa brasileira de tecnologia que fornece informações baseadas em dados de localização móvel. A In Loco coleta dados de localização anonimizados de 60 milhões de dispositivos, habilitados por aplicativos móveis que oferecem serviços baseados em localização, garantindo ao mesmo tempo a privacidade de seus usuários. Utilizando Bluetooth, Wi-Fi e GPS, a empresa desenvolveu sua tecnologia para rastrear a localização e o movimento dos dispositivos para diferentes lugares, com uma precisão de três metros. A In Loco coleta dados utilizando um procedimento padrão para empresas de dados de localização: kits de desenvolvimento de software em aplicativos móveis amplamente utilizados com a opção de rastreamento de localização (opt-in). Esses kits operam em segundo plano nos aplicativos móveis para registrar dados de localização. A empresa utiliza pares de posições (localizações baseadas no uso de múltiplos aplicativos pelo mesmo dispositivo) para melhorar a precisão da localização e medir o movimento do dispositivo”. Ajzenman *et al.* (2023) enfatizam que essa fonte de dados de localização tem sido utilizada por outros pesquisadores em trabalhos acadêmicos. Discussões sobre aspectos éticos desse uso, assim como o emprego de dados de compras com cartões de crédito, não são apresentadas no citado trabalho.

imprevisíveis. A este respeito, Telles *et al.* (2023) abordam a persistência do sentimento de medo e o aumento de hábitos relacionados à ansiedade durante a pandemia.

É oportuno destacar, por fim, o caráter populista das duas lideranças políticas ora mencionadas: ao invés de alçarem o vírus ao status de “inimigo comum”, os presidentes Bolsonaro e Trump optaram por antagonizar aqueles que buscavam medidas alinhadas às evidências científicas para superar a crise de saúde, como se verá em detalhes a seguir.

1.6. Elites políticas e agnotologia – evidências do caso brasileiro

Nem Bolsonaro nem Trump fazia questão de disfarçar seu comportamento público de desprezo às instruções de especialistas sobre como se proteger da Covid-19. Porém, no caso brasileiro, foi realizada uma investigação, por meio da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, que tinha por objetivo investigar as ações e omissões do governo federal durante a crise de saúde. Antes de prosseguirmos, é necessário ressaltar que CPIs são eventos políticos, realizados nas casas legislativas (a da pandemia ocorreu no Senado) e que, portanto, estão sujeitos a interesses diversos que precisam ser levados em conta ao avaliar os resultados. Em um ambiente profundamente acirrado, a CPI da Pandemia mobilizou atores políticos variados, cada um com suas agendas e interesses específicos – o que leva a uma leitura cautelosa dos resultados da investigação. Feita essa ressalva, é preciso reconhecer que, tendo em vista o comportamento público do presidente Bolsonaro no período, a única forma de termos acesso a eventuais acontecimentos de bastidores seria por meio da interpelação a membros do governo e pessoas próximas do presidente (que exerciam funções de “aconselhamento”).

1.6.1. O papel dos especialistas (e a instrumentalização de alguns deles)

O luto é um assunto que a gente estuda, e vi semelhanças entre as fases desse sentimento com as reações de Bolsonaro (*sic*). Suas primeiras atitudes, como a de declarar que a pandemia nada mais era que uma gripezinha, podiam ser vistas dessa forma, como um modo de lidar com a perda ou com algum acontecimento de grande impacto [...]. O passo seguinte é a raiva. A pessoa tem raiva de quem deu a notícia [...]. Depois da raiva, ela vai para a fase do apelo. O doente faz promessa, apela para a fé, para o sobrenatural, busca um milagre. É o caso do Bolsonaro. Primeiro, ele negou a gravidade da covid-19, falando que era “só uma gripezinha”. Depois ficou com raiva do médico, ou seja, de mim. Depois partiu para o milagre, que é acreditar na cloroquina. A quarta fase é a reflexão. A pessoa fica reflexiva. E só a quinta fase é produtiva, seja qual for o desfecho. As primeiras quatro não acrescentam nada para o processo de tratamento ou superação do impacto. E o Bolsonaro entrou na negação,

passou pela raiva, apostou no milagre e, imagino, vai entrar na reflexão. Se ele terá uma fase proativa, só o tempo vai dizer (Luiz Henrique Mandetta, trecho do livro *Um paciente chamado Brasil* – Os bastidores da luta contra o coronavírus, 2020, pp. 86-87).

Nos dois primeiros dias de junho de 2021, os depoimentos das médicas Nise Yamaguchi e Luana Araújo à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19 trouxeram exemplos de como, em contextos de “polarização de crenças” (Talissee, 2019), mesmo o conhecimento científico pode ser enquadrado de modo a conduzir a conclusões opostas. Enquanto Yamaguchi continuava afirmando, a partir de sua posição de autoridade médica, que tem evidências “robustas” de que o “tratamento precoce” seria eficaz contra o coronavírus, Araújo reiterou que não existe terapia precoce contra a Covid-19 e, didaticamente, esclareceu que “se eu pegar uma cultura viral e colocar no micro-ondas, os vírus vão morrer, mas não é por isso que vou pedir ao paciente para entrar no forno duas vezes por dia”.

Um indício de qual das diretrizes foi a escolhida pelo governo federal brasileiro é que Araújo foi retirada do governo antes mesmo da formalização de sua nomeação para a Secretaria Extraordinária de Enfrentamento à Covid-19⁵⁸, para a qual havia sido convidada em maio de 2021, ao passo que Yamaguchi afirmou ter atuado, ao longo da gestão bolsonarista da pandemia, como “conselheira técnica” e “colaboradora eventual” do Ministério da Saúde de Bolsonaro. Segundo outros depoimentos à mesma CPI, Yamaguchi teria participado, inclusive, de uma reunião na qual estava em pauta uma possível alteração na bula da hidroxicloroquina para incluir a recomendação de uso contra o coronavírus. A médica nega as acusações⁵⁹, mas seguiu defendendo tratamentos ineficazes contra a Covid-19. Luana Araújo, por sua vez, havia sido informada, 10 dias após o convite para a secretaria, de que seu nome “não havia sido aprovado” para compor o governo. Araújo reafirmou, na CPI, sua posição contrária ao “tratamento precoce” e favorável à testagem e vacinação em massa.

Assim como Yamaguchi, milhares de médicos pelo país seguiram prescrevendo o chamado “kit Covid” – composto pela hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina – sob o argumento da “autonomia médica” e respaldados pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). Além disso, esses profissionais contribuíram para fornecer a aparência de legitimidade

⁵⁸ “Infetologista Luana Araújo conta bastidores do governo Bolsonaro na pandemia”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M3KbkeWyAXY>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁵⁹ “Nise nega à CPI da Covid ter indicado alteração de bula da cloroquina”. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/01/nise-nega-a-cpi-da-covid-ter-indicado-alteracao-de-bula-da-cloroquina.htm>>. Acesso em: 02 set. 2024.

científica aos atos do presidente brasileiro, que defende o uso de tais medicamentos, a “imunidade de rebanho” e o “isolamento vertical” – na contramão da Organização Mundial da Saúde (OMS). O próprio Ministério da Saúde colocou no ar um site em que, após inserir sintomas aleatórios e dados básicos como idade e sexo, eram recomendados (inclusive para bebês) medicamentos do “kit Covid”, comprovadamente ineficazes contra a doença⁶⁰. Articulada com a campanha de comunicação “O Brasil não Pode Parar” e outras ações (levantadas por Ventura e colegas em 2021), essa medida é mais um indício da sistematização de ações institucionais que iam na contramão das evidências e orientações dos especialistas.

Esses grupos de profissionais, portanto, emprestavam sua expertise e legitimidade aos governos negacionistas. No Brasil, devemos citar o Conselho Federal de Medicina, que atuava em consonância com as estratégias de Bolsonaro e se apoiava no argumento da “autonomia médica” – inclusive para prescrever remédios comprovadamente ineficazes contra a Covid-19. Outro exemplo é o grupo Médicos pela Vida⁶¹, composto por milhares de profissionais de saúde espalhados pelo Brasil, que se articularam em torno da prescrição do chamado “tratamento precoce” e fundamentaram a insistência de Bolsonaro em apregoar a efetividade de medicamentos como a cloroquina.

Conforme mencionado, portanto, a atuação desses profissionais poderia contribuir de duas formas: primeiro para revestir de cientificidade as diretrizes anticiência de governos como o de Bolsonaro, de modo a embasar afirmações do presidente como a de que “se a hidroxicloroquina não tivesse sido politizada, muitas mais vidas poderiam ter sido salvas nestas 115 mil (mortes) que o Brasil chegou” (em evento de setembro de 2020). Em segundo lugar, decorrente do elemento anterior, serviriam ao intuito de evitar a atribuição de responsabilidade pelos resultados catastróficos ao presidente do momento. Afinal, se os tratamentos por ele sugeridos não haviam sido adotados tão amplamente quanto ele defendia, empregos haviam sido perdidos e a economia estava em situação crítica, a culpa seria de quem optou pelas medidas de isolamento e distanciamento e não pelo “tratamento precoce”, ou mesmo por “enfrentar a doença de peito aberto”.

Médicos nem sempre são cientistas (e vice-versa), mas esperar essa diferenciação por parte de pessoas leigas, sobretudo em um período histórico excepcional e catastrófico, parece-

⁶⁰ “Em simulação, TrateCov indica cloroquina para bebê com febre e congestão nasal”. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/em-simulacao-tratecov-indica-cloroquina-para-bebe-com-febre-e-congestao-nasal/>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁶¹ “O grupo de '10 mil' médicos pró-cloroquina que se aproximou de Bolsonaro com ‘evento histórico’”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53994532>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

nos uma expectativa ambiciosa. As entrevistas qualitativas realizadas para este trabalho, com pessoas com escolaridade mínima de nível superior, apresentam indícios dessa dificuldade.

1.6.2. As “vozes da ciência” no debate público e a opção governamental por ignorá-las

Além dos depoimentos anteriormente mencionados, a CPI ouviu alguns especialistas que, naquele momento, cumpriam um papel fundamental de orientação com base na ciência, buscando suprir minimamente a lacuna deixada pelo governo federal. Foi consultado na comissão o epidemiologista Pedro Hallal, que liderava estudos para investigar as proporções de contaminação pelo coronavírus no Brasil – e que, sem receber justificativas, teve o financiamento do governo federal descontinuado após a conclusão dos três meses de rastreio inicialmente contratados. Outra participante foi a médica e Diretora da Anistia Internacional, Jurema Werneck, que apresentou dados da pesquisa Mortes Evitáveis, realizada pelo Movimento Alerta. De acordo com as estimativas contidas no estudo, cerca de 120 mil óbitos poderiam ter sido evitados nas primeiras 52 semanas epidemiológicas do coronavírus no Brasil, se o governo tivesse adotado medidas como o distanciamento social e o fechamento de escolas e lojas⁶². Hallal e Werneck mencionaram que sofreram ataques racistas e sexistas e, no caso dele, ameaças de morte, em virtude de sua atuação na pandemia.

Natália Pasternak é uma microbiologista brasileira que, por suas inúmeras entrevistas ao longo da pandemia, se tornou bastante conhecida enquanto autoridade científica. Ela é presidente do Instituto Questão de Ciência, que advoga pelo uso de evidências científicas na tomada de decisões que gerem impacto social⁶³. Na CPI, ela falou sobre como são realizadas pesquisas científicas, sobre a relevância de estudos randomizados, controlados, duplo-cego e com grupo placebo para estabelecer relações de causa e efeito e explicou por que a hidroxicloroquina era comprovadamente ineficaz contra o coronavírus, em qualquer estágio da doença no organismo. Apesar de alguns resultados promissores *in vitro*, o medicamento falhou em modelos animais e humanos. Outra referência que depôs na pandemia foi Cláudio Maierovitch, médico sanitário e ex-presidente da Anvisa. Ele ressaltou a importância da vacinação em massa para controlar a pandemia e criticou a proposta de liberar o uso de máscaras

⁶² “Mortes evitáveis por Covid-19 no Brasil”. Disponível em: <<https://alerta.org.br/iniciativas-e-pesquisas/mortes-evitaveis-por-covid-19-no-brasil/>>. Acesso em: 02 set. 2024.

⁶³ “IQC – Quem somos”. Disponível em: <<https://iqc.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 02 set. 2024.

para vacinados. Além disso, o médico falou sobre a necessidade de pautar decisões de políticas públicas nas evidências científicas disponíveis.

Se, por um lado, conforme apontamos na seção anterior, houve profissionais de saúde que apoiavam as controversas medidas governamentais, tivemos, além dos depoentes à CPI, divulgadores científicos que buscaram disseminar informações embasadas nos estudos mais recentes e validados pela comunidade científica internacional. Entre eles, o doutor em virologia Átila Iamarino realizou transmissões ao vivo em seu canal no Youtube⁶⁴ desde o início da pandemia, nas quais apresentou a 1,65 milhão de seguidores as conclusões de estudos e projeções e conversas com especialistas de variadas áreas de abordagem da crise sanitária. Assim como inúmeros outros divulgadores de ciência, Iamarino cumpriu um papel que, no Brasil, as autoridades federais de saúde foram incapazes de exercer no governo Bolsonaro.

Durante os dois primeiros anos da pandemia, algumas das *lives* de Iamarino confrontaram diretamente as posições do governo federal. Em transmissão de 28 de abril de 2021, por exemplo, ele explicou por que o kit Covid não funciona e pode trazer reações adversas. Em 24 de março de 2021, o virologista convidou a professora da Universidade de São Paulo (USP) Deisy Ventura para apresentar as conclusões de seu estudo, segundo o qual a propagação do coronavírus no Brasil se deu, em grande medida, em virtude de uma estratégia *deliberada* do governo federal em busca da “imunidade de rebanho” – que, segundo especialistas como Iamarino, Luana Araújo e Natália Pasternak, é ineficaz e danosa, entre outros motivos, por levar a novas variantes do vírus (conforme já abordamos anteriormente).

Nos Estados Unidos, por outro lado, a opção de Trump por manter no governo alguns conselheiros reconhecidos e respeitados por sua trajetória de atuação científica pode ter significado que ainda havia autoridades epistêmicas cujas instruções os estadunidenses não trumpistas pudessem observar. Essa referência de autoridade científica inexistiu no interior do governo brasileiro naquele período. Portanto, enquanto nos Estados Unidos, durante o governo Trump, a disputa pelo significado de “embasamento científico” ocorreu no interior da Casa Branca, no Brasil a situação foi ainda pior, sobretudo após a saída de Luiz Henrique Mandetta e de Nelson Teich do Ministério da Saúde. A diretriz governamental em âmbito federal era, a partir de maio de 2020, unívoca. Restava torcer para que os brasileiros tivessem acesso (e confiassem neles enquanto atalhos cognitivos) a pesquisadores e divulgadores de ciência que

⁶⁴ “Átila Iamarino”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/AtilaIamarino>>. Acesso em: 02 set. 2024.

traduzissem os estudos e achados para uma linguagem acessível a públicos leigos, influenciando a adoção de comportamentos consonantes com a intenção de se protegerem.

1.7. Agnotologia e intencionalidade

A negação de acontecimentos históricos fartamente documentados ou de consensos científicos não ocorre no vácuo nem surge espontaneamente, mas se insere em contextos sociais e culturais em que se desenvolvem narrativas alternativas da realidade. Modos mais sofisticados de disseminação de mentiras – que, muitas vezes, atendem a interesses políticos e econômicos de grupos específicos – incluem a apropriação de procedimentos e formatos socialmente legitimados de construção do conhecimento, aproveitando-se da tendência a que, quando questionamentos a evidências científicas já estão disponíveis, os indivíduos demonstrem menor propensão a acatar prontamente tais evidências (Kraft *et al.*, 2015, p. 123). Dessa forma, a “indústria do negacionismo” tende a ser mais eficaz se trabalhar concomitantemente às investigações científicas.

Isso não quer dizer, no entanto, que consensos científicos não possam ser questionados; afinal, é exatamente assim que funciona a ciência. O problema é que os questionamentos podem não ser motivados pelo interesse nos avanços da ciência, mas (o que concerne diretamente a esta pesquisa) também por grupos que fazem da dúvida seu produto, visto que muito têm a lucrar com as incertezas (Oreskes e Conway, 2011, p. 34). Não se nega apenas a ciência, mas os acontecimentos factuais e, até mesmo, os históricos. A respeito dos “revisionistas” (ou negacionistas) de fatos históricos brutais, como o Holocausto, “sua perfídia é precisamente parecer o que não é, um esforço para escrever e pensar a história” (Vidal-Naquet, 1988, p. 171). Essa tentativa de emulação do saber acadêmico socialmente legítimo é feita por meio da imitação de práticas próprias do método histórico, “[...] de modo a produzir um discurso supostamente legítimo, mas que se revela apenas um saber aparente, ilusório, desprovido de fundamentação” (Cardoso, 2021, p. 106).

Tais práticas se fundamentam, além da propensão dos indivíduos a acreditar em versões condizentes com predisposições ou atenuantes de eventuais dissonâncias cognitivas (conforme será abordado na subseção sobre raciocínio motivado), em crenças errôneas sobre o método científico e o caráter refutável das verdades resultantes do ofício dos pesquisadores. O ceticismo inerente ao trabalho do cientista é, então, instrumentalizado e apresentado como prova de que

as verdades da ciência em determinado momento são falíveis. A intenção por trás dessa distorção é equiparar consensos científicos a opiniões ou “verdades” propagadas por figuras de autoridade, sejam elas políticos, influenciadores ou “especialistas”.

Ouvir “os dois lados” de uma questão faz sentido quando se debate política em um sistema bipartidário, mas há um problema quando este enquadramento é aplicado à ciência [...]. Pesquisas produzem evidências, que, por sua vez, pode solucionar a questão [...]. Após esse ponto, não há “lados”. Há, simplesmente, conhecimento científico aceito [...], há simplesmente o consenso da opinião de especialistas naquele tema específico. Isso é o conhecimento científico [...]. Qualquer evidência pode ser negada por partes suficientemente determinadas, e você nunca pode provar nada sobre o futuro; você apenas tem que esperar e ver [...]. Acreditamos que a ciência fornece certezas; então, se não encontramos certezas, pensamos que a ciência deve ser falha ou incompleta [...] (Oreskes e Conway, 2011, pp. 267-268, tradução minha).

Para além dos danos momentâneos e específicos da contestação de fatos históricos ou consensos científicos, a pandemia demonstra que os efeitos da incompreensão quanto ao método científico e ao papel do ceticismo, aliados a lideranças políticas negacionistas e a um quadro de crise epistêmica – a ser abordado em seguida –, podem ser irreversíveis e não se restringir às mortes e efeitos colaterais do vírus no corpo das pessoas. Passado o período da pandemia – cuja superação é dificultada pelo negacionismo e pela recusa a se vacinar, por exemplo –, sequer saberemos ao certo o número de mortos. E, com o transcorrer dos anos, é bastante provável que narrativas sobre esse período sombrio não sejam consensuais nem mesmo quanto às mortes que poderiam ter sido evitadas caso não houvesse a propagação de mentiras por lideranças políticas e outros *cue givers* vistos como autoridades, especialistas ou líderes de opinião (Lazarsfeld *et al.*, 1948). Assim como na escravidão, no Holocausto ou na ditadura brasileira, as vítimas da pandemia provavelmente terão seu sofrimento relativizado e o *status* de vítimas refutado pelo negacionismo.

Deve-se enfatizar que, para os propósitos deste trabalho, as diretrizes adotadas como norteadoras de uma noção de “realidade”, em relação à pandemia, são aquelas oriundas de órgãos técnicos dos países em análise – *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), nos Estados Unidos, e Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), no Brasil. Além disso, a despeito de sua atuação tanto política quanto técnica, em virtude do alcance das orientações (e até mesmo da descredibilização de seu trabalho por Donald Trump), serão consideradas como referenciais da realidade pandêmica as orientações disseminadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Por fim, como deve estar evidenciado neste ponto do

trabalho, pelas dezenas de citações de materiais jornalísticos e de divulgação científica, essas outras fontes, geralmente contidas em dois eixos (jornalismo e ciência) conformam o enquadramento da realidade pandêmica ora apresentado. Para trazer nuances a respeito desses termos (verdade, realidade e negacionismo) e seus opostos, de maneira sucinta, recorremos a Jacques Rancière:

Dir-se-á que não basta estar munido intelectualmente para negar tudo. Seria necessário ainda querê-lo. Isto é muito justo. Mas temos que ver em que consiste essa vontade, ou melhor, esse afeto que leva a acreditar ou a não acreditar. É pouco provável que os setenta e cinco milhões de eleitores que votaram em Trump sejam todos cérebros deficientes, convencidos por seus discursos e pelas informações falsas que lhes foram veiculadas. Se eles acreditaram, não é no sentido de que tomaram o que ele disse como verdade, mas no sentido de que ficam satisfeitos em ouvir o que ouviram [...]. E aqueles que disseminam *fake news* não são ingênuos a ponto de imaginarem que elas sejam verdadeiras, e tampouco cínicos que sabem que são falsas. São simplesmente pessoas que querem que seja assim, desejosos de ver, pensar, sentir e viver na comunidade sensível que essas palavras tecem⁶⁵.

É em diálogo com esses desejos dos indivíduos de pertencer a um grupo de sentidos partilhados e de receber versões da realidade que lhes sejam mais apazíveis, menos brutais – ou mesmo que demandem menos de seus esforços ou atribuam a eles menos responsabilidades – que a agnotologia adquire espaço. Embora não seja o foco desta tese, elementos já descritos configuram indícios de que o comportamento adotado por Bolsonaro na condução da pandemia tem o caráter de intencionalidade que configura a ação de agentes agnotológicos. Por isso, tecemos a seguir algumas definições, contexto histórico e apontamentos.

Reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* de 28 de julho de 2023 revela que mais de mil relatórios sobre a pandemia de Covid-19 foram produzidos pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e pelo Gabinete de Segurança Institucional (GSI) do governo federal brasileiro⁶⁶. Esses relatórios, datados de março de 2020 a julho de 2021, apontavam a vacinação e o distanciamento social como formas eficazes de contenção da pandemia, além de apresentarem estudos que concluíam pela ineficácia da hidroxicloroquina no tratamento do coronavírus e alertavam para o risco do surgimento de variantes em caso de espalhamento descontrolado do vírus. A despeito das evidências produzidas durante sua própria gestão, o

⁶⁵ Texto “Tolos e sábios – reflexões sobre o fim da presidência de Trump”, disponível em: <<https://medium.com/@revistabeira?p=8able44411b4>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

⁶⁶ “Planalto sob Bolsonaro escondeu projeções de casos e mortes na pandemia”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/07/planalto-sob-bolsonaro-escondeu-projecoes-de-casos-e-mortes-na-pandemia.shtml>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

então presidente Jair Bolsonaro minimizou a gravidade da pandemia, estimulou aglomerações, questionou o quantitativo de mortos, colocou em dúvida a eficácia das vacinas, demitiu ministros alinhados às evidências científicas e guiou suas ações pelo “gabinete paralelo” em busca da “imunidade de rebanho por contágio”, segundo conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia⁶⁷ e outras fontes mencionadas ao longo deste trabalho.

Depoimentos coletados na CPI, normas editadas no período e a descoberta dos relatórios internos ao governo que foram ignorados pelo presidente Bolsonaro (e ocultados durante seu mandato, tendo sido liberados apenas em 2023) são fortes indícios de que a minimização dos riscos da pandemia foi uma estratégia intencional. E a intencionalidade é elemento central da definição de “agnotologia”, termo criado na década de 1990 por Robert Proctor em referência à disseminação deliberada de dúvidas, incertezas e ignorância (Proctor e Schiebinger, 2008). Os primeiros estudos da área tiveram como foco a indústria do tabaco, que, desde a década de 1960, financiou pesquisas que colocassem em xeque os achados que apontavam para os riscos do cigarro à saúde. Para atestar que se tratava de uma estratégia proposital, foram analisados documentos nos quais as equipes de publicidade da indústria tabagista tratavam a dúvida como seu produto. Mais recentemente, a mesma tática passou a ser adotada com outro alvo: o consenso científico sobre o aquecimento global.

Quando se fala em “ignorância”, a primeira ideia que vem à mente é de um estado de desconhecimento que seria facilmente sanado com a aquisição de informações. Mas nem toda ignorância deve ser “remediada”. E, como trataremos neste trabalho, o acúmulo de informações distorcidas ou enviesadas pode contribuir apenas para a sensação de mais saber, para a proliferação de uma ignorância mais convicta ou arrogante. Proctor e Schiebinger (2008) falam em três tipos de ignorância: o primeiro é o ponto de partida para a curiosidade, as indagações, a criação de hipóteses sobre o funcionamento do mundo. Este tipo é, então, “[...] necessário para manter as rodas da ciência girando” (Proctor e Schiebinger, 2008, p. 12, versão *kindle*). O segundo tipo corresponde à inevitável necessidade de foco e escolha: por ser inviável conhecer tudo, aprender sobre todas as coisas, é preciso voltar a atenção para determinadas áreas, deixando uma infinidade de outras de fora do nosso arcabouço de conhecimento. Já o terceiro tipo de ignorância é o estratégico, resultante da criação e manutenção de formas de combater o

⁶⁷ “Relatórios da CPI da Pandemia”. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2441/mna/relatorios>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

avanço do conhecimento por meio do estímulo à dúvida, às incertezas (para além do ceticismo saudável) e à desconfiança quanto aos consensos de determinado momento histórico.

A agnotologia abarca, especificamente, o terceiro tipo de ignorância – isto é, aquela produzida deliberadamente, com objetivos geralmente econômicos e/ou políticos. Se o negacionismo equivale ao “não querer saber” reforçado coletivamente, a agnotologia é a oferta de alternativas para estimular que se olhe para o outro lado. É a construção de uma versão mais palatável da realidade, o provimento de enquadramentos que tendem a ser acolhidos pelos negacionistas⁶⁸. Nessa perspectiva, “a intenção é importante, especialmente no que diz respeito à distinção entre diferentes graus de honestidade e desonestidade (e autoengano)” (Galison e Proctor, 2020, p. 40).

Quando falava sobre o “tratamento precoce”, Bolsonaro costumava deixar a dúvida no ar: “não temos comprovação científica; pode ser que funcione, pode ser que não”. Conforme noticiários e pesquisadores rebatiam a promoção de medicamentos sabidamente ineficazes, ele deixou de mencionar os nomes dos medicamentos, até mesmo para evitar que suas *lives* fossem derrubadas por desinformação (como, de fato, aconteceu em algumas ocasiões). Similarmente, Trump resolveu que uma coletiva de imprensa era o melhor momento para oferecer ao mundo um *brainstorm* sobre a possibilidade (jamais comprovada) de injeção de desinfetantes, calor e luz para o tratamento da Covid – mas, claro, acompanhado pela fala “eu não sou um médico, apenas tenho ideias”.

Conforme citado, o papel dos especialistas nesse jogo de confusão e controvérsias é essencial para alimentar o discurso de que “não existe consenso científico” a respeito daquilo sobre o que se pretende manter a dúvida. Igualmente relevante é a atuação dos jornalistas e veículos de comunicação, para não permitirem que a busca por imparcialidade e objetividade os leve a darem espaço a agentes agnotológicos. O dificultador é que, em cada um desses campos sociais, há interesses em disputa. No entanto, muitas vezes nos esquecemos de que, para perseguir uma carreira científica, por exemplo, não se exige atestado de boa-fé⁶⁹.

⁶⁸ No próximo capítulo, serão discutidos termos como negação e negacionismo. É preciso assinalar que a origem da expressão “negacionismo” está relacionada aos movimentos deliberados de contestação da ocorrência do Holocausto – e, portanto, o negacionismo, em sua criação, corresponde ao que, nesta tese, tratamos como agnotologia.

⁶⁹ A respeito de fraudes contra a ciência, o podcast Ciência Suja (disponível em <<https://www.cienciasuja.com.br/>>) traz investigações jornalísticas de fôlego, além de parcerias com comunicadores de ciência. Da eugenia à falta de ética em estudos com populações historicamente marginalizadas, passando pelos problemas no funcionamento do atual modo de validação e disponibilização do conhecimento científico, os episódios aportam contribuições significativas e correlatas às discussões contidas nesta tese.

Quanto menos dados disponíveis sobre a realidade que se pretende questionar ou minimizar, mais bem-sucedida tende a ser estratégia dos agentes agnotológicos. Além de ignorar os relatórios e as projeções de cenários neles contidas caso o governo federal brasileiro não lidasse adequadamente com a crise ocasionada pela Covid-19, a gestão de Jair Bolsonaro foi responsável pelo apagão de dados sobre a pandemia⁷⁰ e sobre a realidade brasileira⁷¹ no período. Diante das ações e omissões do governo federal, iniciativas como o consórcio de veículos de comunicação⁷² e o acionamento do Supremo Tribunal Federal para garantir a atuação de estados e municípios e a realização do Censo Demográfico foram fundamentais para evitar um cenário ainda mais desnorteante.

De qualquer maneira, algumas ações provocaram impactos que jamais serão conhecidos com exatidão (e essa incerteza é um dos componentes da agnotologia, como mencionado). Quantas pessoas foram infectadas e quantas morreram em decorrência do coronavírus? Quantas dessas mortes poderiam ter sido evitadas, se as ações dos governos federais se orientassem por preceitos científicos elementares, se tivessem sido feitas campanhas publicitárias que estimulassem a cautela e o autocuidado (no caso brasileiro, em lugar do mote “O Brasil não pode parar”) e se as vacinas tivessem sido compradas quando nos foram ofertadas? Quais os prejuízos – tanto do ponto de vista das mortes por Covid-19 daqueles que se julgavam protegidos quanto de eventuais efeitos colaterais futuros – à saúde dos brasileiros e estadunidenses do uso indiscriminado do chamado “kit Covid”?

Alguns cálculos, como os de Pedro Hallal (2021; 2022), apontam para uma taxa de mortalidade por Covid-19 3,9 vezes maior no Brasil do que na média mundial. O epidemiologista, que recebeu inúmeras ameaças de morte em virtude de seu papel durante a pandemia, ressaltou que, até junho de 2021, cerca de 400 mil vidas de brasileiros (das 513 mil perdidas até aquele momento) poderiam ter sido salvas se tivéssemos adotado medidas já conhecidas para evitar o descontrole das transmissões. Na mesma linha, Átila Iamarino foi atacado após uma live na qual apresentava projeções de cenários epidemiológicos feitos pelo

⁷⁰ “Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a Covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes”. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

⁷¹ “Governo do Maranhão vai ao STF contra cancelamento do Censo de 2021”. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poder-governo/governo/governo-do-maranhao-vai-ao-stf-contracancelamento-do-censo-de-2021/>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

⁷² “Criado para divulgar dados sobre Covid, consórcio de veículos de imprensa chega ao fim”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

Imperial College, de Londres. O cenário mais grave projetado apontava que o número de mortes no Brasil poderia ultrapassar um milhão de mortes por Covid-19 caso nenhuma medida fosse adotada; mas, obviamente, algumas ações ocorreram (sobretudo por ações de municípios e estados) e o quantitativo de mortos chegou a 713 mil. De qualquer forma, a “cobrança” ao virologista pela concretização do cenário catastrófico aponta para dois aspectos: a tentativa de desacreditizar estudos científicos recorrendo a evidências indisponíveis no momento de sua realização e a dificuldade de lidar com realidades difíceis e que dependiam de ações coordenadas para se amenizarem.

De acordo com o historiador Peter Burke (2023), não saber algo é desconhecimento; não querer saber é a negação; e não querer que os outros saibam é a agnotologia. Trata-se, pois, da instrumentalização da credulidade e do ceticismo alheios. Como fica claro pelos estudos da agnotologia, a caracterização da intencionalidade dos atores envolvidos depende da disponibilização de documentos de bastidores, de modo a embasar essas pesquisas e diferenciá-las de mera especulação ou teoria da conspiração. Na gestão da pandemia de Covid-19 no Brasil, apesar de ainda não haver condenações do presidente da República nem de outros membros do governo federal, são fartos os materiais (reportagens, depoimentos, relatórios, conclusões de estudos, vídeos dos envolvidos, campanhas de comunicação do governo à época) que corroboram os achados de Ventura e colegas (2021) quanto ao caráter intencional da disseminação do coronavírus no país. É por esse motivo que esta tese apresenta parte da compreensão de que negacionismo e agnotologia são fenômenos complementares, mas distintos; esta já foi apresentada, ao passo que o negacionismo será detalhado no próximo capítulo.

Em seguida a este capítulo que trouxe um panorama da pandemia – e que contemplou, ainda, o papel dos presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump e alguns aportes teóricos sobre agnotologia, metacontingências e elites políticas enquanto fornecedoras de pistas para a interpretação da realidade –, o segundo capítulo trata de outros conceitos e discussões teóricas relevantes para a tese. Alguns deles já foram mencionados no capítulo 1, mas serão abordados, no próximo, de maneira mais minuciosa e articulada.

2. ATITUDES POLÍTICAS, RACIOCÍNIO MOTIVADO, NEGAÇÕES E NEGACIONISMOS

Neste capítulo, serão apresentados alguns conceitos relevantes para a tese, bem como revisão da literatura que evidencie as relações entre eles que nortearão a presente pesquisa e as análises dos capítulos empíricos. Falaremos sobre atitudes, crenças e comportamentos políticos, sua formação e resistência a mudanças – por meio das teorias da dissonância cognitiva e do raciocínio motivado. Em seguida, como um desdobramento extremo do raciocínio motivado (e seu papel amenizador das dissonâncias cognitivas), serão trazidas as definições de negação e da tipologia a ser aplicada na análise das entrevistas em profundidade. Enquanto fenômeno social que enquadraremos como um “entrelaçamento de negações”, a seção seguinte abordará o negacionismo em perspectiva histórica, além de suas formas de manifestação durante a pandemia de Covid-19. Considerando o negacionismo como resultante do encontro entre demandas psicológicas por fontes de amenização das dissonâncias cognitivas e ofertas de distorções, mentiras e desnorteio por parte de atores políticos, foi discutido anteriormente o conceito de agnotologia, bem como apresentados indícios de sua ocorrência durante a pandemia no Brasil. O presente capítulo, portanto, se concentra nos componentes atitudinais dos indivíduos que representam o lado da demanda contemplada pelas estratégias e pistas agnotológicas.

2.1. Atitudes políticas – componentes, formação e fortalecimento

Ao longo da vida, somos confrontados com situações que nos levam a formar opiniões e fazer avaliações de objetos variados (pessoas, lugares, acontecimentos, temas em pauta no debate público). Antes desse contato com os objetos das atitudes, é provável que não tenhamos pensado avaliativamente sobre eles e, muitas vezes, sequer saibamos de sua existência. É nesse contexto que Oskamp e Schultz (2005) observam que o desenvolvimento de uma predisposição favorável ou desfavorável a um determinado objeto tende a ser motivado pela expectativa de interação futura com este objeto (ou com outros indivíduos a respeito de tal objeto). Em outras palavras, a formação de atitudes pode ocorrer quando os indivíduos são instados a expressá-las.

É mais simples compreender a definição de atitudes a partir de um dos principais exemplos da área de comportamento político: o partidarismo. Trata-se de um vínculo afetivo,

que tende a orientar e, ao mesmo tempo, se fortalecer a partir do comportamento manifesto (o voto) e do componente cognitivo (interação com o ambiente informacional, aquisição e integração de novas informações ao modelo mental prévio). Pode-se dizer, portanto, que atitudes são atalhos organizadores e simplificadores do mundo e da forma como nos relacionamos com seus objetos. “Uma vez que são avaliações ‘precomputadas’, atitudes nos permitem navegar um mundo desconcertantemente complexo sem termos que parar e descobrir do início, toda vez, se deveríamos conhecer aquela nova pessoa um pouco melhor, votar por um certo político ou comprar uma certa comida” (Olson e Kendrick, 2008, p. 111).

Além da abordagem tripartite de seu conteúdo, que integra os componentes afetivo, cognitivo e comportamental, as atitudes podem ser pensadas a partir de seus processos de formação: implícito e explícito. O processo implícito de constituição das atitudes está relacionado às emoções e sentimentos, enquanto o explícito associa-se à cognição – embora essa distinção não seja definitiva e seja de difícil mensuração. Afinal, algumas atitudes implícitas podem não passar pelos filtros sociais e serem alvos de negação por parte do indivíduo. De fato, “[...] a explicação que fornecemos para uma determinada atitude pode ser mais uma justificação posterior para uma atitude que já existe e menos uma articulação das bases das atitudes” (Olson e Kendrick, 2008, p. 120).

Isso nos ajuda a compreender que, embora as atitudes sejam frutos de processos cognitivos e afetivos individuais, sua formação e manifestação comportamental sofrem influências dos grupos sociais de pertencimento dos indivíduos – tanto do ponto de vista normativo (o que se considera um comportamento “correto” ou aceitável num grupo, e que os indivíduos internalizam entre suas atitudes, de modo a validar seu pertencimento àquele grupamento) quanto cultural e contextual (no sentido de que o “cardápio” de comportamentos conhecidos num grupo social em determinado momento histórico é, por si só, um limitador das possibilidades conhecidas pelos indivíduos da sociedade daquele tempo) (Smith e Hogg, 2008).

Quanto mais forte uma atitude, maior a tendência a que ela se converta em comportamento, desde que em escalas compatíveis (atitudes globais – por exemplo, em relação ao aquecimento global – podem não ser boas preditoras de comportamentos específicos, como deixar de usar o carro para não queimar combustíveis fósseis). Mas como definir a força das atitudes? Krosnick e Petty (1995) apontam dois indicadores: durabilidade (que envolve estabilidade e resistência a ataques) e impacto (que inclui influência no processamento de informações e nos julgamentos e capacidade de guiar comportamentos).

Inúmeros fatores influenciam o processo de formação das atitudes, sendo o primeiro deles a experiência pessoal direta. Aspectos genéticos e fisiológicos podem atuar como mediadores entre experiências e formação de atitudes, ou seja, os indivíduos podem carregar uma predisposição a reagir de determinadas formas diante de certas experiências, mas as experiências continuam sendo o elemento primordial nesse processo. Além disso, as atitudes formadas a partir das experiências pessoais diretas tendem a influenciar os comportamentos de maneira mais incisiva e a ser mais resistentes a influências contrárias. Há duas formas pelas quais as atitudes se formam em decorrência das experiências pessoais: uma delas é pela exposição repetitiva a um objeto da atitude e a outra é por meio dos incidentes salientes ou eventos traumáticos.

Para além da experiência pessoal direta, a influência dos pais é um fator de destaque na formação das atitudes desde a primeira infância – seja de modo explícito (por meio dos ensinamentos) ou implícito (através dos exemplos). Todavia, com o passar dos anos, a tendência é de redução na correspondência entre atitudes de pais e filhos, exceto na identificação partidária (apesar de até mesmo a “transmissão” entre pais e filhos desta atitude estruturante das preferências políticas ter se amenizado ao longo das décadas). Afinal, ocorre o contato dos filhos com outros grupos de referência, que podem exercer pressões cruzadas (Lazarsfeld *et. al.*, 1948) e, assim, atenuar a intensidade das atitudes anteriormente formadas ou até mesmo modificá-las. Por outro lado, em caso de influências num mesmo sentido, as atitudes tendem a se reforçar, tornando-se mais fortes e estáveis.

O ambiente escolar é um dos que tendem a exercer pressão na formação das atitudes, a começar pela diversificação dos *inputs* recebidos pelas crianças que, antes, tinham contato restrito ao grupo familiar e círculo próximo de amigos. A escola tem o papel de ensinar valores cívicos, obediência, respeito a autoridades, patriotismo e idealização de símbolos nacionais e figuras políticas (Oskamp e Schultz, 2005, p.171-172). Porém, estudos apresentados por estes autores evidenciam que, com a idade, a tendência é de aumento do cinismo e da insatisfação com governos e com a política; por outro lado, tende a se reduzir a idealização de símbolos e lideranças nacionais conformada na escola.

Outra fonte de pressão na formação das atitudes são os grupos de colegas, que podem “[...] introduzir e reforçar novos pontos de vista, atitudes e padrões de comportamento” (*Ibid.*, p.173). Esse movimento de diversificação de referências e possível modificação atitudinal seria um dos fatores responsáveis pelos *gaps* geracionais que são abordados, por exemplo, em

Inglehart e Welzel (2005) e Norris e Inglehart (2019) ao tratarem da ascensão de valores pós-materialistas entre os mais jovens e da reação cultural conservadora entre os mais idosos, respectivamente – isso considerando-se que as atitudes de pais e de colegas estejam em sentidos opostos.

Pressões por conformidade, como as exercidas por eventos históricos, socioeconômicos e culturais de grande porte (guerras, crises econômicas, entre outros), também influenciam a formação de atitudes, sobretudo por colocarem em evidência fatos salientes e condutas socialmente aceitáveis – fatos estes que, conforme veremos, são potenciais geradores de dissonâncias cognitivas (tema sobre o qual trataremos a seguir). Da mesma forma, destacam-se, como influências na constituição das atitudes, os grupos de referência, cuja influência pode ser não intencional – o que não significa que não tenham potencial de se sobrepor a atitudes prévias e de perdurar no tempo. Oskamp e Schultz (2005, p.174) mencionam um estudo realizado ao longo de 50 anos que demonstrou que estudantes oriundos de famílias conservadoras, ao conviver com alunos mais velhos com atitudes liberais, desenvolveram atitudes também liberais e que se demonstraram resistentes e duradouras.

Como se pode notar pelo processo de formação e consolidação de atitudes, não somos tábulas rasas; há um complexo ambiente familiar, social, político, econômico, cultural, histórico e informacional com o qual interagimos e cujos resultados são a formação, fortalecimento ou eventual mudança atitudinal. A articulação de tantos elementos não é trivial. Neste contexto, a educação formal é apontada por inúmeros autores como um dos requisitos para que, no nível individual, sistemas de crenças se estruturam a partir de níveis mais elevados de abstração e consistência (Converse, 1964) e, no nível social, regimes democráticos sejam dotados de mais estabilidade, tolerância e legitimidade (Lipset, 1959). Converse (1964[2006], p. 3) define sistema de crenças da seguinte forma:

[...] uma configuração de ideias e atitudes na qual os elementos são vinculados por alguma forma de *condicionamento ou interdependência funcional*. No caso estável, ‘condicionamento’ pode ser entendido como o sucesso que teríamos em predizer, dado o conhecimento inicial de que um indivíduo mantém uma atitude específica, que ele mantém outras certas ideias e atitudes. Dependemos de tais noções de condicionamento para julgar, por exemplo, que, se uma pessoa se opõe à expansão da Seguridade Social, ela é provavelmente uma conservadora e provavelmente se opõe também a qualquer nacionalização de indústrias privadas, auxílio federal à educação, tributação de rendimentos agudamente progressiva e assim por diante (Converse, 1964: 2006, p. 3, tradução minha).

Porém, a educação formal não é o único elemento relacionado à compreensão da política. O interesse pelos assuntos relacionados à área também tem um papel importante na aquisição de informações e na incorporação coerente de novos elementos-ideias aos sistemas de crenças, incrementando seu alcance e a complexidade de seu funcionamento. Juntos, escolaridade e interesse por política deveriam fazer com que um indivíduo fosse capaz tanto de associar partidos, atores políticos, ideias e posições relativas a *issues* a ideologias quanto de localizar a si mesmo no espectro ideológico liberal-conservador. Quanto mais abstrato, estruturado e consistente seu sistema de crenças, maior é o grau de sofisticação de um indivíduo (Batista Pereira, 2013; Fuks *et al.*, 2017).

Ocorre que, à época dos estudos seminais da Escola de Michigan, a maior parte dos cidadãos não tinha interesse por política e não dispunha de escolaridade suficiente para apresentar níveis abstratos de conceitualização da política e, assim, fazer parte do seleto grupo dos ideólogos (Campbell *et al.*, 1960; Converse, 1964). O abismo entre, de um lado, as elites políticas e os sofisticados e, de outro, massas de cidadãos menos ou não sofisticados seria aprofundado pelo fato de que, enquanto os primeiros buscam informações, fortalecendo sua compreensão da política e as atitudes dela decorrentes, os demais estão sujeitos a influências contextuais e de líderes de opinião.

Um atalho apontado nestes estudos para que os menos sofisticados (mas não apenas eles) acessassem o intrincado mundo da política é a identificação partidária, definida como a orientação afetiva em direção a um partido. Esta atitude política geralmente seria construída durante a fase de socialização familiar e fortalecida a partir das sucessivas experiências eleitorais – quem era partidário tinha mais envolvimento com a política e, portanto, mais estímulos a votar (em países onde o voto não é obrigatório) e a procurar informações que reforçassem e estruturassem suas preferências. Isso demonstra que a aquisição de informações com o intuito de defender preferências prévias tenderia a se dar de maneira enviesada por princípio. “Identificação com um partido promove um ‘*perceptual screen*’ através do qual o indivíduo tende a ver o que é favorável à sua orientação partidária. Quanto mais forte o vínculo com o partido, mais exagerado será o processo de seleção e distorção da percepção” (Campbell *et al.*, 1960, p. 133, tradução nossa).

Os cidadãos livres deste viés de confirmação ocasionado pelos filtros partidários seriam os independentes – parcela menos interessada por política e que, portanto, pouco provavelmente se daria ao trabalho de buscar informações. Tinha-se, então, à época das pesquisas ora

mencionadas, um cenário no qual quem se informava tendia a fazê-lo de modo enviesado, e quem estaria numa posição menos enviesada e, portanto, mais favorável a receber informações de maneira isenta (ao menos em princípio) não tinha motivação para fazê-lo.

Esta seção tratou das atitudes políticas, suas principais fontes e influências para sua consolidação. A parte seguinte abordará situações nas quais a estabilidade das atitudes pode ser ameaçada, assim como as possibilidades de resistir às pressões pela mudança atitudinal – sendo o raciocínio motivado e, no limite, o negacionismo possíveis ferramentas para fazer sentido do mundo, amenizar inconsistências no sistema de crenças e buscar uma situação de “homeostase” ou conforto psicológico.

2.2. Dissonância cognitiva e raciocínio motivado

A racionalização pode reduzir a dissonância em alguma medida. Para a racionalização ser inteiramente efetiva, *é necessário o apoio de outros*, para fazer a explicação ou revisão parecer correta. Felizmente, o crente desapontado normalmente pode se voltar aos outros no mesmo movimento, *que têm a mesma dissonância e a mesma pressão para reduzi-la*. O apoio à nova explicação está, então, próximo, e os membros do movimento podem se recuperar, em alguma medida, do choque da desconfirmação. Mas, *seja qual for a explicação elaborada, ela ainda não é, por si só, suficiente*. A dissonância é tão importante e, embora eles tentem esconder isso até mesmo deles próprios, *os crentes ainda sabem que a previsão era falsa [...]*. A dissonância não pode ser completamente eliminada negando ou racionalizando a desconfirmação (Festinger, Leon; Riecken, Henry; Schachter, Stanley. *When prophecy fails*, 2009 [1956], p. 28, grifos meus).

Em setembro de 1954, o psicólogo estadunidense Leon Festinger e seus colegas Henry Riecken e Stanley Schachter viram, num jornal local de uma cidade em Chicago, uma nota que chamou sua atenção. O pequeno texto tratava de uma profecia segundo a qual, em 21 de dezembro daquele mesmo ano, partes dos Estados Unidos e de outros locais do mundo seriam inundadas. O aviso da inundação teria sido transmitido a uma senhora, na casa dos 50 anos, identificada como Marian Keech⁷³ na obra *When prophecy fails* (1956)⁷⁴, escrita pelos três

⁷³ Pseudônimo atribuído pelos pesquisadores a Dorothy Martin.

⁷⁴ No fim de 2025, o professor de Filosofia da Princeton University Thomas Kelly publicou um artigo no qual, a partir da análise de fontes documentais anteriormente não disponíveis para o público, argumenta que os autores do estudo seminal (Festinger, Riecken e Schachter) cometeram imprecisões nos relatos sobre a pesquisa e, mais grave, teriam cometido fraudes. Um dos pontos de fraude seria a afirmação, contida no estudo, de que as pessoas mais engajadas na profecia se mantiveram investidas naquela crença mesmo após sua desconfirmação; de acordo com o levantamento documental de Kelly, porém, aconteceu o oposto. Como a teoria da dissonância cognitiva se tornou referência para toda uma área de conhecimento ao longo das últimas décadas, não serão retiradas deste trabalho as menções aos livros de Festinger e colegas, tampouco serão alteradas as análises empreendidas a partir do referido

autores anteriormente citados. No livro, eles relatam o estudo por eles realizado a partir da observação participante das interações ocorridas no grupo de seguidores da sra. Keech. A ideia foi acompanhar em primeira mão, a partir de outubro de 1954, como se dariam os preparativos, por parte daqueles que acreditavam na profecia, para serem salvos. Segundo a sra. Keech, seres de um planeta chamado Clarion, que a haviam avisado da catástrofe que se aproximava, salvariam aqueles que estivessem a ela reunidos no quintal de sua casa, na data do grande acontecimento. Não é necessário afirmar que nem a inundação nem o resgate extraterrestre ocorreram. A pesquisa dos psicólogos se concentrava, porém, na construção da confiança na profecia e, a partir de 21 de dezembro, nas reações à desconfirmação daquela crença na qual os membros do grupo da sra. Keech tanto haviam investido – sacrificando, inclusive, relações familiares.

Quais os caminhos possíveis diante da frustração de ver uma crença ser incontestavelmente contrariada pela realidade observável? Esse questionamento nos leva à definição de dissonância cognitiva, apresentada no referido livro e aprofundada em uma obra lançada no ano seguinte, 1957, por Leon Festinger. A dissonância ocorre quando dois ou mais elementos cognitivos (opiniões, crenças, percepções sobre si mesmo e sobre o ambiente em que se vive) de um indivíduo apresentam uma relação de inconsistência – isto é, não decorrem um do outro ou são logicamente incompatíveis (Festinger *et al.*, 2009 [1956], p. 25). Ocorre que essa inconsistência provoca um desconforto psicológico (Festinger, 1962 [1957], p. 2) e, por conseguinte, a pressão por sua redução, cuja dimensão tende a ser diretamente proporcional à relevância dos elementos cognitivos envolvidos na relação dissonante. Quanto mais centrais forem esses elementos no sistema de crenças (Converse, 1964) do indivíduo, maior a dissonância, mais intenso o desconforto decorrente e maior a pressão por buscar reduzir ou eliminar a inconsistência.

Diante do desconforto gerado por essa incongruência entre comportamento e informação, o indivíduo tende a procurar formas de justificar, seja para os outros ou para ele próprio, de modo aparentemente racional e em diálogo com a incontornável realidade, a manutenção de seus hábitos e crenças. Quanto maior a magnitude da dissonância – isto é,

conceito. A este respeito, deve-se destacar que, se os autores da obra seminal cometeram as fraudes apontadas por Kelly (2025), a presente tese não padece desse problema. De fato, nas entrevistas para esta pesquisa, foram detectadas tanto a ocorrência de dissonâncias (apontadas pelos próprios respondentes das entrevistas em profundidade) quanto as tentativas de amenizá-las, por meio do raciocínio motivado e da negação. O artigo “Debunking ‘When prophecy fails’” está disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jhbs.70043>>. Acesso em 29 abr. 2026.

quanto mais relevantes forem os elementos dissonantes –, maior será o desconforto e, por conseguinte, a pressão para buscar amenizar a dissonância. Um caminho para reduzi-la é a adição de novos elementos cognitivos; para isso, “[...] potencialmente espera-se que uma pessoa procure ativamente novas informações que reduzam a dissonância total e, ao mesmo tempo, evite novas informações que possam aumentar a dissonância existente” (Festinger, 1957, p. 22).

Relevante para este trabalho é, também, o papel dos grupos sociais tanto na criação quanto na redução de dissonâncias cognitivas. Se, por um lado, os membros de nossos grupos podem ser fontes de informações geradoras de dissonâncias, por outro, a obtenção de concordância ou de validação na seleção dos elementos cognitivos a manter (os consonantes) e aqueles a serem descartados (os dissonantes) pode vir exatamente de tais grupos (Festinger, 1957, p. 177). Esse jogo de busca por minimização do desconforto trazido pela dissonância se estende, inclusive, à relação entre os membros do grupo: em um grupo social no qual haja um membro persistentemente discordante, ele tende a ser rejeitado, sobretudo se a discordância por ele verbalizada gerar uma dissonância de grande magnitude (Festinger, 1957, p. 186).

Algumas conclusões foram alcançadas por Festinger e seus colegas a partir da análise do (não) acontecimento que gerou o estudo seminal sobre dissonância cognitiva. A primeira é que, passado o choque inicial diante da desconfirmação do acontecimento previsto, as pessoas que investiram suas crenças e expectativas tendem a ansiar por respostas – mas a acolhida pode variar. Quando a profecia não se cumpriu na data informada, a sra. Keech informou ter recebido uma nova mensagem dos seres do planeta Clarion: o grupo reunido em sua casa havia emanado tanta energia que Deus teria salvado o planeta Terra da destruição (Festinger *et al.*, 2009 [1956], p. 169). No fim das contas, os autores concluíram que, dos 11 membros que vivenciaram a desconfirmação, somente dois (que eram apenas levemente comprometidos com a crença anteriormente à data da profecia) deixaram de acreditar na sra. Keech. Os autores apontam o contraste entre as reações daqueles que passaram pela desconfirmação em outros locais (não reunidos presencialmente com o grupo, na casa da sra. Keech) e daqueles que estavam juntos e sob alcance imediato da interpretação fornecida após a desconfirmação.

Essa distinção entre os comportamentos dos diferentes indivíduos nos leva a pensar no que, para Festinger (1962 [1957]), seria o principal e mais incontornável desafio à busca pela eliminação de dissonâncias: a realidade. Segundo o autor, buscamos a congruência entre os elementos cognitivos que compõem nossas crenças, opiniões e comportamentos. Diante de uma dissonância entre um dado da realidade e um comportamento, por exemplo, a pressão pela

responsividade à realidade tende a ser maior. Entretanto, “quando a realidade é basicamente social, isto é, quando é estabelecida pelo acordo com outras pessoas, a resistência a mudar seria determinada pela dificuldade de encontrar pessoas para apoiar a nova cognição” (Festinger, 1962 [1957], p. 27). No limite, isso nos leva a concluir que, se negações da realidade presentes em diferentes indivíduos se encontrarem, está aberto o caminho para o negacionismo, definido por Bardon (2020, p. 10) como a “[...] construção (geralmente coletiva) de uma visão de mundo que tanto deriva quanto apoia a negação de alguma verdade inconveniente”. Portanto, as possibilidades de amenizar ou eliminar dissonâncias tendem a aumentar conforme o indivíduo tenha acesso a reforços dos seus vieses por parte de fontes externas.

2.2.1. Raciocínio motivado enquanto estratégia para redução de dissonâncias cognitivas

Para tratarmos de raciocínio motivado (*motivated reasoning*), fez-se necessário darmos um passo atrás e retomarmos o conceito de dissonância cognitiva: relações inadequadas ou inconsistentes entre elementos cognitivos, sendo estes fragmentos de conhecimento responsivos à realidade, como mapas ou espelhos (Festinger, 1957, p. 10).

De fato, o que se rejeita não são os indivíduos, mas as informações indesejadas e desconfortáveis por eles trazidas. Essa é a lógica de operação do raciocínio motivado (*motivated reasoning*): para alcançar uma determinada conclusão, fruto de suas crenças e preferências prévias, os *motivated reasoners* (ou “raciocinadores motivados”, numa tradução livre) acionam informações e argumentos, isto é, elementos cognitivos que pavimentem o caminho (enviesado de antemão) até o fim desejado. Este processo de avaliação e classificação enviesada de informações, que tem por objetivo reforçar atitudes e crenças prévias, contrapõe-se à motivação pela acurácia – ou, segundo Ditto *et al.* (2009), equivale a agirmos antes como advogados do que como juízes, partindo da conclusão a que pretendemos chegar e construindo o caminho no sentido inverso, da conclusão para os pressupostos.

Em experimentos nos quais testaram hipóteses associadas ao raciocínio motivado, Lodge e Taber (2013, p. 167-168) detectaram: a) efeitos consistentes das atitudes prévias (expostos a mensagens favoráveis e contrárias a suas atitudes preexistentes, os indivíduos avaliaram como melhores os argumentos congruentes e como piores os incongruentes); b) efeitos do “viés de desconfirmação”; por meio da análise do tempo gasto na avaliação dos argumentos e dos pensamentos expressos diante de tais argumentos, os autores encontraram

tempos mais longos gastos para processar informações contrárias e, especialmente entre os mais sofisticados e com atitudes mais fortes, respostas passionais de depreciação a argumentos incongruentes e de reforço a mensagens condizentes com suas atitudes anteriores; c) polarização das atitudes, novamente com mais intensidade entre os sofisticados e com fortes atitudes prévias.

Entretanto, conforme mencionado, alguns estudos encontraram evidências de um limite para a busca por dirimir dissonâncias cognitivas e para o recurso ao raciocínio motivado; esse limite estaria na realidade. “Uma dissonância uniforme em grande número de pessoas pode ainda ser criada se informações inegáveis e incontroversas confrontam o que é dissonante com uma crença ou opinião amplamente difundida” (Festinger, 1957, p. 194). Redlawsk *et al.* (2010) verificaram que, após um certo volume de informações contrárias às suas crenças e opiniões prévias, os indivíduos tendiam a não mais atuar como *motivated reasoners*, admitindo a correção de rumo imposta pelas informações recentes. Isso equivale a dizer que haveria um ponto de inflexão a partir do qual o desconforto cognitivo se tornaria tão intenso que compensaria o esforço de alteração das opiniões em decorrência das informações dissonantes.

Em consonância com esses achados, Wood e Porter (2019) investigaram a ocorrência de *backfire effect*, isto é, a tendência ao reforço e intensificação de opiniões prévias perante informações contrárias, e não detectaram o fenômeno. Apesar da não detecção do *backfire effect* nos cinco estudos avaliados por estes autores, eles próprios apontam para a principal limitação da investigação: não se sabe se os indivíduos que participaram dos experimentos realmente retiveram a informação nova e dissonante ou se apenas demonstraram ter corrigido suas opiniões no momento do estudo e, depois, descartaram tal informação ou a compensaram com algum outro dado contrário, reequilibrando a magnitude da dissonância para um nível tolerável. Outra ressalva, também apontada pelos autores, é a possibilidade de, mesmo que considerem a nova informação, ela sequer arranhe a superfície das preferências afetivas e ideológicas enraizadas em parte dos indivíduos.

Mais recentemente, Coppock (2023) argumenta, a partir da análise de dados de inúmeros experimentos, que o raciocínio motivado “[...] simplesmente não descreve como as pessoas respondem quando apresentadas a informações persuasivas”. Segundo as conclusões dele, diante de informações inconsistentes com suas crenças e opiniões prévias, os indivíduos tendem a ser persuadidos num sentido concordante com as novas informações, não contra elas. Apesar de sua pequena magnitude, essa mudança de opinião seria duradoura.

Porém, uma especificação se faz necessária: Coppock (2023, p. 5) define informação persuasiva como “[...] fatos e argumentos planejados para modificar atitudes-alvo em uma direção particular”. O autor também distingue a informação persuasiva das pistas fornecidas por grupos. Estas seriam as “[...] mensagens sobre quais grupos apoiam quais posições”, cujo exemplo mais comum nos Estados Unidos seriam as pistas dos partidos políticos. Como a Covid-19 se tornou, desde cedo, uma questão de identidade nos países de interesse deste trabalho, em grande medida como consequência das pistas fartamente fornecidas pelos presidentes Trump e Bolsonaro, compreendemos que a teoria do raciocínio motivado tende a contribuir para a explicação do alinhamento detectado por vários estudos entre as “instruções” desses líderes e as atitudes e comportamentos de seus seguidores.

Normativamente, é razoável supor que os estratos mais sofisticados da população tenham condições de canalizar os afetos para se motivarem a participar politicamente, sem, no entanto, deixar que eles obscureçam a racionalidade; que manifestem comportamentos coerentes com suas atitudes e que, diante de novas informações contrárias a suas preferências preexistentes, reorganizem seus sistemas de crenças de modo a dirimir dissonâncias cognitivas.

Entretanto – e isso não é incompatível com o parágrafo anterior –, não é possível (nem desejável) eliminar o afeto das decisões políticas. Emoções são tanto fatores de engajamento e atenção a um conteúdo quanto potenciais responsáveis pelo enquadramento que damos a ele e pelo armazenamento na memória de longo prazo (Maio e Haddock, 2009). O problema surge quando, por um lado, os indivíduos não conseguem perceber o papel que seus valores, crenças e emoções prévios exercem na construção de suas avaliações políticas – e, por outro lado, quando se utilizam de seu ferramental cognitivo para construir argumentações com vieses de origem. Isso nos leva ao conceito de *motivated reasoning*: “[...] quando uma pessoa quer elaborar uma certa conclusão, ela se sente obrigada a construir uma justificação para aquela conclusão que seria plausível para um observador desapaixonado. Ao fazê-lo, ela acessa apenas um subconjunto enviesado das crenças e regras relevantes” (Kunda, 1990, p. 593).

Na perspectiva da escolha racional, os indivíduos buscam potencializar os ganhos oriundos de suas decisões, sendo estas tomadas a partir da informação disponível. Estimulados pelas potenciais vantagens, é de seu interesse tomar decisões acuradas, isto é, resultantes de uma análise racional dos elementos que chegaram a seu conhecimento. O que ocorre com os “*motivated reasoners*” é uma transgressão dessa expectativa: “[...] cidadãos são frequentemente [...] mais motivados pelo seu desejo de manter crenças e sentimentos prévios do que pelo desejo

de tomar decisões ‘acuradas’ ou de alguma forma otimizadas” (Lodge e Taber, 2013, p. 149-150).

Seja fornecida por líderes de opinião legitimados no interior de seus grupos sociais (Lazarsfeld *et al.*, 1948), filtrada por atitudes políticas prévias (Campbell *et al.*, 1960) ou obtida a baixo custo – por exemplo, através das campanhas – e utilizada como atalho para maximizar o benefício das escolhas eleitorais (Downs, 1957; Popkin, 1994), a informação é matéria-prima relevante para nos orientarmos politicamente. Porém, as próprias fontes de informação mencionadas na oração anterior não podem ser vistas como imparciais nem desinteressadas: líderes de opinião, partidos políticos e candidatos são alguns dos elementos que compõem ambientes informacionais diversificados, nos quais se destacam, ainda, os veículos de comunicação (que também não são neutros, apesar da aura que seus dirigentes tentam construir sobre eles e sobre os produtos do jornalismo profissional).

Diante de tantas e tão variadas potenciais fontes e de um volume imenso de informações, que cresce muito mais rapidamente do que somos capazes de processar (Dahlgren, 2018), os indivíduos precisam fazer escolhas. Para os menos interessados por política, o tema tende a não ter centralidade em sua vida, sendo razoável supor a aquisição de informações sobre política de modo incidental e sem o emprego de grandes esforços cognitivos (Lippmann, 1922, *apud* Wood e Porter, 2019, p. 31).

Por outro lado, os sofisticados – indivíduos com mais interesse e mais conhecimento político – reúnem a disposição para se informar e o arsenal cognitivo para processar um volume maior de informações. Mas, antes mesmo de adquirirem a escolaridade formal – para os teóricos da escola psicossociológica, desde a socialização familiar no início da vida –, os indivíduos tendem a formar atitudes políticas, isto é, avaliações de objetos variados que nos permitem “fazer sentido” do mundo em que vivemos. Mesmo que inicialmente correspondam a impressões mais afetivas do que cognitivamente elaboradas, essas atitudes compõem o sistema de crenças ao qual as informações recebidas ao longo da vida serão integradas. Quanto mais sofisticado o indivíduo, mais estruturado e internamente coerente tende a ser seu sistema de crenças (Converse, 1964) – e, possivelmente, mais denso e resistente a mudanças. Como, então, se encaixam as novas informações? Caso sejam contrárias às atitudes políticas prévias, sobretudo considerando contextos informacionais abundantes e diversificados, o que prevalece: a “verdade” da informação dissonante ou a busca pelo conforto cognitivo (Kahneman, 2011)?

Sejam “juízes” guiados pela busca por acurácia ou “advogados” norteados pela defesa de um lado (Ditto *et al.*, 2009), os sofisticados são dotados da capacidade de “[...] construir uma justificação para aquela conclusão que seria plausível para um observador desapaixonado” (Kunda, 1990, p. 493). Caso sejam *motivated reasoners*, os sofisticados estão, portanto, capacitados a revestir de aparente objetividade um conjunto de argumentos enviesados de antemão. Isso é especialmente relevante quando pensamos num modelo de “comunicação em duas etapas” (Lazarsfeld *et al.*, 1948), no qual os interessados por política são as fontes confiáveis dos que não se interessam pelo assunto. A legitimidade dos sofisticados em seus grupos tende a acarretar um considerável poder de persuasão – o que, para a discussão aqui proposta, pode significar poder de “transmissão de vieses”. O presente trabalho propõe, portanto, uma articulação teórica entre *motivated reasoning* e sofisticação política, refletindo sobre os mecanismos de seleção de informações e, a partir destas, das interpretações da realidade em um ambiente informacional complexo e marcado pela diversidade de fontes e pela polarização de crenças (Talissee, 2019).

2.3. Sofisticação política e raciocínio motivado em ambientes informacionais diversificados

Como se pode notar, não existe consenso na literatura sobre a ocorrência, as causas e os limites do raciocínio motivado. Miller *et al.* (2016) se propuseram a investigar os possíveis efeitos moderadores de conhecimento político e confiança (e dos dois fatores combinados) sobre a adesão a teorias da conspiração – que seria uma forma extrema de raciocínio motivado. Se, por um lado, alguns estudos (Berinsky, 2012; Bolsen *et al.*, 2015, apud Miller *et al.*, 2016) demonstram que os indivíduos sofisticados estão menos suscetíveis a aderir a teorias da conspiração do que aqueles não sofisticados, por outro, exatamente o arsenal cognitivo dos sofisticados permite que eles percebam mais facilmente a ameaça a seu conforto cognitivo que informações contrárias às suas atitudes representam. Além disso, suas atitudes mais fortes⁷⁵

⁷⁵ A assunção do pressuposto de que indivíduos sofisticados tendem a ter atitudes políticas mais fortes faz sentido se pensarmos nos componentes das atitudes segundo sua abordagem tripartite: afetos, cognição e comportamento. A motivação para se envolver com assuntos relacionados a política corresponde ao interesse por política, maior entre os sofisticados; uma vez interessados, eles contam com ferramental cognitivo para processar um volume maior de informações e, como dito neste trabalho, para perceber ameaças trazidas por informações dissonantes; o componente comportamental se manifesta justamente no ato de buscar estar informado (mesmo que de maneira seletiva e potencialmente enviesada) e dialogar com o ambiente informacional.

trazem a motivação para que busquem protegê-las de eventuais ruídos. “A combinação de maior habilidade e maior motivação é a ‘tempestade perfeita’ para o raciocínio motivado confirmador de visões de mundo” (Miller *et al.*, 2016, p. 827). Portanto, uma hipótese dos autores é que, na disputa entre as habilidades para não caírem em teorias infundadas e a motivação para proteger seu sistema de crenças, o viés representado pelo raciocínio motivado tende a prevalecer entre os sofisticados.

Ao mesmo tempo em que a necessidade de parecerem objetivos aos olhos de observadores desapaixonados (Kunda, 1990) – e isso é relevante até mesmo para a possível persuasão de membros menos interessados por política no interior dos grupos sociais – impõe um limite ao raciocínio motivado, a confiança interpessoal e nas instituições tenderia, segundo hipótese de Miller *et al.* (2016), a atenuar a disposição a endossar teorias conspiratórias. Portanto, a combinação dos dois fatores resulta na hipótese de que “[...] a confiança mitigará o efeito positivo do conhecimento [político] sobre o endosso de teorias da conspiração ideologicamente congruentes. Sugerimos que o efeito positivo do conhecimento irá se manifestar entre os respondentes com baixa confiança, mas será atenuado entre os respondentes com alta confiança” (Miller *et al.*, 2016, p. 828). Os autores esperam que tanto liberais quanto conservadores correspondam às hipóteses testadas.

Os resultados foram: 1. confirmação de que, possivelmente por serem oposição ao governo do momento, os conservadores estavam mais motivados a endossar teorias da conspiração do que os liberais; 2. Confirmação do efeito intensificador do conhecimento político sobre a adesão a teorias da conspiração consistentes com atitudes prévias, mas *apenas entre os conservadores*; 3. confirmação do papel atenuador da confiança sobre a motivação dos sofisticados a se engajarem em teorias da conspiração congruentes com suas atitudes para ambos os grupos (liberais e conservadores). Em resumo, a combinação entre alto conhecimento

Quanto maior o grau de sofisticação política de um indivíduo, mais estruturado será seu sistema de crenças. Isso quer dizer que, para Converse (1964), os ideólogos seriam os sofisticados. Fuks *et al.* (2017, p. 6) esclarecem que, na concepção de Converse, “[...] o que determina a sofisticação não é, necessariamente, o nível de conhecimento político do eleitor, mas sim o quanto as suas atitudes são coerentes com a sua posição ideológica”. Autores posteriores, como Kuklinski e Quirk (2002, apud Fuks *et al.*, 2017, p. 6), desvincularam os componentes cognitivo e ideológico da sofisticação, considerando que não é necessário que um indivíduo assuma uma posição no espectro ideológico para que conheça as posições existentes e saiba identificar onde os atores políticos se encontram. “Diante disso, podemos definir a sofisticação política como a capacidade dos indivíduos de lidar com os objetos políticos” (Fuks *et al.*, 2017, p. 6). Tendo por base essa definição e as ponderações anteriores, ainda que não assumam posições na escala esquerda-direita, creio ser razoável supor que indivíduos sofisticados tendam a carregar atitudes políticas (ora compreendidas como “[...] um estado de prontidão mental ou neural, organizado pela experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo a todos os objetos e situações aos quais ela está relacionada” (Allport, 1935, p. 810) mais fortes que os não sofisticados.

e baixa confiança representa “[...] a tempestade perfeita para o endosso ideologicamente motivado a conspirações para conservadores, mas não para liberais” (Miller *et al.*, 2016, p. 837), uma vez que, entre os liberais, tanto o conhecimento quanto a confiança tiveram efeitos negativos sobre a adesão a esta forma extrema de raciocínio motivado. Esses achados são citados por Benkler *et al.* (2018) quando tratam da polarização assimétrica (com os conservadores mais para o extremo e os liberais mais próximos do centro) nos Estados Unidos.

Em sua primeira hipótese, segundo a qual os conservadores seriam mais propensos a aderir a teorias conspiratórias durante o governo Democrata de Obama, Miller *et al.* (2016) atentaram para um fator relevante e considerado também por Benkler *et al.* (2018) e Ditto *et al.* (2018) em uma meta-análise de estudos sobre *motivated reasoning*: não necessariamente há aspectos cognitivos que evidenciem maior propensão dos conservadores a se engajar em raciocínio motivado, sendo necessário observar os contextos político e social em que são realizados os estudos. Em outras palavras, pode ocorrer de, diante de governos republicanos, os indivíduos democratas demonstrarem maior inclinação a aderir a histórias fantasiosas que retratem desfavoravelmente seus adversários no poder.

Se, desde os precursores do comportamento eleitoral da Escola de Michigan, temos como fator negativo o baixo teor ideológico das preferências políticas da maior parte dos indivíduos, Nie e Andersen (1974) apontaram que os contextos sociais e políticos impactam a coesão dos sistemas de crenças individuais. Rejeitando a explicação de que mudanças educacionais teriam levado à maior coesão das opiniões e posições ideológicas dos indivíduos, os autores consideram que os acontecimentos políticos nos Estados Unidos da década de 1960 teriam levado os cidadãos a perceberem a política como central em suas vidas cotidianas, isto é, a política teria se tornado mais saliente para os indivíduos, levando-os a estar mais atentos aos acontecimentos (mesmo que, frustrados ou desencantados com governos específicos, se mostrassem desinteressados em eventos como as eleições).

Esse aspecto da saliência de temas dialoga com outro ponto de destaque para este trabalho: o ambiente no qual ocorrem as interações sociais, a aquisição e troca de informações. A partir da análise de surveys aplicados ao longo de uma década, Jerit *et al.* (2006) investigam os efeitos do incremento do volume de informações disponíveis via cobertura midiática sobre os níveis de conhecimento político entre indivíduos com mais e menos anos de educação formal. Ambientes informacionais mais densos aumentam ou diminuem o gap de conhecimento entre os mais e os menos escolarizados? Depende do meio. O aumento do volume de

informações em jornais impressos, com menos recursos visuais e mais dependente da capacidade de abstração, tende a incrementar o gap, uma vez que os mais escolarizados são os beneficiários desse tipo de informação. Em contrapartida, informações transmitidas pela televisão, meio geralmente mais compreensível, contemplam ambos os grupos – ou seja, o gap não aumenta, mas também não se reduz.

Outra forma de relacionar ambiente informacional (representado pela cobertura midiática), processamento de informações e vieses de percepção foi explorada por Jerit e Barabas (2012), em estudo no qual questionam se vieses ocorrem em virtude ou a despeito da cobertura de determinados temas. Em outras palavras, como tratamos na seção anterior deste trabalho, não basta que as informações estejam disponíveis, uma vez que adquirir determinados conhecimentos (aqueles dissonantes de nossas atitudes prévias) tende a encontrar barreiras psicológicas que inexistem quando o sistema de crenças e o conhecimento recém adquirido são congruentes. Os autores concluem que, de modo geral, quando não se trata de assuntos relacionados às atitudes prévias (especificamente identificação partidária), o incremento do volume de informações leva ao crescimento do nível de conhecimento político. Todavia, em temas associados a partidos, os vieses se impõem e é necessária uma quantidade muito grande de informação para quebrar a resistência a informações contrárias às preferências partidárias. (Jerit e Barabas, 2012, p. 11).

Mas, assim como na literatura sobre raciocínio motivado, também não há consenso sobre essa interação entre o ambiente informacional e os vieses cognitivos dos indivíduos. Pennycook e Rand (2019) encontram resultados indicativos de que indivíduos com pensamento analítico tendem a diferenciar notícias verdadeiras e falsas de maneira mais acurada, mesmo quando os conteúdos falsos eram favoráveis a seu partido e os verdadeiros mostravam os adversários sob um prisma favorável. Para esses autores, portanto, a adesão a notícias implausíveis ou a teorias da conspiração estaria antes relacionada a um “pensamento preguiçoso” do que a vieses cognitivos. Tais achados relativizam o papel do raciocínio motivado no processamento de informações – muito embora os próprios autores assinalem que, em ambiente experimental e confrontados com questões sobre a veracidade ou plausibilidade de manchetes variadas, pode ser que os indivíduos apresentem comportamento mais analítico do que nas interações sociais da “vida real”.

Conforme mencionado anteriormente, o que alguns estudos empíricos da Psicologia Política detectaram foi, por um lado, a primazia e automaticidade dos afetos (Lodge e Taber,

2013) e, por outro, a resistência a informações contrárias às preferências prévias. Redlawsk *et al.* (2010) observam que, por mais racional que seja um indivíduo, as emoções estarão presentes de alguma forma em suas decisões. Os autores apresentam duas formas de incorporar os afetos no processo de integração de novas informações às atitudes prévias: uma abordagem é a da inteligência emocional, que seria a forma mais próxima do que conhecemos como tomada de decisões racionais – isto é, diante de informações novas, as acolhemos e rearranjamos o sistema de crenças preexistente.

A outra forma de lidar com novas informações é a guiada pelo raciocínio motivado (*motivated reasoning*). Conforme mencionado anteriormente, Redlawsk *et al.* (2010, p. 589) detectaram em um experimento que, diante de informações negativas sobre seu candidato favorito, “*motivated reasoners* mostram evidências de fortalecimento nas atitudes, tornando-se ainda mais positivos sobre um candidato de que gostem diante de informações negativas sobre esse candidato”. Mas o efeito da polarização entre as preferências preexistentes e as novas informações detectado neste estudo foi limitado; após um certo nível de informação negativa, o indivíduo tenderia a sair da zona de acomodação, atingindo um “ponto de inflexão”, e a reavaliar suas opiniões.

2.4. Das negações ao negacionismo – ou quando as dissonâncias se encontram

No outono de 2021, Peter Camacho e seu filho, Peter Jr., estiveram no funeral de um familiar. Enlutados, cumprimentaram alguns parentes com abraços. Dias depois, Camacho se sentia mal e manifestava os sintomas típicos da Covid-19. Sob cuidados do filho – também com sintomas da doença –, Peter morreu dias depois, em casa, no sul da Califórnia. Do outro lado do país, Rachel, irmã de Peter Jr. que sequer sabia da doença de ambos, recebeu por uma mensagem de texto do irmão a notícia da morte do pai por “pneumonia” (na opinião de Peter Jr.). Ele explicou que, no velório, ao abraçar familiares vacinados contra Covid, eles certamente haviam sido contaminados; para ele e o pai, pessoas vacinadas eram um perigo para todos ao seu redor e, portanto, o erro deles não foi se recusarem a tomar vacinas, mas terem tido contato com vacinados. Após o choque da perda do pai, a preocupação de Rachel se voltou para a saúde do irmão, que se sentia mal. Apesar de relutante, ele foi convencido por ela a ir ao hospital, onde obteve o resultado positivo para o teste de Covid-19. Três dias depois, ele afirmou ter sido

liberado da internação, pois já estava melhor. Uma semana após a suposta alta hospitalar, Peter Jr. também estava morto por Covid-19.

Ao visitar a casa dos familiares falecidos, Rachel encontrou o celular de Peter Jr., e notificações de mensagens se acumulavam. Foi quando ela encontrou uma conversa, entre ele e um primo, que revelou um mundo paralelo: seu irmão estava mergulhado em um universo de teorias conspiratórias, desconfiança em profissionais de saúde e um negacionismo que pautava o enquadramento de qualquer evidência que pudesse gerar dissonâncias cognitivas – inclusive a contaminação por Covid-19 e a morte do pai.

A história dessa família, que traz tantos elementos relacionados à presente pesquisa, foi contada no podcast *We were three*, do jornal estadunidense *The New York Times*⁷⁶. A alta hospitalar havia sido, na verdade, uma demanda de Peter, contrariando a recomendação médica. Na troca de mensagens com o primo, Peter afirma que o resultado positivo no teste de Covid-19 era previsível, uma vez que hospitais receberiam recursos a cada detecção que reportassem (esta informação falsa circulou bastante, inclusive no Brasil, e foi relatada nas entrevistas qualitativas para a tese, conforme reportaremos no capítulo 6). Os medicamentos utilizados trariam efeitos maléficos a seu organismo, e o que ele precisava mesmo – na sua opinião e na do primo – era fortalecer a imunidade com substâncias naturais. Enquanto Rachel o orientava a aceitar o tratamento médico que, segundo ela, havia salvado a vida de seu marido quando esteve internado com Covid-19, o primo de Peter Jr. reforçava sua crença de que os profissionais de saúde lucrariam com sua piora. Após sua saída do hospital e o declínio em seu quadro de saúde, em determinado momento, até mesmo o primo o orienta a retornar ao centro de saúde. Mas, aparentemente, uma vez que não acolheu o conselho, Peter Jr. carregou suas crenças em informações falsas e numa realidade paralela até o fim da vida. Essa história de vida ilustra os mecanismos do raciocínio motivado, da negação, do negacionismo enquanto negações entrelaçadas, do paradoxo do “saber-não saber” (Cohen, 2001). Trataremos, a seguir, da negação, aqui compreendida enquanto uma forma extrema de raciocínio motivado.

2.4.1. Negação

Em texto de 1925 intitulado “A negação”, Freud argumenta que:

⁷⁶ “We were three”. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/10/11/podcasts/we-were-three.html>>. Acesso em: 25 out. 2022.

“[...] o conteúdo da representação ou do pensamento reprimido pode abrir caminho até a consciência, com a condição de ser negado. A negação é um *modo de tomar conhecimento* do reprimido; na verdade já é um levantamento da repressão, mas naturalmente não a aceitação do reprimido. Aqui se pode ver como *a função intelectual se dissocia do processo afetivo*” (Freud, 2014 [1925], p. 10, grifos nossos).

Esse “modo de tomar conhecimento” daquilo que se nega está em consonância com o paradoxo do “saber e não saber”, que é central no conceito de negação conforme elaborado por Cohen (2001): “a negação é sempre parcial; alguma informação é sempre registrada” (Cohen, 2001, p. 22). Em uma definição formal, negação é “uma afirmação sobre o mundo ou sobre si mesmo (*ou sobre seu conhecimento do mundo ou de você mesmo*) que não é nem a verdade literal *nem uma mentira planejada para enganar os outros*” (Cohen, 2001, p. 24, grifos nossos). Trata-se de um fenômeno humano “[...] largamente inexplicado e frequentemente inexplicável, um produto da absoluta complexidade de nossas vidas emocional, linguística, moral e intelectual” (Cohen, 2001, p. 50). Do ponto de vista da psicanálise, essa negação é um mecanismo de defesa para lidar com emoções difíceis de processar que são ocasionadas pela realidade. Para além do desconhecimento de determinados fatos, a negação pode decorrer de mentira deliberada ou de um estado intermediário entre o saber vagamente e o bloqueio inconsciente de informações insuportáveis.

Durante a pandemia, por exemplo, se impôs sobre o mundo uma realidade difícil de encarar frontalmente: incertezas, medo, insegurança, imprevisibilidade, mortes e, sobretudo, necessidade de mudanças rápidas de comportamento que demandavam sacrifícios e ocasionavam efeitos colaterais em diferentes instâncias da vida (da emocional à financeira). É difícil conceber que houvesse muitas pessoas que desconhecêssem completamente a pandemia e seus desdobramentos – mesmo que não acompanhasse detidamente os noticiários. Isso quer dizer que, sendo o completo “não saber” inviável, o “não querer saber” ou “não querer acreditar” em determinados aspectos ou interpretações da realidade factual, como mecanismo de defesa, poderia se impor em variadas gradações e situações – como veremos no capítulo de análise das entrevistas em profundidade. Negação é, portanto, “[...] o desejo de que algo não seja verdade”, mesmo quando estamos “[...] conscientes de estarmos em negação” (Kahn-Harris, 2018, pp. 16-18).

Para Freud, na negação, haveria um processo de dissociação entre a função intelectual e os afetos, conforme mencionado anteriormente. Uma das contribuições que esta tese procura trazer é evidenciar os processos argumentativos pelos quais o intelecto não se dissocia, mas se

submete ao processo afetivo, às crenças e aos desejos dos indivíduos. Argumentos são construídos a partir de diferentes áreas de formação, com o uso de variados saberes (inclusive acadêmicos) acumulados ao longo da vida – não a despeito deles.

Para que se manifeste, [...] a negação nunca pode ser separada do mundo social” (Kahn-Harris, 2018, p. 19) – e isso nos remete ao exemplo do grupo que acreditou e investiu tempo e envolvimento na profecia investigada por Festinger e colegas (1956). E que, mesmo diante da desconfirmação, se manteve parcialmente mobilizado em torno das convicções anteriormente tecidas no interior do grupo. Este caráter social das negações nos leva, então, ao fenômeno do negacionismo – ou seja, das negações entrelaçadas, fortalecidas e retroalimentadas pelo ambiente social. É por isso que, a partir da definição de Kahn-Harris (2018), Bardon (2020) destaca o aspecto coletivo de reconhecimento, construção e reforço do negacionismo.

A respeito do “reconhecimento”, refiro-me à ideia de que, para que um comportamento seja alvo da negação, é necessário que se reconheça como esse comportamento é visto numa sociedade. Tanto Festinger (1957) quanto Kahn-Harris (2018) recorrem ao exemplo do uso do cigarro para explicitar como funcionam, respectivamente, a dissonância cognitiva e a negação. A partir do momento em que sou informada de que fumar faz mal à saúde, gera-se uma dissonância entre meu comportamento de fumante e o conhecimento sobre os malefícios. Nesse contexto, as possibilidades de ação seriam: deixar de fumar; evitar informações que remetam aos prejuízos da prática; buscar informações que relativizem o tamanho desses males (por exemplo, buscando outros fatores que prejudicam a saúde, para reduzir o peso relativo do cigarro); ou, no limite, duvidar do consenso científico e negar a validade dos dados dos quais já tomei conhecimento. A dissonância como motivadora e a negação como uma das possibilidades de amenização, todavia, não seriam necessárias caso o cigarro não fosse reconhecido cientificamente e legitimado socialmente enquanto causador de problemas de saúde. Novamente, fica evidenciado o paradoxo do “saber e não saber” (Cohen, 2001).

Nesta tese, adotaremos a tipologia de negações de Cohen (2001):

1. factual ou literal, que se refere à negação de que determinado evento não aconteceu ou, ainda, que não se sabia sobre a ocorrência (ou seja, abarca tanto a negação do fato quanto a negação da ciência (“*awareness*”) quanto a ele)⁷⁷;

⁷⁷ Neste ponto, é necessário apresentar uma distinção, feita por Cohen (2001, p. 22), entre a negação “genuína” ou “inocente” e a “malevolente” ou “mal-intencionada”: enquanto a primeira inclui indivíduos que realmente acreditam no que afirmam, a última corresponde à mentira intencional, com o intuito de enganar e esconder a realidade da qual se tem, sim, conhecimento no nível consciente. Em seção posterior nesta tese, falaremos sobre a agnotologia, disseminação deliberada de dúvidas e ignorância.

2. interpretativa, na qual se disputa o significado, a interpretação dada aos fatos cuja ocorrência se reconhece;
3. implicatória, em que se concorda tanto com a ocorrência quanto com a interpretação majoritária sobre o acontecimento, mas não se reconhece as implicações morais ou emocionais.

Numa aplicação para exemplificar a tipologia de negações, podemos pensar em formas de sua manifestação durante a pandemia. A negação factual é a afirmação de que “o coronavírus não existe”, “o número de mortes por Covid-19 foi inflado” e afins. Já a negação interpretativa envolve a adesão a interpretações como “a doença existe, mas pode ser enfrentada por meio do ‘isolamento vertical’” e “o presidente Trump/Bolsonaro tomou as medidas necessárias para enfrentar a pandemia, considerando as informações que tinham”. Por fim, um exemplo da negação implicatória está nas pessoas que “negociavam” com as recomendações dos especialistas para evitar a contaminação ou que consideravam as restrições de circulação como ataques injustificados das autoridades à sua liberdade.

2.4.2. Negacionismo – ou sobre as negações entrelaçadas

Quando falamos em negacionismo como negações entrelaçadas, cabe salientar que esse fenômeno social não surge nem se consolida de maneira espontânea e orgânica. Não se pode afirmar que os negacionistas se encontrem casualmente e, numa conversa, descubram a coincidência de suas negações. Considerando que “esses conceitos psicológicos [relativos à negação] não podem simplesmente ser transpostos para o nível político” (Cohen, 2001, p. 50), faz-se necessária uma recuperação da origem do termo “negacionismo”, que nos auxilia a compreender tanto o seu uso corrente quanto o desenvolvimento das práticas por ele abarcadas.

Estima-se que cerca de seis milhões de judeus foram executados pelos nazistas e seus colaboradores, no período anterior e simultâneo à Segunda Guerra Mundial que ficou conhecido como Holocausto (de 1933 a 1945)⁷⁸. O assassinato dos judeus e de outros grupos que não se encaixavam no ideal de superioridade ariana propagado pelo regime nazista foi a “solução final”, o último passo de uma série de medidas de perseguição e restrições de direitos.

⁷⁸ “What was the Holocaust?”. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/introduction-to-the-holocaust>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

Reconhecer a execução de milhões de pessoas em escala industrial e com métodos tão cruéis quanto o envenenamento em câmaras de gás – e, sobretudo, reconhecer a omissão (ou, em alguns casos, a cumplicidade) de setores da sociedade durante os anos de aniquilação – é uma empreitada incômoda. Essa tarefa exigiria apontar dedos, julgar, punir, confrontar um passado brutal. E, conforme aponta Di Cesare (2023, p. 9, versão *kindle*), nos anos seguintes à guerra, “[...] a opinião pública na Europa e no mundo estava completamente despreparada para lidar com o que estava vindo à tona”.

Sob a mesma lógica, tentativas de reduzir a gravidade do genocídio tenderiam a ser acolhidas com menos dificuldade – do ponto de vista psicológico ao político e social. Foi para se referir às estratégias adotadas na tentativa de refutação ou de minimização do Holocausto (inicialmente em referência ao governo francês de Vichy, que colaborou com o nazismo e enviou milhares de judeus para a morte) que o historiador francês Henry Rousso cunhou, em 1987, a expressão “negacionismo”.

Este termo se refere a todos aqueles discursos que negam a política de extermínio contra os judeus e os quais, ao absolver de toda a culpa a Alemanha e o restante de uma Europa cúmplice, apontam o dedo para os supostos falsificadores, os judeus acusados de terem inventado o genocídio (Di Cesare, 2023, p. 8, versão *kindle*).

Como principais táticas a serviço da estratégia negacionista do Holocausto, podemos citar a descredibilização do testemunho de sobreviventes e o “revisionismo histórico” por parte daqueles que Vidal-Naquet (1988) chama de “assassinos da memória”. O fato é que, assim como em qualquer pesquisa, os levantamentos feitos a partir das evidências restantes – uma vez que um dos passos do extermínio judeu incluiu a destruição dos campos de extermínio –, anos depois dos acontecimentos sob investigação, estão sujeitos a imprecisões. E é nessas fendas que os negacionistas buscam implantar dúvidas quanto à própria ocorrência do Holocausto. Se há testemunhas, é porque sobreviveram; se sobreviveram, não existiam câmaras de gás mortíferas. Observa-se, portanto, um jogo perverso de “[...] continuidade entre as duas empreitadas – aniquilação e negação” (Di Cesare, 2023, p. 5, versão *kindle*).

Não é possível ter absoluta certeza do número exato de mortos no Holocausto – o que é completamente diferente de afirmar que o extermínio em massa não aconteceu. Porém, é à pretensa “objetividade dos números” que os negacionistas se apegam para justificar sua “busca pela verdade”. Da mesma maneira, os revisionismos que tentam argumentar pela inexistência do Holocausto precisam partir de fragmentos de realidade que apontem para eventuais

inconsistências dos achados conhecidos até determinado momento. Nesse processo, “toda ligeira inacurácia é uma fonte de escrutínio e críticas agudas”, observa Di Cesare (2023, p. 67, versão *kindle*). “E é claro, da mesma forma que não existe verdade absoluta, não existe mentira absoluta” (Vidal-Naquet, 1988, p. 11). Vale lembrar que questionar e lançar luz sobre fenômenos e acontecimentos faz parte do processo científico e intelectual, que é “[...] calcado na reavaliação constante dos achados prévios baseada em novas informações” (Lipstadt, 1994, p. 6).

É para não alçar os negacionistas do Holocausto ao patamar de interlocutores com pontos de vista legítimos que historiadores como Pierre Vidal-Naquet (1988) e Deborah Lipstadt (1994) se recusam a participar de conversas e debates com essas pessoas. Porém, esse é um dilema de difícil solução. Ao mesmo tempo em que os negacionistas “anulam a realidade compartilhada” (Di Cesare, 2023, p. 27, versão *kindle*) e a mera existência de um debate em que eles sejam uma das partes represente o triunfo de uma estratégia que “mistura dúvida e credulidade corrosivas” (Kahn-Harris, 2018, p. 12), evitar confrontá-los pode significar o espaço livre para o charlatanismo se sobrepor (Di Cesare, 2023, p. 13).

2.4.3. Negar o presente para negar o passado

“Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. E contudo as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas” (Albert Camus – A peste – 2023[1947], p. 40).

As tentativas de refutação da ocorrência do Holocausto e da participação de setores sociais de outros países (além da Alemanha) em sua realização foram o que gerou a criação do termo “negacionismo”. Mas, assim como o que atualmente se popularizou como *fake news* já ocorre há muito tempo (mesmo que em menor escala), a existência de grupos que refutam uma realidade inconveniente – seja ela histórica, científica ou de outra natureza – precede bastante a expressão que define essa prática. Como este trabalho trata do negacionismo de uma pandemia, vale recorrermos a outro exemplo relacionado a uma crise sanitária.

Pouco mais de um século antes do SARS-CoV-2 mudar a vida de bilhões de pessoas, o vírus que ocasionou a pandemia conhecida como “gripe espanhola” ou “a mãe de todas as pandemias” assolava o mundo. Ocorrida durante e após a Primeira Guerra Mundial, ela deixou cerca de 50 milhões de mortos e também teve sua gravidade minimizada. Na Filadélfia, por

exemplo, a realização de um desfile de rua com cerca de 200 mil pessoas – contrariando os alertas e recomendações das autoridades de saúde – ocasionou a contaminação em massa e um número de mortes muito superior ao de cidades que cancelaram eventos que gerariam aglomerações. À época, o Diretor de Saúde Pública da Filadélfia afirmou que a gripe espanhola era apenas “uma gripe comum com outro nome”, e que em breve a situação estaria sob controle⁷⁹.

No Brasil, a gravidade da situação também foi menosprezada – tanto por autoridades públicas quanto pela sociedade de maneira mais ampla, seja por medo, desconhecimento ou interesses variados. Mas, em determinado momento, a realidade se impôs e a vida nas cidades foi transformada pelo vírus, assim como ocorreu com a Covid-19. Os trechos seguintes demonstram como, em diferentes lugares, a reação inicial, a imposição da realidade brutal e as adaptações se repetiram durante aquela pandemia.

Para as autoridades estaduais, negar a notícia de que a capital da Bahia fora alcançada pela espanhola era um jeito de blindar o porto. Muniz de Aragão conseguiu negar a gripe até o momento em que não foi mais possível fingir que a epidemia não existia. As pessoas viam a doença e se sentiam vulneráveis, a cidade começava a parar por conta própria e de forma desordenada, os jornais gritavam que estava tudo errado e era preciso tomar cuidado com o contágio (Schwarcz e Starling, 2020, pp. 76-78, versão *kindle*).

E ao governo pareceu melhor diminuir perante a opinião pública o caráter de urgência e o poder de letalidade da espanhola. Foi isso que ocorreu até início de outubro, e os habitantes da cidade vivenciaram a completa negação da realidade. Mas a partir de meados de outubro o recurso da negação tornou-se, a cada dia, mais conflitante com a realidade dos cariocas (Schwarcz e Starling, 2020, p. 133).

Alguns alegavam que a distância daria conta de dissipar o mal, que ficaria “cansado no caminho”. Outros, que o “clima saudável e fresco” de São Paulo, diferente daquele de regiões mais ao norte do país, e principalmente do Rio, onde a varíola e a febre amarela ainda eram endêmicas, mataria o inimigo invisível antes mesmo que ele ousasse pousar em terras paulistas (Schwarcz e Starling, 2020, p. 133).

Registra-se, portanto, uma dinâmica de inconsistência entre dois elementos: os sinais fornecidos pelos governantes e autoridades oficiais e, do outro lado, a realidade percebida/vivenciada pelas pessoas. O problema é: para chegar a incomodar o cotidiano de parcela expressiva dos indivíduos, a pandemia precisa ter alcançado algum nível gravidade – sendo que esta poderia ter sido reduzida por medidas de prevenção/mitigação, caso sua seriedade tivesse sido reconhecida antes.

⁷⁹ “O trágico exemplo da Filadélfia, onde desfile de rua causou milhares de mortes pela gripe espanhola”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51966427>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

Novamente a realidade se coloca como fator gerador de dissonância cognitiva – de modo que, em algum momento, a tendência é de redução na eficácia relativa das mensagens dos agentes políticos que estimulam o negacionismo. Mas, pensando na pandemia de Covid-19, ocorrida em um mundo globalizado e em contexto de “polarização de crenças” (Talisso, 2019) e da própria realidade (Alesina *et al.*, 2020), a tendência é que o vírus se espalhe proporcionalmente mais rápido e que a percepção de sua gravidade na realidade imediata seja postergada – sobretudo quando lideranças políticas decidem contrariar evidências científicas e politizar as ações de prevenção, cuidado e tratamento.

2.4.4. Negacionismos durante a pandemia de Covid-19 – sobre as disputas pelas verdades factual e científica

Mesmo que morem numa mesma cidade e compartilhem as experiências de vida, diferentes pessoas podem carregar percepções e crenças totalmente distintas sobre um acontecimento e sobre seu papel (ou o eventual impacto de sua omissão) no desenrolar dos fatos. Ao mesmo tempo, os exemplos do Holocausto e das pandemias evidenciam que, do nível psicológico ao social, algumas versões da realidade tendem a ser mais palatáveis. É mais confortável acreditar que vizinhos judeus estavam sendo enviados para a morte em câmaras de gás ou “apenas” levados para trabalhar? Tende a ser mais fácil (além de congruente com visões de mundo prévias) acreditar que muitas das notificações de morte por Covid foram fraudadas para que hospitais e municípios recebessem mais verbas ou apenas aceitar os números alarmantes como corretos? É mais fácil crer que, se o conhecido morreu por Covid, é porque já tinha outras doenças (ou porque “chegou a sua hora”) ou encarar os dados que explicitam que há um grau de imprevisibilidade no nível de gravidade da doença? Ligar a TV e ver as estatísticas de mortos ou abrir o WhatsApp e “descobrir” que os números são inflados para prejudicar o então presidente e suas chances de reeleição?

Em uma pandemia, guerra ou qualquer catástrofe, disputar os significados dos acontecimentos atuais é o primeiro passo para que, no futuro, eles sejam negados ou minimizados. É por isso que, “desde o começo, o apagamento era parte do trabalho de extermínio” (Di Cesare, 2023, p. 27, versão *kindle*) do Holocausto – apagamento este que contava com a omissão ou o assentimento daqueles que aceitavam “olhar para o outro lado” e

levar vidas normais. Essa é uma das observações de Eric Johnson e Karl-Heins Reuband, que, a partir de entrevistas com centenas de pessoas que vivenciaram o período do Holocausto na Alemanha em diferentes grupos sociais, publicaram a obra *What we knew: terror, mass murder, and everyday life in Nazi Germany*. Eles relatam a existência de duas sociedades na Alemanha nazista, uma para a maioria dos alemães e a outra para judeus e outros grupos perseguidos. Por isso, “longe de viverem em um estado de constante medo e descontentamento, a maioria dos alemães levava vidas felizes e até normais na Alemanha nazista [...]. Este crime indizível contra a humanidade não teria sido possível sem a indiferença e a cumplicidade de uma grande parte da população alemã” (Johnson e Reuband, 2005, p. xvi).

O ponto principal dessa discussão é a busca por saber se a maioria dos alemães sabia o que se passava nos campos de concentração. Em outras palavras, procura-se descobrir se se trata de desconhecimento ou de negação. Para os judeus sobreviventes, embora não se possa generalizar, a maior parte da população tinha conhecimento do extermínio, mas preferia fingir não saber, considerando o medo de retaliações pessoais, o antissemitismo, o senso de obediência e conformidade social. “Desde que suas vidas não fossem alcançadas por isso, estava tudo bem. De certa maneira, é como ocorre com as pessoas que não sabem sobre a discriminação contra os negros ou hispânicos. Eles desconsideram. Para eles, isso não existe. Eles fecham os olhos” (Johnson e Reuband, 2005, p. 25). Naturalmente, trata-se de depoimentos a partir de perspectivas pessoais. Há outros entrevistados que relatam a ajuda recebida e não terem vivido os efeitos diretos do antissemitismo, apesar da intensa máquina de propaganda nazista. Outro entrevistado lembra que “o escopo da aniquilação era tamanho que envolvia centenas de milhares de pessoas” (Johnson e Reuband, 2005, p. 81) e que, portanto, era pouco provável que o conhecimento não alcançasse boa parte da população.

Embora não se compare o planejado extermínio em massa de milhões de pessoas com uma pandemia, essa reflexão acerca do que se sabia ao longo de um momento histórico excepcional é relevante porque, como se observa, profundas divergências na forma de enquadrar as experiências de uma sociedade podem ser um entrave na construção de uma memória coletiva; e a ausência desse chão mínimo socialmente compartilhado pode impactar, inclusive, a forma de lidar com novas situações extremas, como conflitos, desastres e pandemias. Em resumo, negar os fatos noticiados hoje são o primeiro passo para negar os relatos contidos nos livros de história de amanhã. Hoje, pouco tempo após a pandemia de Covid-19, podemos afirmar que estaríamos mais preparados para enfrentar outra emergência

dessa natureza do que estávamos em janeiro de 2020? Daqui a duas ou três décadas, teremos um certo consenso social quanto às formas de prevenção que foram eficazes, ao papel das vacinas e aos números aproximados de casos e de óbitos?

Uma situação que tem se desenrolado nos Estados Unidos em 2024 demonstra que, provavelmente, a resposta a ambas as perguntas seja não. Observa-se no país o crescimento e o espalhamento territorial do número de casos da gripe aviária. A variante em circulação este ano, H5N1, tem sido detectada em numerosos rebanhos bovinos, de modo a contaminar o leite produzido pelas vacas contaminadas. Uma forma bastante simples de eliminar os vírus do leite é a pasteurização, processo de aquecimento e resfriamento rápidos do líquido. Ocorre que grupos de extrema direita e de influenciadores de bem-estar têm estimulado seus adeptos e seguidores a consumirem o leite cru. Entre grupos da extrema direita, há a suposição implícita de que o consumo de leite cru comprovaria a superioridade das pessoas de cor ou raça branca – que teriam mais facilidade de processar a lactose. Já para os influencers de bem-estar, o leite cru contribuiria para aumentar a imunidade. Por diferentes motivos, esses grupos têm ignorado os abundantes alertas, evidências e instruções de consumo seguro do leite de vaca disseminados por CDC⁸⁰, Nature⁸¹, Scientific American⁸² e New York Times⁸³, para ficar em alguns exemplos. O resultado possível de mais essa demonstração da estupidez humana, quando sequer superamos a pandemia de Covid-19, é um surto de gripe aviária com alcance e impactos globais ainda imprevisíveis⁸⁴.

Uma relevante diferença entre grandes acontecimentos históricos anteriores e a pandemia de Covid-19 está na abundância de informações disponíveis. Relatos colhidos por Johnson e Reuband (2005) abordam a dificuldade de obter informações jornalísticas externas para quem vivia na Alemanha durante a Segunda Guerra. Nessa perspectiva, negar o conhecimento dos eventos de guerra era mais fácil do que negar uma pandemia na era da

⁸⁰ “Talking to Patients about Unpasteurized (Raw) Milk and Highly Pathogenic Avian Influenza”. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/bird-flu/hcp/unpasteurized-raw-milk/index.html>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

⁸¹ “Huge amounts of bird-flu virus found in raw milk of infected cows”. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/d41586-024-01624-1>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

⁸² “Pasteurization Kills Bird Flu Virus in Milk, New Studies Confirm”. Disponível em: <<https://www.scientificamerican.com/article/pasteurization-kills-bird-flu-virus-in-milk-new-studies-confirm/>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

⁸³ “Raw Milk’s Risks Don’t Stop Right-Wing Commentators From Defiantly Pushing It”. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2024/05/24/business/raw-milk-bird-flu-infowars-disinformation.html>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

⁸⁴ “Gripe aviária e ignorância humana”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d1JbUpNOPUc>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

sobrecarga informacional. No contexto atual, portanto, o máximo que se pode alegar é a não-intencionalidade da desinformação, ao menos por parte de cidadãos comuns.

Durante a pandemia e considerando a desordem informacional supracitada, inúmeras foram as frentes de atuação dos “negacionistas estratégicos” – que, neste trabalho, chamamos de agentes agnotológicos. A instrumentalização das dúvidas por meio da desinformação institucionalizada, os ataques à reputação e as ameaças a autoridades científicas, a promoção de um tratamento precoce ineficaz (inclusive por meio de entidades médicas), a descredibilização da vacinação e as manifestações públicas de anti-intelectualismo são algumas das frentes exploradas no *Dicionário dos negacionismos no Brasil*, organizado por Szwako e Ratton (2022). Os mais de 100 verbetes reunidos na obra demonstram como as inúmeras vertentes do negacionismo atuam para contaminar e desorientar a opinião pública, os debates acadêmicos e as formas de organização social.

Neste capítulo, foram apresentadas discussões teóricas acerca dos principais conceitos norteadores do presente trabalho – entre eles raciocínio motivado, negacionismo e agnotologia. Conforme mencionado, quando falamos sobre negacionismo, é necessário demarcar um conjunto de fatos e acontecimentos que sejam negados. Se o número de vítimas do Holocausto é alvo de disputas desde o fim da Segunda Guerra Mundial – muitas vezes, por motivos alheios ao desejo de se aproximar da verdade dos fatos –, o mesmo tem ocorrido, desde o início da emergência global, quanto ao número de mortos na pandemia de Covid-19. As divergências nos números não resultam apenas da dificuldade de alcançar o quantitativo exato de mortes (por falta de testes, por exemplo), mas da intenção de minimizar e politizar a gravidade da pandemia⁸⁵. A própria escassez de testes ocorreu, em alguns momentos, em virtude da declarada intenção de “encontrar menos casos”⁸⁶. O capítulo 3 apresenta uma abordagem crítica das realidades científica e factual, alvos de disputa de interpretações e enquadramentos durante a pandemia de Covid-19.

⁸⁵ Um dos exemplos da desinformação relacionada ao número de óbitos pelo coronavírus circulou no Brasil ainda no primeiro semestre de 2020. Trata-se da afirmação falsa de que, para cada óbito registrado como decorrente da Covid-19, hospitais e prefeituras receberiam milhares de reais em recursos. Alguns desmentidos podem ser acessados em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-estados-recebem-verba-federal-cada-obito-registrado-por-covid-19/>> e <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/04/15/e-fake-que-prefeituras-e-medicos-que-diagnostics-casos-de-covid-19-ou-atestam-obitos-pela-doenca-recebem-dinheiro-a-mais-por-cada-paciente.ghml>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

⁸⁶ “Em comício, Trump afirma que reduziu testes para esconder casos de Covid-19; Casa Branca diz que é brincadeira”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/21/trump-reclama-de-extremismo-radical-e-admite-que-reduziu-testes-para-esconder-casos-de-covid-19.ghml>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

3. O QUE SE NEGA? DIFERENTES INSTÂNCIAS DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

3.1. Realidade factual

Em contexto de crise epistêmica, de polarização afetiva e de crenças, como os indivíduos integram novas informações ao seu arcabouço de conhecimento e sistema de crenças? Se considerarmos as teorias da dissonância cognitiva (Festinger, 1957) e do raciocínio motivado (Kunda, 1990; Taber e Lodge, 2013), a tendência é de rechaço a informações que elevem o nível de dissonância e o desconforto cognitivo. Mas apenas virar o rosto diante de verdades inconvenientes talvez não fosse suficiente, motivo pelo qual o ecossistema midiático de espriamento e repetição de informações falsas se mostra tão relevante e danoso. Afinal, é em grande medida por meio desses conteúdos que os *motivated reasoners* encontram versões alternativas da realidade factual.

No entanto, empreender recortes dos acontecimentos do mundo é inevitável, diante do imenso volume de eventos que ocorrem a cada momento, e se configura como tarefa inerente dos veículos de informação e comunicação. A respeito dos temas e fatos alçados ao status de notícias e da forma como são abordados, existem teorias e estudos desenvolvidos há décadas na área da Comunicação, numa interface com Psicologia e Sociologia. Em seguida, vamos abordar três delas: *agenda-setting*, *framing* e *priming*.

3.1.1. *Agenda-setting*

Mesmo que não houvesse interesses empresariais por trás da seleção de assuntos a serem noticiados pelos veículos de comunicação, ainda seria necessário um grau de arbitrariedade – e, com este, eventuais vieses dos *gatekeepers* – para definir os fatos a serem alçados à visibilidade e, portanto, a comporem a realidade socialmente compartilhada. Experimentos conduzidos por Iyengar e Kinder (1987: 2010) demonstram que, em diferentes situações, com distintos marcos temporais, os assuntos levados aos noticiários – ou seja, colocados na agenda da discussão pública – tendem a ganhar mais saliência na memória dos indivíduos. Em outras palavras, assuntos que antes não apareciam como relevantes para determinados indivíduos passam a ser elencados como dignos de nota e de preocupação. Da mesma forma, aqueles temas

que já eram citados tendem a ser vistos como mais importantes após maior exposição a eles, decorridas horas, dias ou semanas da exposição experimental. Ademais, os autores mensuraram o impacto da cobertura midiática de determinados temas sobre as flutuações da opinião pública quanto à importância atribuída a tais temas ao longo de sete anos e, controlando pelos efeitos da experiência pessoal e dos discursos de lideranças políticas, concluíram pela persistência dos efeitos gerais de agendamento – isto é, o efeito de temas específicos tende a ser atenuado ou substituído pelas próximas pautas mais “quentes”. Segundo os autores, “[...] nossas evidências sugerem um público americano com memória limitada para as notícias do mês passado e uma vulnerabilidade recorrente às notícias de hoje” (IYENGAR e KINDER, 1987: 2010, p. 33). A partir da mesma lógica, a cobertura maciça ao longo do tempo, como ocorreu no Brasil – sobretudo durante os governos petistas – com a temática da corrupção, possivelmente contribuiu para alavancar este tema ao posto de maior preocupação dos brasileiros, na esteira da Operação Lava Jato⁸⁷.

Se aliarmos o estudo de Iyengar e Kinder (1987: 2010) aos achados de Murphy *et al.* (2021), segundo os quais a exposição a conteúdos falsos ou distorcidos sobre candidatos (por meio de *push polls*) eleva a propensão ao desenvolvimento de falsas memórias – num exemplo do que os autores chamam de *misinformation effect* –, temos desenhado um cenário preocupante quanto à suscetibilidade dos indivíduos diante dos conteúdos que chegam a eles por variados meios. Esta pesquisa, desenvolvida por psicólogos experimentais, é mencionada neste momento para nos lembrar que, para além das empresas de informação e jornalismo profissional, existem múltiplas fontes de informação, com maior ou menor intenção de informar, persuadir e influenciar percepções. Além de fontes outrora consagradas de obtenção de conhecimento – e que hoje estão abaladas pela crise epistêmica, apesar de serem fontes de legitimidade às quais seus detratores imitam no formato –, como a academia, a pesquisa científica e o jornalismo profissional, nossa atenção e a construção de nossas memórias e percepções estão em disputa por outras instâncias, possivelmente em intensidade e volume inéditos.

⁸⁷ “Como ‘brasileiro menos preocupado com corrupção’ pode influenciar eleições?”. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60802231>>. Acesso em 05 dez. 2022.

3.1.2. *Priming*

Num aprofundamento da concepção de agendamento dos temas em circulação no debate público, os veículos de comunicação também cumprem a função de, ao tratar de determinado tema, trazer à superfície determinados padrões de avaliação e julgamento a serem acionados, sobretudo de maneira esquemática e simplificada, pelos indivíduos em suas avaliações políticas (IYENGAR e KINDER, 1987: 2010, p. 63). Assim, por exemplo, ao falar do tema “inflação”, um noticiário pode mostrar a dificuldade dos consumidores em encher o carrinho no supermercado com um determinado montante em dinheiro; pode também falar das medidas do governo para controlar a inflação, ou de como tal índice evoluiu ao longo dos anos. E, ao avaliar um candidato à reeleição, parte do eleitorado tende a não processar um vasto arsenal de informações, mas se lembrar do que faz mais sentido para sua própria experiência e se conforma como atalho cognitivo mais acessível.

Iyengar e Kinder (1987: 2010) realizaram experimentos também para mensurar o impacto do *priming* sobre a atribuição de responsabilidades e as escolhas eleitorais dos indivíduos, e encontraram um efeito maior das informações distribuídas ao longo do tempo do que de grande volume de informações concentradas. Assim como no agendamento, os efeitos do *priming* tendem a se manifestar de maneira temporalmente consistente e distribuída. Entretanto, os autores consideram pouco plausível supor que os veículos de comunicação sejam capazes de criar e disseminar percepções de importância quanto a problemas inexistentes na vida das pessoas. Em outras palavras, conseguir alterar a ordem de relevância atribuída a temas de interesse público não é o mesmo que forjar pautas novas. Aqui, novamente, se reafirma o lastro de realidade com o qual precisam lidar os responsáveis por contar histórias que façam sentido do mundo em que vivemos. O problema se complexifica quando, nas disputas pelos enquadramentos prevalentes em um determinado momento social e histórico, se perde o compromisso partilhado com algum senso de realidade verificável, seja por meio da validação por pares, da manutenção de reputação e credibilidade ou pela coerção exercida por grupos sociais.

3.1.3. *Framing*

Além de alçar determinados assuntos à visibilidade e deixá-los no “topo da mente” dos cidadãos, os veículos de comunicação (mas não apenas eles) apresentam determinados

enquadramentos dos acontecimentos, de modo a apresentá-los de maneira organizada e compreensível. Apesar de os acontecimentos se darem de maneira caótica e, muitas vezes, aleatória, a mente humana tende a procurar por formas de “fazer sentido” dos eventos, o que pode nos auxiliar a compreender, inclusive, a adesão a teorias da conspiração. O conceito de *framing* ou enquadramento, apresentado em Goffman (1986, pp. 10-11) como um conjunto de “[...] princípios de organização que governam os eventos – ao menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles”, complexifica a ideia de agendamento. Como pontuam Chong e Druckman (2007, p. 104), um mesmo assunto pode ser encarado sob perspectivas variadas. Os autores definem *framing* como “[...] o processo pelo qual as pessoas desenvolvem uma conceitualização particular ou reorientam seus pensamentos sobre um tema”.

Para além da visibilidade, portanto, é relevante considerarmos a forma como são apresentados os acontecimentos e as experiências mediatas. Durante a pandemia, por exemplo, a cobertura midiática não foi homogênea. Enquanto havia veículos noticiosos que acompanhavam com mais atenção os números de casos e de mortes, outros destacavam os números de curados. Por se tratar de um vírus com alto grau de propagação e baixa proporção de mortos, inevitavelmente haveria um elevado número absoluto de “curados” – e até mesmo o significado de “curado” ou “recuperado” se tornou alvo de disputa, uma vez que foram se acumulando evidências científicas de efeitos de longo prazo do coronavírus. Portanto, o enquadramento poderia recair sobre o total de contaminados que sobreviveram ou sobre o total de mortos, ou ainda sobre os efeitos de longo prazo de um vírus novo ou as histórias de vida por trás das estatísticas. Para diferentes formas de interpretar e exibir uma mesma realidade e seus desdobramentos, é razoável supor que houvesse distintas reações. Mas podemos pensar também no movimento oposto, reforçado pelos estudos sobre dissonância cognitiva e raciocínio motivado: quanto mais fortes as atitudes prévias, maior a tendência a dedicar mais atenção e dedicação a determinado enquadramento, possivelmente aquele congruente com vieses preexistentes e que causariam menos desconforto.

Desde o início de 2020, a emergência de saúde global causada pelo novo coronavírus se tornou tema presente (e crescentemente “obrigatório”) nos noticiários ao redor do mundo. A partir de diversos critérios de noticiabilidade – entre os quais destacamos proximidade, relevância, atualidade, notabilidade, morte, o inesperado, disponibilidade de cobertura, visualidade, amplificação e dramatização (Traquina, 2020) –, o espalhamento de casos e óbitos, as medidas iniciais e possíveis formas de prevenção tomaram conta dos espaços informativos.

Mas, no interior da vasta cobertura midiática, exatamente em virtude da abrangência e duração da pandemia e a despeito dos valores-notícia anteriormente listados, é razoável supor a ocorrência de heterogeneidade nas abordagens dos acontecimentos. A realidade pandêmica pode ter sido retratada a partir de lentes variadas, seja por critérios empresariais (veículos de comunicação são empresas com interesses próprios, muito embora a credibilidade fundamente seu sucesso e limite suas formas de enquadramento da realidade), por limitações impostas pela rotina do trabalho jornalístico, por fatores políticos, ideológicos ou culturais.

Um exemplo de diversidade no enquadramento e do que pode estar relacionado a essa escolha aparece na Figura 1, que traz *prints* do telejornal brasileiro Jornal da Record, da Record TV. Para qualquer governo à frente da gestão de uma pandemia, é estrategicamente interessante que se consiga repercutir, nos espaços midiáticos, o “placar de recuperados” do vírus – o que tende a amenizar o impacto dos quantitativos de infectados e de mortos. Não se trata de informação falsa nem incorreta, mas de um enquadramento que pouco acrescenta à compreensão da evolução da pandemia, sobretudo se considerarmos fatores como o desconhecimento sobre eventuais sequelas da Covid-19 (ou a “Covid longa”⁸⁸) e o simples fato de que o percentual de letalidade do vírus variou, nos dois primeiros anos da pandemia, entre 2% e 4%⁸⁹ – donde decorre que, inevitavelmente, uma proporção entre 96% e 98% dos infectados sobreviveria.

Figura 1 - “Placar de recuperados” da Covid-19 no Jornal da Record



Fonte: Edições de 08/07 e 02/11/2020 do Jornal da Record, Record TV, Brasil.

⁸⁸ “Covid longa é uma nova doença e afeta o trabalho da maioria dos infectados, apontam estudos”. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/covid-longa-e-uma-nova-doenca-e-afeta-o-trabalho-da-maioria-dos-infectados-apontam-estudos>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

⁸⁹ “Fiocruz diz que taxa de letalidade da Covid no Brasil aumentou para 4,2% em março”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/06/fiocruz-diz-que-taxa-de-letalidade-por-covid-19-no-brasil-aumentou-em-marco-para-42percent.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Estudos sobre *framing* são abundantes e partem de perspectivas diversificadas, que vão do jornalismo à psicologia, passando pela comunicação política e pelo marketing eleitoral (Walter e Ophir, 2024). Do ponto de vista individual (ou, de acordo com Goffman (1986), da vida social dos indivíduos), enquadramentos são formas de organização, atribuição de significados e interpretação das experiências, de modo a estimular o engajamento e orientar as ações das pessoas no mundo. Goffman (1986, p. 22) identifica dois tipos de enquadramentos primários: o natural, que seria aquele “puramente físico”, sem interferências do ser humano, e o social, sob influência da atuação e intencionalidade humanas. A transmissão do vírus de pessoa a pessoa foi um acontecimento que atingiu as populações do mundo de maneira inicialmente indistinta, mas seu impacto foi mediado por fatores de diferentes ordens. É interessante notar, portanto, que a distinção básica entre os enquadramentos natural e social foi borrada no contexto da politização da pandemia por presidentes e fontes de (des)informação agnotológico; como exemplo, temos o fato de que a origem do SARS-Cov-2 tem sido alvo de teorias de conspiração desde o início da emergência de saúde. Além disso, medidas amplamente recomendadas por cientistas, como o uso de máscaras e o isolamento social, foram descredibilizadas por algumas lideranças políticas e médicas. Para complexificar a situação, as informações disponibilizadas ao público se mostram mutáveis e contraditórias: orientações sobre como lidar com o vírus mudaram ao longo do caminho (conforme novas descobertas eram feitas e novos estudos chegavam a conclusões), e a própria hipótese de que o vírus escapou de um laboratório não é inteiramente rejeitada por agências governamentais dos Estados Unidos⁹⁰.

Algumas condições tendem a nos tornar vulneráveis a enquadramentos equivocados de nossas experiências, entre elas: a escassez de informações disponíveis; o distanciamento temporal dos acontecimentos; a concentração de informações sobre determinados eventos em apenas uma ou poucas fontes; o valor de “registro fiel da realidade” socialmente atribuído a registros em áudio e vídeo (sendo que o próprio enquadramento escolhido por quem faz tais registros e as edições são, por sua natureza, um reflexo de seus vieses); e a proximidade e relação pessoal de confiança com um potencial enganador (Goffman, 1986, p. 448-462). Tais condições refletem a constatação de que, por mais que *framings* sejam formas de organização de nossas experiências, estas podem ocorrer de maneira mediada – isto é, nossas experiências não necessariamente ocorrem em primeira mão. É nesse sentido que este trabalho parte do

⁹⁰ “FBI chief Christopher Wray says China lab leak most likely”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-64806903>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

pressuposto, para a compreensão dos fatores que influenciaram a forma como indivíduos atribuíram sentido à realidade pandêmica, do entrelaçamento entre inúmeras (e potencialmente contraditórias) fontes de informação. Cientistas e divulgadores científicos, jornalistas, médicos, líderes políticos, autoridades técnicas e a própria experiência pessoal relatada por indivíduos de confiança compuseram o ambiente informacional em que o objetivo principal era sobreviver.

Eventuais dissonâncias entre atalhos informacionais tendem a gerar confusão nos públicos leigos, sobretudo quando se trata de assunto cuja compreensão se restringe a um grupo de especialistas. A Figura 2, por exemplo, demonstra a contraposição entre duas possíveis fontes de informações e de enquadramentos sobre a pandemia: o jornalista Tucker Carlson, então âncora de um dos programas de maior audiência da Fox News, e Anthony Fauci, médico com décadas de experiência que trabalhava no governo estadunidense e era representante da comunidade científica. Neste episódio do programa, exibido em junho de 2021, Carlson levanta dúvidas sobre a origem do coronavírus e questiona a credibilidade de Fauci.

Figura 2 - Enquadramento de Anthony Fauci pela Fox News



Fonte: Edição de 03/06/2021 do programa Tucker Carlson Tonight, Fox News, Estados Unidos.

Assim como a pandemia foi interpretada e gerenciada de maneiras distintas por lideranças políticas ao redor do mundo, é razoável supor a ocorrência de certa diversidade nos enquadramentos da realidade pandêmica pelos veículos de comunicação. Ao mesmo tempo, por se tratar de empresas cuja credibilidade se assenta na manutenção de conexões verificáveis (ou, ao menos, da verossimilhança) com a realidade factual, espera-se algum grau de uniformidade (ou de intersecção mínima) no que concerne aos fatos mais elementares relacionados à pandemia. Uma análise dos enquadramentos, fontes e mudanças nas coberturas em diferentes momentos da pandemia será apresentada no capítulo 4 desta tese, com o objetivo de compreendermos se eventuais discrepâncias entre as formas de reportar a realidade pandêmica

podem ter contribuído para dissonâncias nas interpretações por parte dos públicos. Isso porque, atualmente, muito se fala sobre o papel das redes sociais na construção e manutenção das câmaras de eco, mas nossa expectativa é que, mesmo entre noticiários de veículos de comunicação da mídia tradicional, as abordagens podem ter sido variadas e, até mesmo, contraditórias em alguns momentos. Na próxima seção, abordaremos a outra instância de interpretação da realidade pandêmica que interessa a este trabalho: as verdades científicas.

3.2. Consensos científicos e a busca por certezas

Dei o nome de seleção natural a este princípio de conservação ou de persistência do mais apto [...]. Pode-se dizer que a seleção natural examina diariamente, em todo o mundo e a cada minuto, todas as variações, até mesmo as ínfimas; *rejeitando o que é ruim, preservando e somando tudo que é bom*; trabalhando silenciosa e imperceptivelmente, quando e onde surgem as oportunidades para melhorar todos os organismos em relação às suas condições orgânicas e inorgânicas de vida [...]. Por meio do forte *princípio da hereditariedade*, qualquer variedade selecionada *tenderá a propagar sua nova forma modificada* (DARWIN, Charles. *A origem das espécies*, 2018 [1859], grifos meus).

Responsável pela teoria da seleção natural, Charles Darwin assinala, em sua obra mais famosa, *A origem das espécies*, que “as leis que regem a hereditariedade são bastante desconhecidas” (Darwin, 2018[1859], p. 36). Menos de três décadas após a publicação do livro que consagrou a teoria da seleção natural, o primo de Darwin, Francis Galton, cunhava o termo “eugenia”, em busca da aplicação dos pressupostos da teoria darwinista ao ser humano com base nas leis da hereditariedade (Del Cont, 2008). Em texto publicado em 1904 no *American Journal of Sociology* e republicado no conceituado periódico *Nature*, Galton define eugenia como “[...] a *ciência* que lida com todas as influências que melhoram as qualidades inatas de uma raça; e, também, com aquelas que os desenvolvem até a máxima vantagem” (Galton, 1904, p. 1, grifo meu). O próprio Galton questiona sobre o que seria considerado “melhoria”, o que seria classificado como “bom” ou “ruim”, e alerta que os critérios para essa avaliação não deveriam ser morais. Na avaliação do autor, “todas as criaturas concordariam que é melhor ser saudável do que doente, vigoroso do que fraco, bem ajustado do que mal ajustado ao seu papel na vida” (Galton, 1904, p. 2).

Com base no mesmo raciocínio, ele acredita que criminosos e “pessoas indesejáveis” seriam alvos inevitáveis do desejo de expurgo por parte das sociedades. Galton argumenta que, enquanto as “raças mais selvagens” foram eliminadas quando postas em contato com a “civilização”, “[...], algumas outras, como os negros, não desapareceram” (Galton, 1904, p. 4)

e, ao contrário, se tornaram mais férteis. Diante da desproporção entre a “utilidade cívica” de alguns estratos populacionais e sua capacidade de procriação, Galton defende que “o que a natureza faz cega, vagarosa e impiedosamente o homem pode fazer prudente, rápida e gentilmente” (Galton, 1904, p. 5). As formas de garantir a perpetuação das características consideradas desejáveis seriam, principalmente, o banimento de “casamentos inadequados” e a garantia de que os pais teriam “boas características” para transmitirem a seus futuros descendentes – fossem elas raciais, profissionais e/ou de origem familiar. Embora reivindicasse o caráter científico de suas proposições, o autor argumentava que, após ser alçada ao status de fato academicamente relevante, a eugenia deveria ser incorporada à consciência nacional, “[...] como uma nova religião” (Galton, 1904, p. 5).

Cabe destacar que o tipo de credencial que até hoje serve como fonte de legitimidade científica – publicação por periódicos renomados, como a *Nature* – foi alcançado por Galton – embora esta publicação, de 1904, traga uma discussão entre pares que demonstra que a eugenia estava longe de ser consenso na comunidade científica. As principais críticas remetiam ao embate entre “natureza” e “ambiente”, sobretudo com foco no papel de fatores sociais para o desenvolvimento ou a inibição de características. Fica explícito, pela discussão publicada, que as leis da hereditariedade ainda não eram conhecidas, de modo que seria inviável garantir que atributos desejáveis seriam transmitidos às gerações futuras.

Em texto publicado em 28 de setembro de 2022, o corpo editorial da revista científica *Nature* se propõe a revisitar momentos constrangedores e condenáveis de sua história. Intitulado “Como a *Nature* contribuiu para o legado discriminatório da ciência”⁹¹, o artigo destaca que, no início do século XX, o periódico publicou inúmeros textos que agregaram legitimidade à eugenia – apresentada por Francis Galton como “a ciência que lida com todas as influências que melhoram e desenvolvem as qualidades inatas de uma raça”. Tal teoria viria a ser utilizada como a legitimação científica para o Holocausto⁹² – que, por sinal, é um evento histórico

⁹¹ Texto disponível em: <<https://www.nature.com/articles/d41586-022-03035-6>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

⁹² A respeito da utilização da ciência, da arte e da propaganda pelos nazistas para a justificação da eliminação dos “impuros” e “feios”, uma referência é o documentário *Arquitetura da Destruição*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBqGThx2Mas>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

marcado pela negação, tanto entre os que viveram durante o período⁹³ quanto para alguns que o estudaram depois⁹⁴.

O editorial da *Nature* reconhece os efeitos devastadores da legitimação de teorias cientificamente sem acurácia, como a eugenia. No mesmo sentido, outro dos mais prestigiados periódicos científicos do mundo, a revista *The Lancet*, publicou, em 2008, uma retratação a um artigo científico de autoria de Andrew Wakefield, que havia sido publicado dez anos antes⁹⁵. No texto que viria a ser desmentido e ocasionaria a seu autor a perda do direito ao exercício da medicina, Wakefield estabelece uma hipótese da associação entre a vacina tríplice viral e casos de autismo. Desde então, o já antigo movimento antivacina ganhou ainda mais força e potencial persuasivo, levando ao crescimento da hesitação vacinal. A propósito, essa inverídica associação entre vacinas e autismo é retomada pelos disseminadores de conteúdos falsos a cada nova epidemia ou campanha. Estes dois exemplos, de estudos cancelados por duas revistas científicas reconhecidas tanto pela comunidade acadêmica quanto por jornalistas e pelo público em geral e que geraram impactos sociais significativos, demonstram que o empreendimento da ciência não está imune a falhas.

Porém, a necessidade de encarar os consensos científicos em perspectiva e não como verdades absolutas ou dogmas, além de mais atenção na leitura, divulgação e utilização dos achados de artigos científicos – tanto por divulgadores quanto por jornalistas e gestores públicos – não significa que todo o empreendimento da ciência como construção coletiva e submetida a regras específicas deva ser invalidado. Sem os esforços de cientistas de diferentes áreas de conhecimento ao redor do mundo, os impactos da pandemia de coronavírus teriam sido ainda mais severos. Mas, conforme ponderam Oreskes e Conway (2011), a incerteza inerente ao

⁹³ Sobre as versões conflitantes quanto ao conhecimento, por parte dos alemães que viviam sob o regime nazista, de que milhões de pessoas estavam sendo exterminadas em campos de concentração, há o livro “What we knew: terror, mass murder, and everyday life in Nazi Germany”, de Johnson e Reuband (2005). Os autores, que entrevistaram cerca de 200 pessoas em profundidade e realizaram um survey com cerca de três mil respondentes, a respeito de suas experiências na Alemanha nazista, argumentam que, por meio do contato com as experiências cotidianas de alguns dos personagens desse período histórico, é possível perceber que não apenas por coerção se sustentava o regime nazista. A indiferença e a cumplicidade também estavam presentes no comportamento de parte dos que não eram diretamente afetados – e, após a guerra, a frase “nós não sabíamos” seria repetida exaustivamente.

⁹⁴ A respeito da negação do Holocausto entre estudiosos, recomenda-se o livro “Denying the Holocaust” (1994), de Deborah Lipstadt, além do filme “Negação”, baseado em tal livro. Lipstadt propõe uma reflexão a respeito da sua permanente recusa em debater com “especialistas” negacionistas do Holocausto. Na concepção da historiadora, ao aceitar aparecer no mesmo espaço com defensores do “outro lado” contribui para alçar os negacionistas a um patamar de legitimidade que eles não devem alcançar.

⁹⁵ “Saiba mais sobre Brian Deer, o homem que desmascarou a fraude que ligava vacinas ao autismo”. Disponível em: < <https://butantan.gov.br/butantan-educa/saiba-mais-sobre-brian-deer-o-homem-que-desmascarou-a-fraude-que-ligava-vacinas-ao-autismo>>. Acesso em 14 dez. 2022.

método científico tende a soar menos convincente do que as certezas oferecidas por outros agentes – interpessoais, políticos e religiosos, por exemplo.

Assim, outras formas de conhecimento (e de desinformação) disputam espaço com as informações cientificamente embasadas: quando o presidente afirma que “cloroquina funciona, mas que está sendo censurado e proibido de falar sobre o remédio”; quando diz que “um estudo mostrou que máscaras fazem mal para as crianças”; quando milhares de médicos e o respectivo conselho profissional se unem em defesa da “autonomia médica” para receitar medicamentos comprovadamente ineficazes; quando amigos e familiares afirmam que “todos em casa tomaram o kit Covid e estão todos bem, então é porque funciona”; ou quando lideranças religiosas se colocam contra o lockdown porque “a fé ajuda a superar angústias e as igrejas precisam estar abertas para acolher as pessoas”, estão sendo oferecidas formas de interpretação da realidade que rivalizam com o conhecimento científico acumulado até o momento e que, por sua natureza, está em constante aperfeiçoamento. O fator angustiante é que, enquanto cientistas e seus achados tendem a ficar confinados a públicos restritos – ou, quando muito, são alvos de manchetes jornalísticas nem sempre cuidadosas –, o alcance de agentes agnotológicos, como alguns setores da indústria e lideranças políticas, tende a ser bem maior.

3.2.1. A(s) verdade(s) científica(s) em perspectiva crítica: da eugenia à pandemia

Como se pode depreender a partir da breve contextualização das ideias galtonianas, a eugenia foi utilizada como justificação científica (sem aspas) para a eliminação de milhões de pessoas durante o nazismo. Mas é importante ressaltar que, antes mesmo da ascensão de Hitler e dos horrores do holocausto, ainda no início do século XX, inúmeros estados passaram a permitir a esterilização eugênica nos Estados Unidos. Isso acarretou a esterilização de um quantitativo entre 60 e 70 mil pessoas no país, prática esta que perdurou após a Segunda Guerra Mundial e culminou em legislações eugênicas aprovadas em 32 estados do país, ao longo do século XX⁹⁶. No Brasil, país miscigenado, conviveram diferentes formulações do ideal eugênico, do mais “ameno” – que projetava o embranquecimento gradual da população ao longo das décadas – ao mais radical, que argumentava que “a nacionalidade brasileira só embranquecerá à custa de muito sabão de coco ariano” (Diwan, 2007, citando frase publicada

⁹⁶ “The forgotten lessons of the American eugenics movement”. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/books/page-turner/the-forgotten-lessons-of-the-american-eugenics-movement>>. Acesso em: 21 jan. 2024.

por Renato Kehl, um dos maiores eugenistas brasileiros). Nesse sentido, a miscigenação representava a perpetuação do gene mais fraco e a consequente subversão da interpretação galtoniana do darwinismo⁹⁷.

É também sob essa lógica que perduram, ainda hoje, discursos e práticas anti-imigratórios como os do ex-presidente e novamente candidato Donald Trump, nos Estados Unidos. Em um evento em New Hampshire, em dezembro de 2023, Trump afirmou que imigrantes “estão contaminando o sangue do nosso país”⁹⁸. Semanas antes, ele havia se referido a adversários políticos como “vermes”. Essa equiparação de imigrantes e inimigos a seres inferiores e fontes de doenças guarda semelhanças com discursos nazistas. No documentário *Arquitetura da destruição*, vemos um trecho de um discurso proferido por Adolf Hitler em fevereiro de 1942: “a descoberta da bactéria dos judeus é a grande revolução do mundo. Devemos continuar a luta de Pasteur e de Koch. Inúmeras doenças têm uma só causa: o judeu. Seremos saudáveis quando eliminarmos os judeus”⁹⁹. Nota-se, nesta fala, a busca por atribuir roupagem científica ao discurso do líder político. De fato, ideais científicos e estéticos fundamentavam a forma mais extrema de prática da eugenia.

Hoje, ao mesmo tempo em que olhamos com horror para o passado de extermínio de milhões de seres humanos que não se encaixassem nos padrões de “saúde” e “beleza” nazistas, vemos que o apoio a Trump, nos Estados Unidos, se funda, em grande medida, em suas radicais posições anti-imigração¹⁰⁰. Na Europa, partidos com bandeiras centradas na condenação à imigração ganham força e representatividade eleitoral. Da mesma forma, práticas menos escandalizantes ou com menos repercussão, mas com embasamento eugênico, como a esterilização de mulheres em situação de rua contra sua vontade e a edição do DNA de fetos para imunizá-los de doenças, estão presentes em nossas sociedades. A leniência e o apoio a formas de controle da circulação e reprodução dos “indesejados”, “viciados” e “doentes

⁹⁷ A respeito da eugenia no Brasil e no mundo, vale mencionar o trabalho minucioso de pesquisa e apresentação de fatos e dados realizado pelos jornalistas Jessica Almeida e Vinícius Luiz no podcast Pelo Averso, disponível em: <<https://peloavesso.com/>> e nos principais tocadores de podcasts. Acesso em: 01 fev. 2024.

⁹⁸ “Trump tells rally immigrants are ‘poisoning the blood of our country’”. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2023/dec/16/trump-immigrants-new-hampshire-rally>>. Acesso em: 31 jan. 2024.

⁹⁹ Dirigido por Peter Cohen, o documentário sueco *Arquitetura da destruição*, de 1989, apresenta os ideais de embelezamento e purificação do mundo que sustentavam o sistema de crenças de Hitler e seus principais agentes durante o projeto de eliminação dos judeus e demais representantes de “raças inferiores”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RlrWOWKnrlM>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

¹⁰⁰ “Immigration is driving support for Trump more than in 2016”, artigo de Michael Tesler publicado em 30 de janeiro de 2024. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/538/immigration-driving-support-gop-primary/story?id=106777173>>. Acesso em: 01 fev. 2024.

mentais” suscita alguns questionamentos: caso os horrores do holocausto não tivessem sido descortinados e condenados, a eugenia teria perdido legitimidade social, inclusive em suas vertentes “positivas” e associadas ao “melhoramento” humano? O apoio a lideranças que fundamentam seus discursos e práticas na suposição de inferioridade de certos grupos raciais, étnicos e sociais revela que estamos menos distantes do que gostaríamos de crer de práticas como o higienismo eugênico?

Cento e quarenta anos e muitos avanços científicos, éticos e metodológicos após a criação do termo “eugenia”, seria razoável supor que, enquanto comunidade científica e como sociedade, estejamos menos propensos a alçar ao status de ciência legítima e socialmente influente práticas que não passem pelo crivo de conselhos éticos, dos pares da mesma área e pela baliza que outros estudos fornecem. Porém, o refinamento de ferramentas de coleta e análise de dados pode mascarar, até mesmo de maneira mais eficaz, uma série de problemas – dos vieses inconscientes à má-fé. Para ficarmos no exemplo de ciência produzida a partir de vieses de raça e sua potencial reverberação social, podemos citar o racismo algorítmico e as ferramentas de detecção e identificação automatizadas de suspeitos de crimes. Se, por um lado, algoritmos permitem a ampliação do escopo de dados sob escrutínio e a consequente apuração de resultados e tomada de decisões com base em “N”s muito maiores do que a capacidade humana de processamento e análise viabilizaria, por outro lado, vieses no fornecimento de inputs aos sistemas tendem a ser amplificados. E, diante da legitimidade que grandes números tendem a agregar a estudos, pesquisas e produtos, o potencial danoso se torna ainda maior, por parecer incontestável. Silva (2022, n.p.) define racismo algorítmico como “[...] o modo pelo qual a disposição de tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica racializada de classificação social, recursos e violência, em detrimento de grupos minorizados”. Alguns exemplos podem ser mencionados: jovens que foram associados a “gorilas” pelo software de reconhecimento de imagens do Google; dispenser de sabonete líquido que, por não ter sido testado com mãos de pessoas com tons de pele diversos, não libera o conteúdo do recipiente para mãos não brancas; experimento com aprendizado de bot no *Twitter* a partir de suas interações com os usuários do *microblog*, no qual, ao fim de um dia, ele havia se tornado racista e apoiador de Hitler¹⁰¹.

¹⁰¹ “Vídeo com saboneteira levanta debate sobre ‘tecnologias racistas’”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/video-com-saboneteira-levanta-debate-sobre-tecnologias-racistas-21720614>>. Acesso em: 02 fev. 2024.

Se, há cerca de um século, estava em marcha a construção de mentalidade racista e eugenista em diferentes sociedades, as rotulações supostamente objetivas a partir de sistemas treinados por seres humanos enviesados ocorrem, ainda, nos sistemas de reconhecimento facial por inteligência artificial, com potencial de maior abrangência. Polícias dos estados brasileiros, por exemplo, têm utilizado sistemas de reconhecimento facial para auxiliar a identificação de suspeitos de crimes. Diante de questionamentos relacionados a suposto racismo algorítmico, considerando que 90% dos identificados são pretos ou pardos¹⁰², representantes das secretarias de segurança de São Paulo e Bahia asseguraram, em audiência na Câmara dos Deputados brasileira, que os sistemas “não consideram a cor da pele” e que “trabalham com dados matemáticos baseados em medidas de rosto e não em aspectos étnico-raciais”¹⁰³.

Durante a pandemia, um dos argumentos utilizados pelos presidentes que minimizaram a gravidade da emergência de saúde partia de dois pressupostos, mais ou menos implícitos em seus discursos (a depender do presidente) e que careciam de fundamentação científica: 1. a baixa letalidade do vírus e 2. a busca pela “imunidade de rebanho por contágio”. Ainda que a imunidade adquirida pelo contágio fosse mais duradoura do que se evidenciou ao longo da pandemia, a mera combinação desses dois fatores levaria a milhões de mortes em cada nação (conforme explorado no capítulo 1) – o que, como especialistas ressaltavam desde o início, demandava a combinação de medidas como o distanciamento social e uso de máscaras, até que vacinas fossem desenvolvidas. E quem seriam os mais afetados, proporcionalmente? “Agora conhecemos a doença [...]. Ela afeta pessoas idosas. Pessoas idosas com problemas cardíacos e outros problemas [...]. Abaixo dos 18 anos, a doença não afeta ninguém; eles têm um sistema imune forte”, afirmou Trump em setembro de 2020¹⁰⁴, mês em que os Estados Unidos ultrapassaram a marca oficial de 200 mil mortos por Covid-19.

A mentalidade eugenista também foi percebida em falas e medidas adotadas e defendidas por Jair Bolsonaro, como apontou, em entrevista concedida em maio de 2020, o diretor técnico de clínicas do Hospital das Clínicas de São Paulo, Arnaldo Lichtenstein: “não é

¹⁰² “Erros em série expõem fragilidade do reconhecimento facial como ferramenta de combate ao crime”. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/tecnologia/erros-em-serie-expoem-fragilidade-do-reconhecimento-facial-como-ferramenta-de-combate-ao-crime/>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

¹⁰³ “SP e BA dizem à Câmara que cor da pele não importa em sistema de reconhecimento facial”. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sp-e-ba-dizem-a-camara-que-cor-da-pele-nao-importa-em-sistema-de-reconhecimento-facial/>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

¹⁰⁴ “Trump said coronavirus ‘affects virtually nobody,’ as U.S. surpasses 200,000 deaths”. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/covid-it-affects-virtually-nobody-trump-coronavirus-rally/>>. Acesso em: 01 fev. 2024.

um negacionismo da ciência, é uma linha de raciocínio muito diferente e cruel. Sabe-se que a epidemia vai passar quando 50% a 70% das pessoas estiverem imunizadas, ou com vacina, ou pegar a doença [...]. As pessoas que vão morrer muitas são os idosos, aí tem a fala de 'aí ia morrer mesmo', ou as pessoas que já têm doença. E vão ficar os jovens e atletas. Então se a gente pegar pedaços da fala, tem uma lógica intensa. Isso se chama eugenia, lembre-se de que sistema político mundial usava isso”¹⁰⁵.

3.2.2. O que é – e o que *não é* – a ciência?

Tão exaltada quanto atacada, tão mimetizada quanto questionada, a ciência se transformou em assunto obrigatório ao redor do mundo, durante a pandemia de Covid-19. O rótulo de “cientificamente comprovado” pautou discussões e práticas em diferentes instâncias da vida das pessoas. Mas o que é a ciência (ou “as ciências”), e quais os principais equívocos na percepção da ciência por partes dos públicos não especializados que podem ter impactado os desdobramentos da pandemia?

Muitas são as discussões sobre epistemologia, paradigmas científicos, formas de demarcação do empreendimento científico. Mais recentemente, há esforços no sentido de distinguir ciências de pseudociências (Gordin, 2021; Pasternak e Orsi, 2023) e problematizações sobre a cientificidade de campos específicos e sobre os próprios critérios distintivos das ciências (Dunker e Iannini, 2024). Há diferentes formas de acessar a realidade, sendo a mais imediata a experiência pessoal. Mas, para podermos conhecer o mundo para além das nossas próprias vivências, comunidades de especialistas em incontáveis assuntos trabalham a partir de alguns valores éticos, princípios epistemológicos e referenciais teórico-metodológicos acumulados ao longo do tempo e compartilhados pelo grupo. Ciência, numa descrição bastante simplificada, é um empreendimento humano e coletivo, em busca de oferecer a “[...] melhor descrição possível da realidade factual” (Pasternak e Orsi, 2023, p. 8), a partir de um conjunto de ferramentas e da necessária responsividade à realidade apreendida e cujos achados devem ser submetidos ao escrutínio da comunidade científica.

¹⁰⁵ “Especialista do HC vê eugenia em fala de Bolsonaro sobre pandemia”. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/12/diretor-do-hospital-das-clinicas-eugenia.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Adquire maior importância ainda o fato de que as soluções satisfatórias podem não ser meramente pessoais. Elas devem ser aceitas como soluções por muitos. O grupo que as compartilha, no entanto, não pode ser tirado aleatoriamente da sociedade como um todo. Esse grupo é, em vez disso, *a bem definida comunidade dos pares profissionais do cientista*. Ainda que não escrita, uma das mais fortes regras da vida científica é a *proibição dos apelos aos chefes de estado ou às massas populares em geral* quanto a matéria científica. [...]. o *isolamento da comunidade científica em relação à sociedade* permite ao cientista individual concentrar sua atenção sobre problemas que ele tem bons motivos para acreditar que será capaz de resolver (Kuhn, 2022, p. 155-159, grifos nossos).

Essa delimitação da comunidade científica traz algumas chaves para a compreensão de certo distanciamento entre ciências e pessoas leigas. Trata-se de um grupo profissional restrito a experts e que, de certa forma, se pretende apartado de influências políticas e individuais e da opinião pública. Uma outra forma de explicar a distinção entre o funcionamento da ciência e de outras atividades humanas está resumida no que McIntyre (2019, p. 47, versão *kindle*) define como “atitude científica”: “[...] um sistema de crenças que diz a eles [os cientistas] que a resposta a questões empíricas será encontrada não em deferência a autoridades ou a compromissos ideológicos – ou às vezes nem mesmo pela razão – mas sim nas evidências que eles coletam sobre o assunto em investigação”. O foco da atitude científica, portanto, recai sobre as evidências empíricas¹⁰⁶, de modo que as teorias estabelecidas estão suscetíveis a mudanças em caso de novas evidências que as contrariem. Nessa perspectiva, portanto, diante de uma dissonância entre suas crenças e arcabouço anteriores e os novos achados, o cientista deve agir no sentido oposto ao do raciocinador motivado.

Mas, quando ocorre uma pandemia na era das redes sociais, da pós-verdade e dos algoritmos, essas fronteiras, ritos, tempos e a própria legitimidade das evidências (que passam a estar sob escrutínio público) tendem a se diluir em um ambiente de confusão, incertezas e instrumentalização do ceticismo. Se a construção da credibilidade pública das ciências (especificamente aquelas conhecidas como “ciências duras”) esteve, em alguma medida, atrelada ao isolamento da comunidade científica (no sentido de uma incompreensão pública

¹⁰⁶ A respeito das evidências científicas, o sociólogo Howard Becker (2017) traz uma ampla discussão sobre suas formas de coleta, as pessoas envolvidas (seus interesses e motivos para realizarem esse trabalho), os tipos de fontes e de abordagens analíticas. Cada forma de produção e de aproximação das evidências tem prós e contras. Nesta pesquisa, por exemplo, são utilizadas bases de dados de pesquisas nacionais e internacionais coletadas por outros pesquisadores, bem como dados apurados diretamente por mim. Os dados de surveys têm seus parâmetros de confiabilidade e qualidade reconhecidos pela comunidade acadêmica, mas não trazem exatamente as perguntas/variáveis da forma como eu as teria formulado se o survey fosse por mim realizado para a tese. A profundidade alcançada nas entrevistas qualitativas, por outro lado, dificulta que se alcance um grande número de entrevistados. A abordagem multimétodos com dados de múltiplas fontes procura, portanto, agregar credibilidade e robustez à pesquisa.

deferente dos leigos para com os cientistas), essa distância gerou dois problemas: a falta de entendimento, por parte dos públicos amplos, quanto aos procedimentos inerentes ao “fazer ciência” – o que viabiliza que falsos “especialistas” emulem cientistas a partir do uso de jargões da área e tenham certo alcance; e a adesão a alternativas charlatãs que oferecessem um grau de certeza que as conclusões científicas, por princípio, não permitem alcançar.

Por esses motivos, é importante falarmos não apenas sobre o que é a ciência, mas sobre o que ela não é.

1. Fornecedora de certezas: durante a pandemia, ao longo da qual a maioria de nós se tornou “especialista” em infectologia, muito se discutia sobre os percentuais de eficácia das vacinas. Os noticiários ditavam os comparativos dos números (às vezes, sem contextualizar seus significados) e, a partir deles, havia indivíduos recusando a vacina de determinado fabricante¹⁰⁷. Verificava-se o mesmo problema quanto aos possíveis efeitos colaterais dos imunizantes – apesar de eles serem muito menos frequentes do que os possíveis impactos de contrair a doença. Esses exemplos demonstram a propensão a buscarmos certezas absolutas, efetividade completa e inexistência de riscos (mesmo que mínimos). Mas a dúvida, a margem de erro, a estimativa (em lugar do número exato) são partes da ciência e impulsionam seu avanço.

2. Imutável: durante as entrevistas em profundidade para a tese, uma opinião frequente era a de que as máscaras não eram eficazes para evitar a contaminação pelo coronavírus. É possível que essa percepção tenha surgido do fato de que, no decorrer da pandemia, as orientações sobre essa medida sofreram algumas modificações. Nas primeiras semanas da pandemia, em virtude do menor conhecimento sobre o vírus e do temor de que faltassem máscaras N95 ou equivalentes para os profissionais de saúde, houve recomendações para que as pessoas utilizassem máscaras de tecido – cuja eficácia foi considerada baixa algum tempo depois, conforme se avançava nos estudos e acúmulo de evidências sobre o Sars-CoV-2. Basta uma atualização pública quanto às melhores evidências disponíveis para que se instaure a desconfiança quanto à medida, como se o fazer científico não fosse, por princípio, sujeita a revisões, correções e atualizações.

¹⁰⁷ “Pessoas adiam vacinação contra Covid-19 para tentar escolher fabricante”. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pessoas-adiam-2-dose-de-vacina-contracovid-19-para-tentar-escolher-marca/>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

3. Imune a erros, fracassos e críticas: a despeito do que se poderia pensar a partir da “ingenuidade arrogante” de alguns pesquisadores pouco abertos a lidar com ressalvas e questionamentos públicos (Stengers, 2023, pp. 24 e 30, versão *kindle*), a ciência se constrói, em grande medida, por meio do acúmulo de fracassos, tentativas frustradas, hipóteses não comprovadas. Quando não existe a transparência quanto ao que se passa na “cozinha das pesquisas”, a tendência é de reforço à imagem da ciência como fornecedora das respostas a todos os males – o que, por ser irrealizável, acaba por gerar frustrações e levar da “confiança indiferente” à “hostilidade e desconfiança” (Stengers, 2023, p. 28, versão *kindle*). O mais importante, nessa perspectiva, é que a comunidade científica busque “não repetir os fracassos” (Firestein, 2016) ou “não cometer o mesmo erro duas vezes” (Becker, 2017) – o que condiz com a natureza cumulativa da ciência. Todavia, o problema se complexifica quando os inevitáveis erros são instrumentalizados pelos “mercadores da dúvida”, conforme trabalhamos anteriormente.

4. Neutra e isenta de interesses: por mais que, durante a pandemia, tenha havido um grande esforço orientado à resolução da crise global, é inegável que indivíduos e grupos carregam seus anseios e interesses (da busca por prestígio pessoal ao lucro empresarial). Quem conseguisse uma vacina eficaz teria uma imensa vantagem competitiva, mas isso não nos leva à conclusão conspiratória de que a “big farma” criou o vírus para, em seguida, vender imunizantes. Pesquisadores e profissionais de saúde que se dedicaram a buscar soluções para salvar vidas na pandemia, provavelmente, ficariam satisfeitos com o reconhecimento e o prestígio (o que é legítimo). Quem acredita nesse tipo de complô mundial é, geralmente, o tipo de público que recorre a médicos charlatões que lucram com “detox vacinal”¹⁰⁸. Este é um exemplo da mistura entre credulidade e dúvida corrosivas mencionada por Kahn-Harris (2018).

5. Simples de explicar e facilmente acessível a leigos: “Efeito da estimulação transcraniana por corrente contínua sobre o córtex motor primário ou córtex pré-frontal dorsolateral no desempenho de Endurance: uma revisão sistemática e meta-análise” (Câmara, 2023). Este é o título de um trabalho de conclusão de curso, apenas para exemplificar a discussão aqui proposta. Assim como este, em uma busca rápida no Google Acadêmico, facilmente encontrarmos títulos de trabalhos incompreensíveis a pessoas de fora das áreas de estudo em que se situam. Para saber do que se tratam, é preciso aprender uma série de conceitos

¹⁰⁸ “Médicos negacionistas vendem ‘reversão’ e lucram com ‘detox vacinal’ pelo WhatsApp”. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/03/27/medicos-negacionistas-vendem-detox-e-reversao-vacinal-pelo-whatapp.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

anteriores – sendo que estes, provavelmente, levarão a outros termos igualmente inacessíveis aos leigos. Seria algo como um “esquema de pirâmide do conhecimento”. Essa dificuldade de se fazer acessível (por vezes motivo de orgulho e de uma sensação de distinção social) evidencia os desafios daqueles que se dedicam à comunicação de ciência e dos públicos que precisam de orientações práticas de saúde, por exemplo.

6. Única forma de produção de conhecimento e de fazer sentido do mundo: Assim como existe uma imensa diversidade de epistemologias, teorias, procedimentos, abordagens e práticas sob a alcunha da “ciência”, há, para além do conhecimento científico, formas de apreensão da realidade e de busca de significados para as experiências humanas. É nas fissuras dessa compreensão equivocada de que a ciência (sobretudo aquela confinada aos laboratórios e equipamentos sofisticados) seja a única forma de encontrar verdades válidas que podem ocorrer dois movimentos: por um lado, as pseudociências que emulem práticas aparentemente científicas e, por outro, a ignorância quanto ao papel de saberes tradicionais, por exemplo, até mesmo para gerar hipóteses de pesquisas futuras¹⁰⁹. A arrogância implícita nesse pensamento também tende a retirar dos cientistas a consciência quanto a seus limites.

7. Apartada de outras esferas da vida social: no relato de uma etnografia, Bruno Latour brinca que, após ser autorizado a trabalhar de jaleco branco, como um auxiliar de laboratório, ele se tornou invisível (Latour e Woolgar, 1995, p. 17). Isso condiz com a imagem dos cientistas no imaginário social e que os mantém, ao mesmo tempo, em um lugar de legitimidade e de incompreensão. Em um momento de crise, cuja superação depende, em grande medida, da confiança socialmente disseminada nos especialistas, esse afastamento pode cobrar um preço alto.

“Também falam de ciência os professores, os jornalistas, o grande público, só que falam de longe, ou com a incontornável mediação dos cientistas. “Para falar das ciências é preciso ser especialista”, declara-se, de modo a bloquear de antemão qualquer pesquisa direta de campo [...]. Os próprios cientistas fazem suas ciências, seus discursos sobre a ciência, sua ética da ciência, suas políticas da ciência e, quando são de esquerda, suas críticas e autocríticas da ciência. Os outros ouvem. O ideal político e epistemológico é que não haja uma palavra da metalinguagem da ciência que não seja tomada dos próprios cientistas” (Latour e Woolgar, 1997, p. 25).

8. Rápida ou “acelerável”: este ponto gerou duas das maiores controvérsias relacionadas à pandemia de Covid-19: o “tratamento precoce” e o desenvolvimento das vacinas.

¹⁰⁹ “A ciência é para todos – episódio 5”. Disponível em: <<https://www.cienciasuja.com.br/temporada-4/a-ci%C3%Aancia-%C3%A9-para-todos>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

Quando Bolsonaro e Trump insistiam em estimular o uso da hidroxicloroquina, por exemplo, o argumento de fundo era o de que, em meio aos grandes quantitativos de óbitos, não era possível esperar o resultado de estudos. De fato, há etapas a cumprir nos testes clínicos e, para alguns estudos, o tempo decorrido será fundamental na avaliação dos efeitos desejados e colaterais. O problema com essa opção de tratamento é que, rapidamente (conforme explorado no capítulo 1), as evidências apontaram, reiteradamente, para a ineficácia e os riscos do uso indiscriminado desses medicamentos recomendados pelos presidentes em questão. Já com as vacinas, o entrave foi no sentido inverso. Menos de um ano após a declaração de pandemia pela OMS, já havia vacinas em distribuição e aplicação, motivo pelo qual havia muita desconfiança quanto à efetividade e a possíveis efeitos colaterais dos imunizantes¹¹⁰. Algumas explicações, como a concentração de financiamento nas pesquisas, o arcabouço oriundo de estudos anteriores e a testagem de mais de 60 vacinas (para chegarmos a cerca de 10 fabricantes liberadas para aplicação em humanos) não foram suficientes para aplacar as inseguranças – reforçadas, inclusive, pelos presidentes agnotológicos. O fato é que, em termos gerais, as vacinas contribuíram para a redução de mortes, conforme explicitado no capítulo 1.

9. Opinião: por mais que a própria escolha do que estudar sofra influências sociais, das preferências, visões de mundo e inclinações dos pesquisadores, os resultados de seus estudos, sobretudo no diálogo com os achados acumulados na área, não são equivalentes a opiniões. Uma pessoa que se “tratou” com cloroquina e não tomou vacina pode ter as opiniões de que vacinas não contribuíram para o fim da pandemia ou que o “tratamento precoce” funciona. Mas essas opiniões não equivalem, de nenhum modo, às evidências contrárias (embora, muitas vezes, exerçam muito mais influência direta sobre as decisões e comportamentos individuais, como temos discutido neste trabalho). O que diferencia uma opinião (definida por Zaller (1992, p. 6) como “o casamento entre informação e predisposição”) de uma conclusão cientificamente orientada é a mencionada “atitude científica” – ou seja, a capacidade de mudar de ideia diante de novas evidências, sejam quais forem as convicções do pesquisador. Obviamente, eventualmente ocorre de os cientistas atuarem como “raciocinadores motivados”, o que torna esse cenário mais completo. Todavia, espera-se que a própria ciência, através de seus ritos e processos de validação, consiga corrigir essas distorções.

¹¹⁰ “Como as vacinas contra Covid-19 ficaram prontas tão rápido?” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z-f8fsdDMI0>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

3.3. Desconfiança nas instâncias de acesso às realidades factual e científica: crise epistêmica e desinformação

Fenômenos como desinformação e pós-verdade têm sido alvos de farta atenção, tanto acadêmica quanto midiática, nos últimos anos – sobretudo relacionando-os ao Brexit e à ascensão e vitória eleitoral de lideranças como Donald Trump e Jair Bolsonaro (Benkler *et al.*, 2018; Stenmark *et al.*, 2018; Block, 2018; Bennett e Livingston, 2020). Mas é oportuno salientar que, assim como o negacionismo e a polarização (termos também bastante discutidos recentemente), não se trata de fenômenos novos. Em livro publicado em 1928, Arthur Ponsonby apresenta as mentiras empregadas como táticas durante a Primeira Guerra Mundial, mas ressalta que a mentira não é empregada somente em tempos de guerra e que só é tão bem-sucedida em virtude da “extraordinária prontidão [humana] a acreditar” (Ponsonby, 1928, p. 13).

Apesar de a desinformação (definida por Benkler *et al.* (2018, p. 32) como “disseminação de informação explicitamente falsa ou enganosa”) não ser algo inventado nos últimos anos, o advento da internet, especialmente o espraiamento do uso das mídias sociais, certamente facilita a distribuição e amplia o alcance de conteúdos falsos. Obviamente, de nada adiantaria alcançar muitas pessoas se elas não acreditassem em tais conteúdos fraudulentos. Mas, conforme discutido nas seções anteriores, é relevante considerar tanto fatores cognitivos, como a propensão a crer em informações reforçadoras de vieses e rechaçar o que gerar desconforto cognitivo (Kahneman, 2011), quanto o cenário de desconfiança nas instituições e fontes tradicionais de informação, a partir da mesma lógica distorcida de negacionismo do conhecimento científico.

Informação é imprescindível para guiarmos nossas ações no mundo. Igualmente válida é a afirmação de que muito dificilmente encontraremos informação “imparcial”, “neutra” ou “isenta” – as informações que chegam aos cidadãos comuns passam pelos filtros de veículos noticiosos, seus grupos sociais, líderes de opinião ou pelo crivo de seus próprios vieses e preferências prévias, para mencionar aspectos classicamente abordados pelas teorias de comportamento eleitoral. Em contextos de abundância e velocidade vertiginosa de geração de novas informações, como selecionar o que deve, de fato, pautar nossas ações e decisões?

Esse fenômeno de excesso de informações leva, segundo Dahlgren (2018), ao que ele chama de “bolhas discursivas” e Anderson (2021) define como “bolhas epistêmicas”. Tais bolhas são compostas por pessoas com crenças e opiniões semelhantes, que se reforçam e que

podem gerar, inclusive, atitudes mais extremas no interior do grupo do que os componentes teriam isoladamente (Talisce, 2019). Além do reforço mútuo de posições no interior dos grupos, a polarização entre grupamentos se conforma a partir da hostilidade aos membros do *outgroup* e do enquadramento de questões em disputa como se a escolha estivesse diretamente relacionada à manutenção (ou à ameaça à preservação) da posição de seu grupo. Esse enquadramento por meio do antagonismo intergrupos também estaria na raiz da resistência à mudança de crenças, mesmo diante de novas evidências – crenças estas que seriam, por sua vez, rechaçadas de antemão.

Alguns líderes de grupos e fontes de mídia podem direcionar opiniões dentro de seus grupos ativando deliberadamente os vieses cognitivos latentes nos membros do grupo; mais frequentemente, injetando ideias falsas, sem sustentação e enganosas no interior das redes de seus grupos; encorajando o fechamento da rede a fontes externas; reduzindo a diversidade epistêmica do pertencimento ao grupo; estabelecendo normas sociais de processamento de informação enviesadas; e promovendo normas discursivas que perturbam a discussão orientada pela acurácia. Estas práticas promovem a formação de bolhas epistêmicas (Anderson, 2021, p. 18).

Bennett e Livingston (2021) associam a crise epistêmica a um quadro mais amplo de erosão da confiança nas instituições, entre elas partidos políticos, eleições, a ciência e o jornalismo. Na esteira desse processo, lideranças populistas, que se apresentam como representantes do “povo” em contraposição ao *establishment* (Urbinati, 2019), tendem a obter sucesso eleitoral. Uma vez no poder, eles representam, segundo Runciman (2018) e Przeworski (2020), ameaças de erosão de democracias “por dentro” e de modo furtivo – isto é, a partir das regras do jogo (que, com o tempo, eles alteram em seu benefício), por meio do aparelhamento e/ou da promoção do descrédito de instituições e sem a necessidade de golpes explícitos. Vê-se, portanto, que a crise de legitimidade de fontes estabelecidas de conhecimento sobre a realidade e o mundo insere-se num quadro mais amplo, de crise das democracias liberais, tanto do ponto de vista da oferta (candidatos e políticos) quanto da demanda (cidadãos).

Talvez não existisse motivo para tanto alarde diante das tentativas (inclusive institucionalizadas, como se observa no atual governo federal brasileiro) de promover a desinformação se não houvesse indivíduos propensos a acreditar em conteúdos falsos. Porém,

pesquisas realizadas no Brasil¹¹¹ e nos Estados Unidos¹¹² indicam distorções de percepções da realidade por parte de indivíduos com atitudes políticas fortes - sejam elas a identificação partidária que estrutura a política estadunidense ou a preferência por um dos polos da disputa política brasileira. De fato, pesquisa realizada nos Estados Unidos demonstra que, em resposta a um ecossistema midiático desequilibrado e assimetricamente polarizado, bem como ao cenário de desequilíbrio nas fontes de (des)informação, os cidadãos demonstravam distintos padrões de comportamento.

[...] para os Democratas, quanto mais bem informados sobre política, menos propensos estão a aceitar teorias conspiratórias ou rumores sem fundamento prejudiciais a seus oponentes ideológicos. Mas, para os Republicanos, mais conhecimento resulta, no melhor cenário, em não alterações na proporção na qual aceitam teorias conspiratórias, e, no pior, na verdade aumenta sua disposição a aceitar tais teorias (Benkler *et al.*, 2018, p. 312).

Os autores argumentam que a internet – e, especialmente, as mídias sociais –, tida por muitos como responsável por acontecimentos como o *Brexit* e a eleição de Trump, precisa ter seu papel colocado em perspectiva e avaliado em um contexto histórico, social e institucional mais amplo. O próprio fenômeno da polarização política precede a disseminação do uso da internet e ocorre de diferentes formas nos níveis das elites políticas (tendo caráter marcadamente ideológico) e dos cidadãos (assumindo aspecto mais afetivo e decorrente de “pistas” (*cues*) transmitidas pelas lideranças políticas). Num cenário de desconfiança das fontes tradicionais de informação e de reforço às próprias opiniões no interior de *echo chambers*, Benkler *et al.* (2018) apontam que o jornalismo profissional muitas vezes falha ao, numa busca por neutralidade, dar espaço para visões opostas, mesmo quando uma delas é sabidamente falsa.

Para concluir a articulação entre esta seção e as anteriores, recorremos a um exemplo: são inúmeros (e de difícil rastreamento) os vídeos, áudios e textos que circulam em mídias sociais ou são compartilhados entre amigos e conhecidos no WhatsApp com supostas falas de “médicos” ou “especialistas” em determinada área, “atestando” que determinado tratamento alternativo contra Covid funciona ou “testemunhando” que não estão morrendo tantas pessoas

¹¹¹ “Enxergando mundos diferentes: percepções da pandemia pela lente do Bolsonarismo”. Disponível em: <<https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/quaest-opiniao/enxergando-mundos-diferentes-percepcoes-da-pandemia-pela-lente-do-bolsonarismo-01072020>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

¹¹² “When we can’t even agree on what is real”. Disponível em: <<https://news.harvard.edu/gazette/story/2020/06/study-finds-political-bias-skews-perceptions-of-verifiable-fact/>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

com a doença quanto mostram os noticiários. Teorias da conspiração, como o QAnon, se espalham pela internet e são de difícil refutação, pois se remodelam de acordo com os acontecimentos e “dialogam” com vieses prévios de quem nelas acredita.

Assim, ao mesmo tempo em que se espalha a desconfiança nas instituições e em fontes tradicionais ou hegemônicas de conhecimento (desconfiança esta muitas vezes estimulada por lideranças populistas, como Bolsonaro e Trump), essas figuras de autoridade são apropriadas, ao menos no formato, para transmitir mensagens falsas ou enviesadas, contribuindo para que se configure o que Alesina *et al.* (2019) denominaram “polarização da realidade”. Essas táticas, conforme destacado anteriormente, são típicas dos “mercadores da dúvida” (Oreskes e Conway, 2011). Tem-se, então, um movimento dúbio, marcado pelo que Cardoso (2021, p. 106) define como “emulação do saber acadêmico”. Falando especificamente sobre a produção acadêmica dos historiadores, o autor considera que, “nesses casos, a conduta negacionista imita a prática histórica de modo a produzir um discurso supostamente legítimo, mas que se revela apenas um saber aparente, ilusório, desprovido de fundamentação” (Cardoso, 2021, p. 106).

As soluções para problema tão complexo não são triviais, e envolveriam, na avaliação de Benkler *et al.* (2018), ações em múltiplas frentes, entre elas um compromisso partilhado por atores políticos e midiáticos com o senso de realidade, a redução da assimetria no ecossistema midiático, esforços de regulação dos veículos de comunicação, institucionalização do *fact-checking* e educação para letramento midiático. Todavia, com a multiplicidade de fontes de informações (verdadeiras e falsas), é praticamente impossível garantir que informação de qualidade e profissionalmente apurada alcance os indivíduos dispostos a apenas reforçar crenças prévias fantasiosas. Se não é responsável por todos os males que vivemos atualmente, a internet facilita a construção de interpretações variadas de uma mesma realidade factual e o encontro de pessoas que acreditem numa mesma versão dos fatos. Em outras palavras, conforme Galison e Proctor (2020, p. 53), “[...] especialmente com o crescimento de tecnologias para a disseminação de desinformação (intencional, conhecida como *disinformation*, e não proposital, que, no inglês, corresponde a *misinformation*) mais rápidas do que nunca”, vivemos a “era de ouro da ignorância”.

3.3.1. Crise epistêmica e a pandemia de Covid-19

Por mais que haja críticas a serem feitas às ciências ao longo da história, há que se considerar que, durante a pandemia, elas foram atacadas antes por suas virtudes do que por seus problemas. Com o advento das redes sociais online, tornou-se muito mais fácil que as dissonâncias cognitivas e as interpretações alternativas da realidade se encontrem e se reforcem – e, portanto, que os estímulos necessários à amenização ou eliminação das incongruências sejam fornecidos por membro(s) do grupo e acolhidos de bom grado pelos demais, que anseiam por conforto psicológico. Das câmaras de eco (Sunstein, 2009) aos conteúdos recomendados por algoritmos, que alimentam nossos feeds das redes sociais e de sites como o YouTube (Mendonça *et al.*, 2023), a customização da verdade (ou a chamada pós-verdade) se torna cada vez mais premente, conformando e reforçando nossos gostos, hábitos e crenças¹¹³.

Uma possível decorrência disso é que, por mais radicalizadas que sejam nossas opiniões e visões de mundo, não nos apercebamos do extremismo das posições que sustentamos. “Quando as pessoas conversam com outras que pensam parecido, elas tendem a amplificar suas visões preexistentes, e fazem isso de uma forma que se reduz a diversidade interna [do grupo]” (Sunstein, 2009, p. 8). Isso ocorre porque, em uma bolha epistêmica, visões divergentes são inibidas e, por outro lado, a corroboração das crenças prévias pelas novas informações apresentadas ao grupo vão gerando reforço e confiança de que aquela é a realidade.

No Brasil e nos Estados Unidos, temos parcelas das populações que, em 2024, ainda não acreditam nos resultados eleitorais das eleições presidenciais mais recentes nos dois países. Por meses após a eleição de Lula em 2022, apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro aguardaram, por sucessivas 72 horas¹¹⁴, por alguma reação de Bolsonaro ao resultado da disputa – na qual seus apoiadores não acreditavam. As alegações de fraude também aconteceram nos Estados Unidos¹¹⁵ e foram estimuladas por Donald Trump, que afirmou (e ainda afirma) que sua derrota para Joe Biden, em 2020, jamais aconteceu de verdade.

¹¹³ “Existe geração mimimi?” – Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PUwg0H0qPO0>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

¹¹⁴ “Só mais 72 horas”. Disponível em: < <https://especiais.g1.globo.com/politica/2023/so-mais-72-horas-acampamento-bolsonaristas-radicais/>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

¹¹⁵ “A timeline of Donald Trump’s election denial claims, which Republican politicians increasingly embrace”. Disponível em: < <https://abcnews.go.com/Politics/timeline-donald-trumps-election-denial-claims-republican-politicians/story?id=89168408>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

Em um ambiente marcado pela abundância de informações produzidas em velocidade assustadora (Dahlgren, 2018), nossas referências para a aquisição de conhecimento e acesso à realidade socialmente compartilhada, nosso chão comum, tendem a se perder: “[...] versões conflitantes de conhecimento e de fatos surgem, gerando, deste modo, visões incompatíveis da realidade, consolidando e isolando bolhas discursivas incompatíveis” (Dahlgren, 2018, p. 3).

Retomando o caso da profecia que não se concretizou na década de 1950, uma realidade alternativa foi o tecido que uniu aquelas pessoas no pequeno grupo social crente na predição. Aos membros do grupo, após a desconfirmação, foi oferecida uma resposta que trouxe conforto. Se refletirmos sobre o período de incertezas, ansiedade e medo que a pandemia significou para muitos de nós, não eram exatamente as certezas reconfortantes que nos faziam tanta falta? Diante de tantas dúvidas, quem oferecesse respostas (mesmo que equivocadas ou não comprovadas) teria uma espécie de “vantagem competitiva”.

Assim, para parcela dos indivíduos que se influenciaram por presidentes que minimizavam a gravidade da pandemia (caso do Brasil e dos Estados Unidos), se um vizinho morreu em decorrência de infarto ocorrido um ano e meio após tomar duas doses da vacina contra Covid-19, a culpa terá sido da vacina. Caso um amigo tenha tomado ivermectina e cloroquina ao longo de meses e tenha tido Covid com sintomas leves, a salvação terá sido o “tratamento precoce” (mesmo que outras dezenas de conhecidos que não usaram esses medicamentos também tenham contraído o vírus e se recuperado sem grandes consequências). Se este mesmo amigo for novamente infectado e tiver uma versão mais severa da doença, terá sido porque ele já não tinha a saúde tão boa.

A essas interpretações, muitas vezes oriundas de grupos de WhatsApp (conforme relatado por pessoas entrevistadas para esta pesquisa), pouco importa o que dizem os gráficos com curvas de casos e mortes, os últimos achados de infectologistas, as evidências acumuladas ao longo de anos de pesquisas. Ademais, há que se considerar que os que morreram após se recusarem a acreditar na gravidade da pandemia não estão presentes para retificar suas percepções e opiniões – e, para aqueles que compartilhavam suas crenças relacionadas à Covid-19, sua morte terá sido, no limite, porque “chegou a sua hora”. As histórias de quem se arrependeu pouco antes de morrer, exibidas em reportagens, serão rechaçadas por seu teor considerado “alarmista” e “politicamente motivado”. Nesse contexto, as experiências pessoais e o marcador religioso/de fé parecem se sobrepôr às evidências científicas acumuladas – além

do fato de que nem sempre esses achados dos pesquisadores são comunicados de maneira acessível às pessoas não-especializadas.

O capítulo seguinte tem o objetivo de apresentar as interpretações e enquadramentos da “história da pandemia” contada por dois noticiários jornalísticos de cada um dos países investigados nesta tese em sucessivos momentos da pandemia – da declaração de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020, aos marcos de 700 mil (Brasil) e de um milhão de mortes (Estados Unidos). Além das coberturas midiáticas que serão apresentadas em seguida, o capítulo 1 trouxe os enquadramentos ofertados pelos presidentes agnotológicos e suas contradições em relação às evidências científicas daquele período. Espera-se, dessa forma, contribuir para uma concepção mais nuançada dos ambientes informacionais – muitas vezes caóticos e repletos de contradições – nos quais os comportamentos negacionistas acabaram ocorrendo de maneira mais pronunciada¹¹⁶ e potencialmente compreensível.

¹¹⁶ Obviamente, não pretendemos afirmar que o fenômeno do negacionismo não ocorra em outros contextos, inclusive naqueles marcados por menos fatores geradores de confusão e divergência entre as mensagens emanadas por veículos de comunicação, divulgadores de ciência e líderes de opinião (como os presidentes e profissionais de saúde). Porém, o foco desta pesquisa são países nos quais houve a marcada atuação de presidentes que minimizaram a relevância de uma emergência de saúde que vitimou centenas de milhares de pessoas (parte delas, mortes evitáveis, como sugerem alguns levantamentos) em seus países.

4. AS “HISTÓRIAS DA PANDEMIA” CONTADAS NOS NOTICIÁRIOS

No dia 9 de junho de 2019, o portal de notícias *Intercept Brasil*, à época comandado pelo jornalista estadunidense Glenn Greenwald, deu início a uma série de reportagens que se tornaria conhecida como Vaza Jato. A referência é à Lava Jato, operação brasileira de combate à corrupção que, entre outros resultados, havia levado o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à prisão em pleno ano eleitoral de 2018, quando ele liderava todas as pesquisas de intenção de voto para um novo mandato como presidente. Após a retirada de Lula da disputa e uma campanha conturbada – marcada, entre outros eventos, pela facada no candidato Jair Bolsonaro e pela substituição de última hora de Lula por Fernando Haddad –, Bolsonaro foi eleito e convidou o então juiz Sergio Moro (responsável pela condenação de Lula na primeira instância) para assumir o Ministério da Justiça. Por meio de acesso a mensagens trocadas entre julgadores e acusadores, o que as dezenas de reportagens da Vaza Jato demonstravam eram as relações de bastidores entre o juiz Moro, a equipe de procuradores responsável por apresentar e fundamentar as acusações contra Lula, alguns jornalistas e veículos de comunicação. Ao mesmo tempo em que buscavam fundamentação jurídica para sustentar o processo, as partes envolvidas explicitavam, nas conversas privadas, a preocupação em legitimar, junto à opinião pública brasileira, os enquadramentos favoráveis à sua própria atuação – em detrimento de cautelas com o devido processo legal, a presunção de inocência e o trabalho dos advogados de defesa.

Do ponto de vista jornalístico – motivo pelo qual este exemplo foi selecionado para abrir o presente capítulo –, a Vaza Jato trouxe algumas lições. Além de evidenciar os possíveis vieses decorrentes do relacionamento entre acusadores, julgadores e formadores de opinião, o lembrete que este caso traz, como já ocorreu em outros exemplos célebres do jornalismo brasileiro – entre eles o caso Escola Base –, se refere às limitações oriundas do jornalismo declaratório. Em entrevista publicada em 2018, também pelo *Intercept Brasil*, a jornalista Christianne Machavelli, que trabalhou como assessora da Lava Jato entre 2014 e 2018, afirmou que “talvez tenha faltado crítica da imprensa. Era tudo divulgado do jeito como era citado pelos órgãos da operação. A imprensa comprava tudo”¹¹⁷. Se, em outras operações investigativas, o acesso a informações era mais trabalhoso, a Lava Jato inverteu essa lógica, permitindo que jornalistas acompanhassem a rotina dos agentes (incluindo cumprimento de mandados de

¹¹⁷ “Entrevista: “A imprensa ‘comprava’ tudo”. Assessora de Sergio Moro por seis anos fala sobre a Lava Jato”. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2018/10/29/lava-jato-imprensa-entrevista-assessora/>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

prisão) em tempo real. Além de alimentar os veículos de comunicação com imagens, materiais e declarações que atendiam aos critérios vigentes para ingressar nos noticiários, esse movimento aumentava a sensação de “justiça sendo feita” e colocava os agentes acusadores e julgadores sob lentes bastante favoráveis. Numa decisão polêmica – e que, anos depois, seria um dos motivos para que o Supremo Tribunal Federal (STF) o julgasse suspeito e anulasse suas decisões nos casos que envolvessem Lula –, em março de 2016, Sergio Moro divulgou conteúdos de ligações telefônicas grampeadas do ex-presidente, entre elas uma ligação com a então presidenta Dilma Rousseff. A justificativa utilizada pelo então juiz foi bastante midiática: “a democracia em uma sociedade livre exige que os governados saibam o que fazem os governantes, mesmo quando estes buscam agir protegidos pelas sombras”, escreveu Moro em seu despacho¹¹⁸. Os conteúdos das ligações foram amplamente repercutidos quando divulgados.

O caso da Vaza Jato, que desnudou vieses e problemas de funcionamento da rotina da produção jornalística profissional no Brasil, é aqui apresentado para, de certa maneira, evidenciar o ponto de vista crítico sobre o qual este capítulo será desenvolvido. No entanto, deve-se salientar que as críticas ao jornalismo são inteiramente compatíveis com a necessária compreensão quanto ao papel imprescindível do jornalismo profissional, com seus critérios de apuração e mecanismos de responsabilização e prestação de contas, na provisão de informações que orientem nossas decisões sobre condutas, vida em sociedade e nossa própria sobrevivência.

Durante a pandemia, por exemplo, diante da profusão de um volume gigantesco de informações de todos os cantos do mundo, o filtro jornalístico nos auxiliava a conhecer as orientações oficiais sobre formas de proteção, o avanço dos estudos, os quantitativos de infectados e mortos, a evolução da pandemia. Em um período marcado pelas incertezas, insegurança e medo, no qual não sabíamos se, onde e quando era necessário utilizar máscaras, se precisávamos nos isolar das pessoas que não moravam conosco, lavar pacotes de compras, quando procurar atendimento médico, quais os sintomas da Covid-19, o que era “curva de contágio”, entre tantas outras dúvidas, o trabalho dos jornalistas e dos veículos de informação foi imprescindível para evitar ainda mais mortes.

Por outro lado, a expectativa de fundo desta análise é que veículos de comunicação diferentes possivelmente contem histórias distintas sobre a pandemia, a partir de posições políticas, interesses empresariais e análise estratégia da conjuntura – e esse descompasso entre

¹¹⁸ “Moro derruba sigilo e divulga grampo de ligação entre Lula e Dilma”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/pf-libera-documento-que-mostra-ligacao-entre-lula-e-dilma.html>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

versões pode se refletir, de maneira ainda mais incisiva, na desordem informacional. Quando se fala em crise de confiança na mídia, por exemplo, é preciso avaliar a que mídia os respondentes se referem: Tucker Carlson, em seu programa com audiência diária de milhões de pessoas nos Estados Unidos, adotava uma postura crítica à cobertura midiática da pandemia – que, na avaliação dele, era alarmista. Seus seguidores provavelmente reportariam não confiar “na mídia”, exceto por Carlson ou a Fox News, sua então emissora¹¹⁹. Este exemplo é citado para considerarmos o papel que programas noticiosos em posição privilegiada na mídia *mainstream* podem desempenhar para o descrédito da própria mídia.

A função desses meios de comunicação de atuar como “espelhos” da realidade para além da nossa vivência imediata e nos apresentar informações de interesse público se torna ainda mais relevante no contexto discutido neste trabalho – isto é, o de países que enfrentaram o período mais agudo e incerto da pandemia sob o comando de presidentes que minimizavam sua gravidade e politizavam abordagens e procedimentos científicos. Em outros contextos, como aquele mencionado por Moro – dos “poderosos que buscam agir protegidos pelas sombras” –, o trabalho jornalístico investigativo também se demonstra crucial. Outros exemplos incluem momentos de guerra; por mais que se possa questionar a cobertura midiática ocidental de conflitos como os que se desenrolam na Ucrânia e em Gaza, dificilmente haveria espaço para o dissenso na opinião pública que hoje se observa, sobretudo, graças ao trabalho de jornalistas nos locais dos conflitos, trabalhando de maneira independente e com suas vidas sob risco.

Este capítulo tem o objetivo de apresentar uma análise da “história da pandemia” reportada por diferentes veículos de comunicação televisivos nos dois países ora investigados: Brasil e Estados Unidos. A opção por noticiários televisivos decorre do fato de que a televisão continua sendo um dos principais – em termos de alcance e de utilização reportada – meios utilizados pelas populações. De acordo com dados do *Reuters Institute Digital News Report 2023*¹²⁰, a televisão é uma das fontes de informação de 51% dos brasileiros e 48% dos estadunidenses.

Deve-se assinalar que, nos dois países, constatou-se uma tendência de queda na confiança nas notícias; ademais, as redes sociais empataram (Estados Unidos) e superaram (Brasil) a televisão como fonte de notícias. Cabe esclarecer que, para a seleção de fontes a serem

¹¹⁹ “Who is Tucker Carlson, the man interviewing Vladimir Putin?”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-68245076>>. Acesso em: 02 set. 2024.

¹²⁰ Relatório disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023>>. Acesso em: 11 jan. 2024.

analisadas neste capítulo, os canais noticiosos de televisão tiveram preferência sobre as redes sociais porque, apesar dos problemas anteriormente apontados, a tendência é que o jornalismo profissional se sobreponha à desordem informacional observada nos ambientes digitais de modo geral. Além disso, a própria estrutura de funcionamento das redes facilita a dispersão da atenção dos usuários entre vários sites e páginas, o que tende a tornar o processo de obtenção de informações mais suscetível a conteúdos de qualidade questionável e produzidos sob critérios menos rigorosos que os adotados pelo jornalismo profissional. Por esses motivos, optou-se pela análise de um noticiário de cada uma das duas maiores emissoras – em termos de audiência, ainda segundo o Reuters Report 2023 – dos dois países.

Serão analisadas datas específicas dos conteúdos exibidos no Jornal Nacional, da TV Globo; Jornal da Record, da Record TV; e dos programas Anderson Cooper 360°, da CNN, e Tucker Carlson Tonight, da Fox News. As semanas sob análise foram selecionadas a partir de alguns eventos relevantes na pandemia, definidos a partir dos seguintes eixos: primeira morte por Covid-19, globalmente e em cada país de interesse; classificação, pela OMS, do problema de emergência global como pandemia; marcos de óbitos por Covid-19 registrados em cada país analisado (100 mil, 200 mil, 500 mil, 700 mil (Brasil) e um milhão (Estados Unidos)); infecção do presidente por Covid-19; crescimento da variante Ômicron; e início da vacinação em cada país. Com essa seleção, buscou-se abranger diferentes períodos da pandemia e, por conseguinte, das coberturas midiáticas – além de incluir semanas com, potencialmente, mais atenção midiática à pandemia, tendo em vista que marcos de números de mortos e acontecimentos como a vacina, a infecção do presidente e novas ondas de casos tendem a ser chamarizes para uma cobertura mais detida.

Por meio dessas escolhas metodológicas, busca-se investigar de que maneira as coberturas evoluíram e interagiram com outros componentes dos ambientes informacionais, como a OMS, órgãos de saúde nacionais e internacionais, cientistas, profissionais de saúde, atores políticos (sobretudo os presidentes agnotológicos). Ao analisar as semanas nas quais os presidentes foram contaminados pelo coronavírus, por exemplo, será possível observar os enquadramentos adotados pelos noticiários: eles se limitaram a noticiar a infecção e o estado de saúde? Mencionaram o histórico de minimização da gravidade da pandemia por parte dessas lideranças políticas? Quais foram as fontes ouvidas para a construção das reportagens (quem era alçado à condição de “autoridade” nos temas associados à pandemia)? Quais as diferenças entre as abordagens dos veículos selecionados? Ao longo da cobertura, o foco recaiu sobre

histórias individuais (ressaltando as experiências dos indivíduos e humanizando números de casos e mortos) ou análises mais amplas? Houve tentativas de atribuição de responsabilidade – ou espaço para vozes que o fizessem – pela situação crítica nos países com mais casos e mortes? Foi concedido espaço aos presidentes que minimizavam a seriedade da crise sanitária – se sim, a partir de qual enquadramento?

Para alcançarmos o nível de complexidade e atenção aos detalhes demandados em busca da consecução do objetivo de conhecer “a pandemia contada pelas coberturas midiáticas” ora selecionadas, será empregada a análise de conteúdo qualitativa, tendo por base categorias analíticas estabelecidas a partir de uma pré-análise exploratória do material. Optou-se pela seleção de datas de noticiários a partir de um conjunto de eventos, conforme especificado no Quadro 1. Para os três eventos assinalados como “globais”, serão analisados os noticiários dos dois países; complementarmente, foram elencados eventos de âmbito nacional, distribuídos da seguinte maneira: sete eventos referentes apenas ao Brasil e sete, aos Estados Unidos. Portanto, o total de semanas sob análise perfaz 10 semanas para o Brasil e 10 para os Estados Unidos.

As datas selecionadas para análise foram: um dia anterior ao evento de referência, a data do evento e o dia seguinte, de modo a avaliarmos não somente as coberturas e repercussões desses fatos, mas o ambiente informacional relacionado à pandemia nos períodos em que tais acontecimentos se desenrolaram. Verifica-se uma concentração de datas no primeiro ano da pandemia e, além disso, que 14 das 17 semanas de referência estão nos dois primeiros anos. Isso se justifica pelo fato de que a maioria dos acontecimentos marcantes (e potencialmente geradores de maior atenção midiática) da crise de saúde se concentrou na metade inicial da pandemia. Ademais, deve-se considerar que os parâmetros que norteariam a cobertura, as formas de abordagem e as diretrizes de cada veículo de mídia tendem a se estabelecer, de maneira geral, num período inicial da pandemia – de modo que, ao longo do tempo, as mudanças no “tom” da cobertura tendem a ser menos significativas. De qualquer maneira, a inclusão de algumas semanas de 2022 e 2023 permitirá que observemos se as tendências gerais da cobertura se mantiveram ou sofreram modificações.

Quadro 1 - Eventos e semanas selecionados para análise de conteúdo da cobertura jornalística – Global, Brasil e Estados Unidos – 2020 a 2023

Evento	Data	Datas alvo da análise	Nível territorial	Fonte
Primeira morte	11/01/2020	10 a 12/01/2020	Global	https://edition.cnn.com/2021/08/09/health/covid-19-pandemic-timeline-fast-facts/index.html
Primeira morte	06/02/2020	05 a 07/02/2020	EUA	https://edition.cnn.com/2021/08/09/health/covid-19-pandemic-timeline-fast-facts/index.html
Classificação como pandemia	11/03/2020	10 a 12/03/2020	Global	https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline
Primeira morte	12/03/2020	11 a 13/03/2020	Brasil	https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco
100 mil mortes	27/05/2020	26 a 28/05/2020	EUA	https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/27/eua-registram-mais-de-100-mil-mortes-por-covid-19-segundo-levantamento.ghtml
Presidente infectado com Covid	07/07/2020	06 a 08/07/2020	Brasil	https://oglobo.globo.com/brasil/linha-do-tempo-mostra-os-principais-fatos-da-pandemia-no-brasil-24897725
100 mil mortes	08/08/2020	07 a 09/08/2020	Brasil	https://oglobo.globo.com/brasil/linha-do-tempo-mostra-os-principais-fatos-da-pandemia-no-brasil-24897725
200 mil mortes	22/09/2020	21 a 23/09/2020	EUA	https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/200-mil-mortes-covid-19-causou-mais-obitos-nos-eua-do-que-5-guerras-somadas/
Presidente infectado com Covid	02/10/2020	01 a 03/10/2020	EUA	https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-10/donald-trump-e-hospitalizado-apos-resultado-positivo-para-covid-19
Primeira vacina aplicada	14/12/2020	13 a 15/12/2020	EUA	https://www.washingtonpost.com/nation/2020/12/14/first-covid-vaccines-new-york/
200 mil mortes	07/01/2021	06 a 08/01/2021	Brasil	https://oglobo.globo.com/brasil/linha-do-tempo-mostra-os-principais-fatos-da-pandemia-no-brasil-24897725
Primeira vacina aplicada	17/01/2021	16 a 18/01/2021	Brasil	https://oglobo.globo.com/brasil/linha-do-tempo-mostra-os-principais-fatos-da-pandemia-no-brasil-24897725
500 mil mortes	22/02/2021	21 a 23/02/2021	EUA	https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/02/22/eua-sao-o-1-pais-com-500-mil-mortos-pela-covid-19-aponta-johns-hopkins.htm
500 mil mortes	19/06/2021	18 a 20/06/2021	Brasil	https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2023/03/28/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19.ghtml
Variante Ômicron	01/01/2022	31/12/2021 a 02/01/2022	Global	https://www.reuters.com/world/us/omicron-estimated-be-954-coronavirus-variants-us-cdc-2022-01-04/
1 milhão de mortes	12/05/2022	11 a 13/05/2022	EUA	https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2022/05/12/statement-from-president-joe-biden-marking-one-million-american-lives-lost-to-covid-19/
700 mil mortes	28/03/2023	27 a 29/03/2023	Brasil	https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19

Fonte: Elaborado pela autora.

A coleta do material foi realizada a partir de vídeos disponíveis no YouTube e Internet Archive (caso dos episódios de Tucker Carlson Tonight, da Fox News), áudios do Spotify (para os episódios de Anderson Cooper 360°, da CNN) e, para o Jornal Nacional (TV Globo, Brasil), das edições completas disponibilizadas no aplicativo e serviço de streaming Globoplay. O Quadro 2 especifica os links para as *playlists* com os materiais utilizados. A análise será empreendida a partir dos textos das transcrições dos materiais ora elencados, e a codificação, categorização e análises serão realizadas no software ATLAS.ti.

Quadro 2 - Nomes, emissoras e links dos programas em análise

Programa	Emissora	Disponível em
Anderson Cooper 360	CNN	https://open.spotify.com/show/23fKF51XHsWmMHl4wmho6s
Jornal Nacional	TV Globo	https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/t/MyCrVrr6gW/
Jornal da Record	TV Record	https://www.youtube.com/@JornaldaRecord
Tucker Carlson	FOX News	https://archive.org/details/TV-FOXNEWSW?query=Tucker+Carlson

Fonte: Elaborado pela autora.

Para compreender diferentes dimensões dos enquadramentos privilegiados pelos noticiários analisados acerca da pandemia, os conteúdos serão codificados e classificados tendo por base as seguintes dimensões: 1. Emissor e enquadramento das fontes: quem falou sobre a pandemia, quais as abordagens das fontes acionadas e seus papéis na construção de interpretações da realidade pandêmica; 2. Tema: sobre o que os emissores falaram, quais os assuntos e ângulos mais trabalhados; e 3. Abordagem: de que maneiras as fontes foram interpeladas, suas informações foram trabalhadas e os temas foram enquadrados no contexto das reportagens. Os códigos incluídos em cada um dos três eixos, bem como suas descrições, estão no Quadro 3.

Quadro 3 - Dicionário de códigos para análise de conteúdo de noticiários

Eixo analítico	Códigos	Observações
<i>Emissor e enquadramento das fontes</i>	Personagem	Pessoa comum
	Especialista	Cientista ou estudioso das áreas de saúde/ "doutor", fonte das "verdades científicas" do momento; geralmente com minicurrículo
	Profissional de saúde	Linha de frente, heróis da pandemia
	Agente oficial	Funcionário de governo, não político / informações oficiais e prestação de contas
	Político eleito	Presidentes, governadores, prefeitos
	Cargo político (não eleito)	Ministros, secretários, etc
	Jornalista	Editorial/opinião/avaliação do jornalista
	Outro	
<i>Tema</i>	Isolamento e distanciamento social	Medida de proteção individual
	Uso de máscara	Medida de proteção individual
	Medidas de higiene (lavar mãos, usar álcool gel)	Medida de proteção individual
	Fechamento de escolas e comércio	Medida governamental
	Restrições de circulação	Medida governamental
	Atividades essenciais	Medida governamental
	Liberdade	Discussões sobre as restrições de liberdade impostas pela pandemia ou por governos
	"Destino"/"fatalismo"	"Morre/vai morrer quem tem que morrer" - discurso religioso
	Possíveis formas de tratamento	Inclui "Kit Covid" (inclusive cloroquina) e tratamentos em teste
	Imunidade	Inclui discussões sobre "imunidade de rebanho" e imunidade natural ocasionada pela infecção pelo vírus; inclui descobertas sobre duração da imunidade
	Descobertas e avanços científicos	Inclui vacinas
	Origens da pandemia	Inclui a discussão sobre surgimento do vírus em laboratório ou na natureza
	Variantes e evolução da pandemia (casos e mortes)	
	Consequências da pandemia	Evitáveis? Inclui economia e saúde
	Outro tema	
<i>Abordagem</i>	Factual	Dados atuais, números de casos e mortes
	Instrucional	Procedimentos para proteção individual, familiar e comunitária
	Alerta	Riscos de tratamentos ineficazes, aumento de casos, variantes
	Atribuição de responsabilidades	A quem? Governo federal? Outros âmbitos?
	Negação/retirada de responsabilidades	Oposição? Justiça?
	Confronto	De quem?
	Conspiracionista/negacionista	Entrevistas de cobrança de resultados/ má gestão
	Histórias de vida	
	Checagem de fatos e dados	Humanização das estatísticas
	Outra	

Fonte: Elaborado pela autora.

4.1. Análise dos noticiários

Cabe ressaltar que o formato dos *talk shows* estadunidenses é diferente daquele predominante nos telejornais brasileiros: enquanto, nos Estados Unidos, os apresentadores adotam uma postura de âncoras, mais proeminente no programa, opinativa e voltada às discussões sobre os temas com os correspondentes e entrevistados, no Brasil os telejornais são mais voltados à apresentação das notícias de maneira menos explicitamente editorializada e em formato mais engessado e padronizado.

4.2. Estados Unidos

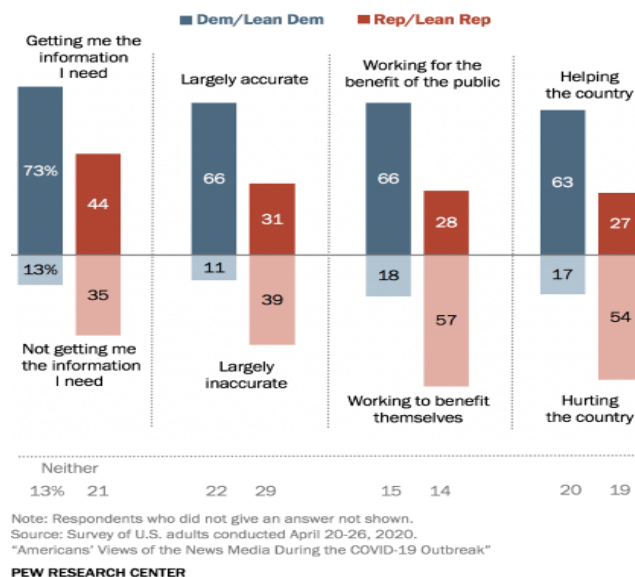
Levantamento realizado pelo *Pew Research Center* em março de 2020¹²¹ revelou que, desde o início da cobertura midiática da pandemia nos Estados Unidos, telespectadores da CNN e da Fox News já apresentavam percepções bastante distintas sobre a pandemia: para 37% dos que assistiam à Fox News, o coronavírus havia surgido na natureza, enquanto 31% acreditavam que havia sido desenvolvido intencionalmente em laboratório. Essas proporções eram, respectivamente, de 52% e 18% entre os que tinham como principal fonte de notícias a CNN. Para 79% dos que consumiam mais os conteúdos da Fox News, a mídia exagerava os riscos do vírus. Nota-se, portanto, que o acesso a notícias por diferentes veículos de comunicação pode ter contribuído para visões conflitantes quanto à realidade pandêmica. E, seguindo a tendência geral observada nos Estados Unidos durante a crise sanitária, a identificação partidária ajudou a moldar as percepções quanto à cobertura midiática da Covid-19.

¹²¹ “Cable TV and COVID-19: How Americans perceive the outbreak and view media coverage differ by main news source”. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/journalism/2020/04/01/cable-tv-and-covid-19-how-americans-perceive-the-outbreak-and-view-media-coverage-differ-by-main-news-source/>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

Gráfico 8 - Percepções quanto à necessidade, acurácia e utilidade pública da cobertura da pandemia por preferência partidária – abril de 2020 – Estados Unidos

Early on, Democrats praised news coverage of pandemic, but Republicans were much more skeptical

In April 2020, % of U.S. adults who think the news media's coverage of the COVID-19 outbreak is ...



Fonte: *Pew Research Center*.

No capítulo 1, apresentamos dados do *Pew Research Center* que explicitavam as diferentes fontes de notícias em que os estadunidenses confiavam. Coincidentemente, os dois programas selecionados para análise nesta tese são de emissoras de confiança dos republicanos (Fox News) e, por outro lado, dos democratas e dos adultos em geral no país (CNN). Passemos, então, às análises de temas, fontes e enquadramentos dos *talk shows*: Anderson Cooper 360 (CNN), comandado pelo jornalista que dá nome ao programa; e Tucker Carlson Tonight (Fox News), programa que estava no ar até 2023, quando Carlson foi demitido.

4.2.1. Primeiro semestre de 2020

Desde a primeira data de nossa análise, em fevereiro de 2020, alguns padrões de enquadramento já estavam estabelecidos nas edições de Tucker Carlson Tonight. No programa do dia 5/2/2020, por exemplo, o vírus já era chamado de “coronavírus chinês” e o foco recaía antes nas responsabilidades do governo da China do que na atuação do governo Trump. A entrevista com o secretário interino do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos, por exemplo, demonstra um enfoque nas medidas de “proteção” do país diante do vírus – sendo

que já havia casos registrados em território estadunidense. Observa-se, além do factual (números de casos e de mortes), um enquadramento alarmista na participação do correspondente Trace Gallagher em 5/2, quando ele afirma o seguinte: “funcionários chineses estimam o número de mortos em 563, mas novos vídeos, *que não verificamos*, mostram vários sacos mortuários em uma sala de espera de hospital. Os corpos são vistos no chão, em cadeiras e até alinhados em macas”. Houve, ademais, um apelo ao conspiracionismo, ao afirmarem (sem provas) que o número de mortes por Covid-19 na China deveria ser muito maior do que o oficial. Nada datas selecionadas em fevereiro de 2020, o coronavírus não apareceu nas edições do Anderson Cooper 360.

A próxima semana da amostra, em março de 2020, obteve ampla atenção midiática, uma vez que foi em 11/03 que a OMS declarou a pandemia. As diferenças nas coberturas de CNN e Fox News, nos programas selecionados, já estão explícitas. O programa de Anderson Cooper apresentou enquadramentos diversificados: o factual, com o acompanhamento da evolução da pandemia; o de alerta, ao cobrir o agravamento da crise; o crítico à postura de Trump e à falta de testes no país, ressaltando as divergências entre as mensagens públicas do presidente e as do expert do governo, Anthony Fauci. Enquanto Fauci expressava preocupações com as dificuldades no acesso aos testes no país, Trump afirmou o oposto, que “estavam indo bem” com a testagem. As fontes se dividem entre as oficiais, os especialistas e os profissionais de saúde atuantes na “linha de frente” da pandemia.

Por outro lado, nos programas de Tucker Carlson em março, um enquadramento conspiracionista a respeito da possível origem do coronavírus (em laboratório na China) se alia à atribuição de responsabilidade ao governo chinês. Nas palavras de Carlson no episódio de 12/03: “Na verdade, o surto pode não ter começado em um mercado público de carnes, mas em um laboratório chinês mal administrado. Agora, essa não é a nossa teoria. Qualquer pessoa que levantar essa teoria na televisão americana vai ser atacada como fomentadora de conspirações”. Aparecem, ainda, as preocupações com o impacto econômico da pandemia e com a escassez de testes, além da cobertura da situação na Itália, onde medidas de restrição de circulação estavam em vigor. As fontes no programa da Fox News, neste período, são menos diversificadas do que as da CNN, restringindo-se aos comentaristas e correspondentes da própria emissora e poucos participantes externos.

No fim de maio (27/05), os Estados Unidos alcançaram a marca de 100 mil óbitos por Covid-19. Naquele momento, mais uma vez, as distinções entre os enquadramentos da realidade

pandêmica se apresentaram de maneira aguda. Alguns temas foram semelhantes: lockdown, distanciamento social, uso de máscaras. Nas edições do programa da CNN, foram ouvidos comentaristas da emissora e especialistas, entre eles a dra. Deborah Birx (da força-tarefa da Casa Branca e alinhada às evidências científicas, assim como o dr. Fauci). Também foram entrevistados ou foram exibidas falas de políticos da oposição, como Joe Biden e Kamala Harris (à época, respectivamente, pré-candidato a presidente e senadora, respectivamente). Os especialistas se dividiam entre o enquadramento instrucional, orientando sobre a importância das medidas de proteção já conhecidas, e a preocupação com a conduta de Trump. Os demais convidados e o âncora tratavam de maneira bastante crítica o papel desempenhado por Trump, apresentando suas falas controversas e maus exemplos de comportamento. Biden, por exemplo, criticou Trump por zombar dele e de outros que usavam máscaras, enfatizando que a medida era uma questão de segurança pública, não de política. Nota-se que a atribuição de responsabilidade ao presidente, é um enquadramento que permeia as edições analisadas em maio.

No programa de Carlson, observa-se uma história da pandemia completamente distinta, apesar da intersecção entre alguns assuntos. O apresentador critica outros veículos de comunicação, como CNN e MSNBC, por supostamente propagarem o medo do vírus. Na mesma toada, Carlson entrevista o dono de uma academia de jiu-jitsu que decidiu que era hora de reabrir seu negócio. Para melhor compreensão do enquadramento adotado, vale mencionar um trecho da entrevista:

Carlson: Então, este é um vírus que atinge especialmente pessoas imunossuprimidas ou com a saúde debilitada. Ele pode matá-las. Não te parece estranho que as autoridades e políticos estejam dificultando para as pessoas se exercitarem e ficarem em melhor forma?

Entrevistado: Sabe, eu acho isso estranho. E, sem dúvida, o que fazemos é uma das melhores coisas que você pode fazer pelo sistema imunológico, em termos de exercícios, condicionamento físico e, claro, autodefesa.

Na entrevista, o apresentador ainda pergunta ao empresário – que não é da área da saúde nem jornalista – sobre os números de casos e óbitos e sobre os índices de contágio atuais em sua região. Nota-se a utilização de história pessoal bastante frequente naquele momento (pequeno empresário afetado pelo fechamento temporário de seu negócio), tratando de um tema relevante, para tratar de assuntos fora de sua alçada, como a pertinência das medidas de lockdown eventualmente adotadas por governos estaduais. Além disso, na própria pergunta do

apresentador, consta uma interpretação de que as medidas de prevenção à transmissão do coronavírus fariam mais mal do que bem, o que estava equivocado. São apresentadas, ainda nas edições da semana que marcou as 100 mil mortes no país, críticas aos governadores que adotaram medidas mais rigorosas de restrição e uma avaliação do âncora de que os lockdowns levaram a um aumento nos suicídios e overdoses. A partir de entrevista com o pai de um garoto de 12 anos que havia cometido suicídio, Carlson menciona que, enquanto a mídia cobriu extensivamente as mortes causadas pelo vírus, o sofrimento oculto resultante dos lockdowns foi amplamente ignorado. Mais uma vez, o entrevistado é quem apresenta dados de suicídios de jovens no país, enquanto Carlson afirma que “isolamento é a forma como punimos prisioneiros”.

As três semanas do primeiro semestre de 2020 que foram alvo da análise de conteúdo evidenciam diferenças expressivas entre os dois programas noticiosos desde o início da pandemia, seja do ponto de vista das abordagens ou das fontes. Enquanto as edições de Anderson Cooper 360 apresentaram maior diversidade de fontes e trataram, com cada uma delas, a respeito dos temas que eram de seu conhecimento, os episódios de Tucker Carlson Tonight levaram determinadas fontes a abordarem assuntos que não seriam de seu domínio. Houve uma confusão, no programa da Fox News, entre o âmbito da experiência pessoal e a extrapolação para assuntos especializados. O âncora também opinou sobre temas como lockdown e distanciamento social a partir de uma perspectiva enviesada e contrária às recomendações de especialistas – por exemplo, ao afirmar que seria mais saudável as pessoas “fora do grupo de risco” se exercitarem do que se isolarem (aparentemente se esquecendo de que, ao se contaminarem, elas levariam o vírus para casa). Outra diferença esteve na atribuição de responsabilidade pelos problemas na gestão da pandemia ao presidente Trump: a CNN trouxe essa discussão desde o início, ao passo que a Fox News optou por responsabilizar outros agentes – como o governo chinês e alguns governadores. Observa-se, portanto, maior aderência do noticiário da CNN às evidências científicas, além da postura crítica à politização, promovida pelo presidente Trump, das medidas não farmacológicas de contenção da disseminação do vírus.

4.2.2. Segundo semestre de 2020

Esta seção tem início na semana em que os Estados Unidos ultrapassaram o quantitativo de 200 mil vidas perdidas para a Covid-19, no fim de setembro de 2020. O triste marco foi abordado pela CNN a partir da perspectiva de que o uso de máscaras e o distanciamento social poderiam ter evitado uma parte dessas mortes. Explorou-se, ainda, o descompasso entre o resultado e as falas em que Trump havia definido a resposta de seu governo à crise de saúde como “fenomenal”. Entre as fontes, estavam o correspondente médico da CNN, Sanjay Gupta, que citou um modelo da Universidade de Columbia segundo o qual milhares de vidas poderiam ter sido salvas com ações mais precoces. Foram entrevistados médicos que relataram suas experiências na linha de frente e reforçaram a necessidade de cuidados pessoais e alguns atores políticos. Novamente, os discursos cientificamente orientados e análises realistas do cenário pandêmico, fornecidos pelo dr. Anthony Fauci, foram contrapostos à conduta de minimização dos riscos da pandemia adotada por Trump. Foram abordadas as dimensões das experiências pessoais, da política e da ciência.

Na mesma semana (21 a 23/09/2020), o programa de Tucker Carlson enfatizou algumas gafes cometidas por Joe Biden, então desafiante de Trump na eleição presidencial (por exemplo, Biden afirmou que “200 milhões” de estadunidenses haviam morrido, em lugar de 200 mil). Carlson criticou Biden pelos equívocos repetidos e sugeriu que esses erros indicam problemas cognitivos. Em contrapartida, foi exibido um trecho de comício de Trump no qual ele discutiu o desenvolvimento de vacinas, afirmando que elas estavam sendo produzidas em tempo recorde. Ele também vinculou a eleição que se aproximava à capacidade do país de superar a pandemia, posicionando-se como o candidato que poderia acabar com a crise e restaurar a prosperidade, ao mesmo tempo sugerindo que Joe Biden lidaria mal com a situação e atrasaria a distribuição dos imunizantes.

Duas semanas depois, os noticiários se concentravam na contaminação do presidente Trump pelo coronavírus. A notícia foi explorada de maneiras inteiramente distintas pelos dois programas. Anderson Cooper 360 trouxe uma abordagem factual, noticiando que o presidente, a primeira-dama, Melania Trump, e alguns assessores próximos estavam infectados; Trump havia sido hospitalizado. A ocasião serviu para discutirem, com especialistas em saúde e correspondentes políticos, a falta de transparência da Casa Branca (informações conflitantes sobre o estado de saúde do presidente) e os comportamentos de risco de Trump.

Por sua vez, a cobertura da enfermidade de Trump foi mais aprofundada e humanizada no programa de Tucker Carlson: foram acionadas fontes mais próximas, como o filho do presidente e alguns assessores, que trataram do seu estado de saúde, das medidas de precaução que afirmavam ser adotadas nos eventos de campanha, dos tratamentos em aplicação no presidente e do fato de Trump continuar trabalhando do hospital. Foram consultados, ainda, médicos e especialistas para tratar dos cenários de recuperação. Quando Trump teve alta (5/10), Carlson criticou a mídia pelo que ele descreve como alarmismo e uma perspectiva pessimista sobre a condição do presidente. Ele sugere que “a mídia” descrevia a Covid-19 como uma enfermidade mortal, especialmente para pessoas na faixa de idade e grau de obesidade do presidente. Na avaliação de Carlson, essas pessoas de outros veículos de comunicação queriam que Trump sofresse gravemente para validar sua narrativa sobre os perigos do vírus. O âncora afirma ainda que 99,98% dos pacientes com Covid-19 com menos de 49 anos sobreviviam e que, mesmo entre os maiores de 70, a taxa de sobrevivência era de 94,6%. Mais uma vez, o programa de Carlson apresentou rumores sobre a possível origem do coronavírus em laboratório na China.

A última semana da amostra de 2020 é a de 14/12, ou seja, após a vitória de Joe Biden sobre Donald Trump na disputa presidencial. Naquela semana, a primeira dose de vacina contra a Covid-19 era aplicada nos Estados Unidos. O programa de Anderson Cooper trouxe a cobertura do início da vacinação (factual), a recomendação de manutenção do uso de máscaras e do distanciamento social, mesmo após se imunizarem (instrucional), e a posição de Biden quanto ao gerenciamento da pandemia em seu futuro mandato. O presidente eleito enfatizou que o país precisava se curar tanto das divisões políticas quanto da crise de saúde em andamento. Biden também observou que continuar a distribuição dos imunizantes seria um dos maiores desafios de sua administração. A hesitação vacinal foi abordada pelo correspondente médico da CNN, dr. Sanjay Gupta, que, mais uma vez, reforçou que as medidas de prevenção deveriam continuar até que a maioria das pessoas estivesse imunizada. Além disso, foram discutidos auxílios econômicos à população, as preocupações com aglomerações em festas de fim de ano e a probabilidade de haver reações alérgicas às vacinas. Nota-se a predominância dos enquadramentos factual e instrucional, sobretudo no sentido de esclarecer que as vacinas não dispensavam outras medidas de cuidado.

Na mesma semana (de 14/12), os episódios de Tucker Carlson Tonight trataram o início da vacinação no sentido oposto: o apresentador lançou um questionamento sobre a necessidade

de, após vacinadas, as pessoas continuarem usando máscaras e aderindo a outras restrições. Ele expressou ceticismo em relação à continuidade das medidas de proteção, aparentemente ignorando que a vacinação é uma medida cuja eficácia depende da abrangência. Na avaliação de Carlson, a orientação de continuidade de medidas restritivas seria uma tentativa de governos continuarem a exercer controle sobre as populações, interferindo em sua liberdade. Foram abordados, ainda, os impactos econômicos das restrições sobre os pequenos negócios e, em contraposição, uma crítica a Bill Gates – que, por sua posição favorável ao lockdown, é enquadrado por Carlson como um privilegiado desconectado das dificuldades das pessoas comuns, particularmente dos pequenos empresários e daqueles que enfrentavam dificuldades econômicas devido às restrições de funcionamento e circulação.

No segundo semestre de 2020, verifica-se a manutenção das marcadas diferenças de enquadramentos e fontes entre as coberturas da CNN e da Fox News, aqui representadas pelos programas de Anderson Cooper e Tucker Carlson. Enquanto a CNN buscava equilibrar as abordagens factual, instrucional, de alerta, histórias de vida e atribuição de responsabilidades, a Fox News se concentrou em desqualificar vozes de alerta (como dr. Anthony Fauci e Bill Gates) e em questionar instruções de especialistas quanto à continuidade de um cenário de restrições e necessidade de sacrifícios coletivos. A variedade de fontes continuou menor, geralmente concentrada no próprio Carlson, nos comentaristas da emissora, em alguns médicos e em pessoas leigas – que foram abordadas com questões fora de sua alçada.

Nota-se, portanto, que a história da pandemia de Covid-19 foi contada a partir de enquadramentos completamente distintos em dois dos principais programas noticiosos do país. Isso é especialmente relevante por se tratar do primeiro ano da pandemia, momento no qual as crenças, opiniões e comportamentos estavam em formação na opinião pública. Como mostramos no capítulo 1, as pessoas que confiavam na Fox News como fonte de informações, de modo geral, estavam propensas a não confiar em outros veículos de mídia – e, portanto, possivelmente não consumiriam notícias dessas outras fontes jornalísticas. Isso agravaria o fechamento de grupos de pessoas com convicções similares em bolhas informacionais, potencialmente reforçando enquadramentos negacionistas da pandemia e colocando vidas em risco.

4.2.3. 2021 e 2022

A análise de 2021, primeiro ano do governo de Joe Biden, começa em fevereiro, na semana em que a marca de 500 mil óbitos foi ultrapassada nos Estados Unidos. A cobertura da CNN se concentrou nos esforços para expansão da vacinação – o que se enfatizou a partir da visita de Biden a uma fábrica da Pfizer e da aplicação da segunda dose do imunizante em uma senhora de 111 anos. O enquadramento das histórias de vida por trás das estatísticas da pandemia ocorreu, também, por meio da entrevista com um homem que desabafou sobre as múltiplas crises que havia enfrentado ao longo do último ano (pandemia, desastres naturais e agitação civil). O programa trouxe, na voz de especialistas da área da saúde, críticas à falta de priorização dos professores na imunização, os impactos psicológicos da pandemia e o caráter evitável de parte das 500 mil mortes no país. O presidente Biden foi mencionado por ter realizado uma cerimônia à luz de velas na Casa Branca para homenagear as 500 mil vidas perdidas e no contexto de escolha do Secretário de Saúde e Serviços Humanos, Xavier Becerra.

Considerando as discrepâncias entre as coberturas até este momento, é interessante avaliarmos se a Fox News, que até então atribuía a responsabilidade pelo cenário pandêmico desfavorável a outros agentes que não o então presidente Trump, voltaria suas críticas ao recém-empossado presidente Biden. O que encontramos é um enquadramento de equivalência entre as medidas de restrição de circulação de pessoas e o autoritarismo de estados policiais. O apresentador critica as ações adotadas pelo governo canadense e recebe a escritora feminista Naomi Wolf – com quem ele ressalta discordar em inúmeros outros pontos – para discutir as supostas ameaças do autoritarismo travestido de cuidado com a saúde coletiva. Outra frente de gestão da pandemia atacada pela cobertura é a da vacinação: a partir da estória contada por uma garçonete do Brooklyn que afirma ter sido demitida por se recusar a se vacinar por “temer os efeitos colaterais e querer formar uma família”, explora-se o tema da hesitação vacinal sob o prisma da liberdade individual. Além disso, fica implícita a ideia de que vacinas poderiam causar infertilidade.

Figura 3 - Tucker Carlson e Naomi Wolf em conversa sobre o suposto autoritarismo de medidas de contenção do coronavírus – 22/2/2021



Fonte: Tucker Carlson Tonight.

No fim de 2021 e início de 2022, a variante Ômicron se espalhava pelo mundo, gerando novos picos de casos e, em menor proporção do que a registrada antes das vacinas, de óbitos. Esse acontecimento trouxe preocupação e uma renovada atenção midiática à Covid-19 – que, àquela altura, estava próxima de completar seu segundo ano. A cobertura do programa Anderson Cooper 360 se dividia entre os enquadramentos factual, de alerta, diante da nova alta de casos e sobrecarga do sistema de saúde, e instrucional, principalmente no apelo aos pais para que vacinassem as crianças contra a Covid-19. Para isso, foram ouvidos os correspondentes médicos da CNN e uma pediatra que alertou sobre o aumento dos casos no público infantil. Uma análise das novas diretrizes do CDC foi apresentada em tom crítico, diante da imprecisão e confusão de alguns pontos.

Já na Fox News, Tucker Carlson Tonight se concentrou em dois eixos principais no período: novas críticas a ações enquadradas como autoritárias, tanto interna quanto externamente aos Estados Unidos; e teorias conspiratórias associadas à pandemia. O apresentador criticou o ex-prefeito de New York Bill de Blasio pela gestão da pandemia e pela sujeira da cidade, e entrevistou um senador australiano que denunciava medidas autoritárias (como o confinamento de pessoas em campos de quarentena vigiados por seguranças) em seu país. O senador afirmava a preocupação com a possibilidade de que a Austrália se tornasse um país permanentemente autoritário. Outra fonte sobre o assunto foi o jornalista Glenn Greenwald, expressou preocupação com a crescente militarização da resposta à pandemia e o possível impacto de longo prazo nas liberdades civis, comparando a situação do momento à expansão do poder governamental após o 11 de setembro. As críticas ao presidente Biden e ao suposto

“medo irracional” da Covid-19, inexistentes quando o cargo era ocupado por Trump, dividiram espaço com questionamentos a informações do dr. Anthony Fauci sobre a periculosidade do coronavírus entre crianças e ceticismo quanto ao efeito das vacinas até o momento. Portanto, enquanto a CNN tentava alertar e se contrapor à hesitação vacinal, a Fox News indicava o contrário em sua cobertura, alimentando as dúvidas quanto à eficácia da imunização e descredibilizando a principal referência científica do país no período.

Na semana de 12 de maio de 2022, o quantitativo de um milhão de óbitos por Covid-19 foi registrado nos Estados Unidos. Reforçando as tendências que detectamos ao longo do período analisado, a CNN trouxe o enquadramento factual como chamariz para outras discussões. O correspondente da CNN em Xangai trouxe um comparativo entre as restrições impostas na China e nos Estados Unidos: enquanto os estadunidenses enfrentaram desafios com a adesão à vacinação e ondas contínuas de infecções, a rígida política de “Covid zero” adotada na China levou a lockdowns severos, provocando frustração e raiva entre os residentes. Mais uma vez, o correspondente médico Sanjay Gupta abordou as mortes evitáveis por Covid-19 nos Estados Unidos, destacando que mais de 700 mil óbitos ocorreram quando já havia vacinas autorizadas. No episódio de 13/05/2022, o programa de Anderson Cooper apresentou uma entrevista com Bill Gates, que falou sobre temas que foram alvo de desconfiança e teorias conspiratórias: a velocidade de desenvolvimento das vacinas; o impacto da vacinação, que reduziu a gravidade e a taxa de mortalidade por Covid-19; possíveis desdobramentos da Covid longa; e o efeito deletério, sobretudo na hesitação vacinal, das teorias da conspiração que alegavam que as vacinas contra o coronavírus fariam parte de um plano para rastrear pessoas.

Por fim, também seguindo as tendências de enquadramento verificadas ao longo da pandemia, a cobertura do programa de Tucker Carlson, na semana em que se atingiu a marca de um milhão de óbitos, criticou a cobertura alarmista da “grande mídia” sobre a crise de saúde. As críticas se estenderam a outras duas esferas: a governamental e a social. Carlson afirma preocupação com os elogios das autoridades de saúde pública do país à política de contenção do coronavírus da China e questiona se essa avaliação positiva não poderia se converter na adoção de medidas autoritárias nos Estados Unidos. No âmbito social, o programa traz um episódio em que uma atriz teria xingado um espectador por não utilizar a máscara de maneira correta no teatro. Esse exemplo é utilizado para justificar o enquadramento crítico às atitudes “exageradas” que teriam se disseminado na sociedade do país.

Por meio da análise anteriormente apresentada, resta evidente uma acentuada discrepância entre as coberturas da CNN e da Fox News sobre os acontecimentos pandêmicos. Cabe esclarecer que a análise se restringiu aos trechos dos noticiários em que o assunto era a pandemia de Covid-19. A próxima seção traz a análise sobre as coberturas midiáticas no Brasil, apontando eventuais mudanças e as continuidades ao longo do período.

4.3. Brasil

Para esta tese, conforme mencionado, optamos por analisar qualitativamente os enquadramentos, temas e fontes específicos sobre Covid-19 trazidos pelos noticiários noturnos das duas emissoras de maior audiência do Brasil, TV Globo e TV Record. Serão analisados os episódios das semanas indicadas no Quadro 1.

4.3.1. Primeiro semestre de 2020

As primeiras datas de referência da análise de 2020 são da semana de 11/03, quando a OMS declarou a pandemia de Covid-19. Naquele momento, a cobertura do Jornal Nacional foi bastante ampla e diversificada, abordando as medidas de contenção e impactos do surto do coronavírus no Brasil e ao redor do mundo. Este primeiro enquadramento é predominantemente factual, com dados atualizados do Brasil, informações sobre a Itália, onde a crise de saúde era mais intensa, sobre a situação na China e Estados Unidos e com menção a um dos primeiros brasileiros com diagnóstico de Covid-19. Ele comparou seus sintomas aos de uma gripe e relatou sua experiência enquanto esteve isolado. Também foram abordados os impactos da crise nas bolsas de valores e na cotação do real. No Brasil, o Ministério da Saúde avaliava a necessidade de adotar medidas mais restritivas, como a antecipação de férias escolares e a quarentena para quem chegasse de viagens ao exterior. As fontes do período variavam entre autoridades governamentais, especialistas da área da saúde e pessoas comuns relatando suas experiências com a pandemia.

Os episódios de março de 2020 do Jornal da Record trouxeram enquadramentos factuais e instrucionais, com fontes que iam de infectologistas a governadores e ministros. O telejornal esteve mais centrado no Brasil do que o Jornal Nacional, mas também abordou os principais fatos relacionados à pandemia em outros países. Além disso, observa-se uma abordagem

instrucional, por meio da apresentação dos sintomas, das orientações quanto a medidas pessoais de proteção e da recomendação para que se mantivesse a calma. Uma das notícias do período, coberta pelos dois telejornais, dizia respeito à infecção por Covid-19 de membros da comitiva brasileira que havia voltado dos Estados Unidos. Tanto Bolsonaro quanto Trump se testaram e tiveram resultados negativos à época. No período, Bolsonaro apareceu em uma transmissão ao vivo usando máscara – algo que, dali em diante, se tornaria cada vez mais raro.

4.3.2. Segundo semestre de 2020

Se em março o presidente brasileiro não se contaminou, a infecção por Covid-19 veio no início de julho de 2020. A essa altura da pandemia, algumas diferenças podem ser percebidas entre os enquadramentos da realidade pandêmica pelos dois telejornais brasileiros – embora se deva assinalar que as distinções sejam muito mais sutis do que aquelas detectadas entre os programas estadunidenses anteriormente analisados. O Jornal Nacional destacou o enquadramento factual, exibindo os dados atualizados de casos e óbitos da pandemia e buscando, por meio de uma comparação com os números de assassinatos no ano mais violento da história do país, humanizar as estatísticas e trazer uma dimensão mais palpável ao número de 65,5 mil mortos até 6/7/2020 no país. Além disso, algumas histórias de famílias atingidas pelo vírus foram exibidas. Foram apresentados os impactos no sistema de saúde de alguns estados com a ocupação próxima do limite, problemas para acesso ao aplicativo do auxílio emergencial (que estava sendo pago a famílias de baixa renda no Brasil), o andamento dos testes de uma vacina no Instituto Butantan e uma carta em que 239 cientistas de 32 países alertavam para o risco de transmissão aérea do coronavírus. Sobre a contaminação de Bolsonaro, a abertura do Jornal Nacional trouxe a seguinte fala dos dois apresentadores:

O resultado do exame de Covid do presidente Jair Bolsonaro dá positivo. No anúncio, ele diz que a equipe médica ministrou cloroquina e um antibiótico e que se sente perfeitamente bem. Especialistas manifestam preocupação com a associação que o presidente faz entre o medicamento e seu bem-estar. Dizem que essa relação não existe, que a cloroquina é ineficaz no combate e no tratamento da doença, que tem efeitos colaterais perigosos e que todos devem se proteger do contágio, independentemente da idade [...].

Em continuidade à cobertura sobre a infecção de Bolsonaro, na edição de 7/7 do Jornal Nacional, os apresentadores trouxeram este contraponto ao uso da cloroquina anunciado pelo presidente como a opção de tratamento selecionada por seus médicos:

O presidente também falou de um assunto que tem repetido exaustivamente: a cloroquina. Bolsonaro disse que ontem, mesmo antes de saber o resultado do exame no hospital, a equipe médica resolveu dar o primeiro comprimido do medicamento por volta das 17h e também um antibiótico. O presidente disse que depois da meia-noite já se sentia melhor e que tomou a segunda dose hoje às 5h [...]. No anúncio desta manhã, o presidente voltou a criticar as medidas de isolamento. Repetiu que houve um superdimensionamento e que as medidas deveriam ser voltadas apenas para idosos acima de 65 anos ou com doenças preexistentes. O presidente tem 65 anos. Bolsonaro não apresentou nenhum dado para amparar a afirmação de que o número de óbitos tem aumentado por outras causas e não pelo vírus. Ele citou um aumento de casos de suicídio e de doentes que não procuram os médicos por medo de se contaminar, mais uma vez, minimizando a tragédia da pandemia [...]. A declaração do presidente Bolsonaro vai em sentido contrário ao que dizem várias pesquisas internacionais. Os cientistas atestam que o medicamento não tem eficiência no tratamento do coronavírus e, pior, pode ter efeitos colaterais perigosos.

Verifica-se, portanto, que o Jornal Nacional utilizou o evento da infecção do presidente Bolsonaro para contestar as informações distorcidas que ele insistia em transmitir, seja quanto aos riscos de agravamento da doença, quanto à disseminação do vírus ou a respeito das medidas adequadas de prevenção e tratamento. Observa-se o confronto entre o enquadramento presidencial e as evidências científicas apresentadas por especialistas. Na mesma edição foi informado que a OMS suspendeu os ensaios clínicos com hidroxicloroquina devido à falta de eficácia comprovada e aos riscos associados.

Em contrapartida, percebe-se que, no telejornal da TV Record, a fala do presidente durante o anúncio de sua infecção teve mais espaço. Além disso, a informação de uso da hidroxicloroquina e a associação à recomendação médica não foram contrapostas ao consenso científico do momento, que apontavam para a ineficácia e eventuais riscos do medicamento. A interação entre ele e jornalistas foi citada conforme segue:

Jair Bolsonaro: Os pulmões estavam limpos, ou seja, não tinha nada de opaco, dando sinal positivo. Mas dados os sintomas, a equipe médica resolveu aplicar a hidroxicloroquina. Eu tomei no dia de ontem, por volta das 17h, o primeiro comprimido.

Repórter: Azitromicina também?

Bolsonaro: Também a azitromicina. Todo aquele composto foi ministrado e confesso que depois da meia noite eu consegui sentir alguma melhora. Às 5h da manhã tomei a segunda dose da cloroquina e eu confesso a vocês, estou perfeitamente bem [...]. Eu confesso que eu achava que já tinha pego lá atrás, tendo em vista a minha atividade muito dinâmica perante a população. Esse vírus é quase como eu já dizia no passado

e era muito criticado. É como uma chuva que vai atingir você. Alguns não, alguns têm que tomar o maior cuidado com essa coisa, esse fenômeno, vamos assim dizer.

Essa análise comparativa aponta, pois, para a ausência, no Jornal da Record, de informações necessárias para minimizar os prejuízos das mensagens incorretas de Bolsonaro, o que reforça a conclusão de que telespectadores de apenas um dos telejornais teriam acesso (ao menos por este meio) a uma versão parcial dos acontecimentos pandêmicos. Salientamos que as informações presentes em um dos noticiários e ausente no outro eram decisivas naquele momento, para criar uma percepção do risco da exposição do vírus mais condizentes com a realidade. Porém, a respeito da ivermectina, a edição de 7/7 (a mesma anteriormente citada) noticiou sua distribuição por algumas prefeituras e ressaltou a ausência de comprovação científica de sua eficácia contra o coronavírus. Obviamente, a análise presente neste capítulo abarca apenas algumas edições dos noticiários; para afirmações sobre a cobertura completa no decorrer da pandemia, seria preciso avaliar um conjunto mais abrangente de edições.

Em 8 de agosto de 2020, o Brasil chegou ao registro oficial de 100 mil óbitos por Covid-19. Naquela semana, as coberturas dos dois noticiários trouxeram, novamente, algumas distinções sutis de enquadramentos. O Jornal Nacional mostrou os dados de casos e mortes, comentários de autoridades sobre o marco, histórias de superação de pessoas afetadas pela enfermidade e críticas ao presidente. Num enquadramento de atribuição de responsabilidade pela má gestão da pandemia, Bolsonaro foi mencionado por ter minimizado a gravidade sua gravidade, referindo-se à Covid-19 como uma "gripezinha" e respondendo de forma insensível às perguntas sobre o número crescente de mortes com frases como "E daí?" e "Não sou coveiro". O presidente também foi criticado por sua abordagem que desestimulava o isolamento social, medida amplamente defendida por cientistas e governadores para conter a disseminação do vírus. Foram também trazidas as abordagens instrucional, reiterando as medidas não farmacológicas de prevenção, e de enfoque às histórias de vida por trás dos números.

O Jornal da Record, por sua vez, também apresentou a cotidiana cobertura factual, mas com uma diferença significativa para este trabalho: o “placar de curados”. Diariamente, junto aos números de casos e de óbitos, o noticiário mostrava os quantitativos de pessoas que haviam se recuperado da enfermidade – enquadramento este que, obviamente, representava uma atenuação da situação no Brasil e ia ao encontro da interpretação do governo federal sobre a realidade pandêmica. Na mesma linha, foi ressaltado que Bolsonaro fez uma postagem nas suas páginas em redes sociais, lamentando as vidas perdidas e destacando que o Brasil é um dos

países que mais recupera pessoas infectadas pela Covid-19. Assim como Bolsonaro, os responsáveis pelo noticiário da TV Record deixaram de mencionar que ser o país com mais recuperados era um indicativo do fato de ser líder (ou um dos maiores) em número de contaminados – o que não deveria ser motivo para comemoração. Nota-se que o enquadramento negacionista da realidade pode se travestir de otimismo.

4.3.3. 2021

Em janeiro de 2021, a vacinação já havia começado em outras partes do mundo, como Inglaterra e Estados Unidos. O Brasil, com a bem-sucedida trajetória do Programa Nacional de Imunizações e a capilaridade do Sistema Único de Saúde, estava preparado para iniciar a distribuição e aplicação das doses. Porém, o Jornal Nacional de 6/1/2021 noticiava o anúncio, feito por Bolsonaro, da suspensão da compra de seringas, em virtude do aumento dos preços. Segundo o presidente, os materiais somente seriam comprados quando os preços “voltassem à normalidade”. Especialistas entrevistados sobre o tema disseram que aquela era mais uma demonstração da falta de planejamento e do descaso do governo federal com a vacinação. Bolsonaro também ironizou a situação econômica desfavorável do Brasil, criticou a mídia e minimizou a proporção de vacinados ao redor do mundo, comparando o Brasil a nações com percentuais próximos de zero (e deixando de fora da lista aqueles, como Israel, China, Estados Unidos e Reino Unido, que eram responsáveis pelas quase 15 milhões de doses aplicadas até então). A parcialidade da declaração de Bolsonaro foi ressaltada tanto pelo Jornal Nacional quanto pelo Jornal da Record. A declaração do presidente no dia 7 de janeiro, data do marco de 200 mil mortes, foi de que lamentava a perda, mas que “a vida continua”. As vacinas aprovadas emergencialmente pela Anvisa, CoronaVac e Astra Zeneca, foram temas de reportagens sobre sua eficácia e o processo de aprovação; além disso, epidemiologistas trataram do aumento de casos e óbitos nas semanas seguintes às festas de fim de ano e reforçaram a importância da vacinação.

Seguindo a tendência anterior, a cobertura do Jornal da Record se mantinha em caráter mais protocolar do que crítico (o que de modo algum nos permite equiparar este noticiário ao Tucker Carlson Tonight, uma vez que o programa estadunidense propagava teorias da conspiração e informações que induziam a compreensões equivocadas sobre a pandemia). O enquadramento predominante continuou sendo o factual, com dados atuais sobre casos, óbitos

e recuperados, previsões do governador de São Paulo, João Doria, para o início da vacinação no estado, a suspensão na compra de seringas e acompanhamento do crescimento alarmante dos casos em Manaus. Testes com as vacinas são apresentados de maneira favorável, tanto do ponto de vista da eficácia atestada por especialistas quanto da perspectiva de pessoas ansiosas para se imunizarem.

Os noticiários da semana de 16 de janeiro de 2021 se dividiam entre o início da vacinação no Brasil e a crise em Manaus, onde pessoas morriam em decorrência da falta de oxigênio nos hospitais. O recurso ao enquadramento de histórias de vida foi feito a partir da exibição de depoimentos de familiares de pessoas mortas pela falta de oxigênio. O jornal da TV Globo abordou também, em tom crítico ao governo federal, que a crise diplomática com a China atrasaria a liberação de um ingrediente para a fabricação da vacina CoronaVac. O atrito teve origem nos ataques do presidente brasileiro e de alguns de seus aliados (entre eles ministros e filhos de Bolsonaro) ao país. Como fontes do período, foram consultados diretores de associações médicas, pesquisadores (que criticaram a demora do governo na compra das vacinas), o diretor do Instituto Butantan, que tradou do atraso na liberação dos insumos pela China e o vice-presidente do Brasil, Hamilton Mourão, que afirmou que o incidente diplomático seria resolvido, se necessário, com sua ajuda.

O desespero das famílias em Manaus em busca de socorro e tubos de oxigênio para salvar seus familiares teve destaque na cobertura da TV Record, que destacaram os esforços do governo federal para enviar auxílio para o município, o surgimento da variante em Manaus e a exaustão e sacrifício dos profissionais de saúde que lá atuavam. Ainda sob o enquadramento factual, foram discutidos os desafios na distribuição das vacinas e as medidas para imunizar profissionais de saúde que estavam na linha de frente no país.

Em 19 de junho de 2021, o Brasil ultrapassava a marca de 500 mil óbitos pelo coronavírus. Naquele período, acontecia no país a CPI da Pandemia, sobre a qual tratamos no capítulo 1. Esse evento recebeu cobertura do Jornal Nacional, com informações sobre a investigação de atos de ex-ministros de Bolsonaro (Eduardo Pazuello, da Saúde, e Ernesto Araújo, das Relações Exteriores) por possíveis crimes durante a pandemia, como a promoção de medicamentos ineficazes e a má gestão na compra de vacinas. O noticiário deu espaço, ainda, para declarações do relator da CPI, Renan Calheiros, que classificou como criminosa e irresponsável a declaração de Bolsonaro de que “a contaminação natural seria mais eficaz do que a vacinação na aquisição de imunidade”. Os depoimentos de dois médicos defensores de

medicamentos ineficazes contra a Covid-19 foram criticados tanto por senadores quanto pela comunidade científica. Houve lamentações sobre o meio milhão de mortes causadas pela pandemia no Brasil e críticas ao governo federal por sua demora na compra de vacinas e falta de coordenação no Plano Nacional de Imunizações. Também foram condenadas as apostas equivocadas em medicamentos do chamado “kit Covid” e os exemplos negativos presidente em relação às medidas sanitárias. Deve-se ressaltar que, mesmo após 500 mil mortes, mais de um ano da pandemia e o acúmulo de evidências contrárias, Bolsonaro continuava a defender o uso de remédios ineficazes, o que ele próprio repetiu ao lamentar o marco de óbitos. O Jornal da TV Globo trouxe reportagem com pesquisadores da saúde para desmentirem informações falsas que circulavam na internet, como a de que as vacinas poderiam “magnetizar pessoas” ou “conectá-las ao Bluetooth”.

Enquanto isso, no Jornal da Record, o presidente e o ministro da Saúde tinham espaço para destacar que seria feito um estudo para avaliar a necessidade do uso de máscara por pessoas já imunizadas contra o coronavírus. Outro exemplo de enquadramento mais favorável ao governo estava na reportagem segundo a qual a vacinação em massa no Brasil evitou mais de 40 mil mortes entre idosos, com destaque para a importância de acelerar a imunização para reduzir ainda mais as mortes. Deu-se destaque ao documento, divulgado pelo governo federal, com um balanço de 900 dias de atuação: entre as ações, estariam o enfrentamento à pandemia, a distribuição de vacinas e a retomada da economia. Em reportagem sobre eventos de Bolsonaro em 21/06/2021, deu-se a seguinte interação entre ele e jornalistas:

Bolsonaro: E nós, desde o começo, o governo federal teve coragem de falar em tratamento precoce.

Narrador em off: Bolsonaro se irritou com uma jornalista da afiliada da Globo ao ser questionado sobre eventos em que aparece sem máscara.

Bolsonaro: Eu chego como quiser, onde eu quiser, tá certo? Eu cuido da minha vida. Se você não quiser usar máscara, você não usa. Agora, tudo que eu falei sobre Covid, infelizmente para vocês, deu certo. Tratamento precoce salvou a minha vida e de mais de 200 pessoas no meu prédio [...]. Estou sem máscara em Guaratinguetá. Está feliz agora? Vocês são uns... Cala a boca!

Após esse trecho, o telejornal seguiu para outros assuntos, sem nenhuma observação quanto aos inúmeros equívocos na fala do presidente brasileiro.

4.3.4. 2022 e 2023

Conforme mencionado anteriormente, a virada de 2021 para 2022 trouxe o aumento de casos de contaminação pela variante Ômicron. Naquele momento, o Jornal Nacional abordava a urgência da vacinação do público infantil, de acordo com a pediatra consultada; a esperança de que a vacinação contivesse os óbitos pela nova variante, que se mostrava mais transmissível; e um balanço das informações falsas que circularam em 2021, com destaque apresentado por uma jornalista do serviço de checagem Fato ou Fake aos boatos associados à vacina. Também foram consultados, nas matérias da primeira semana de 2022, vários especialistas, como o infectologista Marco Aurélio Sfa, a epidemiologista Denise Garrett, o virologista Edson Durigan e os epidemiologistas Pedro Halal e Ethel Maciel. Eles discutiram a importância da testagem, a disseminação da variante Ômicron e os desafios contínuos da pandemia.

Também foram adotados pelo Jornal da Record os enquadramentos de alerta e instrucional, ao tratar do aumento de casos, da ocorrência de infecções simultâneas por Covid-19 e gripe (chamado de “Flurona”) e da decorrente necessidade de redobrar as medidas pessoais de prevenção, como uso de máscaras e de álcool em gel para higienizar as mãos. Ademais, foi abordada uma controvérsia entre governo federal e STF, em virtude de uma consulta pública do governo sobre a vacinação infantil ter sido questionada pela ministra Cármen Lúcia.

A última semana de análise, em março de 2023, foi selecionada em virtude do marco de 700 mil mortes por Covid-19 no Brasil. O presidente Lula já havia assumido seu terceiro mandato, após derrotar Bolsonaro na disputa de 2022. Previsivelmente, a pandemia já ocupava pouco espaço nos noticiários, uma vez que os óbitos ocorriam em ritmo muito mais lento do que nos anos anteriores e o fim da emergência internacional de saúde pública estava prestes a ser anunciado pela OMS (o que ocorreu em 05/05/2023). Ambos os noticiários falaram sobre o número de óbitos, com enfoques semelhantes: o Jornal Nacional destacou que o crescimento desse quantitativo desacelerou graças à vacinação. Segundo a Fiocruz (citada pelo telejornal), em janeiro de 2023, o número de mortes entre os não vacinados foi três vezes maior do que entre as pessoas que receberam pelo menos uma dose de reforço. Até 28/3/2023, mais de seis milhões de doses da vacina bivalente haviam sido aplicadas. Já o Jornal da Record destacou que abril de 2021 foi o mês mais letal da pandemia no país, com 100 mil óbitos. Naquela época, apenas 14% da população havia recebido uma dose da vacina.

De maneira geral, como enfatizamos ao longo da análise, as diferenças entre coberturas dos telejornais no Brasil foram menos pronunciadas do que aquelas encontradas entre os dois programas dos Estados Unidos. Mas isso não diminui a relevância de apontarmos essas diferenças de enquadramentos, de fontes e, até mesmo, de construção das reportagens. Exatamente pela sutileza, a tendência é que, ao mesmo tempo em que passem despercebidos aos públicos menos atentos, os distintos pontos de vista contribuam para a construção de percepções qualitativamente distintas acerca da pandemia. Há décadas já está superada a ideia da mídia enquanto manipuladora de massas amorfas, mas sua influência pode ser pervasiva – o que, naturalmente, envolve outros fatores, como a atenção às notícias. No capítulo 6, serão apresentadas as opiniões dos entrevistados sobre a cobertura midiática da pandemia, bem como suas fontes de informação de confiança e eventuais aproximações e distanciamentos entre suas opiniões e as versões da realidade pandêmica construídas pelos telejornais analisados neste capítulo.

4.4. Conclusões gerais do capítulo

Atualmente, é frequente ouvirmos comentários e vermos estudos sobre os malefícios das redes sociais na conformação e manutenção das bolhas epistêmicas, ocasionando percepções da realidade com menos pontos de contato com as informações que conformam as crenças de grupos divergentes. Muito se fala, ademais, sobre a baixa qualidade média das informações nas redes sociais, em parte por não passarem pelos mesmos critérios de apuração e validação de veracidade que caracterizam veículos de comunicação e jornalismo profissional.

O que pretendíamos, com este capítulo, era aportar elementos de complexidade a essas compreensões correntes. Ao trazermos um comparativo entre dois noticiários de cada país, evidenciamos que a realidade pandêmica foi retratada a partir de enquadramentos, por vezes, profundamente divergentes, mesmo dentro de emissoras de TV com amplo alcance. Temas relacionados à crise de saúde eram incontornáveis na agenda pública e midiática, mas as abordagens poderiam variar – e variaram de maneira mais pronunciada nos Estados Unidos, até mesmo em virtude do formato mais livre dos programas (em comparação aos noticiários brasileiros).

Mas, conforme mostramos, não era necessário recorrer a teorias da conspiração e informações contrárias às evidências científicas para trazer uma cobertura mais amena ao

presidente agnotológico, por exemplo. A TV Record, no Brasil, é exemplo dessa sutileza que, no cotidiano e de maneira cumulativa, tende a gerar percepções diferentes sobre a realidade pandêmica. Ao apresentar um “placar de curados” da Covid-19, com um enquadramento que parece corriqueiro e otimista, a emissora corroborava o discurso de Bolsonaro e seus auxiliares de que, afinal de contas, a maioria dos contaminados se recuperaria (mesmo que a minoria não recuperada representasse centenas de milhares de pessoas, como abordamos no capítulo 1 ao tratarmos da busca presidencial pela “imunidade de rebanho por contágio”).

Da mesma maneira, ao informar que o presidente estava se tratando do episódio de Covid-19 com hidroxicloroquina e não acrescentar o consenso quanto à ineficácia desse tratamento contra a enfermidade, a notícia não estava incorreta em seu teor, mas o Jornal da Record deixou de agregar uma informação que evidenciaria o compromisso do noticiário com a realidade científica e traria um contraponto de utilidade pública perante o discurso governista que induzia a comportamentos de risco. Nesse sentido, portanto, uma cobertura neutra diante de distorções continuamente disseminadas por autoridades públicas corresponde ao afastamento do papel social do jornalismo, seja ele na perspectiva do “quarto poder” ou do “espelho da realidade” (Dunaway e Graber, 2023).

É sempre importante lembrar que as coberturas ora analisadas compõem – e, em grande medida, refletem – ambiente informacionais muito mais amplos e diversos do que conseguem abarcar. Como mencionamos na seção sobre negacionismos e sua evolução em perspectiva histórica, a pandemia de Covid-19 foi marcada não pela escassez, mas pelo excesso de informações (nem sempre verdadeiras) ofertadas por múltiplas fontes. Espera-se que esta análise tenha contribuído para a compreensão do papel do jornalismo enquanto provedor de informações verificadas, em meio à desordem informacional e à relevância de informações de qualidade (traduzida aos públicos leigos) para guiar as ações de preservação da própria vida. E, nessa perspectiva, esperamos promover um olhar crítico sobre as coberturas noticiosas, que nem sempre se orientaram pelas melhores informações, fontes e evidências disponíveis, contribuindo tanto para o desnorтеio e negacionismo de parte dos públicos quanto para o reforço do descrédito dessa instância tão relevante de acesso e interpretação de realidades para além da que conseguimos acessar pela experiência imediata.

5. AS INFLUÊNCIAS DA PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA (ESTADOS UNIDOS) E DA AVALIAÇÃO DA GESTÃO FEDERAL (BRASIL) NAS PERCEPÇÕES SOBRE A PANDEMIA

A identificação partidária é considerada há mais de seis décadas, desde os estudos seminais realizados nos Estados Unidos, como uma variável estruturante de comportamentos políticos (Campbell *et al.*, 1960; Converse, 1964). Seja como uma orientação afetiva em direção ao grupo político de pertencimento, como uma variável combinada a elementos cognitivos (Dalton, 1984) ou como um atalho cognitivo (Popkin, 1994), “as identidades partidárias fornecem aos eleitores uma pista poderosa sobre como pessoas como eles geralmente votam, orientando suas opiniões sobre os assuntos e mobilizando-os a participar da política” (Dalton, 2020).

De maneira geral, portanto, os sentimentos partidários são mecanismos psicológicos e cognitivos que auxiliam o eleitor – sobretudo o não sofisticado – a atribuir sentido aos elementos da política, a se localizar e a classificar os demais membros de seu convívio. A distribuição das preferências pelos partidos políticos, por seu pressuposto caráter estável e relativamente impermeável a elementos conjunturais, é um fator que empresta previsibilidade ao jogo político – e, portanto, favorece a estabilidade dos regimes democráticos.

Mas, da década de 1960 para cá, o perfil do eleitorado mudou, graças a fatores como o aumento do nível educacional médio e do acesso à informação (Dalton, 2013). Isso permitiu que os cidadãos se tornassem menos dependentes dos partidos para perceberem o mundo político e para reforçarem suas próprias atitudes – o que não necessariamente esvazia a relevância dos partidos políticos. Um indicativo da combinação da capacidade de processar informações políticas e tomar decisões a partir delas, ao mesmo tempo em que a preferência por um partido persiste, é a figura do partidário cognitivamente mobilizado (Dalton, 1984; Dalton, 2020). Se, nos estudos seminais da Escola de Michigan, os autores detectam (com algum pesar) a existência de parcela diminuta da população que reunisse a habilidade (escolaridade) e a motivação (interesse por política) suficientes para serem classificados como sofisticados, os avanços nos quesitos indicados anteriormente tenderiam a nos aproximar da realização do ideal normativo implícito nos estudos daquela época (Campbell *et al.*, 1960; Converse, 1964).

Todavia, Dalton (2020) aponta para um possível efeito colateral da identificação partidária, que faria essa preferência atuar como “blinder”. Já tratamos, neste trabalho, da

definição de raciocínio motivado. O que Dalton (2020) indica é para o potencial danoso de partidários cognitivos atuarem como raciocinadores motivados, justamente por serem bastante competentes na construção de seus argumentos e racionalização de suas posições. É como se aquele ideal normativo de Michigan, ao se realizar, se demonstrasse potencialmente tão problemático quanto benéfico.

Tendo por base o que alguns autores classificam como “polarização de crenças” (Talisce, 2019) ou “polarização afetiva” a partir da sobreposição de identidades sociais (Mason, 2018), o fenômeno do negacionismo da pandemia e seus contornos políticos nos impõem um questionamento: seriam as predisposições políticas capazes de moldar comportamentos contrários à proteção da saúde e da vida dos indivíduos? Quais as influências do acirramento das identidades, em um cenário repleto de pistas que apontavam para a politização de elementos não políticos (como as medidas de proteção individual e a própria percepção da gravidade da pandemia), sobre as opiniões, crenças e sentimentos dos indivíduos?

Deve-se assinalar que essa relevância da identificação partidária não se replica no Brasil da mesma forma que ocorre nos Estados Unidos. O sistema partidário brasileiro conta com mais de 30 partidos, e o único deles que consegue mobilizar sentimentos positivos e negativos é o Partido dos Trabalhadores, do atual presidente, Lula. De maneira geral, o que se tem no Brasil é um cenário marcado antes pelo personalismo do que pelo partidarismo; prova disso é a ascensão da preferência pelo PL¹²², do ex-presidente Bolsonaro, em pesquisas recentes¹²³. Aspectos teóricos relacionados ao papel das elites políticas na formação da opinião pública foram abordados no capítulo 1.

Em consonância com o que vimos tratando nesta tese, uma combinação de dois fatores atípicos abalou a funcionalidade dos países em análise: o presidente e a pandemia. Tanto Trump quanto Bolsonaro representaram uma ruptura de padrões de previsibilidade do jogo político, desde quando se candidataram pela primeira vez e – surpreendendo a parcelas dos eleitorados – saíram vitoriosos. Durante a pandemia, ambos politizaram comportamentos (com destaque para a medidas não-farmacológicas) e opiniões, contribuindo para que uma questão de saúde fosse

¹²² “PT à frente e PL turbinado por Bolsonaro: pesquisa mostra quais partidos têm mais ou menos a simpatia dos brasileiros”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2023/09/pt-a-frente-e-pl-turbinado-por-bolsonaro-pesquisa-mostra-quais-partidos-tem-mais-ou-menos-a-simpatia-dos-brasileiros.ghtml>>. Acesso em: 03 set. 2024.

¹²³ “PT é o partido preferido dos brasileiros, aponta ranking em pesquisa Atlas”. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/pt-e-o-partido-preferido-dos-brasileiros-aponta-ranking-em-pesquisa-atlas-veja-a-lista-completa/>>. Acesso em: 03 set. 2024.

interpretada a partir de preferências políticas prévias.

No capítulo 1, abordamos as mensagens iniciais sobre a pandemia transmitidas pelos presidentes Donald Trump e Jair Bolsonaro. Desde os primeiros dias da crise sanitária global, os líderes políticos já davam pistas sobre a conduta de minimização da gravidade da pandemia que adotariam ao longo daquele período. Já no capítulo 4, a análise qualitativa dos noticiários dos dois países demonstrou que, nos veículos de comunicação de maior audiência dos dois países, os enquadramentos da realidade pandêmica também eram distintos – e, por vezes, contraditórios.

Tendo esse cenário em vista, o presente capítulo pretende investigar se as lentes ofertadas pelos dois presidentes influenciaram a forma como seus apoiadores/partidários perceberam a pandemia e as condutas adotadas para atravessar o período. Como mencionado, a identificação partidária tem caráter estável nos Estados Unidos, motivo pela qual ela será a variável independente utilizada para verificarmos se, mesmo diante de risco à sobrevivência, o partidário atuou como um “blinder” que as influenciou a agirem como raciocinadoras motivadas (Dalton, 2020). Já no Brasil, além da preferência por partidos, será utilizada a variável independente de avaliação da gestão da pandemia por Bolsonaro (infelizmente, não havia outras variáveis no banco de dados que nos permitissem averiguar a influência do apoio mais amplo a Bolsonaro). Ademais, vamos testar algumas hipóteses relacionadas à influência de outros fatores políticos e das experiências pessoais sobre as percepções, opiniões e crenças dos indivíduos acerca da pandemia.

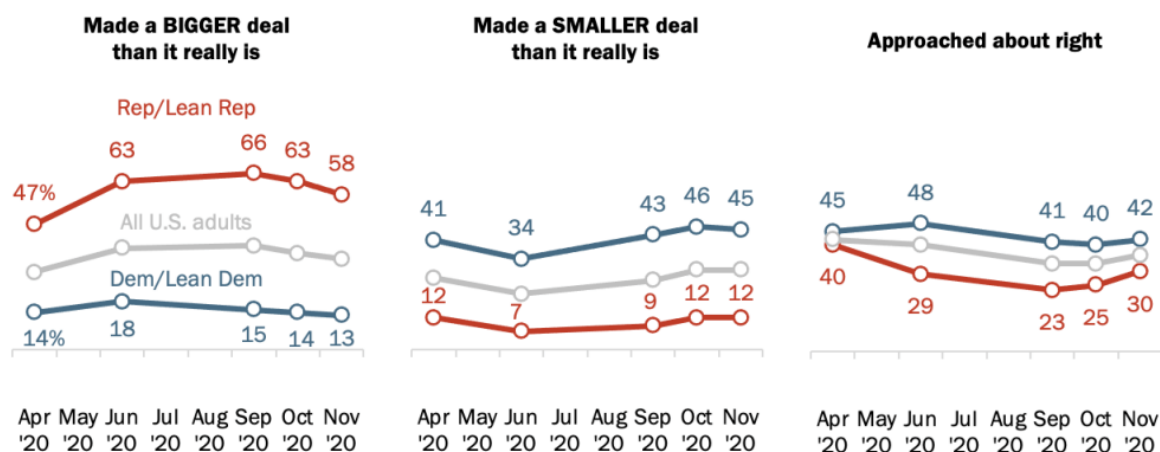
5.1. Estados Unidos

Levantamento do Pew Research Center, de maio de 2020, evidencia que, desde muito cedo, pessoas que utilizavam as informações oficiais da Casa tinham uma percepção de menor gravidade da crise de saúde do que a população em geral. O mesmo centro de pesquisas verificou que, ao longo do primeiro ano da pandemia, os Republicanos passaram a reportar cada vez menos atenção à cobertura da crise sanitária e menos confiança nos veículos de mídia e no CDC, ao mesmo tempo em que crescia entre eles a proporção de pessoas que consideravam que a pandemia havia sido superdimensionada (Gráfico 9).

Gráfico 9 - Percepções quanto ao dimensionamento atribuído ao surto de coronavírus – Estados Unidos – abril a novembro de 2020

As pandemic played out, most Republicans took the position that it was overblown

% of U.S. adults who said the coronavirus outbreak has been ...



Note: Respondents who did not give an answer not shown.
 Source: Survey of U.S. adults conducted Nov. 18-29, 2020.
 "How Americans Navigated the News in 2020: A Tumultuous Year in Review"

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: Pew Research Center.

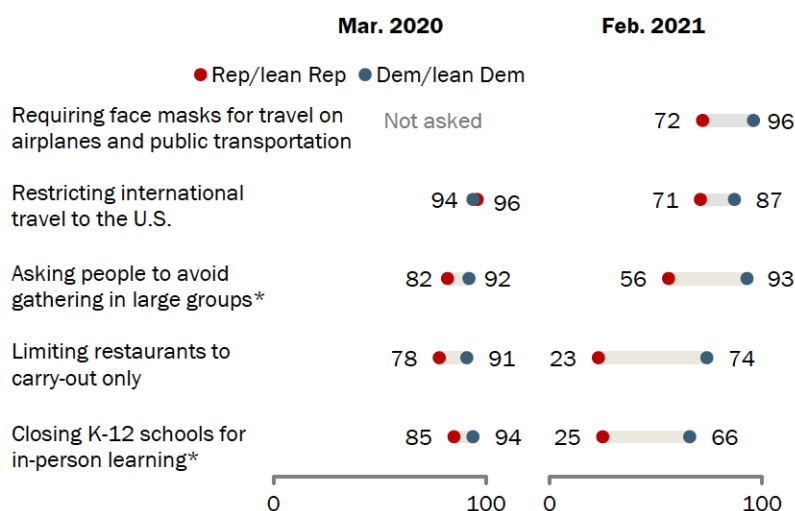
Em fevereiro de 2021, quase um ano após a declaração de pandemia, Democratas e Republicanos discordavam bem mais sobre as medidas mais eficazes para lidar com a situação do que no início da crise (Gráfico 10). Nota-se, pois, que mesmo as percepções sobre medidas de preservação da saúde adquiriram contornos políticos. De maneira consistente, os Republicanos se mostravam menos aderentes a medidas apontadas pelos especialistas como necessárias para superar a emergência sanitária. Por outro lado, partidários dos dois lados concordavam em alguns pontos, como a ameaça que o coronavírus representava à economia do país, a avaliação positiva do trabalho exercido pelos hospitais e centros médicos e a opinião de que a pandemia deveria ser prioridade para os poderes executivo e legislativo do país naquele ano¹²⁴.

¹²⁴ "Despite wide partisan gaps in views of many aspects of the pandemic, some common ground exists". Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2021/03/24/despite-wide-partisan-gaps-in-views-of-many-aspects-of-the-pandemic-some-common-ground-exists/>>. Acesso em: 03 set. 2024.

Gráfico 10 - Opiniões sobre medidas para lidar com a pandemia de Covid-19 por identificação partidária – 2021

Republicans and Democrats are far more divided on ways to address coronavirus than at start of outbreak

% of U.S. adults who say each of the following are necessary to address the coronavirus outbreak



*See Topline for details on wording differences between Mar. 2020 and Feb. 2021 surveys.

Note: Respondents who gave other responses or did not give an answer are not shown.

Source: Survey conducted Feb. 16-21, 2021.

"Growing Share of Americans Say They Plan To Get a COVID-19 Vaccine – or Already Have"

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: Pew Research Center.

Gadarian *et al.* (2022) realizaram uma ampla investigação sobre as percepções, opiniões e comportamentos relacionados à pandemia nos Estados Unidos, e encontraram uma clara e consistente divisão partidária nas condutas e atitudes dos estadunidenses. Os autores realizaram seis rodadas de survey em painel, o que agrega robustez aos achados e permite uma compreensão longitudinal dos fenômenos analisados. A partir de dados do *American National Electoral Studies* (ANES) de 2020, pretendemos testar hipóteses concernentes a aspectos investigados por esses autores. Dados os elementos até aqui apresentados, tanto teóricos (do partidarismo enquanto “*blinder*” e do estímulo ao raciocínio motivado pelo contexto politicamente acirrado) quanto empíricos, as hipóteses que norteiam a análise que segue apontam no sentido da influência da identificação partidária nas opiniões relacionadas à pandemia. Outros aspectos, como a escolaridade e a experiência de contato direto com a enfermidade causada pelo SARS-Cov-2, serão também explorados, de modo a compreendermos se exerceram algum impacto atenuante da clivagem partidária ou se, por outro

lado, contribuíram para reforçar as cisões no interior da sociedade estadunidense no período pandêmico.

Sob o comando de Angus Campbell e Robert Kahn, o *American National Election Studies* deu início às pesquisas eleitorais de âmbito nacional em 1948. Desde então, o centro de pesquisas tem investigado as opiniões e preferências políticas (e sobre inúmeros outros assuntos) da população dos Estados Unidos. A edição aqui utilizada é a de 2020, primeiro ano da pandemia e ano da disputa presidencial no país. Foram realizadas duas rodadas da pesquisa, uma antes (de agosto a novembro de 2020) e outra após as eleições (de novembro de 2020 a janeiro de 2021). As entrevistas foram realizadas por telefone e/ou pela internet, com 5.441 (pré-eleitoral) e 4.783 respondentes (onda pós-eleitoral). A seguir, na Tabela 1, apresentamos a frequência das variáveis que serão utilizadas para os modelos de regressão.

Tabela 1 - Frequência das variáveis de interesse – Estados Unidos - 2020

Categorias	Percentual (%)
Democratas	36.02
Independentes	32.22
Republicanos	31.77
Conhecimento político - baixo	12.0
Conhecimento político - médio	46.0
Conhecimento político - alto	42.0
Escolaridade - Sem superior	54.0
Escolaridade - Superior	46.0
Ter tido Covid em casa - Sim	37.0
Ter tido Covid em casa - Não	63.0
Programa de TV (Fox News) - Sim	58.2
Programa de TV (Fox News) - Não	41.8

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do ANES (2020).

5.1.1. Percepção de gravidade da pandemia

Os modelos de regressão logística contidos na Tabela 2 têm como variável dependente a percepção de gravidade da pandemia. A questão no *survey* se refere a “qual é o principal problema enfrentado no país?”, e a variável dependente foi binarizada para agrupar as respostas “Covid-19”, “coronavírus”, “pandemia” e equivalentes *versus* qualquer outro problema não relacionado à pandemia do coronavírus. Como variáveis independentes, temos partidarismo,

assistir a programas da Fox News (modelo 1), escolaridade (modelo 2) e conhecimento político (modelo 3). As hipóteses são as seguintes:

H1: Ser do Partido Democrata ou independente exerce um efeito positivo sobre a percepção de gravidade da pandemia.

H2: Assistir aos programas da emissora de televisão Fox News exerce efeito negativo sobre a percepção de gravidade da pandemia.

H3: Ter escolaridade de nível superior exerce efeito positivo sobre a percepção de gravidade da pandemia.

H4: Ter alto conhecimento político exerce efeito positivo sobre a percepção de gravidade da pandemia.

A Tabela 2 contempla os resultados dos modelos:

Tabela 2 - Regressões logísticas binárias com variável dependente “Percepção de gravidade da pandemia”

Variáveis independentes	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3	
	Coefficiente (Erro padrão)	Valor de z	Coefficiente (Erro padrão)	Valor de z	Coefficiente (Erro padrão)	Valor de z
Constante	1,5 (0,14)	10,000	1,5 (0,16)	10,000	1,5 (0,14)	10,357
Independentes	0,345 (0,11)	3,125	0,354 (0,13)	2,659	0,284 (0,10)	2,936
Democratas	0,518 (0,14)	3,705	0,415 (0,17)	2,463	0,417 (0,12)	3,412
Programa de TV (Fox News)	0,2 (0,09)*	2,222	0,2 (0,10)**	2,632	0,2 (0,09)**	2,589
Escolaridade (Ensino Superior)			0,15 (0,07)*	2,027		
Conhecimento Político (Médio)					0,18 (0,09)*	2,022
Conhecimento Político (Alto)					0,25 (0,13)*	2,000

p<0,01

****p<0,05**

***p<0,10**

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do ANES (2020).

Conforme indicado pelos resultados, a identificação partidária exerceu influência sobre a percepção de que a Covid-19 era o principal problema enfrentado pelo país em 2020: tanto os Democratas quanto os independentes estavam mais propensos do que os Republicanos a considerar a pandemia o principal entrave dos Estados Unidos naquele ano. Assistir a

programas da Fox News também exercia influência positiva sobre a percepção de gravidade relativa da pandemia, embora com menor magnitude do que a identificação partidária. As variáveis de escolaridade e de conhecimento político também estabelecem uma relação positiva com a percepção de gravidade, ou seja, ter ensino superior influenciava, de maneira estatisticamente significativa, na percepção de gravidade da crise de saúde. Portanto, as hipóteses 1, 3 e 4 foram confirmadas.

Quanto a ser ou não espectador dos programas da Fox News, ao contrário do esperado, assistir aos conteúdos da emissora também exercia efeito positivo sobre a percepção de medo da pandemia. Cabe salientar que a hipótese foi baseada na tendência da emissora a enquadrar a pandemia como “menos séria do que se dizia” e a condenar outros veículos de mídia por sua cobertura “alarmista”, conforme apresentamos no capítulo 4. Como este trabalho analisou apenas um programa da Fox News e um da CNN, não temos elementos que nos permitam uma interpretação desse resultado contrário à expectativa.

5.1.2. Avaliação da gestão federal da pandemia

Seriam os Republicanos mais “generosos” na avaliação da gestão da pandemia feita por Donald Trump? Os próximos modelos verificam a possível influência do partidarismo sobre a opinião quanto ao desempenho do presidente no gerenciamento da crise. Além disso, novamente, a escolaridade e o conhecimento político serão incluídos como variáveis explicativas, além da experiência de ter tido alguém com Covid-19 em seu domicílio. As hipóteses são:

H1: Ser do Partido Democrata ou independente exerce efeito negativo sobre a avaliação da gestão federal da pandemia.

H2: Ter escolaridade de nível superior exerce efeito negativo sobre a avaliação da gestão federal da pandemia.

H3: Ter alto conhecimento político exerce efeito negativo sobre a avaliação da gestão federal da pandemia.

H4: Ter tido episódio de Covid-19 em casa exerce efeito negativo sobre a avaliação da gestão federal da pandemia.

A Tabela 3 contém três modelos de regressão logística ordinal com a variável dependente “avaliação da gestão federal da pandemia”, categorizada como “positiva”, “regular” e “negativa”.

Tabela 3 - Regressões logísticas ordinais com variável dependente “Avaliação da gestão federal da pandemia”

Variáveis independentes	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3	
	Coefficiente (Erro padrão)	z-value	Coefficiente (Erro padrão)	z-value	Coefficiente (Erro padrão)	z-value
Constante	2,433 (0,10)	24,548	2,416 (0,11)	22,823	2,495 (0,10)	24,706
Independentes	-0,673 (0,12)	-5,647	-0,349 (0,13)	-2,743	-0,684 (0,12)	-5,635
Democratas	-0,58 (0,15)	-3,848	-0,855 (0,16)	-5,308	-0,834 (0,15)	-5,428
Conhecimento Político (Alto)			-0,182 (0,33)	-0,543		
Conhecimento Político (Médio)			-0,06 (0,11)	-0,520		
Escolaridade (Ensino Superior)	-0,776 (0,57)	-1,363			-1,537 (0,64)**	-2,421
Ter tido Covid em casa	0,004 (0,02)	0,162	0,014 (0,02)	0,595	0,014	0,596

p<0,01

**p<0,05

*p<0,10

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do ANES (2020).

Os resultados apontam para a confirmação das hipóteses 1 e 2: ser Democrata ou independente exerceu influência negativa sobre a avaliação da gestão da pandemia por Trump nos três modelos. No modelo 1, as variáveis de escolaridade e ter tido Covid-19 em casa não apresentaram significância estatística. De fato, a experiência direta com a enfermidade não exerceu influência estatisticamente significativa em nenhum dos modelos, contrariando a hipótese 4. Uma possível forma de interpretar esse resultado passa pelo fato de que a imensa maioria dos contaminados por Covid-19 não desenvolve o quadro grave da doença.

A variável de conhecimento político foi incluída no modelo 2, e também não apresentou significância estatística. Porém, se o conhecimento, por si só, não exerceu influência, a inclusão dessa variável correspondeu à intensificação da avaliação negativa por parte dos Democratas. Por outro lado, no modelo 3, a escolaridade apresentou influência estatisticamente significativa na avaliação negativa da gestão da pandemia, além da ampliação da magnitude da avaliação negativa por parte dos independentes. Isso possivelmente nos revela uma pista de que, enquanto a atenção/o envolvimento político (cuja proxy seria, neste trabalho, o conhecimento político)

pode ser o filtro por meio do qual os Democratas manifestavam sua desaprovação à gestão da pandemia por Trump, o componente cognitivo, da escolaridade, seria o caminho para que se observasse a intensificação da avaliação negativa por parte dos independentes.

5.1.3. Confiança na ciência para nortear decisões sobre a pandemia

Por tudo o que tratamos até este momento na tese, está posta a contraposição entre o presidente Donald Trump e as orientações de cientistas sobre as melhores formas de lidar com a pandemia. A redação do quesito no questionário do ANES foi: “Em geral, qual deveria ser a importância da ciência para a tomada de decisões governamentais sobre a COVID-19?”. Eram cinco categorias de resposta, sendo 1 = nada importante e 5 = extremamente importante. Para os próximos modelos, que têm como variável dependente aquela que aborda a importância da ciência para nortear as decisões governamentais sobre a pandemia, trazemos as seguintes hipóteses:

H1: Ser do Partido Democrata ou independente exerce efeito positivo sobre a opinião de que a ciência deveria nortear as decisões governamentais sobre a pandemia.

H2: Ter escolaridade de nível superior exerce efeito positivo sobre a opinião de que a ciência deveria nortear as decisões governamentais sobre a pandemia.

H3: Ter alto conhecimento político exerce efeito positivo sobre a opinião de que a ciência deveria nortear as decisões governamentais sobre a pandemia.

H4: Ter tido episódio de Covid-19 em casa exerce efeito positivo sobre a opinião de que a ciência deveria nortear as decisões governamentais sobre a pandemia.

Na Tabela 4, temos os resultados para os modelos de regressão logística ordinal com as variáveis independentes: identificação partidária, conhecimento político, escolaridade e a experiência de ter tido alguém contaminado pelo coronavírus em casa.

Tabela 4 - Regressões logísticas ordinais com variável dependente “confiança na ciência para nortear decisões governamentais sobre a pandemia”

Variáveis independentes	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3		Modelo 4	
	Coefficiente (Erro padrão)	z-value	Coefficiente (Erro padrão)	z-value	Coefficiente (Erro padrão)	z-value	Coefficiente (Erro padrão)	z-value
Independentes	0,645 (0,11)	5,840	0,504 (0,13)	3,784	0,584 (0,10)	6,035	0,369 (0,13)	2,885
Democratas	0,918 (0,14)	6,565	0,865 (0,17)	5,132	0,768 (0,12)	6,269	0,573 (0,16)	3,547
Conhecimento Político (Alto)			-0,181 (0,33)	-0,543			-0,193 (0,34)	-0,561
Conhecimento Político (Médio)			-0,060 (0,11)	-0,520			-0,042 (0,12)	-0,363
Escolaridade (Ensino Superior)	-0,776 (0,57)	-1,363			-1,537** (0,64)	-2,421		
Ter tido Covid em casa	0,004 (0,02)	0,162	0,014 (0,02)	0,595	0,014 (0,02)	0,596	0,004 (0,02)	0,160

p<0,01

****p<0,05**

***p<0,10**

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do ANES (2020).

Mais uma vez, a identificação partidária se revela como importante preditor de opiniões e comportamentos atinentes à pandemia. Tanto a identificação com o Partido Democrata quanto o não alinhamento partidário estavam associados ao incremento da avaliação de que a ciência era um elemento importante para as decisões governamentais relativas à crise sanitária, na comparação com os Republicanos. A associação, estatisticamente significativa, se manteve nos quatro modelos e, portanto, está confirmada a hipótese 1. A escolaridade apresentou relação negativa com a opinião favorável à abordagem científica da gestão da pandemia, enquanto a experiência com a Covid-19 em casa não apresentou efeitos estatisticamente significantes. Por esses motivos, as hipóteses 2, 3 e 4 não foram confirmadas.

A partir das análises ora apresentadas, conclui-se que, de maneira geral, o partidarismo foi o fator que, consistentemente, exerceu influência sobre as opiniões e avaliações da pandemia – especialmente quando se trata de avaliação da gestão de Trump, da confiança na ciência e da própria percepção de que a pandemia era o principal problema enfrentado no período. Estes resultados corroboram as conclusões de Gadarian *et al.* (2022), segundo os quais essa

predisposição política colaborou para a adesão a atitudes e comportamentos de risco – e, potencialmente, levou pessoas à morte.

5.1.4. Percepções sobre a pandemia na gestão Biden (2021)

Para avaliarmos as opiniões relacionadas à pandemia após a gestão de Donald Trump, utilizaremos os dados do Barômetro das Américas (LAPOP). Em sua rodada realizada em 2021, o Barômetro das Américas realizou entrevistas com 64.352 pessoas em 22 países. Destas, 3.016 participantes estavam no Brasil e 1.500, nos Estados Unidos. As amostras para o survey são representativas dos adultos em idade de votar. As entrevistas foram realizadas por telefone, em virtude da pandemia, e ocorreram em maio e junho (Brasil) e em julho (Estados Unidos) de 2021.

As variáveis relacionadas à Covid-19 que foram investigadas no LAPOP foram as seguintes: 1. Pandemia como principal problema enfrentado pelo país no momento (indicada na tabela a seguir como “pri covid”: optamos por binarizar a variável para compreender as respostas que indicaram a pandemia como principal problema *versus* as respostas referentes a todos os demais problemas. 2. Preocupação com a pandemia, que consta como “preoc covid” na tabela: variável que originalmente contava com três categorias de resposta (muito preocupado, algo preocupado e não preocupado) e que foi binarizada para “preocupado” *versus* “não preocupado”. 3. Percepção de impacto da pandemia na situação econômica do respondente: esta variável, na qual se solicitava um comparativo da atual situação econômica com aquela de 12 meses atrás e, para quem reportasse piora na situação percebida, direcionava para o quesito que investigava se o principal motivo para a piora era a pandemia, já apresentava as categorias de resposta “coronavírus” *versus* “outro motivo” que possa ter impactado a situação econômica pessoal.

A tabela 5 apresenta os resultados de modelos de regressão logística tendo cada uma dessas três variáveis de percepção da gravidade e do impacto da pandemia como dependentes.

Tabela 5 - Modelos de regressões logísticas binárias com variáveis dependentes “Pandemia como principal problema do país”, “Preocupação com a pandemia” e “Expectativa de impacto econômico da pandemia” – Estados Unidos

<i>Predictors</i>	pri covid			preuc covid			econ covid		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	0.48	0.30 – 0.76	0.002	0.27	0.18 – 0.40	<0.001	0.17	0.10 – 0.27	<0.001
gov aval: Positivo	15.75	7.91 – 34.04	<0.001	4.15	2.85 – 6.08	<0.001	0.83	0.50 – 1.36	0.460
gov aval: Regular	6.53	3.89 – 11.48	<0.001	4.03	2.79 – 5.84	<0.001	0.73	0.45 – 1.18	0.213
gov conf: gov conf 1	1.67	1.04 – 2.72	0.038	1.41	1.08 – 1.85	0.012	0.98	0.67 – 1.42	0.902
educ: Sem ensino médio	0.42	0.17 – 1.04	0.059	0.94	0.49 – 1.82	0.856	2.75	1.36 – 5.37	0.004
educ: Universidade	0.84	0.58 – 1.19	0.326	0.89	0.69 – 1.15	0.369	0.98	0.70 – 1.38	0.907
aten noticia: Mais de uma vez na semana	0.81	0.55 – 1.21	0.302	1.13	0.85 – 1.49	0.403	1.01	0.70 – 1.45	0.946
aten noticia: Menos que uma vez na semana	0.43	0.27 – 0.68	<0.001	0.57	0.39 – 0.84	0.005	0.90	0.55 – 1.43	0.662
Confianza en las elecciones	1.19	1.07 – 1.33	0.001	0.97	0.89 – 1.06	0.493	1.00	0.90 – 1.12	0.955
Confianza en los medios de comunicación	1.26	1.06 – 1.50	0.008	1.05	0.96 – 1.15	0.273	0.90	0.80 – 1.03	0.121
sexo: Mulher	1.52	1.10 – 2.12	0.012	1.48	1.18 – 1.87	0.001	1.89	1.38 – 2.61	<0.001
Observations	1495			1496			1496		
R ² Tjur	0.367			0.160			0.024		

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do LAPOP (2020).

Como se pode observar, a avaliação positiva do governo Biden exerceu influência positiva estatisticamente significativa sobre as duas primeira variáveis dependentes, ou seja: avaliar positivamente o governo do Democrata aumentava em 15,75 vezes as chances de considerar a pandemia como o principal problema enfrentado pelo país e em 4,15 vezes as chances de reportar preocupação com a pandemia. Após enfrentarem o primeiro ano da pandemia sob o governo de um presidente que minimizava a gravidade da crise, os primeiros meses de 2021 haviam levado aos estadunidenses uma administração pautada pelas evidências científicas e que encarava a crise com mais seriedade do que o governo anterior, emanando mensagens de precaução e alerta diante da crise global cujo fim ainda não era previsível. Nessa perspectiva, considerando a politização da pandemia, faz sentido que quem avalia positivamente o governo Biden correspondesse às mensagens presidenciais com a preocupação com a crise. Avaliar o governo como regular, em comparação à avaliação negativa, também exercia influência na percepção da pandemia como problema principal do país e na preocupação com a pandemia, embora com menor magnitude do que a influência da avaliação positiva

(conforme esperado). Outra variável com impacto positivo nas mesmas variáveis dependentes, mas de menor magnitude que os dois preditores anteriores, foi a confiança no governo atual para fazer o que é certo.

Neste trabalho, abordamos a relevância de instâncias de acesso à realidade factual, especialmente em governos que promovam o negacionismo. A variável de menor atenção às notícias (frequência menor do que uma vez na semana) exerceu influência negativa nos modelos com as variáveis dependentes da percepção da pandemia como problema mais relevante e de preocupação com a Covid-19. Portanto, acompanhar as notícias com menor frequência reduzia em 57% as chances de perceber a pandemia como prioridade nacional e em 43% as chances de manifestar preocupação com o coronavírus. Já a confiança nos meios de comunicação aumentava em 26% as chances de considerar a pandemia como o maior problema do país. Considerando que a realidade era, de fato, preocupante, a atenção às notícias e a confiança no jornalismo profissional como fonte de informação foram significativos para a maior aderência à realidade pandêmica.

Um tema que mobilizava parcela do eleitorado, naquele momento posterior à disputa presidencial de 2020, eram as alegações de Trump de que as eleições haviam sido “roubadas”. Observa-se que a confiança nas eleições aumentava em 26% as chances de considerar a pandemia como prioridade nacional. Por fim, ser mulher era preditor de maiores chances de priorização da pandemia enquanto problema, de reportar preocupação com a Covid-19 e de considerar o impacto da pandemia na situação econômica pessoal.

5.2. Brasil

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) investigou, em 2023, a adesão à vacinação contra a Covid-19. Embora não haja variáveis de cunho político na pesquisa, podemos observar a persistência de algumas concepções equivocadas sobre os imunizantes. Das cerca de 5,5 milhões de pessoas com 18 anos ou mais de idade que não haviam se vacinado no país, 36,0% apresentaram como motivo o fato de não confiarem ou não acreditarem na vacina. Outros 27,8% alegaram medo de reação adversa ou de injeção, enquanto 26,7%

reportaram não achar necessário, acreditar na imunidade e/ou já ter tido Covid-19¹²⁵. Portanto, mesmo após o fim do governo Bolsonaro, a hesitação vacinal continuava a impactar a imunização contra a Covid-19 – e não apenas contra ela, mas contra algumas doenças anteriormente consideradas erradicadas.

Outra dimensão relevante para a análise à adesão vacinal em resposta às mensagens presidenciais foi investigada pelo Instituto Datafolha em 2020 e 2021: perguntava-se se o participante estaria disposto a tomar a vacina produzida pela China. Esse aspecto se destaca porque, à semelhança do que ocorreu nos Estados Unidos, o governo brasileiro se envolveu em incidentes diplomáticos com a China. Em algumas ocasiões, Bolsonaro questionou a confiabilidade da CoronaVac, produzida em parceria entre Butantan e a farmacêutica chinesa Sinovac. Os resultados analisados por Fuks *et al.* (2023) demonstram que os apoiadores de Bolsonaro manifestavam menor propensão a tomar essa vacina, na comparação com os apoiadores de Lula ou com eleitores de outros candidatos. O alinhamento entre as pistas deixadas pelo presidente e os comportamentos de seus apoiadores também se manifestou no aumento da chance de utilização de “remédios preventivos” contra a Covid-19. (Fuks *et al.*, 2023, pp. 263-264).

Para a análise de modelos de regressão que serão apresentados a seguir, serão utilizados os dados de duas ondas da pesquisa “Opinião sobre o Coronavírus”, realizada pelo Instituto Datafolha entre março de 2020 e julho de 2021. Foram realizadas 12 rodadas desse levantamento, com pessoas maiores de 16 anos, e os microdados estão disponíveis na base de dados do Centro de Estudos de Opinião Pública – Cesop-Unicamp (CESOP, 2022).

A partir da análise de modelos de regressão elaborados com esses dados do Instituto Datafolha, abordaremos a seguir a influência da aprovação da gestão da pandemia por Bolsonaro sobre a sensação de medo da pandemia e sobre a intenção de se vacinar contra o coronavírus. As tabelas 6 e 7 apresentam as variáveis que serão utilizadas, seus códigos e categorias e as frequências em termos absoluto e relativo.

¹²⁵ “Pessoas de cinco anos ou mais de idade que não se vacinaram contra a Covid-19, por grupo de idade e principal motivo de não ter tomado a vacina”. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/9743#resultado>>. Acesso em: 03 set 2024.

Tabela 6 - Códigos, categorias e frequências das variáveis de interesse – Brasil – Rodada 1

Código	Variável	Categoria	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
p3	Muito medo	1.0	535	36.17
p3	Um pouco de medo	2.0	612	41.38
p3	Não tem medo	3.0	332	22.45
p2a_categoria	Fontes de informação tradicionais	1.0	1208	82.57
p2a_categoria	Fontes de informação alternativas	2.0	255	17.43
p9_num	Positiva	1.0	519	35.09
p9_num	Média	2.0	387	26.17
p9_num	Negativa	3.0	573	38.74
partido_num	Esquerda	1.0	135	9.13
partido_num	Outros	2.0	206	13.93
partido_num	Sem partido	3.0	1138	76.94

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Datafolha/CESOP (2020).

Tabela 7 - Códigos, categorias e frequências das variáveis de interesse – Brasil – Rodada 12

Código	Variável	Categoria	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
p11	Muito medo	1	931	46.0
p11	Um pouco de medo	2	635	31.37
p11	Não tem medo	3	420	20.75
p19	Já se vacinou	1	1091	53.9
p19	Não se vacinou, mas pretende	2	818	40.42
p19	Não se vacinou nem pretende	3	115	5.68
p12	Totalmente controlada	1	99	4.89
p12	Em parte controlada	2	1089	53.8
p12	Fora de controle	3	836	41.3
p13_num	Avaliação governo positiva	1	437	21.59
p13_num	Avaliação governo média	2	425	21.0
p13_num	Avaliação governo negativa	3	1162	57.41
partido_num	Nenhum partido	1	1176	58.1
partido_num	Esquerda	3	468	23.12
partido_num	Outros	2	380	18.77

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Datafolha/CESOP (2020).

5.2.1. Medo da pandemia (2020)

Considerando o histórico de minimização dos riscos da pandemia e incentivo a comportamentos contrários à preservação da saúde por parte de Bolsonaro, as expectativas que norteiam a análise dos modelos a seguir vão no sentido de que avaliar positivamente seu

governo influencie na redução do medo e na menor propensão a pretender se vacinar. No sentido contrário, espera-se que pertencer a um partido de esquerda influencie no aumento do medo. As hipóteses, portanto, são as que seguem:

H1: Avaliar negativamente a atuação do presidente Jair Bolsonaro na pandemia exerce influência positiva sobre o sentimento de medo da pandemia.

H2: Manifestar preferência por um partido de esquerda exerce influência positiva sobre o sentimento de medo da pandemia.

H3: Manifestar preferência por algum partido que não seja de esquerda exerce influência negativa sobre o sentimento de medo da pandemia.

H4: Optar por se informar por fontes alternativas de informação exerce influência negativa sobre o sentimento de medo da pandemia.

Tabela 8 - Regressão logística ordinal com variável dependente “Sentimento de medo da pandemia”

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	Valor z	Valor p
Fonte de informações (alternativa)	0.27	0.13	2.07	0.0322
Avaliação Bolsonaro na pandemia – Regular	-.142462	.1299563	-1.10	0.273
Avaliação Bolsonaro na pandemia – Negativa	-.4789807	.118272	-4.05	0.000
Partido (esquerda)	-0.94	0.3	-3.17	0.0015
Partido (outros)	0.61	0.04	17.12	0.0000

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Datafolha/CESOP (2020).

Para esta análise, é importante lembrar que as categorias para “medo da pandemia” são 1. Muito medo; 2. Um pouco de medo e 3. Não tem medo (categorias invertidas, ou seja, o medo *diminui* conforme se sobe de categoria – ver Tabela 6). O que se observa dos resultados é que avaliar negativamente Bolsonaro na pandemia estava associado de maneira negativa à redução do medo, ou seja, a avaliação negativa do então presidente era preditora do aumento do medo. Da mesma forma, preferir um partido de esquerda influenciava negativamente o aumento na escala invertida de medo, o que significa que manifestar preferência por algum partido de esquerda aumentava a sensação de temor da pandemia.

Inversamente, preferir algum outro partido influenciava (relação positiva) a subida na escala invertida do medo, isto é, reduzia o medo da pandemia. Uma relação no mesmo sentido foi constatada no que concerne à variável de uso de fontes de informação alternativas para se informar sobre o coronavírus (aqui considerados WhatsApp, redes sociais, parentes e amigos e

sites de notícias): informar-se por esses meios alternativos exercia influência positiva sobre o aumento de uma categoria na escala invertida de medo, ou seja, reduzia o sentimento de temor da Covid-19. Portanto, todas as hipóteses foram confirmadas.

Assim como os apoiadores de Bolsonaro tinham suas percepções sobre a crise de saúde influenciadas pelas preferências políticas, os oponentes do então presidente e pertencentes a outros grupos políticos apresentavam maior propensão a sentir medo diante da situação emergencial que se colocava no país e no mundo.

5.2.2. Medo e intenção de se vacinar (2021) – modelo de equações simultâneas

O modelo de equações simultâneas pressupõe a endogeneidade de duas variáveis dependentes, que podem se influenciar mutuamente. Pressupomos, para esta análise, que o medo da pandemia e a intenção de se vacinar tendem a exercer influência uma sobre a outra, motivo pelo qual adotamos este modelo de equações simultâneas. Também nesta análise, as categorias para “medo da pandemia” são 1. Muito medo; 2. Um pouco de medo e 3. Não tem medo (categorias invertidas, ou seja, o medo *diminui* conforme se sobe de categoria – ver Tabela 7). Por sua vez, as categorias para “intenção de se vacinar” são: 1. Já se vacinou; 2. Não se vacinou, mas pretende; e 3. Não se vacinou nem pretende.

Como variáveis independentes, teremos a avaliação do governo Bolsonaro, a preferência partidária e a percepção de controle da pandemia, cujas categorias são: 1. Percepção de que a pandemia está totalmente controlada; 2. Percepção de que a pandemia está parcialmente controlada; e 3. Percepção de que a pandemia está fora de controle. As hipóteses são:

H1. Aumentar a sensação de medo da pandemia exerce influência positiva sobre a intenção de se vacinar, e vice-versa.

H2. Aumentar a percepção de descontrole da pandemia exerce influência positiva sobre o medo da pandemia e sobre a intenção de se vacinar.

H3. Avaliar negativamente o governo Bolsonaro exerce influência positiva tanto sobre o aumento do medo quanto sobre a intenção de se vacinar.

H4. Manifestar preferência por um partido de esquerda exerce influência positiva sobre o sentimento de medo da pandemia e sobre a intenção de se vacinar.

A tabela 9 traz os resultados do modelo:

Tabela 9 - Modelo de equações simultâneas com variáveis dependentes “Sentimento de medo da pandemia” e “Intenção de se vacinar”

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	z-valor	P> z
Percepção de controle (medo)	-0.5009	0.082	-6.112	0.0
Avaliação do governo (medo)	-0.4857	0.057	-8.48	0.0
Intenção de se vacinar (medo)	0.45	0.07	6.442	0.0
partido_num (medo)	0.0604	0.053	1.135	0.256
Percepção de controle (Intenção de se vacinar)	0.2697	0.084	3.204	0.001
Avaliação do governo (Intenção de se vacinar)	-0.0873	0.061	-1.427	0.154
Medo (Intenção de se vacinar)	0.2706	0.056	4.875	0.0
Partido_num (Intenção de se vacinar)	-0.1293	0.054	-2.388	0.017

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Datafolha/CESOP (2020).

Conforme esperado, as variáveis intenção de se vacinar e medo da pandemia exerciam influência positiva uma sobre a outra (ambas com significância estatística), ou seja, a redução do medo se associava à redução da propensão a buscar a vacinação, e vice-versa. Portanto, confirma-se integralmente a hipótese 1.

Quanto à percepção de controle da pandemia, quanto maior a percepção de que a crise estava descontrolada, maior o medo (escala invertida, como explicitado anteriormente). Por outro lado, quando se aumentava a percepção de descontrole da crise de saúde, reduzia-se a propensão a se vacinar. Dessa forma, a hipótese 2 foi apenas parcialmente confirmada.

Avaliar negativamente o governo Bolsonaro exercia influência negativa e estatisticamente significativa sobre a subida de categoria na variável de medo da pandemia (categorias invertidas). Portanto, avaliar o governo de maneira negativa levava ao crescimento do sentimento de medo da pandemia. Já sobre a intenção de se vacinar, a relação não apresentou significância estatística, o que nos leva à confirmação parcial da hipótese 3.

Finalmente, manifestar preferência por um partido de esquerda exercia influência negativa sobre o aumento da escala invertida de intenção de buscar a vacinação, o que corresponde a afirmar que manifestar preferência por alguma legenda de esquerda (entre elas o PT) era preditor do aumento da propensão a se vacinar. Já sobre o medo da pandemia, essa variável de preferência partidária não apresentou significância estatística, numa confirmação

também parcial da hipótese 4. De modo geral, confirmamos os resultados encontrados em outros estudos e a hipótese geral de que alinhamentos políticos influenciaram sentimentos e percepções relacionados à crise global de saúde.

5.2.3. Percepções sobre a pandemia (2021)

Assim como reportado na seção 5.1.4 para os Estados Unidos, esta seção contempla os modelos de regressão logística com as variáveis dependentes 1. Pandemia como principal problema enfrentado pelo país no momento (“pri covid”), dicotômica: pandemia como principal problema *versus* as todos os outros problemas. 2. Preocupação com a pandemia (“preoc covid”): “preocupado” *versus* “não preocupado”. 3. Percepção de impacto da pandemia na situação econômica do respondente: para quem reportasse piora na situação econômica pessoal, perguntava-se se o principal motivo para a piora era “coronavírus” *versus* “outro motivo”. É importante lembrar que, em 2021, o governo federal brasileiro ainda era comandado por Jair Bolsonaro. A Tabela 10 traz os resultados (razões de chance, intervalo de confiança e p-valor) para as três variáveis anteriormente citadas, a partir de um conjunto de preditores disponível na base de dados.

Tabela 10 - Modelos de regressões logísticas binárias com variáveis dependentes “Pandemia como principal problema do país”, “Preocupação com a pandemia” e “Percepção de impacto econômico da pandemia” - Brasil

<i>Predictors</i>	pri covid			preuc covid			econ covid		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	1.67	0.63 – 4.76	0.309	3.15	1.01 – 11.30	0.058	2.82	1.04 – 8.24	0.047
gov aval: Positivo	0.68	0.49 – 0.94	0.022	0.34	0.22 – 0.53	<0.001	0.47	0.33 – 0.66	<0.001
gov aval: Regular	1.05	0.78 – 1.42	0.733	0.94	0.60 – 1.51	0.807	0.97	0.71 – 1.32	0.851
gov conf: gov conf 1	1.24	0.93 – 1.65	0.138	0.77	0.51 – 1.17	0.220	0.83	0.62 – 1.12	0.219
exp covid: exp covid 1	1.16	0.94 – 1.45	0.175	1.37	1.01 – 1.89	0.046	1.01	0.80 – 1.28	0.910
Nível de educação: Primaria(incompleta o completa)	0.65	0.23 – 1.68	0.388	1.56	0.45 – 4.64	0.448	0.54	0.19 – 1.43	0.231
Nível de educação: Secundaria(incompleta o completa)	0.53	0.19 – 1.36	0.199	2.14	0.63 – 6.26	0.188	0.41	0.15 – 1.08	0.078
Nível de educação: Terciaria o universitaria o superior(incompleta o completa)	0.45	0.16 – 1.14	0.100	2.03	0.59 – 5.99	0.222	0.25	0.09 – 0.66	0.006
aten noticia: Mais de uma vez na semana	1.04	0.81 – 1.33	0.774	0.91	0.65 – 1.29	0.598	0.95	0.73 – 1.23	0.671
aten noticia: Menos que uma vez na semana	1.44	0.85 – 2.45	0.175	0.73	0.39 – 1.46	0.358	0.71	0.41 – 1.21	0.218
conhec pol: Possui conhecimento político	0.75	0.52 – 1.10	0.143	0.74	0.43 – 1.24	0.262	0.67	0.45 – 0.99	0.043
conhec pol: Regular	0.92	0.65 – 1.30	0.623	0.92	0.55 – 1.48	0.729	1.00	0.70 – 1.43	0.995
Confianza en las elecciones	1.01	0.96 – 1.06	0.822	1.08	1.00 – 1.15	0.044	0.96	0.91 – 1.01	0.125
sexo: Mulher	1.05	0.84 – 1.30	0.687	1.63	1.20 – 2.22	0.002	1.41	1.12 – 1.77	0.003
Observations	1490			1484			1495		
R ² Tjur	0.023			0.081			0.089		

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do LAPOP (2020).

Reforçando a constatação de politização do coronavírus, avaliar positivamente o governo agnotológico de Jair Bolsonaro exercia influência negativa estatisticamente significativa sobre as três variáveis, ou seja: avaliar positivamente o governo Bolsonaro reduzia em 32% as chances de considerar a pandemia como o principal problema enfrentado pelo país, diminuía em 66% as chances de reportar preocupação com a pandemia e decrescia em 53% as chances de atribuir à pandemia o principal impacto sobre a piora da própria situação econômica.

A necessidade de tratamento médico contra o coronavírus (“exp covid”) também influenciou a preocupação com a pandemia de maneira significativa – desta vez, de modo positivo. Ter tido a necessidade de receber tratamento médico em virtude da Covid-19 estava associado a um aumento de 37% nas chances de se preocupar com a pandemia. Para as outras variáveis dependentes, esse preditor não exerceu impacto estatisticamente significativo.

Tanto escolaridade superior quanto conhecimento político influenciaram negativamente a percepção de que a piora na situação econômica se devia ao coronavírus. Em contrapartida, mulheres apresentaram 41% mais chances de atribuírem a piora na situação econômica à pandemia e 63% mais chances de manifestarem preocupação com a Covid-19. Por fim, observa-se que confiar nas eleições aumentava em 8% as chances de reportar preocupação com a crise sanitária – o que faz sentido, considerando que o questionamento à credibilidade das urnas eletrônicas tende a compor o “combo de negacionismos” também constituído pela descrença na gravidade da pandemia. No sentido inverso, portanto, seria previsível que um sistema de crenças mais aderente à realidade da confiabilidade das eleições brasileiras também estaria atento e preocupado com o desenrolar da pandemia naquele momento. Vale ressaltar que a coleta de dados teve início em maio de 2021 e o mês anterior (04/2121) havia sido o mais mortal da pandemia no Brasil.

Os achados apresentados neste capítulo estão, de maneira geral, alinhados às expectativas oriundas dos aportes teóricos utilizados na tese, bem como corroboram outras análises (Gadarian *et al.*, 2022; Relihan *et al.*, 2023; Fuks *et al.*, 2023; Gramacho e Turgeon, 2021). O que se conclui é que as preferências políticas influenciaram, consistentemente, as atitudes, percepções e comportamentos adotados durante a pandemia de Covid-19, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

No próximo capítulo, será apresentada a análise de conteúdo das entrevistas qualitativas realizadas para esta tese. Serão abordados diversos aspectos relativos aos modos de enquadrar a realidade pandêmica e, neste percurso, se e como os indivíduos com atitudes negacionistas recorreram ao raciocínio motivado e às teorias da conspiração para pautar a racionalização de suas crenças e opiniões.

6. SENTIMENTOS, OPINIÕES E ENQUADRAMENTOS NEGACIONISTAS DA PANDEMIA – UMA ABORDAGEM QUALITATIVA

6.1. Método, desafios e estratégias de recrutamento

Para quem não apenas viveu a pandemia de Covid-19 sob um governo que atuava de maneira a agravar a situação de calamidade que se impunha sobre o mundo, mas também decidiu fazer deste o tema de sua pesquisa, a parte mais desafiadora – e, ao mesmo tempo, mais desejada – da tese foram as entrevistas. Como é possível que pessoas que viveram aquele período em um mesmo país tenham percepções não apenas diferentes, mas diametralmente opostas quanto aos acontecimentos? De que maneiras se construíram as opiniões e os enquadramentos da realidade pandêmica entre pessoas com diferentes posições políticas, profissões, religiões, valores e experiências de vida?

Entre maio de 2023 e julho de 2024, foram realizadas 26 entrevistas em profundidade, semiestruturadas, sendo 24 delas no Brasil e duas nos Estados Unidos¹²⁶. As entrevistas tiveram duração média de 88 minutos, sendo a menor delas de 43 minutos e a mais longa, de 225 minutos (3h45)¹²⁷. Foram entrevistados 11 homens e 15 mulheres, com idades que variam de 33 a 76 anos. Cabe especificar que, em apenas uma das ocasiões, foi realizada uma entrevista com duas entrevistadas juntas (duas amigas que, no momento de iniciar a entrevista, solicitaram que ambas pudessem responder)¹²⁸. As entrevistas nos Estados Unidos foram realizadas presencialmente, enquanto as do Brasil foram feitas pela plataforma *online* Google Meet. Os áudios das entrevistas presenciais e os vídeos das reuniões online foram gravados (total de 38 horas de gravação), para fins de transcrição e posterior análise do material.

Quanto à seleção dos entrevistados, algumas considerações e reflexões se fazem necessárias, até mesmo para a transparência da pesquisa (Domingos *et al.*, 2024) e a completa

¹²⁶ Uma das limitações deste capítulo diz respeito ao desequilíbrio entre as entrevistas realizadas no Brasil e nos Estados Unidos. Essa discrepância se deveu a dificuldades de recrutamento que serão detalhadas.

¹²⁷ De maneira geral, as entrevistas duraram cerca de 90 minutos, tendo sido a mais breve e a mais longa exceções. A mais duradoura foi a primeira delas, realizada nos Estados Unidos em maio de 2024 com uma pessoa que, como detalharei neste capítulo, se demonstrou negacionista factual.

¹²⁸ Além do meu objetivo de não “perder” a entrevistada que inicialmente havia agendado a entrevista, esta entrevista dupla acabou por se revelar uma ótima oportunidade de observar a dinâmica de reforço, eventuais divergências e buscas por legitimações de suas opiniões entre as duas pessoas entrevistadas. Nesta entrevista, foram necessários alguns cuidados adicionais, sendo o principal deles o de revezar o direcionamento das perguntas, de modo a viabilizar que, a cada questão, a primeira a responder não fosse sempre a mesma (para que a segunda respondente não ficasse somente na posição de concordar/reforçar o que a primeira já houvesse dito).

compreensão da análise que virá a seguir. Este trabalho tem por objetivo investigar os diferentes enquadramentos da pandemia por cientistas, veículos jornalísticos e lideranças políticas que minimizaram a gravidade da crise de saúde, e como essas diferentes interpretações reverberaram e se entrelaçaram às percepções de pessoas comuns acerca da realidade pandêmica. O principal perfil de interesse para as entrevistas era o de pessoas negacionistas – tenham sido elas factuais, interpretativas ou implicatórias. A opção por entrevistas em profundidade foi feita para que as pessoas tivessem tempo e condições que lhes permitissem construir argumentos, de modo a explicar seus porquês e como chegaram às suas opiniões e percepções sobre o período. Conforme Kunda (1990, p. 493), uma das potenciais vulnerabilidades do raciocínio motivado reside nas tentativas de construção de justificações que pareçam objetivas e plausíveis a um interlocutor que não compartilhe os vieses do “raciocinador motivado” naquele tópico. Em outras palavras, tendemos a querer travestir nossas paixões e preferências afetivas com um verniz de imparcialidade, de modo a que nossas mensagens tenham mais potencial de persuasão – ou que, ao menos, pareçamos menos enviesados do que somos.

Nesse processo de argumentação guiada pelo raciocínio motivado e não pela acurácia, para alcançarmos determinada conclusão (a nossa favorita de antemão), precisamos acionar alguns argumentos e ignorar outros. Creio que as entrevistas em profundidade sejam um mecanismo interessante e pouco explorado¹²⁹ para lançar luz sobre esse mecanismo de elaboração argumentativa. É importante salientar que os indícios de ocorrência do raciocínio motivado não serão analisados a partir de uma perspectiva do confronto imposto pela entrevistadora. Partiremos do pressuposto de que, quando da realização das entrevistas, a apresentação de argumentos que viessem a suportar percepções manifestamente enviesadas sobre a realidade pandêmica era, por si mesmo, um sinal de raciocínio motivado. Em outras palavras, nas entrevistas, não tentei assumir uma postura de contestação das informações distorcidas e argumentos comprovadamente equivocados – o que seria possível, por exemplo, num grupo focal com participantes com visões divergentes. Nesse sentido, a “discussão” dos entrevistados que manifestaram indícios de raciocínio motivado foi com a realidade que se impôs sobre todos nós, não com a entrevistadora.

¹²⁹ Tradicionalmente, o raciocínio motivado é estudado por psicólogos, sobretudo os experimentais (Ditto *et al.*, 2008; Lodge e Taber, 2013; Kahan, 2016; Ditto *et al.*, 2018). As técnicas comumente utilizadas, portanto, envolvem abordagens mais voltadas à mensuração de aspectos atitudinais implícitos dos raciocinadores motivados. A abordagem apresentada nesta tese, portanto, pretende contribuir – obviamente, reconhecendo as limitações de nossa análise – para a compreensão da manifestação explícita de indícios do raciocínio motivado.

Pesquisas com abordagem qualitativa são importantes ferramentas para “apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista” (Bauer e Gaskell, 2008, p. 70). No interior dessa abordagem, as entrevistas em profundidade contribuem para a compreensão mais minuciosa das crenças, opiniões e justificações dos comportamentos dos indivíduos em variadas situações (Bauer e Gaskell, 2008, p. 65). Para apresentarmos os enquadramentos diversos sobre a realidade pandêmica, nada melhor do que perguntar às pessoas que a vivenciaram a interpretaram de formas que indicavam rechaço à compreensão fornecida pelas fontes tradicionais de conhecimento e informação. Compreende-se, pois, a entrevista em profundidade ao mesmo tempo como “uma partilha e uma negociação de realidades” (Bauer e Gaskell, 2008, p. 74).

Retomando a reflexão sobre o recrutamento, é importante destacar que 25 dos 26 entrevistados tinham escolaridade mínima de nível superior. Isso porque, no formulário de recrutamento (anexo ao fim deste trabalho), foi expressamente solicitado este requisito. Considerando o objetivo de entrevistar negacionistas, o filtro por escolaridade visava a que os entrevistados construíssem argumentações nas quais utilizassem suas formações, seus saberes formalmente adquiridos, seu ferramental cognitivo para justificarem suas negações, tornando-as “convincentes” e aparentemente razoáveis e racionais a uma ouvinte externa e desconhecida. Foi o que ocorreu em vários momentos – quando uma advogada relatou não confiar na suprema corte brasileira nem nas urnas eletrônicas, ou quando um profissional da saúde, que se classifica como “cientista” e trabalha dentro de um hospital, afirmou acreditar que o coronavírus não existiu.

O principal desafio para o recrutamento de entrevistados fica evidente a partir das especificações anteriormente apresentadas: eu, jornalista e doutoranda em uma universidade federal, estava em busca de participantes com alta escolaridade, negacionistas da realidade pandêmica fornecida por autoridades epistêmicas tradicionais (cientistas, universidades, jornalistas), que aceitassem conversar sobre um assunto difícil, com uma desconhecida, por 90 minutos, sem receberem nada além de um agradecimento. Naturalmente, o recrutamento não poderia incluir uma pergunta sobre o eventual negacionismo apresentado por potenciais entrevistados.

Diante de tantos entraves, a solução foi buscar por indicações com amigos e conhecidos. Ocorre que o contexto nos dois países investigados também impôs uma dificuldade adicional: sucessivas eleições polarizadas (algumas com resultados sequer reconhecidos por parcela das

populações) e uma pandemia que dividiu percepções e crenças trouxeram rompimentos familiares e de relações de amizade. Afinal, não são apenas os negacionistas que tendem a viver em bolhas epistêmicas nas quais encontrem conforto cognitivo e respaldo social (Anderson, 2021). É por isso que, por mais que todos os meus amigos conhecessem ao menos uma pessoa com meu perfil de interesse, poucos conseguiram manter relações de proximidade suficientes para convertê-los em entrevistados. Além disso, os laços de amizade e afinidade estabelecidos durante o doutorado sanduíche nos Estados Unidos não levaram à obtenção de mais entrevistas – já que os meus contatos também estavam em suas “bolhas”.

Disso decorre que, dos 26 entrevistados, apenas 11 (dois dos Estados Unidos e nove do Brasil) se encaixam predominante ou integralmente na classificação de “negacionistas” da pandemia – sejam factuais, interpretativos ou implicatórios (Cohen, 2001). Outros nove entrevistados apresentam alguns indícios de raciocínio motivado e, em alguns momentos, acessam teorias da conspiração na construção de argumentos, mas não são propriamente negacionistas da pandemia. Os outros seis entrevistados não apresentam sinais de negacionismo. Cabe destacar que, por não poder especificar a busca por negacionistas de maneira explícita no formulário de recrutamento, eu apenas tinha certeza quanto ao perfil de cada entrevistado durante as entrevistas. Assim, ao fim de cada uma, para aqueles que não se demonstravam negacionistas, eu explicava a pesquisa de maneira mais detalhada e solicitava auxílio no recrutamento. Optou-se, portanto, pela técnica de “bola de neve”. A propósito, o que inicialmente se demonstrou uma dificuldade acabou por se tornar um ganho analítico para a pesquisa: a possibilidade de trazer uma gradação, e não apenas a ocorrência ou ausência do negacionismo como um fenômeno dicotômico, é outra das vantagens da realização das entrevistas em profundidade.

O roteiro para as entrevistas foi elaborado por mim tendo por base a literatura mobilizada na tese, validado pela orientadora, revisado e corrigido por professores e estudantes de doutorado da universidade na qual realizei o período de sanduíche; além disso, foi realizada uma entrevista de teste cognitivo do roteiro com a mãe de um dos colegas nos Estados Unidos (esta entrevista não está incluída entre as 26 consideradas na análise). A partir das revisões e testes, adaptações foram realizadas de modo a tornar o roteiro mais compreensível e apropriado aos objetivos da pesquisa. O roteiro completo segue em anexo, ao final da tese. Ele foi concebido a partir de seis eixos/subtemas: conhecendo o entrevistado (variáveis sociodemográficas e construção de *rapport*); sentimentos, opiniões e condutas em diferentes

períodos da pandemia e opiniões sobre a ciência; fontes de informação e confiança nas fontes; percepções quanto a interesses políticos e econômicos em jogo durante a pandemia; indícios de raciocínio motivado e mentalidade conspiracionista; opiniões sobre o país, ideologia, voto, valores e crenças.

A próxima seção será dedicada ao detalhamento e sistematização dos procedimentos adotados para organização e análise do material resultante das entrevistas. Em seguida, procederemos à análise de conteúdo propriamente dita, com especial enfoque nas entrevistas realizadas com os indivíduos negacionistas. As demais, no entanto, serão utilizadas complementarmente, com dois objetivos principais: apresentar nuances, de modo a evitar a dicotomia reducionista negacionista/não-negacionista; e demonstrar contrapontos às leituras da realidade apresentadas por participantes do principal grupo de interesse para o trabalho, o dos negacionistas.

6.2. Perfil dos participantes

O Quadro 4 apresenta as informações básicas dos entrevistados:

Quadro 4 - Informações básicas dos entrevistados

ID para tese	Data da entrevista	Duração da entrevista (minutos)	Idade	Sexo	Cidade de residência	Religião	Área de formação	Voto 2018	Voto 2022
Entrevistada 01	28/06/2024	94	74	F	Belo Horizonte	Igreja Evangélica Missionária Pentecostal	Medicina veterinária	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistada 02	30/06/2024	79	45	F	Belo Horizonte	Igreja do Evangelho Quadrangular	Pedagogia	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistado 03	17/06/2024	113	65	M	Duque de Caxias	Católico	Ciências Contábeis	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistada 04	03/07/2024	67	53	F	Belo Horizonte	Presbiteriana	Odontologia (estuda medicina)	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistada 05	22/06/2024	89	50	F	Belo Horizonte	Umbanda	Psicologia	Boulos/Haddad	Tebet/ Lula
Entrevistado 06	20/06/2024	43	69	M	Araras	Não citado	Medicina	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistada 07	24/06/2024	82	61	F	Ipatinga	Presbiteriana	Pedagogia	Nulo	Nulo
Entrevistada 08	11/06/2024	79	52	F	Santa Luzia	Evangélica	Psicologia	Não informou	Não informou

ID para tese	Data da entrevista	Duração da entrevista (minutos)	Idade	Sexo	Cidade de residência	Religião	Área de formação	Voto 2018	Voto 2022
Entrevistada 09	25/06/2024	73	34	F	Belo Horizonte	Cristã - Batista da Lagoinha	Relações públicas	Bolsonaro	Simone Tebet
Entrevistado 10	06/06/2024	127	75	M	Belo Horizonte	Católico não praticante	Engenharia	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistado 11	05/06/2024	96	33	M	New York	Ateu	Ciência Política	Não votou	Não votou
Entrevistado 12	20/06/2024	88	57	M	Brasilândia	Batista	Administração escolar	Nulo	Bolsonaro
Entrevistada 13	23/06/2024	76	76	F	Belo Horizonte		Pedagogia	Bolsonaro	Não informa
Entrevistada 14	11/06/2024	74	37	F	Belo Horizonte	Não tem	Medicina	Haddad	Lula
Entrevistada 15	19/06/2024	125	63	F	Belo Horizonte	Batista	Direito	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistada 16	22/06/2024	57	63	F	Belo Horizonte	Batista	Arquitetura	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistada 17	22/06/2024	57	64	F	Nova Lima	Batista	Advogada	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistada 18	18/06/2024	66	33	F	São Paulo	Evangélica	Engenharia Civil	Haddad	Lula
Entrevistado 19	29/07/2024	93	39	M	Belo Horizonte	Protestante	Admin.	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistado 20	15/06/2024	61	60	M	Belo Horizonte	Batista	-	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistado 21	21/06/2024	74	62	M	Belo Horizonte	Presbiteriana	Admin. e Ciências Contábeis	Haddad	Lula
Entrevistado 22	01/07/2024	86	45	M	Sabará	Igreja Batista Vereda Cristã	Teologia	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistada 23	22/06/2024	97	50	F	Sabará	Batista	Comunicação Social e Direito	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistado 24	30/06/2024	79	60	M	Belo Horizonte	Evangélico - Batista	Biblioteconomia e Direito	Bolsonaro	Bolsonaro
Entrevistado 25	08/05/2023	225	60	M	Irvine (CA-USA)	Ateu	Ciência de lab. clínico e imunohematologia	Não informa	Não informa
Entrevistada 26	29/06/2023	83	60	F	Irvine (CA-USA)	Não informada	Desenv. de negócios	Não informa	Não informa

Fonte: Elaborado pela autora

6.3. Enquadramento analítico

É oportuno destacar que o fato de eu ter realizado todas as entrevistas foi importante para a familiaridade com o material e a condução das conversas de acordo com os interesses de

pesquisa¹³⁰. Apesar disso, como se trata de um extenso material, foi necessário rever/ouvir novamente as gravações, de modo a estar inteiramente concentrada nos conteúdos e não mais na necessidade de conduzir as conversas. Portanto, a partir da pré-análise do material coletado, foi possível estabelecer alguns eixos analíticos, apresentados a seguir. No interior de cada eixo, estão contidos os códigos utilizados para a codificação do material (tendo sido esta realizada no software de análise qualitativa Atlas.ti). O primeiro eixo de análise diz respeito às negações. Para classificar a ocorrência dos três tipos de negacionismo (Cohen, 2001), foram utilizados os seguintes temas e abordagens:

Negações
Factual: Convicção de que pandemia começou por vazamento de laboratório
Factual: Dúvida do número de mortes e recorre a justificativas inválidas para justificar
Interpretativa: Mudanças de opinião (em direção a uma interpretação negacionista) durante a pandemia
Interpretativa: Avaliação positiva da atuação de Bolsonaro na pandemia
Interpretativa: Voto em Bolsonaro em 2022
Interpretativa: Contra <i>lockdown</i> , a favor de "isolamento vertical" por impacto econômico
Interpretativa: Opinião atual sobre vacinas contra Covid
Interpretativa: Percepção pessoal de que a pandemia "não era aquilo tudo que falavam"
Implicatória: Não seguia as recomendações ou "negociava" com elas
Implicatória: Acha que sua liberdade foi atacada e não foi por um bem maior

Conforme mencionado na seção teórica sobre o tema, nota-se que o recurso ao raciocínio motivado – por meio da racionalização posterior de crenças prévias e da defesa dessas preferências de forma que o raciocinador motivado supõe racional e objetiva – e, no limite, a teorias da conspiração pode ser uma estratégia útil. Isso porque, numa realidade em que o presidente que apoiam obteve resultados reconhecidamente ruins, contrariou consensos científicos e recomendações que preservariam vidas, perdeu a disputa pela reeleição e estimulou um golpe contra o governo eleito, há muito o que reenquadrar para racionalizar o apoio à gestão da pandemia e questionar a derrota nas urnas.

¹³⁰ Agradeço imensamente a todos os entrevistados para esta tese pela paciência com as perguntas intermináveis e curiosas, por se disporem a tratar de um assunto que muitos prefeririam esquecer, pela generosidade de compartilhar com uma desconhecida os seus sentimentos, opiniões, pontos de vista, justificativas para os modos de pensar e de agir. Este capítulo – que, na minha avaliação, representa a maior contribuição da tese, não seria possível sem a gentileza e sinceridade que investiram nas conversas. Além disso, agradeço aos familiares e amigos que muito me auxiliaram no recrutamento (mesmo quando não conseguiam entrevistados).

Como destacamos anteriormente, não houve “provocações”, “contestações” ou “confrontos” com os entrevistados. A própria percepção deles de que uma situação era desfavorável às suas opiniões e preferências fazia com que, geralmente, buscassem se justificar/dialogar com a realidade inconveniente (o que provavelmente não precisam fazer quando no interior de suas bolhas epistêmicas). Para categorizar indícios de raciocínio motivado e de mentalidade conspiracionista, empregamos os códigos a seguir na análise das entrevistas:

Raciocínio motivado e mentalidade conspiracionista
Reenquadramento de mortes de familiares e amigos por Covid
Problematização do papel da ciência para além do ceticismo saudável
Justificativa/racionalização para apoio a governo Bolsonaro/Trump
Recursos a argumentos científicos para desacreditar consensos científicos do momento
"Complô" de poderosos ("eles") com interesses nefastos
Questionamento dos resultados eleitorais
Questionamento à versão oficial sobre manifestações golpistas

Levando em consideração as discussões conceituais e as teorias apresentadas nos capítulos anteriores, as próximas seções deste capítulo apresentam uma análise das perspectivas, visões de mundo, racionalizações e interpretações dos acontecimentos da pandemia de Covid-19 para os entrevistados e entrevistadas. As análises estão organizadas a partir dos seguintes temas: sentimentos ao longo da pandemia; o papel das experiências imediatas na conformação das percepções; sentimentos iniciais e opiniões atuais sobre as vacinas; fontes de informação (midiáticas, especializadas e dos grupos sociais) e motivos para a confiança e desconfiança; avaliação da cobertura midiática sobre a pandemia; opiniões sobre a ciência; avaliação dos presidentes, atribuições de responsabilidades pelos resultados nos países em análise; indícios de raciocínio motivado para justificar avaliações enviesadas e evitar dissonâncias cognitivas; recurso a teorias da conspiração; negações dos tipos factual, interpretativa e implicatória e o paradoxo do saber-não saber; um exemplo de falsas memórias; atitudes negacionistas, contextos de acionamento e reforço (com exemplos das opiniões sobre confiabilidade dos resultados eleitorais e tentativas de golpe).

6.4. Sentimentos relacionados à pandemia

Em primeiro lugar, é importante destacar que, exceto por uma entrevistada, todos reportaram sentimentos de medo, incerteza, insegurança, preocupação e/ou ansiedade, sobretudo no período inicial da pandemia. Portanto, nos sentimentos menos orientados pelos fluxos de (des)informação que logo viriam, negacionistas e não-negacionistas se encontraram. Num contexto inédito que todos vivenciamos, as precauções e dúvidas relatadas pelos entrevistados são legítimas e compreensíveis – assim como as formas que encontraram para lidar com elas. Estas observações são pertinentes por dois motivos: não se pretende apresentar caricaturas de pessoas “delirantes” ou “desconectadas da realidade”, porque não é este o caso; para que se compreenda de maneira mais profunda os fenômenos aqui investigados, é necessário avaliar as impressões e perspectivas dos indivíduos a partir de seus pontos de vista. Embora o trabalho se proponha a uma classificação de negacionismos das realidades factual e científica, não se trata de uma classificação determinística nem integral dos indivíduos.

O medo foi o sentimento mais mencionado pelos entrevistados, destacadamente na primeira fase da pandemia. É interessante observarmos que, nesse cenário, algumas condutas foram adotadas pela maioria: pesquisar sobre o vírus e respeitar as primeiras orientações. O entrevistado 3, por exemplo, que mudou bastante suas opiniões ao longo da pandemia e passou a apresentar diferentes tipos de negação, permaneceu isolado com sua família ao longo do primeiro ano da crise de saúde.

No começo tinha uma sensação ruim e tal, mas o medo foi aumentando, aumentando [...]. Foi uma época muito ruim (Entrevistada 2, mulher, 45 anos).

Nós ficamos meio que apavorados [no início]. Aí eu comecei a pesquisar onde podia pesquisar, e aquele negócio todo, e aí nós tomamos algumas providências naquele ano. Nós temos uma casa de campo, praticamente nos isolamos um ano lá naquela casa, eu e minha família, quem saía era um só de nós para fazer o que tinha que fazer, comprar alguma coisa e voltar para lá (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

No início, quando chegou [o vírus], foi aquele desespero, aquele medo de morrer. Eu tinha uma filha de oito meses, e me deu pânico no início, e pensei “meu Deus, eu vou morrer e a minha filha? Se eu precisar intubar, ninguém vai saber fazer por ela o que eu faço”. Então fez a gente ficar completamente recluso. Nós não saíamos, eu lavava tudo o que entrava ou saía da minha casa, tudo o que entrava na minha casa eu lavava com álcool (Entrevistada 9, mulher, 34 anos).

Ocorre que, em paralelo ao prolongamento da situação pandêmica e ao cansaço daí decorrente, orientações contraditórias começaram a contaminar nosso cotidiano – assim como

as informações (verdadeiras ou falsas, ou mesmo provisoriamente corretas) que justificavam as recomendações e normas de conduta social. Nas fases intermediária e final da pandemia, os sentimentos relatados pelos entrevistados apresentaram maior variação, indo da tristeza pela perda de tantas vidas à indignação com a politização da crise por diferentes atores e grupos políticos.

No início foi aquele sentimento de muita preocupação. A mídia, a mídia alarmando a gente, aquele negócio todo, e a gente vendo pessoas conhecidas e próximas caindo. Aí fiquei muito preocupado (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

Então eu tinha muito medo assim, de como conduzir. Eu não sabia como conduzir as coisas, então eu procurava informação e tal (Entrevistada 1, mulher, 74 anos).

Olha, o único sentimento que eu sinto mesmo é raiva, porque no começo, instrumentalizaram a ciência para falar que você não precisava de máscara. E depois eu via o pessoal negando a ciência de maneira geral; eu, como um cara que gosta de ciência, eu só tenho raiva, porque tudo era muito evitável. Tudo era muito evitável. Eu sinto raiva até hoje (Entrevistado 11, homem, 33 anos).

[O sentimento foi] uma certa indignação de ver o quanto politizaram a situação para tirar proveito dela, né? Então, porque tinham antipatia do atual governo, colocaram aquilo como se fosse tudo culpa dele, uma verdadeira insanidade. Achei que essa politização foi nojenta. Achei que a oposição tinha que ser mais na dela, porque se não dá pra ajudar, não devia atrapalhar, e atrapalhou bastante (Entrevistada 15, mulher, 63 anos).

6.5. Fontes de informação e autoridades epistêmicas

Nesta seção, iremos explorar quais foram as fontes de informação em que os participantes depositaram confiança e os motivos apresentados.

6.5.1. Avaliação da cobertura midiática sobre a pandemia e alternativas utilizadas

Do conjunto de entrevistas, sobressaem algumas impressões quanto às fontes de informação:

1. A cobertura intensiva dos acontecimentos relacionados à pandemia trouxe cansaço, ansiedade e rejeição aos meios de comunicação tradicionais, sobretudo (mas não apenas) entre aqueles com atitudes mais negacionistas. Isso levou vários dos entrevistados a abandonarem esses meios, seja pelo trauma com as notícias de óbitos ou pelo que classificaram como politização que visaria a combater o presidente Bolsonaro ou Trump (ou, no caso dos Estados

Unidos, pela percepção de “complô” da mídia *mainstream* com os democratas no governo desde 2021). Mesmo entre aqueles não alinhados à gestão da pandemia pelos presidentes agnotológicos identificavam um viés crítico (e, na avaliação deles, tendencioso) na cobertura, de modo geral.

A cobertura foi muito intensa, às vezes até demais. Os canais de TV aberta, estou falando deles, que são os que eu conheço, eles tinham uma sintonia. Eu acho que a cobertura foi muito completa, né? E mostrou coisas, acho que até demais, que às vezes não precisava de mostrar tanta dor, tanta tristeza. Mas o mundo gosta de ouvir isso. As pessoas gostam, então eles fazem de acordo com aquilo que as pessoas gostam de assistir. Então, assim, algumas coisas eu vejo que eram bem interessantes e informativas. Eram informações bem precisas que você precisava ter, mas no final eu achei que isso já estava muito cansativo, principalmente aqueles gráficos, aquelas coisas que mostrava todo dia, todo dia, todo dia (Entrevistada 7, mulher, 61 anos).

Acho que teve muito sensacionalismo. Acho que eles exageraram aí um pouco até para ter mais audiência e alguma coisa assim. Mas acho que a mídia também não estava preparada para uma pandemia. Então foi algo que foi aprendendo e ao longo do tempo foi algo assim que impactou todo mundo (Entrevistada 8, mulher, 52 anos).

Nós mesmos conversando, percebemos que as notícias outrora eram "partidas". Era notícia de uma coisa, notícia de outra coisa, do bairro, sabe, eram "partidas". Aí de repente começa, aí o jornal inteiro era só sobre a doença, sobre as mortes, o jornal inteiro. Aí a gente, conversando entre nós, nós pensamos: "não, é impossível ser só corona, impossível". E dava uma sensação de controle, de a gente estar sendo controlado e sendo levado ali, sem poder se posicionar. E essa foi a sensação. Então, isso aí que acendeu um alerta [sobre a cobertura da mídia tradicional] (Entrevistada 2, mulher, 45 anos).

Então, assim, a mídia de fato, ela relatava o que estava acontecendo. Mas eu acho que foi sim um pouco tendenciosa, anti-bolsonarista, assim tipo completamente contra, mas também não tinha como defender. Então eu acho que ela não foi neutra, mas ela não pecou por excesso. Eu acho que ela não foi neutra, porque você pode falar a mesma notícia de várias formas, né? E é uma verdade. Pode ser dita de várias formas. Não foi falado nenhuma mentira, mas foi falado de forma realmente a prejudicar a imagem do Bolsonaro, e ainda bem (Entrevistada 14, mulher, 37 anos).

Anteriormente, falamos sobre a habituação como um possível mecanismo para lidar com as mortes diárias, a falta de previsibilidade quanto ao fim da pandemia, as mudanças de rotina e os sacrifícios pessoais. Os noticiários eram o lembrete diário da gravidade da situação, sendo este um dos possíveis motivos para o rechaço. Porém, cabe lembrar que a crise epistêmica era um cenário prévio à pandemia; portanto, o cenário aqui retratado resulta de uma combinação dos dois fatores.

Para mim, foram um desastre essas mídias convencionais, todas elas. Esse consórcio que tinha aí, dos jornais O Globo, Estadão... pra mim é tudo balela, tudo um jogo de interesse deles, deles ou de alguém, não sei de quem, exatamente [...]. E eu nem queria

ver TV aberta. Eu não quero saber quantas pessoas estão morrendo. Eu não quero saber. Não me interessava saber. Porque eu achava que eles faziam muito melodrama, usavam aquilo ali como, sei lá, uma arma para eles (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

Só falavam no tanto de pessoas que morreram, aumento morte aqui, aumentou ali. Não falavam nada além disso, só que o Bolsonaro espirrou lá em cima, não usou máscara. Mas qual o significado disso? Era muito chato ver aquilo toda hora, então eu não via. Eu passava direto (Entrevistada 4, mulher, 53 anos).

Nossa, eu acho enganação pura e disseminadora de pânico, sabe? Se chegar nesses rincões do interior do Brasil, aquela gente morrendo e atrás da bancada do Jornal Nacional ficava "191.000". Aí ia passando, que ia morrendo. No outro dia, "300.000 mortes", ia passando numerozinho de segundo em segundo, aumentando, até chegar a 700.000 mortes. Aquilo ali detonou Bolsonaro, detonou ele (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

2. Embora afirmem desconfiar dos conteúdos que recebem pelas redes sociais e aplicativos de compartilhamento de mensagens, pelo conjunto de cada entrevista, fica evidenciado que estas fontes exercem influência sobre as percepções e os comportamentos reportados. Ademais, considerando a desconfiança generalizada nos veículos tradicionais e a necessidade de se orientar para sobreviver à pandemia, esse espaço foi preenchido por fontes como o Google (citado por inúmeros entrevistados), grupos de WhatsApp e o YouTube (sobretudo nos canais dos profissionais de saúde e do jornalismo cujos cortes eram recebidos por grupos de WhatsApp).

No início, TV, Rede Globo, confiava. Aí, quando eu saquei a manipulação descarada, parei de assistir e fiquei ali recebendo (porque não precisava nem buscar), eu assistia aos vídeos que me mandavam. Mas TV, até hoje, raramente eu ligo. Quando eu ligo, é só para confirmar, porque vou lá na fonte, ouço uma notícia e quando eu ouço aqui [na TV], ela vem enviesada. É impressionante. Como tava tudo muito politizado, era um auê tão desnecessário que eu perdi a confiança na hora. Cortar unhas, e não sei o quê... Enfim. Aquilo me fez ver que era muito tendenciosa a informação e não era confiável e, portanto, não era nada científica (Entrevistada 15, mulher, 63 anos).

Não, eu estou sempre ligada aqui em um grupo que continua informando tanto de morte precoce, um tanto de gente que morre, muito atleta morrendo de coração, muita gente nova, tudo, criança com problema, eles colocam tudo. Eu fico horrorizada. No mundo inteiro a quantidade de gente nova na faixa de 40 anos pra baixo que está falecendo é assustadora (Entrevistada 17, mulher, 64 anos).

Eu diria Joe Rogan, eu gosto desse podcast. Joe Rogan, meu Deus, por que eu gosto do Joe Rogan? É porque ele tinha algo como o Twitter. Ele tinha todo mundo lá. Tinha vozes dissidentes. Tinha pessoas positivas. Sim, negativas também. Então, Joe Rogan foi muito influente para mim também ao confirmar muitos dos meus — se você quiser chamar assim — vieses (Entrevistada 26, mulher, 60 anos, tradução minha).¹³¹

¹³¹ No original: "I will say Joe Rogan, I like that podcast. Joe Rogan, oh my gosh, why I like Joe Rogan? It is because he had like Twitter. He had everybody on there. He had voices of dissent. He had people that were positive."

Agora eu realmente gosto do Twitter. Eu não gostava do Twitter antes de Elon Musk adquiri-lo porque — e como agora sabemos — está comprovado. Absolutamente. Sem sombra de dúvida. Está comprovado que Twitter, Facebook e Instagram foram todos pagos pelo governo Joe Biden para suprimir qualquer tipo de informação negativa sobre a vacina. E qualquer coisa, sabe, contra as empresas farmacêuticas. Então agora, graças a Elon Musk, é um fórum livre onde você ouve todo tipo de opinião. Você ouve aqueles médicos que foram silenciados. Eles agora estão lá. Estão falando, então acho que o Twitter é o meu favorito (Entrevistada 26, mulher, 60 anos, tradução minha).¹³²

3. Mesmo os mais enviesados demonstram confiança em seu discernimento e capacidade crítica para diferenciar um conteúdo verdadeiro de um enganoso. Porém, em contexto de polarização afetiva (Mason, 2018; Svolik, 2018; Fuks e Marques, 2022), alguns entrevistados admitem que a posição político-ideológica dos remetentes das mensagens influencia a confiança nos conteúdos.

As notícias no zap foram terríveis porque estava tendo muita fake news e muito notícias mentirosas. E eu vendo as pessoas caindo naquilo ali, as pessoas estavam caindo nas fake news. Aí eu fui e comecei a diminuir esse negócio de celular, pegava menos no celular (Entrevistada 2, mulher, 45 anos).

Porque socialmente eu conheço quem são fulano, beltrano e sicrano. Eu recebia informação de um fulano, mas eu sabia já o que ele era. Então é muito simples você fazer a distinção de tudo isso aí (Entrevistado 10, homem, 75 anos).

4. As fontes que já eram suas principais referências de informação confiável antes da crise de saúde “herdaram”, de modo geral, um papel norteador das atitudes e crenças sobre a realidade pandêmica. Nesse contexto, destacam-se os amigos e familiares com formação na área da saúde, além dos médicos que já acompanhavam os entrevistados.

No Google, eu ia no Google mesmo perguntar alguma coisa sobre a doença. E na televisão muito pouco. Na rede social, o que eu mais usava era WhatsApp (Entrevistada 4, mulher, 53 anos).

E tem um primo da minha esposa que a gente chama ele até de Google. Ele é o camarada assim que, se eu quero alguma coisa, a gente está conversando assim Ele não é? Sei, você tem que fazer isso. Então, aí a gente até tem até como modo de

Yeah, negative. Yeah. Yeah. So Joe Rogan was was very influential to me to about also confirming a lot of my if you want to call it bias (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

¹³² No original: “I now really like Twitter. I didn't like Twitter before Elon Musk acquired it because and as we now know it's proven. Absolutely. Beyond a shadow of a doubt. It is proven that Twitter, Facebook, Instagram, they all were paid by the [Biden] government to suppress any kind of negative information about the vaccine. And anything, you know, against the pharmaceutical companies. So now, thanks to Elon Musk, it is a free forum where you hear all sorts of opinions. You hear those doctors that were silenced. They're now on. They're talking, so, I think Twitter's my favorite” (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

brincadeira mesmo. A gente falava liga lá, liga lá, ele chamar a liga lá para ele, para ver o que aconteceu (Entrevistado 22, homem, 45 anos).

Talvez o meu médico. Tenha sido uma referência científica para mim (Entrevistada 5, mulher, 50 anos).

Aqueles em quem eu confio. Sim. Bem, acho que agora Robert F. Kennedy Jr.. O doutor Rand Paul é médico. Ele é senador. E ele se posicionou. Meu Deus. Ele é anti-Trump ou anti-Fauci. E tem pressionado Anthony Fauci incessantemente (Entrevistada 26, mulher, 60 anos, tradução minha).¹³³

Então tem essas pessoas que participa do grupo e as vezes você recorre a eles para uma perguntinha qualquer. Essa aí responde. Mas eu sei também que a opinião deles é quase igual a minha (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

Um exemplo é meu pai, por exemplo, e minha mãe, que são aposentados já. Então eles estavam ali diariamente ouvindo os noticiários. A gente, que ainda continua na rotina de trabalho, não tinha aquela mesma, vamos dizer assim, disponibilidade de tempo para ouvir o mesmo volume de informações que eles ouviam, né? Eu pegava muita informação com eles também, por serem pessoas próximas (Entrevistado 19, homem, 39 anos).

5. Outro aspecto interessante é que, quando questionados sobre quem consideravam a pessoa mais bem informada sobre a pandemia, alguns entrevistados consideravam que eles próprios eram essa referência. Pelo que se pode notar, alguns dos participantes com atitudes mais consistentemente negacionistas, até mesmo por seu engajamento para refutar informações contrárias na vida cotidiana (pressões familiares, sobretudo), se consideravam os mais bem informados em seu círculo. Por outro lado, quando expostas a contestações de pessoas de fora de seus círculos sociais imediatos e das bolhas epistêmicas, ocorria de sofrerem algum desgaste (mas, para aqueles com atitudes mais negacionistas, esses “ruídos” não pareciam abalar suas convicções nem gerar dissonância cognitiva).

Eu que era referência na família [...]. Eu me desgastei muito batendo boca, batendo boca. Eu era louca. Eu era a "tia do zap" 24 horas tentando convencer, mostrando as coisas, eu fiquei louca. Cheguei a ficar 30 dias quase sem dormir. Eu tive que tomar um remédio para dormir (Entrevistada 17, mulher, 64 anos).

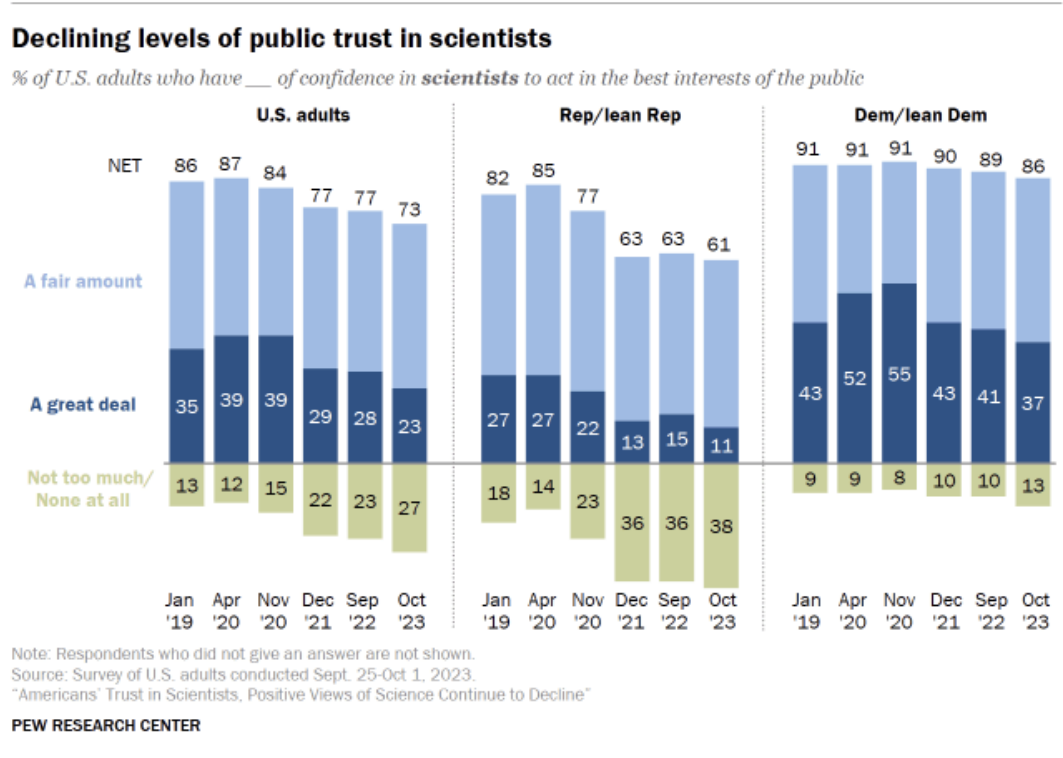
Eu sou também [referência] na minha família. Toda hora estou revendo política em que está acontecendo e tal. Até hoje eu sou. E na época eu fui também, mas perto de mim, assim, em amigos eu tenho muita gente que tem noção, eu converso muito, acabo conversando mais com gente que tem noção. Não estou tão longe da verdade (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

¹³³ No original: That I trust. Yeah. Well I guess Robert F Kennedy Jr now. doctor Rand Paul is a doctor. He's a senator. And he has come out. Oh my gosh. He's anti-Trump or anti Fauci. And he has grilled him incessantly (Entrevistada 26, mulher, 60 anos)

6.5.2. Papel da ciência: opiniões para além de “a ciência é muito importante”

Se acessarmos pesquisas quantitativas sobre a confiança na ciência e nos cientistas, veremos que essa credibilidade, que já era mais alta em comparação a outros grupos¹³⁴, aumentou durante a pandemia (embora apresente quedas recentes), como se observa no Gráfico 11. Porém, conforme veremos no capítulo seguinte, as percepções sobre a gravidade da pandemia e o papel de fontes de informação e conhecimento tradicionais sofreram influências de predisposições políticas.

Gráfico 11 - Confiança em cientistas nos Estados Unidos – Geral e por identificação partidária – 2019 a 2023



Fonte: Pew Research Center.

Quais são os motivos para a avaliação da ciência? De que ciência as pessoas falam quando respondem a esse tipo de avaliação? Entre os entrevistados, o que confrontou mais frontalmente a ciência, seus métodos e práticas, foi o que se apresenta como cientista e que, em uma confraternização quando de minha chegada aos Estados Unidos, perguntou o que eu

¹³⁴“Americans’ Trust in Scientists, Positive Views of Science Continue to Decline”. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/science/2023/11/14/americans-trust-in-scientists-positive-views-of-science-continue-to-decline/>>. Acesso em: 01 set. 2024.

pesquisava e, diante de minha resposta, afirmou categoricamente que o coronavírus jamais existiu. Sua mãe foi uma das vítimas fatais da Covid-19, e ele resignificou a morte dela.

Eu conheci pessoas que morreram por causa de tratamentos. Um exemplo que posso dar é o da minha mãe: ela morreu há cerca de um ano e meio, dois anos. Mas ela morreu por causa dos tratamentos. Quero dizer, gosto de nomear isso corretamente. Eles a mataram, certo? Ela estava bem. O tratamento... há um protocolo de Covid. Posso explicar para você o que aconteceu com a minha mãe (Entrevistado 25, homem, 60 anos, tradução minha).¹³⁵

Considerando a conversa como um todo, esse entrevistado demonstra fortes atitudes negacionistas, mentalidade conspiracionista e uma descrença generalizada quanto à existência de outros vírus e pandemias, não apenas a de Covid-19. Mas, em seus questionamentos quanto ao funcionamento dos procedimentos de pesquisa, revisão por pares e replicabilidade de trabalhos, ficam evidentes o profundo ceticismo de alguém que, claramente, está familiarizado com essas práticas. Isso dialoga de maneira clara com os argumentos de que o que falta aos negacionistas, crentes em teorias da conspiração, adeptos de cultos e grupos afins é informação, formação, conhecimento. Por vezes, o conhecimento pode ser o combustível para buscar implodir as bases da confiabilidade de áreas de produção de conhecimento socialmente legítimas.

Na verdade, esse é outro ponto que eu discutiria aqui. Você conhece o método científico, certo? Sabe, desenho de experimentos, coisa de quinta série. Basicamente, o que nos ensinaram foi que você tem uma hipótese, certo? Então você tem a estrutura do experimento. Você faz isso para provar ou refutar sua hipótese e, depois, chega a uma conclusão, que pode ser passada a outra pessoa para que ela a replique. Esse era o método científico. E provavelmente é uma das melhores coisas que conhecemos. Quero dizer, é isso que ele é.

Mas o que você vê — o que realmente vê — quando analisa esses artigos de alto nível, é que eles não são científicos. São mais como... mais como um culto, na verdade, se você olhar um pouco mais a fundo, porque não há nada por trás; você tem que simplesmente aceitar o que está escrito. Certo? E eles não têm conseguido replicá-los. Apenas dizem, sabe, “os artigos são revisados por pares”. Então dizem: “ei, amigo, eu te pago um jantar”. É mais ou menos assim. Portanto, a ciência como a conhecemos não é a mesma ciência que eu conhecia na minha infância (Entrevistado 25, homem, 60 anos, tradução minha).¹³⁶

¹³⁵ No original: “I have known people who died from treatments. One I can give you the example is my mother, she died about a year and a half, two years ago. But she died because of the treatments. I mean, I like to label it correctly. They killed her, right? She was okay. The treatment... there's a Covid protocol. I can explain to you what happened to my mother” (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

¹³⁶ No original: “Actually, this is another thing I would discuss here. You're aware of the scientific method, right? You know, design of experiments, fifth grade. Pretty much what they taught us was you have a hypothesis, right? So you have, you have the body of the experiment. Right. So you do this just to prove your hypothesis or disprove

Os achados científicos mais inconvenientes aos sistemas de crenças dos indivíduos com atitudes negacionistas eram por eles rejeitados, e deixavam como efeito colateral uma profunda decepção com o funcionamento da ciência. Mas, quando passam da esfera da frustração pessoal para a busca por fundamentação externa para suas desaprovações, os entrevistados mais insatisfeitos com os achados científicos durante a pandemia dificilmente conseguem evitar o recurso a teorias conspiratórias e a seus próprios vieses e preconceitos.

Então o que é a ciência hoje? É mentira. Eu não acredito mais nela. Eles realmente fizeram um papel horrível com a ciência, entendeu? Eles destruíram o que poderia ser de melhor. Mas tem muitos, muitos cientistas famosos na época se reuniam e faziam o que podiam para defender a verdade, mostrar que tudo que aconteceu na pandemia foi mentira. Inclusive tem país que está condenando as pessoas por terem feito tal coisa. Pelo erro de ter aplicado vacina, de ter feito lockdown, por todos os erros que eles praticaram, de não ter dado o remédio certo, que é a ivermectina, a hidroxiclороquina. Tem gente, muita gente sendo condenada por isso agora (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

Onde está a ciência por trás de obrigar seus próprios cidadãos a se vacinarem? Mas pessoas que não são cidadãs, que vêm para cá ilegalmente e sobrecarregam nossos hospitais e sistemas de saúde – pelos quais estamos pagando. E eu sou uma humanitária. Acredito que todos devem ficar bem. Mas por que elas não estão sendo obrigadas a se vacinar? Por que não são vacinadas ao cruzar a fronteira? Onde está a ciência? (Entrevistada 26, mulher, 60 anos, tradução minha).¹³⁷

Se a discussão fosse meramente acadêmica, ia ficar mais civilizado. Mas, por outro lado, essa politização toda serviu para mostrar que também na ciência se vê o que se quer ver, até o resultado que você chega, é porque você cria as hipóteses já com o resultado pronto. Porque é assim que o ser humano reage às situações. Ele quer fazer prevalecer o ponto de vista dele, a vontade dele. E ele vai enxergar o que ele quer ver. Então vai ser aquilo (Entrevistada 15, mulher, 63 anos).

Para alguns dos entrevistados, a ciência se contrapõe à religião, à fé ou à espiritualidade. Para outros, mesmo sem que a pergunta induzisse a essa contraposição, as descobertas

it, and then you come up with the conclusion, and you can hand this over to another person and they can replicate it. That was scientific method. And it's probably the best things we know. I mean, that's what it is. But what you see, what you actually see when you look into these high-end papers, they're not scientific. They're, they're more like, more like a cult, actually, if you look at them a little deeply, because there's nothing behind it, you have to just take the words for it. Right? And they haven't been able to replicate them. They just go, you know, "the papers are peer reviewed". So they say "Hey, buddy, I'll give you a dinner". It's more like that. So science as we know it is not the science that I know from my childhood" (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

¹³⁷ No original: Where is the science behind that to force your own citizens to get vaccinated? But people that aren't citizens that come over here illegally to fill up our hospitals and healthcare systems that we're paying for. And I'm a humanitarian. I believe that everybody should be okay. But why aren't they being forced to be vaccinated? Why aren't they being vaccinated as they cross the border? Where's the science? (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

científicas são fruto da mão de Deus, ao conceder a inteligência humana. Este é mais um dos reflexos da imagem pública estereotipada dos cientistas como indivíduos cuja capacidade de fazer ciência estaria prejudicada caso professassem suas crenças religiosas – concepção presente, inclusive, em ambientes acadêmicos. Durante as respostas à pergunta “qual é o papel da ciência na sua vida?”, algumas reflexões e convites à humildade emergiram.

Eu sou muito a favor da ciência, mas quando ela começa a excluir a espiritualidade, ou quando ela começa a entender que aquilo é um dogma, no sentido de "isso é certo; tudo que não isso é errado", eu já começo a olhar com uma lente de dúvida. Eu penso assim, existem muitos fios invisíveis que costuram todas as nossas ações. Então a ciência também é uma evolução. Mas eu acho que a gente não pode descontextualizar do momento e também entender que existem interesses ocultos que podem, sim, manipular um campo, por exemplo. Eu sou uma pessoa que estuda muito, eu sou muito a favor de ciência. Eu só não sou a favor da ciência que exclui outros tipos de conhecimento (Entrevistada 5, mulher, 50 anos).

Hoje a ciência é importantíssima. A ciência, na minha visão, é criação de Deus e é super importante em vários sentidos (Entrevistado 19, homem, 39 anos).

Ciência é uma coisa que é de Deus, porque o conhecimento é Dele, Ele que fez tudo, eu creio. E Ele dá sabedoria em estratégias e curiosidade para as pessoas procurarem as respostas. Então eu vejo a ciência como uma porta que abre para a gente conhecer tudo o que Deus fez. Então eu vejo como uma coisa boa, um dom perfeito (Entrevistada 1, mulher, 74 anos).

E a ciência? Eu acho ela importante, mas a minha fé é muito grande. Eu acho que, quando Deus entra na jogada, a ciência passa a ser algo não tão importante. Ela é importante, e a pesquisa das vacinas é importante, e a descoberta de algumas coisas, de doenças e de curas, é importante. Mas eu acho que Deus, ele nunca deve ser descartado, que ele supera a ciência (Entrevistada 23, mulher, 50 anos).

De modo geral, as respostas mantêm uma percepção positiva da ciência, da sua relevância para a melhora na expectativa e na qualidade de vida das pessoas, buscando equilibrar seu papel com o de outras esferas da vida. Mesmo entre aqueles que, nas perguntas sobre instâncias práticas da ciência na pandemia, demonstraram atitudes de reprovação, ceticismo e adesão a teorias conspiratórias, a concepção abstrata de ciência é bem avaliada. No subgrupo dos profissionais da área de saúde, a necessidade de fundamentação científica de suas atividades lhes pareceu clara – embora uma das entrevistadas, dentista e estudante de medicina, tenha apresentado inúmeras opiniões e comportamentos negacionistas.

A ciência, para mim, é a curiosidade humana básica. Então eu sou curioso. Eu gosto de conhecer e saber coisas. Eu sou médico, eu adoro medicamentos, eu acho fantásticos os conhecimentos e tudo que a gente desenvolveu de conhecimento de medicamentos e substâncias que aliviam sofrimento, às vezes até curam alguma

doença, mas de maneira geral a gente trabalha aliviando a dor humana. Então isso, para mim, é fantástico (Entrevistado 6, homem, 69 anos).

Uai, a minha vida é contada todos os dias da minha vida pautada em ciência. Assim é na medicina. As coisas mudam muito, né? Assim, hoje o que eu faço de tratamento, por exemplo, na grávida com epilepsia e há cinco anos eu prescrevia uma medicação diferente. Hoje surgiu uma medicação que é melhor e mais segura na gravidez, foi mais bem estudada, tem mais estudos randomizados que mostram mais segurança para grávida, para o neném. Então, sim. Então não tem jeito, você tem que ser pautado o tempo todo pela evidência científica (Entrevistada 14, mulher, 37 anos).

Eu sou dentista e estou fazendo medicina né? A ciência, pra mim, ela existe, e ela pode ser contestada também, em todas as teorias. Acho que você pode olhar do outro lado. Não existe uma verdade absoluta, mas sim testar (Entrevistada 4, mulher, 53 anos)

A ciência é tudo, né? A ciência é o progresso, a evolução das coisas [...]. Com base na ciência que a gente tinha aqui, uma longevidade aí de 30, 40 anos, e hoje você tá aí com a idade média de 80 anos (Entrevistado 10, homem, 75 anos).

[O papel da ciência] é um papel bem relevante. Eu me informo bastante. Sou formada em engenharia, então essa ciência fez descobertas incríveis pro nosso bem-estar, pra nossa saúde, pra nossa segurança, pra nossa infraestrutura, pra nossa mobilidade. Então sou 100% a favor daquilo que a ciência traz, comprovada via método científico, via pesquisa (Entrevistada 18, mulher, 33 anos).

Eu sempre optei por ficar do lado da ciência, aquela [informação] que mais se aproximasse da ciência era a que eu consideraria. Se uma informação estivesse negando a ciência, eu descartava (Entrevistado 24, homem, 60 anos).

6.6. As vacinas: entre a cultura vacinal e o medo do desconhecido

Apesar de terem a ciência em alta conta, quando investigamos as avaliações sobre exemplos práticos de atividades e achados científicos que foram revestidos de significados políticos durante a pandemia, o cenário se demonstra mais complexo. Um dos temas mais polemizados, no que concerne à pandemia, foram as vacinas. Por terem sido desenvolvidas em curto intervalo de tempo, o início da imunização trouxe muita desconfiança (o que é compreensível, num contexto em que a comunicação clara sobre a ciência por trás dos imunizantes não foi eficaz e acabou suplantada pelos questionamentos e pela desinformação sobre o tema). Por meio das entrevistas qualitativas, o que se observa é, novamente, um solo comum de apreensão e incertezas. Porém, as distinções entre grupos ficaram explícitas no nível comportamental: enquanto os não-negacionistas relatam um alívio simultâneo à insegurança diante da chegada dos imunizantes – alívio este que se seguiu à procura imediata pelas vacinas –, a maioria daqueles consistentemente negacionistas converteu a desconfiança em recusa a se vacinar. Um entrevistado, que trabalhava em um hospital, informou à administração que não se

vacinaria, por “convicções pessoais”, e disse estar disposto a perder o emprego, mas que ninguém o obrigaria a se imunizar. Outra entrevistada contou que, para não sofrer restrições a suas atividades (como as viagens), ela obteve um comprovante falsificado de vacinação.

Sou um cientista de laboratório clínico. Minha especialidade é imuno-hematologia. E eu gerencio bancos de sangue em hospitais [...]. Minha esposa não conseguia acreditar. Meus filhos não conseguiam acreditar que eu estava disposto simplesmente a perder meu emprego. Meu emprego bem remunerado. Um emprego muito bom. Sim, mas, na filosofia, dizem: você se mantém tão firme que o mundo começa a girar ao seu redor (Entrevistado 25, homem, 60 anos, tradução minha).¹³⁸

Cabe registrar o efeito de algumas pessoas próximas aos negacionistas sobre sua conduta em relação às vacinas, no sentido de atenuar sua recusa frontal. Alguns deles relataram que, apesar de acreditarem que os imunizantes eram experimentais e nada confiáveis, eventualmente aquiesceram e aceitaram tomar ao menos uma dose, em nome da boa convivência familiar e social.

No início, senti uma pressão, inclusive da minha própria família, para que vacinasse. E eu fiquei assim, muito reticente. Até que, chegando um determinado ponto, eu acabei tomando [a vacina] só para satisfazer as necessidades, as exigências da família (Entrevistado 10, homem, 75 anos).

Na verdade eu nem queria tomar, né? Porque eu já tinha entrado em contato com o vírus, porque eu já tinha pegado a doença e eu já tinha melhorado. Então, para mim, eu não precisaria de vacina, não. Com tudo o que eu já estudei na Odontologia e que eu pesquisei, eu não precisava de vacina. Mas era tanta pressão, falavam tanto na cabeça da gente. E era toda hora isso, toda hora que você ligava a televisão era só isso... e paciente falando, e parece que me cobrando, então eu me vi meio obrigada a tomar essa vacina. Aí fui lá, tomei a primeira e depois a segunda (Entrevistada 4, mulher, 53 anos)

Infelizmente, não consegui entrevistar médicos negacionistas (apenas uma estudante de medicina). Os dois médicos entrevistados dialogaram diretamente com os questionamentos, diante do pouco tempo de teste, e reportaram suas pesquisas em periódicos especializados – o que os fez confiar nos imunizantes e recomendar aos pacientes. Porém, eles reconhecem a dificuldade de levar o conhecimento científico à população em geral e, ao mesmo tempo, demonstram frustração com a desinformação promovida pelo presidente brasileiro em torno dos imunizantes – cujos efeitos sentem até hoje.

¹³⁸ No original: “I’m a clinical laboratory scientist. My specialty is immuno-hematology. And I run blood banks in hospitals [...]. My wife couldn’t believe it. My children couldn’t believe that I was willing to just lose my job. My well-paying job. Really good job. Yeah, but in philosophy, they say: you stand so strong that the world start turning around you” (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

Entrevistado 6, homem, 69 anos): Já havia estudos de quase dez anos sobre o SARS-Cov-1. Já estava em estudos, em pesquisa com pesquisadores. Como você está fazendo seu doutorado, havia pessoas fazendo doutorado sobre isso naquela época. Então já havia muito estudo, muito conhecimento. Então pegou-se o que havia, o que se conhecia e se aplicou.

Entrevistadora: o senhor acredita que a comunidade científica se comunique um pouco mal? Porque talvez as pessoas não tenham ficado sabendo desses testes, desses estudos que já eram feitos há quase dez anos.

Entrevistado 6: A comunidade científica sim, se comunica muito mal com a sociedade em geral. O grupo da ciência tem um linguajar próprio, tem uma maneira própria de se expressar com jargões, centenas, milhares de jargões. E cada área da ciência humana tem a sua língua própria, e a população geral é muito pouco instruída. Então eu acho muito difícil o cientista se comunicar melhor, porque ele está meio que preso a um jargão e ele não consegue fazer essa tradução.

Eu sei exatamente o dia que fui vacinada. Como profissional da saúde, eu tinha direito à vacinação. Eu era um grupo de prioridade, tinha direito. Só que eu era gestante. E foi em janeiro de 2021. E aí eu era gestante. Só que as vacinas ainda não tinham sido liberadas para gestante. Só que eu já tinha estudado as vacinas, eu já tinha visto que era uma vacina com vírus atenuado que eu sabia que era uma vacina que eu poderia tomar. Eu tomei as duas doses, e aí só depois que foi liberado para as gestantes, mas eu já tinha tomado as duas doses há muito tempo. Eu escondi minha barriga [...]. E como que uma pessoa com cargo de poder e de influência, sem conhecimento de causa, me fala que não vai vacinar, que não é para tomar a vacina? Um líder. Acho que o mais deletério foi falar mal da vacina, porque de fato era a única coisa que ia mudar todo o curso da doença, toda a história da doença. E ele vinha falar mal. E até hoje, em 2024, tipo assim, tantos anos depois disso, eu ainda tenho que ficar diariamente tentando convencer a paciente de que precisamos tomar a vacina (Entrevistada 14, mulher, 37 anos).

Considerando que as entrevistas foram realizadas alguns anos após o início da vacinação, foi possível solicitar dos entrevistados não apenas seus sentimentos e impressões iniciais, mas também que refletissem, de maneira retrospectiva, sobre o papel desempenhado pelos imunizantes. Percebe-se a persistência da desconfiança por parte dos mais negacionistas, agora municiada de informações quanto a supostos efeitos colaterais (sentidos por eles ou relatados por terceiros). Alguns deles reportam conhecer pessoas que tiveram sérias complicações após se imunizarem, inclusive casos de mortes que eles associam ao imunizante. É interessante ressaltar que, mesmo entre aqueles que tiveram diagnóstico de Covid-19, eventuais complicações de saúde não são por eles atribuídas à doença, mas à vacina. Quanto à eficácia geral da vacina, uma entrevistada afirma que, em sua avaliação, o controle da pandemia pode ter decorrido não dos imunizantes, mas da “imunidade de rebanho por contágio”.

Entrevistado 3, homem, 65 anos: Eu não deveria ter tomado essa vacina. Você acredita que, depois dessa vacina, eu sinto várias coisas que eu não sentia antes? Vou falar pra

você: hoje eu tenho taquicardia, hoje eu tenho algumas coisas que eu não tinha antes de ser vacinado, e eu culpo essa vacina.

Entrevistadora: E deixa eu te perguntar: por que você culpa a vacina e não a doença? Porque você ficou 17 dias internado com Covid. Então o que te fez concluir que foi a vacina e não foi a doença que causou esses efeitos?

Entrevistado 3: Tá bom, a doença, a doença pode ter me dado sequela aí, tá? Porque eu tomei alguns corticoides, tomei aquela coisa toda, tá bom. Mas a vacina, na minha concepção..., uma vacina que já foi a toque de caixa, assim, pra mim, não é uma vacina. E que até hoje eu penso assim. Não foi uma vacina, foi um experimento que botaram em cima da gente ali, que só veio pra prejudicar o povo.

Entrevistadora (entrevista 5): E aí você comentou de alguns efeitos que você ficou sabendo de pessoas que se vacinaram, que tiveram alguns efeitos. Por que você atribui... porque você falou que elas foram pós-vacina, mas na sua avaliação foram por causa da vacina?

Entrevistada 5, mulher, 50 anos: Sim, porque eram pessoas saudáveis. Não, e também porque está lá como possíveis efeitos colaterais de uma vacina. Um adolescente de 18 anos que nunca teve nada no coração vacinou, passou alguns meses, foi internado às pressas, com uma inflamação na parede do miocárdio. Quer dizer... Eu tomei a vacina e tive um surto [de esclerose múltipla, tratada há anos]. Então foram exemplos muito correlacionados. Por isso que eu acho que tem que pesar o custo-benefício de uma vacina.

Houve pessoas que conseguiram acessar os documentos e ler sobre esse aumento de abortos espontâneos, aumento de ataques cardíacos e coágulos sanguíneos por todo o corpo, esse tipo de coisa. Isso está tudo lá. Mas o que a nossa mídia foi paga para fazer pelo nosso governo? Twitter [antes de Elon Musk], CNN, MSNBC, todos eles, para suprimir as notícias. Nada negativo. Você nem podia escrever a palavra Covid. Você nem podia escrever vacina [...]. A Pfizer disse que levaria mais de 70 anos para divulgar os efeitos colaterais da vacina. Depois, foi processada, então teve que divulgar. E era assim, enorme. E, novamente, por causa da nossa mídia (comprada e paga), aquilo tudo não veio à tona (Entrevistada 26, mulher, 60 anos, tradução minha).¹³⁹

Os jovens, parece que eles adquiriram algo no coração, um problema cardiovascular muito... alguns jovens morreram por causa da vacina e isso não foi divulgado. Crianças não precisariam tomar porque o organismo, como a mente delas é uma esponja, absorve e consegue vencer [o vírus], e parece que crianças morreram também ou adquiriram algum problema cardíaco [em virtude da vacina]. Muita gente que tomou a vacina também, adultos morreram, não suportaram a doença (Entrevistada 23, mulher, 50 anos).

Muitas pessoas morreram depois de se vacinar (Entrevistada 26, mulher, 60 anos, tradução minha).¹⁴⁰

¹³⁹ No original: There were people that were able to go through the documents to read about this increase in miscarriages, increase in heart attacks and blood clots all over the body, you know, that type of thing. That's all in there. But what was our media paid to do by our government? Twitter [before Musk], CNN, MSNBC, even for all of them to suppress the news. Nothing negative. You couldn't even write the word Covid. You couldn't even write vaccine [...]. Pfizer said that it would take over 70 years for them to release the side effects of the vaccine. And then they were sued. So they had to release it. And it was this big. And again because of our media that's bought and paid for that whole didn't come out (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

¹⁴⁰ No original: "Plenty of people died that got vaccinated (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

Pode ser que tenha sido eficaz ou não. Preciso saber se isso esse surto passou por contaminação de rebanho. Então, essa dúvida eu tenho (Entrevistada 15, mulher, 63 anos).

Conforme tratado no capítulo inicial da tese, quando do início da pandemia, o Brasil contava com uma cultura vacinal bastante consolidada, de modo que Bolsonaro precisou enviar esforços para descredibilizar os imunizantes – o que vimos em vários momentos¹⁴¹. Já a situação de Trump tem algumas nuances: ao mesmo tempo em que busca receber o crédito pelo rápido desenvolvimento de imunizantes no primeiro ano da pandemia, ele busca se equilibrar em meio aos sentimentos antivacina que permeiam boa parte de seus apoiadores¹⁴².

6.7. Opiniões e motivos para uso do “kit Covid”

Teria o medo do desconhecido, responsável pelas incertezas quanto às vacinas, também se aplicado aos medicamentos do “kit Covid”, indicados por Bolsonaro e por Trump? A reação dos mais temerosos com as vacinas, quando questionados sobre o uso de medicamentos como prevenção à Covid-19, é um indício de que as instruções emanadas pelos políticos de sua preferência, acerca de uma área de conhecimento que não era a deles, surtiu efeito sobre a confiança de parte de seus apoiadores no chamado “tratamento precoce”.

Porém, o reconhecimento da influência do presidente sobre esse comportamento ocorre em diferentes graus: alguns respondem imediatamente que tomaram “os remédios que o presidente indicou”, ao passo que outros ressaltam que, após terem ouvido falar, fizeram suas próprias pesquisas e concluíram, de maneira autônoma, que a recomendação seria válida. Há, ainda, aqueles que se apoiam na lógica de que “se não fizer bem, mal não faz”. Eles também dialogam com as afirmações de que esses remédios seriam comprovadamente ineficazes, e alguns sugerem que, se o “tratamento precoce” tivesse sido aplicado de maneira sistemática, teria havido menos óbitos decorrentes do coronavírus. Nota-se, portanto, a consonância entre os comportamentos adotados e as percepções sobre a atuação do presidente, minimizando sua responsabilidade pelos resultados nacionais. Alguns entrevistados relataram o uso dos

¹⁴¹ “Se virar jacaré, é problema seu”: o que Bolsonaro já disse sobre vacinas”. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/05/03/jair-bolsonaro-vacina-covid-19.htm>>. Acesso em: 01 set. 2024.

¹⁴² “Trump’s Anti-Vaccine Problem”. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2024/06/14/us/politics/trump-anti-vax.html>>. Acesso em: 01 set. 2024.

medicamentos por indicação de familiares, enquanto outros afirmaram ter recebido a recomendação de médicos – mas de maneira informal, visto que alguns deles estariam “proibidos” de prescrever as medicações.

Por exemplo, eu usei ivermectina o tempo todo, o tempo que eu usei todo mundo aqui em casa, durante toda pandemia, até depois de um pouquinho (Entrevistada 1, mulher, 74 anos).

Eu usei só a ivermectina, então eu tomei como precaução, prevenção (Entrevistada 17, mulher, 64 anos).

Fiz uso dos três medicamentos [hidroxicloroquina, ivermectina, azitromicina]. Bom, eu quando eu vi o que eu te falei lá da África, que lá era autorizado e ninguém praticamente tinha Covid. E o governo aqui... eu sou, eu sou bolsonarista, tá? Não sei se para você isso importa. E aí pensei: "eu concordo com o meu governante. Eu vou me prevenir, vou tomar". Então eu peguei um pouco por experiência minha e um pouco pela minha mídia, que eu participo (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

Eu usei tudo que você pensar: vitamina D, zinco, eu usei aquele remédio lá que o Bolsonaro falou, ivermectina. Agora, quando eu tive o vírus mesmo, eu usei hidroxicloroquina, mas não foi o médico que me receitou [...]. A ivermectina, de vez em quando, quando eu tenho uma gripe, aí eu vou lá e tomo. Mandei manipular 60 cápsulas, aí, quando acaba, vou lá e faço de novo (Entrevistada 4, mulher, 53 anos).

Eu lembro que usei. Acho que ivermectina, né? Eu acho que eu cheguei a usar, e lembro que vi alguns vídeos no WhatsApp: “Você tem que fortalecer e tomar um suco de limão também”. Então assim, foram muitas informações e a gente acabava que embarcava e às vezes, em algumas ideias, alguns pensadores, e eu acho que tiveram pessoas também que se aproveitaram disso para poder vender, para poder ganhar alguma coisa a mais, se promover também na rede social (Entrevistado 19, homem, 39 anos).

Eu usei cloroquina e ivermectina. [Questionado se usou por recomendação médica:] Não. A única médica que eu tinha aqui na família e por sinal, uma pessoa excelente. Eu não vou citar o nome para não comprometer-la, mas ela era a chefe do hospital, né? Portanto, na época, trabalhava para a prefeitura. Eu pedi uma receita da cloroquina e ela falou que estava impedida de dar. Então, a situação aqui, a medicina, justamente a pública em geral, estava toda ela já em um cabresto (Entrevistado 10, homem, 75 anos).

Sim, com certeza [houve mortes que poderiam ter sido evitadas]. Em vez de a gente tomar a vacina que a gente nem sabe se funcionaria ou não, tem remédios que foram testados e que esses foram comprovados que realmente funcionavam. Por exemplo, na Amazônia se usa muito... esqueci o nome do remédio. É um comprimido para verme, ivermectina, e tinha um outro [...]. Eu tomei ivermectina. Quem recomendou foi a minha irmã. Porque, se não fizer bem, não vai fazer mal. E é interessante de vez em quando a gente tomar mesmo uma vez por ano. Então eu tomei umas duas vezes (Entrevistada 23, mulher, 50 anos).

Durante a pandemia, duas ou três vezes eu tomei ivermectina, sim, até porque minha esposa insistia. Um amigo meu, que é biólogo, ele até expôs que não havia necessidade daquele medicamento. Era para quem poderia ter verme ou estivesse em ambiente com grande probabilidade de contrair aqueles vermes. Se a pessoa não tem esse verme, não tem sentido nenhum você tomar esse medicamento. Mas aí, por um pouco de insistência da minha esposa, que é bolsonarista roxa, aí eu tomei uma vez.

Depois passaram uns seis ou sete meses, eu tomei mais uma vez, e depois, passado um tempo, se não me engano, tomei mais umas três vezes. Mas sim, seria só para que se tivesse algum verme, alguma coisa, seria para matar, para fortalecer meu sistema imunológico. Pensei mais dessa forma (Entrevistado 24, homem, 60 anos).

Nota-se que os entrevistados buscam ancorar as explicações para suas condutas em fontes variadas de informação e influência – de um membro da família às redes sociais e fontes de informação “alternativas”. Mais do que recorrer a seus afetos, eles tendem a buscar fontes externas de justificação.

6.8. A polêmica das máscaras

Tanto Bolsonaro quanto Trump fizeram das máscaras um símbolo das disputas políticas que decidiram travar durante a pandemia. Era esperado, portanto, que seus apoiadores demonstrassem, no mínimo, resquícios das pistas deixadas pelos líderes. Alguns deles chegaram a reproduzir falas específicas dos presidentes incorporadas em suas opiniões. Os entrevistados 3, 10 e 16, por exemplo, afirmaram que o problema das máscaras era o fato de respirarmos o conteúdo do ar que expelimos – exatamente o que foi dito por Bolsonaro em uma de suas lives.

Acho que eu fui meio que influenciado por algumas notícias, tá? Eu não sei te dizer exatamente como que eu cheguei a essa conclusão que não é [eficaz]. Não é. Eu esqueci agora. Eu recebi informação "a máscara não adianta muito não"; a mesma coisa lockdown, entendeu? Não adianta, não. Nós temos que combater de outra forma. É porque a máscara abafava aquela respiração toda sua ali. A não ser que você usasse uma máscara a cada dez minutos, a cada meia hora, você jogasse essa máscara fora. Mas a gente pegava a máscara de pano e usava a semana inteira (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

Sou muito reticente a ficar usando máscara, essas coisas todas. Quando entrava no supermercado, eu tinha aquela chamada de atenção porque a máscara lá atrás [no início da pandemia] ela poderia trazer ou não um benefício, mas em compensação ela te atrapalha muito, porque você começa a respirar aquilo que você expelia. Então eu sinceramente nunca gostei de usar máscara (Entrevistado 10, homem, 75 anos).

Eu acho é que aquilo ali é uma palhaçada. Você está respirando a mesma coisa ali, em vez de ar puro. Como é que aquilo podia ser melhor do que o ar puro? Nada disso eu senti que era... Tinha uma armação bem grande com relação a isso (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

Eu moro em condomínio, então saía todo dia, meio-dia, para caminhar por causa da vitamina D. Aí, quando vinha uma outra pessoa pela rua, ela se afastava de mim porque eu não usava máscara. Eu sou fóbica. Então a pessoa se afastava de mim como se eu tivesse uma doença, sabe? (Entrevistada 17, mulher, 64 anos).

Originalmente, as máscaras eram... eram feitas como máscaras de metal para escravizados, basicamente para desumanizá-los, cobrindo o rosto. Como você sabe, nos filmes de faroeste, os cowboys usavam máscaras para, sabe, assaltar bancos. Isso é, basicamente, dizer que você não é mais humano. Portanto, é uma questão psicológica (Entrevistado 25, homem, 60 anos, tradução minha).¹⁴³

6.9. *Lockdown e distanciamento social: dos impactos econômicos ao “isolamento vertical”*

Assim como nas respostas sobre uso de máscaras, observa-se que participantes oriundos de qualquer área de conhecimento geralmente tinham muito o que dizer, e ofereciam explicações que possivelmente haviam recebido durante a pandemia. Raramente se ouvia um “não tenho uma opinião formada sobre isso” ou “não tenho conhecimento suficiente para avaliar a eficácia”.

Uma das preocupações demonstradas desde o início pelos dois presidentes agnotológicos era com os impactos econômicos das restrições de circulação e medidas de isolamento social. Trump constantemente “prometia” que, “em duas semanas” ou “até a Páscoa” (de 2020), tudo estaria normalizado. Bolsonaro e seus auxiliares, como o ex-ministro Osmar Terra, também eram vocais quanto às projeções de que haveria menos de mil óbitos por Covid-19 no Brasil e que, sobretudo ao fazer o “tratamento precoce”, as pessoas poderiam voltar à vida normal. A partir das falas dos líderes políticos, desdobrou-se a contraposição equivocada entre saúde e economia. Além disso, o ataque às liberdades individuais era um enquadramento reforçado por eles e reproduzido por parte dos apoiadores.

Obviamente, as preocupações com impactos econômicos, do ponto de vista dos indivíduos e suas famílias, eram legítimas. Essa visão nuançada, que equilibra o reconhecimento da gravidade da situação, a preocupação com a situação econômica daqueles em situação de maior vulnerabilidade social, a constatação da inviabilidade de alguns trabalhadores se isolarem e toda a angústia gerada pela situação, esteve bastante presente nas entrevistas (principalmente entre aqueles que não apresentaram atitudes negacionistas).

Eu confiava e eu acho que se ela tivesse sido feita com mais afinco, talvez a gente teria evitado muitas intercorrências. Mas a minha bolha cumpria muito bem. Depois

¹⁴³ No original: “Originally the masks were, were built metal masks for slaves pretty much is dehumanize you, covers you up your face. As you know, in cowboys, they used to wear, you know, masks to go rob a bank. This is pretty much you are not human anymore. So it's a psychological thing” (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

que eu fui saber que tinha festa rolando, tinha coisa que nunca tinha parado de funcionar. Então assim fica aquele sentimento assim “Poxa vida, será que a gente teria tido tão mais sucesso assim?” Eu tenho esse sentimento de que, se a gente tivesse levado mais a sério, teria acabado muito mais rápido. Se a gente tivesse tido um direcional ali de confiança no governo mais unificado, que teria acabado mais rápido (Entrevistada 18, mulher, 33 anos).

Eu acho que dentro do possível tipo e que tem que respeitar porque assim era óbvio, porque era uma doença respiratória, mas a pessoa tinha que fazer o que ela tinha que fazer com uma máscara que não era para fazer uma festa com aglomeração, mas não tinha como deixar uma pessoa sem trabalhar completamente. Assim, eu comecei a ficar preocupada, vendo as minhas pacientes porque eu atendo 100% SUS. As minhas pacientes são pessoas carentes, são pessoas pobres, são manicures, são atendentes de mercado. E aí elas começaram a ficar completamente sem emprego. E aí eu comecei a ficar muito preocupada (Entrevistada 14, mulher, 37 anos).

Eu sei que lockdown não pode ser para sempre, mas eu defendia lockdowns progressivos e certas populações irem se liberando. Você não pode passar três anos [em lockdown], mas você devia fazer quando da alta carga hospitalar, para conseguir atender quem foi infectado. Não existe isso de deixar todo mundo morrer. Isso para mim nunca foi uma questão (Entrevistado 11, homem, 33 anos).

Eu concordei com o lockdown porque a gente, no início a gente não sabia o que era, então acho que foi a medida mais assertiva. Por outro lado, alguns serviços essenciais que, oh, são feitos por pessoas de baixa renda, não teve lockdown (Entrevistada 5, mulher, 50 anos).

Eu sou a favor. Sou a favor. Foi, fui e uma pessoa que determinou ali, assim que realmente precisava, que aquele início ali precisava sim ter o Lockdown, acredito eu, porque aqui no Brasil, principalmente em Minas Gerais, nós temos muito hábito de abraçar, cumprimentar com três beijinhos, pegar na mão, muito contato físico, né? E eu acho que aqui é assim se a gente não tivesse feito, seria uma loucura absurda. Então eu sou a favor do distanciamento. Até hoje eu não gosto de ficar tocando mais nas pessoas (Entrevistada 9, mulher, 34 anos).

Mas, de modo geral, nas entrevistas com pessoas mais consistentemente negacionistas, registra-se a contrariedade com o isolamento social mesmo entre aqueles que não sofreram impacto direto das medidas de restrição de circulação (conforme elas mesmas apontam). Nota-se, ainda, uma mudança de ideia com o passar dos primeiros meses da pandemia: há relatos de que, no início, a medida seria necessária, mas que “durou tempo demais”. O problema é que, especialmente no Brasil, em virtude da ausência de uma estruturação federal das ações e da decorrente descoordenação das medidas entre estados e municípios, nunca houve, de fato, um lockdown nacional. Isso gerou dois efeitos: o prolongamento das ondas de casos e mortes e o cansaço por parte daqueles que buscaram respeitar as medidas de isolamento.

Eu não via sentido no lockdown. Por quê? Porque ali todo mundo ficava em casa naquela contaminação recíproca. E o fato de já não poder sair era o que a gente precisava de sair, respirar um ar puro. De fazer caminhada, de melhorar ou esse stress,

essa coisa fazendo exercício [...]. Não era lógico que a gente fosse obrigado a ficar em casa num ambiente fechado [...]. Só os mendigos, os moradores de rua que não fizeram [o isolamento social] e pouquíssimos morreram (Entrevistada 1, mulher, 74 anos).

Até um certo momento eu achei que foi necessário para poder observar se a doença realmente iria ser controlada. Mas aí depois eu já pensava não era mais tão necessário assim. E mais era a conscientização das pessoas, focar na conscientização das pessoas e as pessoas sendo conscientizadas e o problema iria ser resolvido. Não é prender todo mundo, afastar todo mundo (Entrevistada 2, mulher, 45 anos).

Tá bom, “fique em casa”. Foi ótimo para mim. Eu falei “Está bom, eu tenho casa, estou aposentado”. Eu tinha pena de quem tinha que sair para trabalhar para sustentar a família. Eu particularmente não concordava com o “fique em casa”, não. Porque ficar em casa e “depois a gente vê”... Depois veio a conta. Então eu acho que deveríamos sair para trabalhar, assim, com todos os cuidados. Mas no primeiro momento até eu falei “fique em casa”. Mas no segundo momento eu pensei “vai quebrar todo mundo”. Aí eu comecei a ser contra, apesar que diretamente a mim não atingia, porque sou aposentado (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

Depois, com o passar do tempo, a gente foi vendo que isso estava causando até mal às pessoas, né? Principalmente as pessoas que viviam sozinhas e porque elas foram ficando muito fechadas e só com as notícias que vinham e as pessoas foram ficando assustadas e acabaram até adoecendo. Não pelo coronavírus, mas por se toda pela situação do distanciamento social, né? (Entrevistada 7, mulher, 61 anos).

Distanciamento social. O distanciamento social basicamente não faz sentido, porque tudo depende. Vamos supor que seja real. Vamos partir dessa ideia, certo? Digamos que isso seja real. Então, a distância de cinco pés — que na verdade era três pés na Europa e, sabe, variava — tudo depende, por exemplo, da sua capacidade pulmonar; a de uma criança pode ir até certo ponto, sabe, o quanto você consegue expelir gotículas e tudo mais. E, considerando que isso não é algo muito consolidado — porque ninguém consegue ver isso —, não fazia sentido. Parece, de novo, uma operação psicológica (Entrevistado 25, homem, 60 anos, tradução minha).¹⁴⁴

Eu sempre achei que esse lockdown era uma forma política de minar o governo atual daquele ano. Muitas empresas quebraram, muita gente passou dificuldade financeira. Porque em outras gripes, em outras situações que aconteceram em relação a doença e muita gente morreu, ninguém fez isso. Foi algo para, na minha opinião, minar a economia do país e difamar alguns governos por aí, porque isso é até comprovado agora nessa crise de dengue, de outras doenças. Quando o governo Bolsonaro acabou, acabou a pandemia, acabou a preocupação, acabou a falação das queimadas. Então é um conjunto de narrativas que trabalharam para detonar de alguma forma o governo daquela época. Porque hoje queimada não importa, dengue não importa, doença nenhum importa, na minha opinião, é pura hipocrisia (Entrevistada 23, mulher, 50 anos).

Bom, a princípio, como eu disse e realmente eu achei uma bobeira. O que vai manter esse lockdown? é igual. Como eu relatei no início, a questão de trabalhar nessa área, eu eu trabalhei todos os dias. Eu não fiquei nem um dia em casa, trabalhei todos os dias presencialmente, então pegava ônibus, pegava ônibus mesmo, com máscara,

¹⁴⁴ No original: “Social distancing. Social distancing is pretty much doesn't make sense because it all depends. It's let's say it's real. Let's say let's go with that. Right? Let's say this, this is real. So the distance of five feet, which was actually three feet in Europe and you know, different amount, it all depends like a like what's your lung capacity a child lung capacity can go this major, you know, how much you can, spit out this droplets and, and you and knowing that this is not a very learned thing because I don't see anybody can see it didn't make sense. It looks like, again, psychological operation” (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

todos, ônibus cheio, os ônibus cheios. Então ficava pensando assim até que ponto esse lockdown é bom? Se é verídico, verdadeiro ou então se realmente vai servir para alguma coisa. E aí o tempo foi passando e acho que o sentimento de qualquer pessoa a gente vai relaxando mesmo (Entrevistado 22, homem, 45 anos).

Enquanto alguns entrevistados demonstravam incompreensão quanto aos motivos para as medidas de isolamento social, outros enxergavam claras motivações políticas tanto na implementação local dessas iniciativas quanto na cobertura midiática que, em sua concepção, tinha por objetivo minar a viabilidade política de Jair Bolsonaro. A seção seguinte trata das avaliações das atuações dos presidentes durante a pandemia e das (não-)atribuições de responsabilidades pelos resultados mais negativos do que a média global obtidos nos dois países.

6.10. Dissonância cognitiva, raciocínio motivado e o recurso a teorias da conspiração

No capítulo 2, foram apresentados os conceitos de dissonância cognitiva e raciocínio motivado, que são caros a este trabalho. Para recapitular brevemente: raciocínio motivado é uma forma de resistência à mudança atitudinal e se manifesta quando, diante de situações em que uma avaliação movida pela acurácia provavelmente levaria à mudança de atitude, o raciocinador motivado se guia pelas suas predisposições e constrói um caminho argumentativo para alcançar a conclusão que mantenha sua atitude inicial. O raciocínio motivado é, pois, uma forma de amenizar ou eliminar dissonâncias cognitivas, ou as incongruências entre elementos cognitivos dos sistemas de crenças, levando ao conforto cognitivo e à desnecessidade de mudanças de atitudes ou comportamentos.

Deve-se ressaltar que os métodos tradicionais para a detecção do raciocínio motivado pertencem à psicologia experimental e fogem ao escopo desta tese. O que se pretende aqui, portanto, é apontar para indícios, deixados por meio das atitudes explicitadas pelas falas dos entrevistados, de que: 1. Eles percebem que o ambiente social e informacional traz elementos contrários às suas crenças e percepções; 2. Eles tentam responder ou dialogar com esses elementos incongruentes, de modo a apresentar seus sistemas de crenças de maneira coerente, tanto para a entrevistadora quanto para eles próprios; 3. Quanto mais tentam recorrer a fontes externas de validação de seus vieses, maior a propensão a buscarem fontes de informação alternativas e, no limite, distorcidas – podendo chegar às teorias da conspiração. Isso tende a ocorrer, sobretudo, diante de questões para as quais já exista um certo consenso, seja da ciência

ou de outras instâncias de acesso à realidade. Quanto maior o consenso, menor o subconjunto de argumentos disponíveis para suportar a defesa de uma conclusão enviesada de antemão.

Muitos são os estudos sobre os componentes das teorias conspiratórias e os fatores sociais e psicológicos que explicam os motivos pelos quais alguns indivíduos aderem a essas teorias. Para este trabalho, cabem duas observações principais: 1. Alguns atributos costumam estar presentes nas teorias da conspiração: contradição, intenções nefastas, a ideia de que “algo deve estar errado”, vítima perseguida, imune a evidências e reinterpretação da aleatoriedade (Lewandowsky e Cook, 2020). 2. Embora algumas pesquisas indiquem a maior propensão de determinados grupos políticos ou ideológicos a aderirem a teorias da conspiração, dados apontam para o fato de que, a depender da teoria, diferentes grupos podem aderir. Da esquerda à direita, indivíduos em diferentes posições ideológicas podem ter suas teorias conspiratórias “de estimação” (Enders *et al.*, 2022).

Isso nos leva a refletir sobre a contingência. A pandemia foi um elemento de perturbação para a maioria das pessoas do planeta; apesar de especialistas em epidemiologia alertarem há anos para os riscos, até mesmo os governos dos países mais ricos do mundo pareciam pegos de surpresa e despreparados; havia muito mais hipóteses do que respostas, sobretudo na fase inicial. Nesse contexto de caos e incertezas, era compreensível que os cidadãos se voltassem aos líderes políticos de seus países. Afinal, eles supostamente teriam mais acesso a informações e especialistas à disposição para nortear suas ações do que cada um de nós, individualmente. É justamente por esse motivo que os presidentes no poder à época do início da pandemia exerceram papel determinante para orientar (ou desnortear) as pessoas comuns.

Essas observações são relevantes porque, nos Estados Unidos, Trump permaneceu na presidência apenas no primeiro ano da pandemia, mas esse ano era o mais importante no sentido de incutir nas pessoas as diretrizes, as explicações para as decisões tomadas e os incentivos à adoção de determinados comportamentos. Quando Joe Biden assumiu o poder, o país já contabilizava quase 500 mil óbitos e a politização da crise de saúde já estava estabelecida. Conforme apontado na introdução deste trabalho, cabe lembrar, ainda, que Brasil e Estados Unidos não foram os únicos países cujos presidentes minimizaram a gravidade da pandemia, mas estão entre aqueles com os piores resultados globais.

No México, por exemplo, o presidente (alinhado ideologicamente à esquerda), López Obrador, também menosprezou a pandemia e induziu seus apoiadores a crenças mirabolantes (como a de que um amuleto o protegia do coronavírus) e a comportamentos danosos e

negacionistas. Mas, por questões de viabilidade de operacionalização das análises para este país, a tese se concentra em Brasil e Estados Unidos. O que resta claro deste ponto é que, numa conjuntura permeada pelo caos e da decorrente necessidade de referenciais de informação e orientação de conduta, aqueles que acreditavam e se alinhavam aos presidentes que negaram a proporção da crise acabaram induzidos ao erro. Por uma questão de contingência, os dois casos sob análise eram de presidentes de extrema direita, mas o exemplo mexicano indica que a ideologia não imunizou nem lideranças nem seus seguidores do risco do negacionismo.

Feitos esses lembretes conceituais e colocações contextuais, procederemos à análise das entrevistas, em busca de indícios de dissonâncias cognitivas, do raciocínio motivado e do recurso a teorias da conspiração.

6.11. Avaliação dos presidentes e atribuição de responsabilidades

Partimos do pressuposto de que, para defender as ações de governos que comprovadamente se recusaram a impor medidas de contenção do vírus – ou, no limite, incentivaram a contaminação da população e a despreocupação com uma realidade evidentemente assustadora –, seria inevitável o reenquadramento de acontecimentos, evidências e das posições dos atores políticos do momento e suas responsabilidades. Buscamos, por um lado, a responsividade à realidade (no sentido da percepção de que os presidentes vinham sendo acusados de omissão ou de má gestão), mas, por outro, a partir de uma abordagem adotada com o intuito de refutar os enquadramentos dominantes dos fatos.

Uma das formas encontradas para retirar a responsabilidade dos presidentes com que se alinhavam (inclusive ideologicamente, uma vez que todos os entrevistados que apoiaram as gestões de Trump e Bolsonaro declararam posição ideológica alinhada à dos presidentes) foi a busca por outros culpados. Prefeitos, governadores, o Supremo Tribunal Federal (STF) e a mídia foram os principais alvos desse deslocamento de responsabilização.

É interessante perceber que alguns dos entrevistados apoiadores de Bolsonaro buscavam permanecer em um “meio do caminho” que demonstrasse sua imparcialidade: sua concessão se mostrava por meio das críticas a algumas falas e comportamentos do presidente. Porém, mesmo estas falhas eram reenquadradas e justificadas pela sua “autenticidade”, “sinceridade” e “espontaneidade”. Além disso, ressaltou-se o fato de que ninguém estava preparado para a pandemia e que eventuais erros decorreram desse despreparo. Os entrevistados com atitudes

consistentemente negacionistas tiveram a percepção geral de que, se eventualmente errou, Bolsonaro o fez tentando acertar. A atribuição de intencionalidade, apresentada no capítulo 1 ao tratarmos de agnotologia, está completamente descartada para esse subgrupo de entrevistados.

O papel de um ecossistema midiático desinformativo fica demonstrado quando os entrevistados recorrem a informações falsas (embora não se possa descartar a ocorrência de distorções de memória): um deles, por exemplo, se lembra de que Bolsonaro foi bastante ágil na compra das vacinas; outra aponta que, se demorou, foi para garantir a segurança dos imunizantes. Já as críticas à atuação e conduta do presidente eram ressignificadas como perseguição e implicância.

Uma das demonstrações de contato com outras visões sobre a gestão da pandemia aparece, por exemplo, na entrevistada que rebate as acusações de que Bolsonaro seria um genocida. Isso não necessariamente depõe contra a existência das bolhas epistêmicas, mas pode sinalizar que alguns pontos de contato com informações que circulavam externamente a essas bolhas são necessários, para que esses elementos cognitivos dissonantes sejam reenquadrados. As interpretações alternativas da realidade precisam, geralmente, de alguma intersecção com os fatos, sob pena de não receberem adesão.

Eu acho que Deus faz as coisas certas na hora certa, porque, se não fosse ele [Bolsonaro], acho que nós teríamos uma catástrofe nesse país. Eu avalio que ele fez, dentro das posses dele, dentro das medidas que ele podia... eu avalio que ele fez... se ele errou, foram pouquíssimas coisas e sem vontade de errar. Então, pra mim, ele tava na hora certa como presidente aqui no país [...]. O meu sentimento foi que o governo tinha feito o dever de casa dele, que tinha que comprar vacina e foi comprado. Demorou a chegar? Nem me lembro se demorou. Começamos a fabricar aqui no Brasil também. Eu acho que ele tomou as providências que tinha que tomar com relação à aquisição das vacinas. E eu acredito que, se fosse este governo que nós estamos hoje, teria sido pior, o rombo seria totalmente pior e a situação em geral (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

Era um problema mundial. Com mais razão, nacional. Achei uma estranheza o nosso digníssimo Supremo Tribunal, tão respeitável, tirar do Presidente a decisão de responder. Então, subdividiu e enfraqueceu a gestão maior e ficou ali, a desorientação total. Algumas cidades neuróticas, outras não [...]. Eu acho que ele teve falas que não cabiam ali. As pessoas muito espontâneas, elas costumam soltar a coisa assim, sem medir. Então, acho que teve coisas de dizer "olha, então vai lá e chora". Eu acho que ele é um ser humano como qualquer outro, passível de erros e acertos. Acho que ele pode ter falado coisas não pensadas, mas eu acredito na boa índole desse homem. Eu não acredito que ele é um canalha. Eu gosto muito de gente espontânea. Acho que ele era muito bem-intencionado e não teve falas felizes, mas teve ações felizes. As falas nem sempre foram felizes, mas as ações foram muito ponderadas. Eu acho que ele é uma pessoa de boa índole, um político com vocação para pensar nos governados e não só no interesse próprio (Entrevistada 15, mulher, 63 anos).

Bolsonaro teve os acertos e teve os erros dele. Normal de ser humano. Mas eu acho que ele tentou fazer o melhor. Como cidadã, eu acho que ele fez o que ele deu conta de fazer. Ele falhou muito na forma de comunicação dele, porque ele achava que podia ser, é... conversar perante a população brasileira como ele conversa com os amigos, não deveria ser assim. Hoje ele tem essa consciência. Hoje ele mudou de postura. Eu acho ele um homem íntegro, coerente, porque o que ele falou no início, ele continua falando no meio e continua falando agora, ele não mudou de opinião em relação àquilo que ele acredita. E eu acho que ele fez o melhor que ele podia naquele momento, o melhor que ele deu conta. Mas ele falava demais e o povo detonava ele em tudo que ele falava. Quando ele começou a falar da cloroquina, o povo já chamou ele de genocida porque ele não queria dar a vacina pra população e queria matar a população (Entrevistada 23, mulher, 50 anos).

Eu não lembro exatamente qual era a vacina, mas eu lembro que tinha essa situação. Que ele teve a espera, ele queria ter mais segurança na compra da vacina. Eu não lembro qual. Então o pessoal caiu em cima dele falando que ele não queria, mas ele falava muito, falava muita bobagem e eu acho que ele nessa parte ele escorregou, entendeu? Se ele tivesse ficado calado e fazendo tudo o que ele fez, teria sido melhor. Eu acho que isso atrapalhou muito o governo dele e principalmente na polêmica, né? Então, quer dizer, eu acho que ele fez. Ele falava muito, mas ele tinha um excelente grupo, um excelente grupo de trabalho, e eu acho que teria sido pior com o Lula (Entrevistada 1, mulher, 74 anos).

O Bolsonaro ia fazer isso que ele queria no país inteiro. Eles tiraram a autonomia total do Bolsonaro e agora era todo mundo fazendo o que quisesse, prefeito, governador. O município e o estado tinham autonomia. Aí ele [Bolsonaro] ficou de mãos atadas [...]. Eu achava que ele era mal interpretado, querendo destruir a imagem dele, mas que ele estava certo. Eu achava que tiravam a voz dele, era só para destruir. Ele queria falar e eles não deram voz, não tinha espaço (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

E começaram a chamar o homem de genocida. Ele arrumou vacina com um mês, com um mês da vacina nos Estados Unidos a vacina já estava aqui. Chamaram o homem o tempo todo de genocida. A dengue, agora, a dengue não tem o tratamento que a Covid teve na época e ninguém culpa o Lula por isso, mas o Bolsonaro na época ele tentou prevenir e tudo que ele fez foi certo (Entrevistada 17, mulher, 64 anos).

Nos Estados Unidos, a contradição entre a postura de Trump e a manutenção de uma equipe de especialistas (com destaque para o Dr. Anthony Fauci) que buscava transmitir orientações de acordo com as melhores evidências disponíveis – mas que tinha atuação prejudicada pelo próprio presidente, como abordamos no capítulo 1 – gerou críticas ao braço científico do governo e a Trump. Mas, assim como ocorreu com Bolsonaro, as críticas não se converteram na atribuição direta de responsabilidade pelo resultado. O que se percebia como problemática era a permanência no governo dos especialistas alinhados à ciência (mesmo que essa equipe tenha sido escanteada em determinado momento, como já tratamos), não a postura agnotológica do presidente. Portanto, previsivelmente, caso tivesse sido menos dúbio e mais convicto do menosprezo à pandemia (tanto em ações quanto em exemplos), possivelmente Trump seria alvo de menos críticas por parte dos indivíduos com atitudes negacionistas.

Eu não sou nada pró Donald Trump. No entanto, ele estava sendo aconselhado pelo doutor Anthony Fauci como especialista. E, na época, Fauci disse que isso não, sabe, não se originou do laboratório de Wuhan, onde ele recebeu milhões. E ele fazia parte de toda aquela questão do laboratório. Então ele confiou em Fauci. Sabe, isso se originou no laboratório de Wuhan. Era de nível militar. E o governo estava ciente disso. E Fauci estava ciente disso, e ele mentiu. Então, o que eu acho de Trump? Acho que ele é um narcisista e é excessivamente autoritário em tudo. Mas acho que ele confiou em especialistas como Fauci. E acho que ele confiou na ideia de que “vamos lançar rapidamente essa vacina e ela vai salvar vidas”. E, se eu fosse presidente, provavelmente faria a mesma coisa, independentemente de quem eu fosse como presidente. Mas, quando os fatos vieram à tona - de que isso realmente não é uma vacina, que não impedia você de contrair Covid, de transmiti-la ou de espalhá-la - eu mudaria de direção (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).¹⁴⁵

A política é um jogo. Ou seja, o jogo deles é um jogo perdido para nós, como humanidade. Certo? É o jogo deles. Eles dão a você escolhas, certo? Quero dizer, até as profissões são escolhas para que se tornem mais produtivas. Certo, isso é um jogo. Então eu não jogo esse jogo. Eu costumava achar que Donald Trump era legal. Sabe, eu gostava dele. Sim, sim. Mas então ele fez essa vacina, certo? E isso não é realmente uma vacina... (Entrevistado 25, homem, 60 anos).¹⁴⁶

Considerar o histórico de saúde das pessoas vitimadas pela Covid-19, suas comorbidades e a evolução da doença é algo natural e perfeitamente aceitável. Mas uma extrapolação sem respaldo nas evidências é afirmar, com segurança, que a morte ocorreu por outras causas e que o registro de óbito por Covid atenderia a interesses escusos. Essa suspeição, que se manifestou por meio do reenquadramento de causas das mortes de pessoas próximas cujos óbitos estão associados oficialmente à pandemia, foi mais uma forma de buscarmos por indícios do raciocínio motivado.

Naquela época da Covid, você podia morrer de cachaça, mas morreu de Covid. Tudo ali foi culpa da Covid. E, na minha opinião, acho que nem 50% daquilo ali foi Covid, das mortes daquela época. Meu cunhado, meu cunhado faleceu, ele foi enterrado sem ninguém chegar perto; ele infartou, e na estatística, eu tenho certeza que eles colocaram que foi por Covid (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

¹⁴⁵ No original: “I’m not a pro Trump person at all. However, he was being advised by Doctor Fauci as the expert. And at the time, Fauci said that this did not, you know, originate from the Wuhan lab where he got millions. And he was part of that whole lab thing. So he trusted Fauci. You know, it originated from the Wuhan lab. It was a military grade. And the government was aware of it. And Fauci was aware of it, and he lied. So what do I think of Trump? I think he’s a narcissist and he’s overbearing in everything. But I think he relied on experts like Fauci. And I think he relied on, “hey, we’re going to rush out this vaccine and it’s going to save people’s lives”. And if I was president, I’d probably do the same thing, no matter who I was as president. But once the facts came out that this really isn’t a vaccine, it did not prevent you from getting Covid, giving you Covid or spreading Covid, I would change the direction” (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

¹⁴⁶ No original: “Politics is a game. That is, their game is a losing game for us as humanity. Okay, it is their game. They give you choices, right? I mean, even professions are choices they get to become more productive. Okay, that’s a game. So I don’t play that game. I used to think Trump was cool. You know, I liked him, you know. Yeah, yeah. But then he made this vaccine, right? And it’s not a vaccine, really” (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

Perdi, perdi uma irmã. O diagnóstico atribui a Covid, só que eu não tenho segurança de ser Covid, porque ela já tinha um histórico bem debilitado, ela já tinha uma série de patologias ali que qualquer uma dessas poderia ser. Eu atribuo que, como na época estava muito na moda, foi jogado na conta da Covid, mas eu não tenho segurança de que foi Covid, considerando a saúde pretérita dela (Entrevistado 24, homem, 60 anos).

Bem, eu sei que a Covid não existe, então só posso dizer que sei que as pessoas ficam doentes e, aliás, antes da Covid, as pessoas já tinham o mesmo tipo de doença, certo? Tinham dores no corpo, suavam e, sabe, tinham calafrios. Então não é nada novo. Certo? Nós apenas rotulamos isso como coronavírus. Bem, e nós — que era um vírus de resfriado, algo insignificante. As pessoas morreram por causa de todos os tratamentos, medicamentos e, sabe... Quer dizer, atualmente na China, eles basicamente trancaram as pessoas. Eles as matam, sabe? Porque, veja os celulares, veja o número de celulares. Milhões de números de telefone celular desapareceram. Então, sabe, eles mataram milhões de pessoas, e isso é um fato, certo? (Entrevistado 25, homem, 60 anos).¹⁴⁷

6.12. O império e a resignificação das experiências imediatas

Um aspecto contraintuitivo chamou atenção durante algumas entrevistas: momentos nos quais a realidade pandêmica se manifestava de maneira mais frontal e inequívoca nas experiências de alguns dos entrevistados foram exatamente o “ponto de inflexão” para que eles expressassem alguma forma de negação. O entrevistado 3 passou a considerar que a pandemia “não era aquilo tudo que falavam” logo após sair do hospital, ainda debilitado pelos 17 dias internado com Covid-19. Foi somente neste momento que ele passou a tomar os medicamentos do “kit Covid”. O entrevistado 22, que trabalhava em uma secretaria de saúde justamente na seção que recebia as notificações de casos e óbitos por Covid, passou a duvidar dos dados oficiais da pandemia quando percebeu que eles se avolumavam e atingiam um patamar bastante elevado.

Entrevistado 3 (homem, 65 anos): Aí nisso daí, no meio, no meio da pandemia, eu peguei Covid e fiquei 17 dias internado. Aí fiquei apavorado. Quando eu tive o vírus, fui de ambulância pro hospital, e aquele negócio todo. E isso aí me apavorou. Aí passou 17 dias, eu saí, tomei a segunda dose e comecei a ver que o negócio não era muito aquilo tudo não. Resolvi tomar alguns remédios que eram naquela época... Hoje já está até autorizado pela Anvisa e tal, mas naquela época não estava autorizado. Eu falei: o quê? Vou ficar sem tomar? Não! Aí eu tomei aqueles remédios lá, azitromicina

¹⁴⁷ No original: “Well, I know that Covid doesn't exist, so I can only say that I know people do get sick and and by the way, before Covid, people got same kind of sickness, right? They got body aches and sweating and, you know, shiver. So is nothing new. Right. It we just labeled it coronavirus. Well and we which was a cold virus which was insignificant. People died from all the treatments, medications and and, you know, I mean, modern days in China, I mean, they pretty much lock people in. They kill them, you know? Because, you know, look at the cell phones, look at the number of cell phones. Millions of cell phone numbers have dropped. So, you know, they've killed millions of people and is a fact, right?” (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

e não sei o que lá. Tomei aquelas doses todas e no final, no final eu tinha praticamente convicção de que aquele vírus não era isso tudo (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

Entrevistadora: Você acha que o fato de você ter trabalhado num lugar que estava tão próximo dessa realidade da pandemia te ajudou um pouco a moldar a sua percepção do que estava acontecendo? Talvez você fosse mais cético se você não estivesse trabalhando ali.

Entrevistado 22 (homem, 45 anos): Sim, com certeza. Sem dúvida. Porque foi... como era uma doença nova, não existia nem o papel específico para denominar ela. E aí... E a gente começou a perceber que, por exemplo, por semana, assim, chegavam 500 notificações, 800 notificações, 1.000 notificações. Então, assim, foi bem pesado, bem árduo mesmo o trabalho. E além de trabalhar com essas epidemiologias também, a gente trabalhava lá com uma questão de declaração de óbito e eu era o responsável por trabalhar com essas declarações de óbitos pelos hospitais da Regional XXXX. Então chegavam declarações de óbitos e ali no campo vinha assim: "Comorbidades. Causa da morte, Covid". "Causa da morte: Covid". "Causa da morte: Covid". aquilo ali, realmente, foi meio assustador, e moldou a minha percepção e a questão de cuidados e prevenção.

Entrevistadora: Muito interessante o que você está me relatando, de você ter essa vivência em primeira mão ali. Então isso me faz trazer algumas outras perguntas. Você confia nesse sistema de notificações? Porque isso é uma das coisas que a gente ouviu muito durante a pandemia. Questionamentos no sentido de "Não sei se morreu tanta gente ou se eles colocavam ali Covid". Você confia nesse sistema, tendo trabalhado lá dentro?

Entrevistado 22: Não. Não, porque a gente começou a ter uma conversa mesmo ali, ali, no setor, de que, de certa forma, o governo, ele recebia uma verba específica pra esse tipo, esse tipo... Por exemplo: na hora que o médico colocava ali na notificação, colocava na declaração de óbito... Parece, né? Isso são rumores de conversa, não tem nada comprovado, mas assim, o que a gente ouvia falar é que a pessoa que morria de Covid, a prefeitura ela era como se fosse não indenizada, né? Eu não estou sabendo aqui a palavra correta... beneficiada, vamos dizer assim, sabe? Beneficiada com uma verba. Então a gente começou com uma conversa interna lá sobre isso. "Será que realmente essa pessoa morreu de Covid? Será que os médicos não colocaram isso aqui para o hospital receber uma verba específica para a prefeitura receber essa verba específica?" Então, assim, no início eu pensei: sim, o negócio é sério. Mas depois aí começou essa conversa interna, essas questões foram aparecendo também na imprensa, essas questões também. Então, assim, gerou dúvida, sim. Então confiar 100%, com o passar do tempo, eu não confiei, não.

Na última resposta anteriormente citada, nota-se claramente como a desinformação pode permear as opiniões e percepções dos indivíduos. Apesar de desmentido por agências de checagem¹⁴⁸, o rumor de que hospitais receberiam um valor específico a cada notificação de morte por Covid-19 apareceu com bastante frequência entre os participantes desta pesquisa, no Brasil e nos Estados Unidos.

¹⁴⁸ "Não é verdade que estados recebem R\$ 19 mil por cada morte de Covid-19". Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/nao-e-verdade-que-estados-recebem-r-19-mil-por-cada-morte-de-covid-19/>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Se o hospital pudesse registrar isso como uma morte por Covid, o hospital receberia, acho, algo entre 25 e 30 mil dólares. Então havia um grande incentivo para os hospitais classificarem tudo como morte por Covid (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).¹⁴⁹

Aí muita gente morrendo, que eles também estavam ganhando 18.000 por morte, que eu sei, os médicos. Estavam todo mundo comprando bens. Tinha um cara [médico] que morava no meu prédio que não tinha nada, aí de repente começou a comprar trem e de repente mudou dali. Ele estava muito bem de vida. Então era por morte que você ganhava 18.000 (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

Outro processo que parece ter sido uma brecha à atuação de lideranças políticas agnotológicas é o da habituação. Seja por cansaço das restrições com duração imprevisível, seja por uma dessensibilização diante da frequência de notícias ruins, houve relatos de entrevistados que se acostumaram com a pandemia e relaxaram as medidas de proteção – ao menos até que uma nova infecção ou morte de pessoa próxima trouxesse o susto.

Outra forma pela qual as experiências imediatas demonstraram influência sobre as percepções foi através dos episódios de Covid-19 sem gravidade. Passar pela contaminação apenas com sintomas leves, bem como observar os amigos com a doença sem enfrentarem dificuldades, levou a uma menor preocupação com a pandemia e, em alguns casos, até mesmo ao questionamento de sua veracidade. Sob a mesma lógica, amigos e conhecidos que tiveram sintomas severos de Covid-19 após terem tomado várias doses da vacina também foram utilizados como evidência da suposta ineficácia dos imunizantes.

E quando eu testei positivo, eu não tive nenhum sintoma disso. Não tinha nenhum sintoma, né? E algumas pessoas do meu convívio também tiveram pouquíssimos sintomas, então a gente ficou naquela coisa: Será que realmente... será que é verdade mesmo? Então, assim, eu relaxei (Entrevistado 22, homem, 45 anos).

Mas depois eu sei lá, eu acho que o tempo vai passando e tu vai ficando meio... vai esquecendo algumas coisas, vai esquecendo os perigos e acaba saindo. Aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, sai tiroteio toda hora e em qualquer lugar, então eu já ando e passo pelo tiroteio, escuto um barulho, falo assim "ih, é tiroteio", mas eu continuo sem nem pensar "opa, é tiroteio, vou voltar pra dentro de casa, não vou sair de casa hoje, não". O pessoal acostuma com tudo. E assim eu acho que me acostumei também com a Covid (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

¹⁴⁹ No original: "If the hospital could mark that as a Covid death, the hospital would get, I think, anywhere between 25 and \$30,000. So there was a huge incentive for hospitals to label everything as a Covid death" (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

Agora que ele viu todas as coisas que se confirmaram e nossa filha tendo Covid duas vezes, de forma bem grave, e ela, sabe, com três doses de reforço. Sim. Ele [o marido dela] ficou tipo: o quê? O que isso fez por ela? (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).¹⁵⁰

6.13. O conforto da certeza

“Se alguma coisa for matar mais de 10 milhões de pessoas nas próximas décadas, é mais provável que seja um vírus altamente infeccioso do que uma guerra”. Esta frase foi dita por Bill Gates em uma palestra do Ted Talks, realizada em março de 2015¹⁵¹. Ele prossegue com explicações que soam razoáveis: enquanto se investe muito em armamentos e em sistemas de detenção de guerras nucleares, poucos recursos e atenção têm sido dados às estratégias para evitar pandemias. Portanto, conclui Gates, não estamos prontos para a próxima pandemia. O famoso personagem de algumas teorias da conspiração¹⁵² prossegue a apresentação com algumas lições da epidemia de Ebola e medidas que, segundo ele, eram necessárias previamente à próxima crise sanitária global.

O que para muitos pode parecer uma predição baseada em evidências representou, para uma das pessoas entrevistadas, a confirmação de que a pandemia era parte de uma conspiração global para controlar ou eliminar parte da população. Enquanto todos os demais entrevistados reportaram medo, suas certezas prévias fizeram com que ela não se sentisse surpresa, alarmada nem preocupada (ou, talvez, ela tenha encontrado conforto na confirmação, de acordo com seu enquadramento da situação, de uma conspiração na qual acreditava há anos).

Eu já sabia que aquilo tudo era mentira. Porque eu assistia muito Ted e eu assisti uma palestra do Bill Gates, ele falando que ia ter uma pandemia em 2015, ele falando que ia ter uma pandemia muito próximo e que ia matar muita gente, que não sei o que... 2017 ou 2015. E eu assistia muito TED, então eu sabia que ia ter alguma coisa que eles estavam planejando. Ele falou abertamente. Você acha até o Ted aí se quiser ouvir a palestra dele nessa época. E eu sabia que eles estavam planejando alguma coisa, porque eu ouvia muita conspiração no mundo todo, que eu assistia muito política e muito sobre política, sobre conspiração (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

¹⁵⁰ No original: “Now that he's seen all the stuff that's come true and our daughter having Covid twice really bad and she's, you know, three boosters. Yeah. He [her husband] was just like, what? What did that do for her?” (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

¹⁵¹ “The next outbreak? We are not ready – Bill Gates – TED”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Af6b_wyiwI>. Acesso em: 13 ago. 2024.

¹⁵² “Coronavírus: como Bill Gates virou alvo de teorias da conspiração sobre a pandemia”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52951764>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

Outro entrevistado reportou que sentiu preocupação com a pandemia apenas num primeiro momento. Isso porque, assim que começou a pesquisar e analisar os dados, descobriu que o coronavírus não existia. É importante ressaltar que este participante trabalha em hospitais, se identifica como cientista e emprega explicações que demonstram familiaridade com o método científico. Ele utiliza sua expertise para ressignificar várias de suas experiências, como abordaremos mais à frente.

Não havia doença. Não havia excesso de mortes. Você pode olhar os dados oficiais, mas não há necessidade de fazer isso. Dá para, basicamente, racionalizar quando você vê o que está acontecendo. Então não havia nada ali, mas eu estava... eu... estava meio alerta. Eu, sabe, estava preocupado. Então passei a investigar cada vez mais. E quanto mais eu investigava, mais eu via que não havia pandemia (Entrevistado 25, homem, 60 anos).¹⁵³

6.14. Teorias da conspiração: as “intenções nefastas” dos poderosos por trás da pandemia

Quando a realidade imediata não faz muito sentido e os noticiários não apresentam as respostas desejadas, outras fontes de informação – dos grupos de WhatsApp aos vizinhos, amigos, familiares e conhecidos – podem ser necessárias na busca “pela verdade”. Mais reconfortante do que acreditar que ainda não haja respostas sobre como resolver uma situação tão grave quanto uma pandemia é pensar que alguns sabem a resposta e ainda não nos contaram. Aderir a teorias da conspiração, portanto, oferece o conforto das certezas, além da sensação de pertencimento ao seletto grupo daqueles que conhecem a verdade. Um elemento comum das definições de teorias da conspiração é, portanto, “[...] a crença de que atores, geralmente mais poderosos que o cidadão comum, estão envolvidos em atividades abrangentes e contidas em uma "caixa-preta", por meio das quais os indivíduos podem atribuir uma explicação insidiosa para um evento confuso” (Miller et al., 2016, p. 825).

Nas entrevistas com indivíduos consistentemente negacionistas, foram recorrentes as menções a “eles”, aos “poderosos”, a grupos que queriam controlar psicologicamente a população mundial e, para alguns, eliminar parte da humanidade. A prontidão para fornecer respostas que trouxessem explicações e conectassem acontecimentos aleatórios era uma das

¹⁵³ No original: “There was no disease. There were no excess deaths. You can look at the official data, but there's no need to look at that. You can pretty much rationalize it when you see what's happening. So there was nothing there, but I was I... was kind of alert. I, you know, was concerned. So I looked into it more and more. And the more I looked into it, the more I saw that there was no pandemic” (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

grandes distinções entre os perfis de entrevistados: para aqueles que não expressavam atitudes negacionistas, algumas perguntas do roteiro sequer faziam sentido. Já entre aqueles aderentes a teorias da conspiração, cada questionamento era encontrado por respostas prontas, elaboradas em minúcias. O entrevistado que negava a existência do coronavírus, por exemplo, ficou feliz por poder explicar todos os pontos que ele havia ligado para chegar a suas conclusões.

Muito mentirosas [as orientações da OMS], coniventes com a conversa da ordem mundial. Mas eu acho que foi uma... Eles arquitetaram as coisas para conseguir o que eles querem. Talvez uma experiência para ver como que a população mundial agiria sendo presa, como que seria se eles pudessem fazer. Eu acho que foi uma experiência para eles estudarem como privar a liberdade das pessoas num momento próximo, uma experiência para ver como é que funciona, o que daria, como que as pessoas reagiriam. Entrevistadora: Quando você fala que "eles arquitetaram"; quem seriam eles?

Existem várias famílias que dominam o mundo: Rockefeller... Eu acredito nessa manipulação de massa aí, os ricos, milionários. Tem o Soros, que ele deu muito dinheiro para eleger o Biden. E assim, essas famílias milionárias do mundo que querem dominar o mundo igual aqueles desenhos. Eu acho que a arte realmente imita a vida. Então, assim, eu não sei quem, mas existe na minha, no meu entendimento, pessoas que querem... Porque antes você conseguia dominar uma cidade, você conseguia dominar um bairro. Hoje, com a internet, com a tecnologia que nós temos, é possível, quando você tem muito poder, é possível dominar o mundo. Então, são as experiências que esse pessoal está fazendo para ver como é que funciona. Porque eu acho que esse dia ainda vai chegar (Entrevistada 23, mulher, 50 anos).

Você quer nomes para eles, certo? Ninguém sabe quem essas pessoas são. E não são os Rockefeller ou os Warburg. E não são... não são o Bill Gates. Esses são apenas pessoas ricas. World Economic Forum, sabe. Então são apenas pessoas diferentes; por mais que a gente ache que são grandes, não são. Dinheiro não é a questão aqui porque, sabe, bancos centrais podem imprimir o quanto quiserem. Então dinheiro não é a questão [...]. Eles dizem, sabe, que há pessoas "burras". "Vamos matá-las todas." Ou, sabe, coisas como "pessoas negras são estúpidas" ou... eles tinham seus próprios vieses assim no começo, mas agora se tornaram mais sofisticados [...]. Esses eugenistas - veja, a agenda deles é basicamente... Eles querem reduzir a população mundial por quaisquer que sejam as justificativas que considerem corretas. O importante é que não estão com boas intenções. E então o que importa é: o que vamos fazer a respeito? (Entrevistado 25, homem, 60 anos).¹⁵⁴

I feel like you think I'm a conspiracy theorist. Where if I had spoken like this to you maybe a year ago, without knowing as much as I know, as far as proof, right now, I would have probably looked at myself the same way I at me the same way. But now I can back things up with truth. Just like President Biden saying to the American people, if you get one vaccine, you are not going to get Covid, you are not going to die, you're not going to spread it. And people just lined up and got a experimental vaccine that

¹⁵⁴ No original: "You want names for them, right? Nobody knows who these people are. And they're not Rockefellers or Warburgs. And they're not those.. they're not Bill Gates. Those are only rich people. World Economic Forum, you know. So those are just different people; as much as we think they're big, but they're not. Money is not the issue here because, you know, Central Bank can print as much money. So money is not the issue [...]. They say, you know, there are dumb people. Let's kill them all. Or, you know, like, black people are stupid or, you know, they had they have their own biases, like that at the beginning, but now they become more sophisticated [...]. These eugenicists, look, their agenda is pretty much... They want to reduce the world population for whatever, the right rationales. What's important is that they're up to no good. And then what's important is: what are we going to do about it?" (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

could have killed them or have, you know, ramifications (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

Tinha um médico muito bom lá no hospital, que me orientou. "Toma isso aqui, e tal". Depois, quando eu falei que eu tinha sintoma de novo, ele falou "cuidado, se falar que está tendo sintoma de novo, eles vão começar a perseguir você". Eu nem falei mais nada, "devo ter uma gripe, outra coisa". Então você pode falar aí, mas assim, eu SEI que muitos médicos receberam para matar muitos pacientes naquela época. Eu sei. Tenho certeza disso (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

Então, depois eu fui achando que... sei lá, mas eu acho que isso aí é tudo uma mentira só para manipular o povo. Não que não tivesse a doença. Mas eu acho que deram muito mais ênfase nisso aí do que realmente tinha. Porque é o seguinte: a doença existiu? Sim, lógico. Eu tive a doença, os sintomas e tudo, mas eles estavam fazendo muita propaganda disso. Eles estavam fazendo muita propaganda disso, fazendo muito terror com isso. Estavam manipulando mesmo a população com isso, trazendo o medo, trazendo pânico [...]. Quem politizou [a pandemia]? primeiro a OMS. Tem uma cúpula aí que eu não sei quem faz parte disso, não, mas que foi assim um complô, lá dos poderosos, creio que foi isso (Entrevistada 4, mulher, 53 anos).

Eu acho que isso foi o interesse de algumas entidades mundiais para não sei o objetivo, ainda mais talvez tornar um dos países um pouco mais dependente da vontade deles, entende? (Entrevistado 10, homem, 75 anos).

O motivo, na nossa opinião, é conduzir o povo. O povo sendo conduzido do jeito que eu quero, que o governo quer, do jeito que algo maior quer, é mais fácil. "Eles vão fazer o que a gente quer" Aí vai ser tudo mais fácil pra quem domina (Entrevistada 2, mulher, 45 anos).

No início eu fiquei assim: "Cara, como é que eles vão fazer para anunciar isso em rede, para que todo mundo aceite? No meio: "Cara, como é que eles estão fazendo tanta gente idiota acreditar nisso?" Depois eu falei assim: "Gente, como é que eles estão tentando matar a humanidade?" Três momentos diferentes [...]. Quem criou isso foi o sistema que planejaram tudo isso lá na China, junto com o pessoal do Fauci, Soros. Na Itália, por exemplo, tinha muita gente... O negócio é o seguinte: eu já trabalhei no Rio com negócio de herança e eu vi muito a o exagero de imposto e vi muita gente velha nos apartamentos. Todo um complô de política, de condomínio com advogado, com o cartório que você não acredita. Aquilo tudo é um antro. Então eu comecei a ver que eles tinham interesse de matar os velhos. E estava numa época em que eu estava no Rio. Eles estavam incentivando usucapião. Como é que eles iam fazer? Como entrar na casa. Então eu vi a Itália, eles fazendo aquilo tudo para os velhos morrerem. Tinha maior índice de velhos para poder tomar posse das coisas, então era uma maneira muito assim de extermínio. Mata velho, mata criança. Então realmente morreu muita gente? Morreu nem tanta, porque tinham comorbidades que pioraram por causa do quadro da gripe, que não tinha como resolver as duas coisas juntas (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

6.15. Efeitos das vacinas

Explicações conspiratórias sobre um tema específicos foram frequentes: os efeitos das vacinas contra Covid-19. A entrevistada 16, por exemplo, ficou feliz por saber de antemão da existência do grafeno nos imunizantes, para monitorar os vacinados. Ela acreditava que era melhor nem disseminar essa informação, para não alarmar aqueles que já haviam recebido

várias doses. Para explicar a teoria de que vacinas (e não o vírus) matavam inúmeras, mas não todas as pessoas que as tomavam, os entrevistados 25 e 26 argumentavam que uma parte dos imunizantes era placebo e a outra parcela, sim, seria a substância mortífera.

Ah, outra coisa, tem outra coisa que eu já sabia: na vacina... Naquele período, um pouco antes, mais ou menos uns dois anos antes, eles descobriram o grafeno. O grafeno é muito invisível aos olhos nus, mas ele é potente em termos de atração. Então, eles usaram nessa vacina o grafeno. Então o grafeno vai conseguir fazer com que as pessoas sejam monitoradas. A verdade é essa: monitoradas no futuro. É por isso que eu também não tomei, porque eu sabia, tinha ciência dessa informação (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

perdi meu pai por causa da vacina. Mas eu vou te contar uma coisa. Ontem eu estava conversando, anteontem, conversando com uma amiga. Ela enterrou cinco pessoas de uma vez. Essa semana, em coisa de dois dias. Ela falou assim: "Falaram que três anos depois da vacina ia morrer muita gente. Eu já estou começando ver a olhos nus as pessoas morrendo". E é coisa assim, sem explicação (Entrevistada 17, mulher, 64 anos).

A propósito, se você olhar os números que estão apresentando... porque há dados, mas não houve excesso de mortes. As mortes reais, de fato, estariam vindo dessas injeções agora. É tóxico, e nem todas são letais, porque se cada injeção matasse todo mundo... eles chamam de vacina. Mas, por definição, vacina não é isso - pela própria definição, eles estariam injetando um vírus em você (Entrevistado 25, homem, 60 anos).¹⁵⁵

Conheci um cara numa loja de fantasias e ele está na chamada "dark web". Eu nem saberia como acessar isso. Mas ele é da área de tecnologia. Pode ser uma possível teoria da conspiração, mas, quanto mais ele me explicava, eu pensava: isso faz sentido. Então por que tantas pessoas tiveram reações tão ruins? Jamie Foxx, cego de um olho. Coágulos sanguíneos, jogadores de futebol simplesmente morrendo por causa disso, ou ataques cardíacos, ou pessoas caindo ao redor de outras, sabe, efeitos colaterais? Sem problema, ele disse. Na chamada "dark web", estariam dizendo que mais da metade era placebo. E o restante seria o verdadeiro RNA com proteína spike, o que meio que fez sentido para mim (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).¹⁵⁶

¹⁵⁵ No original: "By the way, if you look at the numbers they are putting in for the. Because because there's data but there's no there were no excess deaths. But the real real deaths are coming from these injection now. It is toxic and they're not all killers because if they killed everybody every injection... they call them vaccine. But, by definition, vaccine is not by their own definition, they're injecting virus into you" (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

¹⁵⁶ No original: "I met a guy at costumes and he's on the dark web. I wouldn't even know how to get in the dark web. But he's a tech guy. This could be a potential conspiracy, but the more he told me about this, I'm like. That makes sense. So why did so many people have such a terrible reaction? Jamie Fox, blind in one eye. Blood clots or football players just dying about it? Or heart attack or dropping around another people like, you know, side effects? No problem, he said. On the dark web, they were saying that more than half was placebo. And the other was the actual, RNA spike protein, which kind of made sense to me" (Entrevistada 26, mulher, 60 anos).

6.16. Negações e o paradoxo do “saber/não-saber”:

No capítulo 2, apresentamos a tipologia de Cohen (2001) a que recorreremos, nesta seção, para nortear a análise das entrevistas, especificamente no que concerne às expressões verbais de negação da realidade pandêmica. Cabe salientar que os tipos de negação não são mutuamente excludentes e, portanto, um mesmo entrevistado poderia manifestar crenças negacionistas dos três tipos: factual, interpretativa e implicatória. A propósito das negações que serão detalhadas em seguida, deve-se assinalar que, neste capítulo, na seção sobre “o conforto da certeza”, foram antecipados alguns exemplos de negação, relacionados aos sentimentos das pessoas ao longo da pandemia.

O fio condutor de todas as classificações de negação está fundamentado no paradoxo do “saber-não saber” (Cohen, 2001). Ao mesmo tempo em que diferentes dimensões da realidade pandêmica eram negadas, a própria ocorrência da negação era o elo com o que se pretendia refutar. Em outras palavras, está implícito, na construção dos argumentos negacionistas¹⁵⁷ da pandemia, o reconhecimento de que a existência, as interpretações socialmente partilhadas e as implicações práticas da realidade estavam em disputa.

6.16.1. Negação factual

A negação factual foi avaliada, na codificação do material, a partir de três aspectos: negar a existência do vírus; duvidar do número de mortes por Covid-19, recorrendo a justificativas improcedentes para justificar; e acreditar que a pandemia começou pelo vazamento do vírus de laboratório. Deve-se salientar que expressar dúvidas e incluir justificativas e fontes plausíveis para embasar o ceticismo não fez com que classificássemos um excerto como exemplo de negação. O foco não está exatamente nos acontecimentos negados, mas na convicção expressa quanto à versão alternativa apresentada pelo entrevistado. Por exemplo: uma pessoa dizer que tem dúvidas quanto à origem do vírus, porque já ouviu várias versões e nenhuma delas pareceu definitiva não é negação factual; responder que não sabe, porque não se informou a respeito, tampouco. Por outro lado, afirmar categoricamente

¹⁵⁷ Optamos por chamar as atitudes ora apresentadas de “negacionistas” e não de “negadoras”, uma vez que, geralmente, os argumentos a que os indivíduos recorrem para embasar a negação são ofertados por elites políticas, líderes de opinião e outras fontes de confiança dos indivíduos. Para compreender as distinções conceituais e a dimensão social do negacionismo, ver capítulo 2.

que o vírus foi concebido e vazado intencionalmente para dizimar parte da população, ou mesmo ter convicção do vazamento accidental, são exemplos do que consideramos negação factual. O entrevistado 25, dos Estados Unidos, foi o negador factual por excelência: ele não acredita na existência do vírus e apresenta “evidências” oriundas de sua percepção no hospital em que trabalhava. A este respeito, é interessante notar como alguns argumentos para apoiar as negações não respeitam fronteiras: dois exemplos são este de hospitais vazios durante a pandemia e o de que hospitais e prefeituras receberiam um determinado recurso a cada óbito registrado por Covid-19. No Brasil, houve episódios em que, instados pelo presidente a acreditar que a proporção da pandemia era uma “farsa”, apoiadores de Bolsonaro chegaram a invadir hospitais, para mostrar que estariam vazios¹⁵⁸.

Os hospitais estavam vazios. Não havia Covid, não havia doença, nada. Porque eu trabalhava em um hospital. E eles montaram estruturas externas. Estavam vazias, os prontos-socorros estavam vazios. Eles fecharam - fecharam alas e colocaram todo mundo na UTI. Criaram a aparência de estarem cheios, sobrecarregados, mas não tinham tantas pessoas assim porque, sabe, tiveram que dispensá-las (Entrevistado 25, homem, 60 anos).¹⁵⁹

Quanto às certezas relacionadas à origem do vírus, é importante salientar que não há consenso sobre a origem do SARS-CoV-2¹⁶⁰¹⁶¹, e o que se pretende, aqui, não é encontrar a resposta para isso. Como dito, a análise não objetiva enfocar os conteúdos em disputa, mas as certezas dos indivíduos a respeito de tópicos sobre os quais o debate está em aberto. Em outras palavras, sobre assuntos que geram dúvidas, procuramos as certezas.

Foi intencional, não foi accidental. Isso já estava previsto pelas organizações que dominam esse setor, indiscutivelmente bem. Isso começou na China porque a China está querendo dominar o mundo sutilmente (Entrevistado 10, homem, 75 anos).

Eu acredito, sim, que foi elaborado por alguém de forma intencional, sabe, assim... Sou leigo, como eu disse no início, mas eu acredito que foi algo criado pelo homem e

¹⁵⁸ “Ele está incentivando a baderna: o desabafo de enfermeira após Bolsonaro pedir que seguidores invadam hospitais”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53030520>>. Acesso em: 02 set. 2024.

¹⁵⁹ No original: “The hospitals were empty. There was no Covid, there was no disease, nothing. Because I worked at a hospital. And they put shelters outside. They were empty, emergency rooms were empty. They closed down. closed on wards, and they put everybody in ICU. They showed the appearance of being full, overwhelmed and full, but they didn't have that many people because they, you know, had to let them go” (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

¹⁶⁰ “Why the Pandemic Probably Started in a Lab, in 5 Key Points”. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2024/06/03/opinion/covid-lab-leak.html>>. Acesso em: 02 set. 2024.

¹⁶¹ “New studies agree that animals sold at Wuhan market are most likely what started Covid-19 pandemic | CNN”. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/search/research-news/16860/>>. Acesso em: 02 set. 2024.

que foi intencional, [com intenção] acho que de erradicação mesmo da raça humana, mesmo. A informação [inicial] que eu obtive foi que o vírus nasceu na China e tal, e vazou de forma não intencional, né? Mas o que eu estou querendo dizer desse vírus nascer de forma intencional, é que os nossos recursos hoje, os recursos para a humanidade no geral, eles já estão bem escassos, sabe? Então eu penso mais nesse sentido, né? Eu falo pela questão da cultura, de onde foi gerado o vírus, sabe? Talvez a intenção deles ali era algo para eles, ali sabe, Mas que de repente saiu de controle e aí se alastrou pro mundo inteiro (Entrevistado 22, homem, 45 anos).

Eu acredito que foi intencional. E pelo laboratório mesmo lá na China, acredito que sim. Acredito que foi intencional, para redução da população mundial (Entrevistado 12, homem, 57 anos).

Por fim, no que concerne às crenças sobre os números de óbitos em decorrência da Covid-19, é preciso distinguir, novamente, opiniões hesitantes (sejam quais forem) de afirmações categóricas. Mas, antes dos trechos que demonstram essa vertente da negação factual, cabem dois exemplos de respostas que não se encaixam nesta classificação de negação factual. A entrevistada 5 afirma: “Não sei, eu não tenho uma opinião, porque eu não prestava atenção nessas notícias. Sei que teve muita gente infectada, mas eu não sei falar se o número de mortes tava certo. Não consigo citar”. Por sua vez, a entrevistada 8 acredita que “foram maiores [os números de mortes no Brasil]. Talvez para não causar mais pânico na população. Tanto que a mídia, para ter acesso às informações, ela buscou aquele consórcio”. Esta entrevistada faz referência ao consórcio de veículos de comunicação que buscou sanar a ausência de dados de casos e óbitos por parte do governo Bolsonaro em um período da pandemia. De fato, em virtude da escassez de testes, não é descolado da realidade o argumento de que, possivelmente, os números foram maiores do que os registrados oficialmente.

Isso posto, os excertos apresentados a seguir tratam dos entrevistados que não somente duvidam dos quantitativos de mortes divulgados nos noticiários, mas apresentam justificativas inconsistentes ou extrapolações a partir de percepções sobre situações pessoais.

Eu ouvi. Não vou falar que eu comprovei. Realmente não posso comprovar. Era interesse da imprensa que todas as mortes que acontecessem fossem jogadas na conta da Covid. Não tenho como comprovar, então não tenho como falar. Mas para mim... você ouviu falar que houve outras mortes de outras coisas que no período da Covid? Você viu alguém morrer do coração? Você viu alguém morrer de Aids? Eu não ouvi ninguém morrer disso. Todo mundo que foi enterrado foi enterrado em silêncio e de Covid (Entrevistado 3, homem, 65 anos).

Ah, eu acho que eles aumentaram muito o número [de mortes]. Assim, eles aumentaram não, os laudos foram muito inchados por Covid, porque pessoas morriam de outra coisa. E eles falavam o tempo inteiro disso. O tempo inteiro foi aumentado muito [...]. Acho errado isso, muito errado, coisa que não tinha nada a ver. Ouvi notícias, vi pessoas falando, pessoas que tinham problemas lá, câncer e pôs Covid [no

atestado de óbito]. Morreu atropelado e pôs Covid. Não foi uma nem duas, não. Foram várias (Entrevistada 4, mulher, 53 anos).

Isso eu sei. Negócio é o seguinte todo mundo tinha que morrer de Covid, não podia morrer de outra causa. Nessa época ninguém morreu de dengue. Ninguém morreu, ninguém fala, ninguém morreu de acidente de carro nem nada. Era tudo, era número que eu acho que a ciência não poderia ter deixado isso passar. É muito negligente. Não, foi muito intencional para o lado que tinha que fazer pânico nas pessoas, entendeu? (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

[Os números de mortos eram] menores. Porque aí já começou a vaziar: Gente caiu da escada, deram o teste, deram o teste de Covid e a família não podia chegar perto. Gente que infartou era Covid, pneumonia era Covid. Tudo era Covid, porque os médicos recebiam mesmo por morte. (Entrevistada 17, mulher, 64 anos).

Foi para ficar essa imagem: "Ele é genocida". Que história é essa de genocida? O cara tentou salvar vida... e assim, a pessoa caía de tombo, de escada, a rede social mostrava, ia lá atrás: "de que seu pai morreu? - Caiu da escada", e eles puseram que foi Covid. Então, naquele número de mortes, acredito que morreu umas 100.000 pessoas, não mais que isso (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

É importante destacar, como se observa no último excerto acima, que alguns entrevistados conseguiam fornecer estimativas das quantidades de mortes que eles acreditavam ter sido decorrentes do coronavírus. Suas fontes eram, quando não a experiência com algum amigo falecido cuja morte eles não atribuíam à Covid-19 (mas cujo atestado de óbito traria essa causa da morte), conteúdos recebidos pelas redes sociais ou matérias oriundas de fontes alternativas à mídia tradicional.

6.16.2. Negação interpretativa

Para a classificação de respostas como instâncias de negação interpretativa, optamos por verificar eventuais mudanças de opinião em direção a interpretações negacionistas da realidade pandêmica e no sentido de apoiar as gestões que, conforme abordado no capítulo 1, minimizaram a gravidade da crise. Além disso, foram codificadas as opiniões atuais sobre vacinas; as percepções de que a pandemia “não era tudo aquilo que falavam”; a persistência do apoio a Bolsonaro na eleição de 2022; e o alinhamento aos argumentos que contrapunham saúde e economia e pregavam o “isolamento vertical”. Quando se argumenta, por exemplo, que as pessoas com diagnóstico ou com sintomas de Covid-19 deveriam ficar em casa, omite-se o fato de que a enfermidade é transmitida, inclusive, por pessoas assintomáticas. Especificamente sobre a persistência do apoio a Bolsonaro, na eleição de 2022, alguns argumentos já foram

apresentados na seção sobre atribuição de responsabilidades, motivo pelo qual os excertos não serão repetidos aqui (embora se enquadrem na negação interpretativa).

Eu acho que deveria ter alguns cuidados, sim. Aquelas pessoas que estavam com problema, aí sim estavam sendo cuidadas e tal e não iam sair. Por exemplo, se a pessoa soubesse que estava tossindo ou não sabia do que é que se tratava, era melhor ficar em casa, mas muita gente não estava sentindo nada (Entrevistada 1, mulher, 74 anos).

Mas a imprensa hoje nem divulga mais nem os dados de quem morreu, quem que não morreu. Então, assim, sabe, a minha percepção hoje é: “Será que realmente foi real? Foi verdadeira? Até que ponto tudo que nós vivenciamos foi verdadeiro, foi real, sabe? Então, assim, mudou muito, mudou completamente [a opinião sobre a pandemia] (Entrevistado 22, homem, 45 anos).

Eu acho que o Jair, na tomada de decisões, ele foi certo. Eu acho que ele teve atitudes corretas em proteger a vacina, em ouvir uma parte da classe médica que tinha alguma certa experiência já de outras doenças, outras situações inesperadas também, que trouxeram aquele tratamento que não era um tratamento comprovado, mas é um tratamento que a gente conversando com outras pessoas, inclusive eu fiz esse tratamento que trouxe resultado para as pessoas. Mas eu acho que no diálogo, por ele ser uma pessoa mais temperamental, uma pessoa mais emocional, eu acho que ele errou em algumas falas, e isso mexeu com muita gente que até naquela época até apoiava ele e ele acabou perdendo até um pouco assim de popularidade nesse sentido nesse período, né? Mas eu acho que as atitudes dele foram corretas, que se talvez tivesse um outro governante que não tivesse essa experiência, que ele tinha, que era uma experiência militar, pela formação dele como militar, eu acho que poderia ter sido pior economicamente. O Brasil poderia estar passando por períodos piores [...]. Ele acelerou o processo da vacina. Ele não se comunicou da forma correta naquele momento. E isso eu acho que também pode ser justificável, porque ele também estava com uma pressão muito grande, uma bomba muito grande na mão dele, sem saber o que ele fazia. Então eu acho que o governo dele foi um governo assim muito turbulento, para poder a gente poder avaliar, poder analisar de forma mais coesa (Entrevistado 19, homem, 39 anos).

A respeito do voto em Bolsonaro em 2022, é interessante pontuar que o entrevistado 6 – médico com avaliações consistentemente críticas à gestão da pandemia pelo presidente agnotológico, defensor das medidas pautadas em evidências científicas, bem informado sobre os acontecimentos do período, crítico da desinformação e confusão induzidas pelo então presidente – repetiu seu voto de 2018 em Bolsonaro. A justificativa parece estar nas duras críticas à política econômica do atual presidente Lula. A mesma situação ocorreu com o entrevistado 24, que havia sido ainda mais enfático nas críticas a Bolsonaro pela condução desastrosa da pandemia e, apesar disso, votou nele em 2022. Neste caso, o motivo está no âmbito moral: segundo ele, políticos do PT apregoam que “todo mundo tem que ser bicha, todo mundo tem que ser homossexual, você não pode ser hétero”. Esses achados retratam a complexidade das atitudes dos indivíduos e comprovam a relevância da abordagem qualitativa

para uma compreensão das nuances do comportamento político. Ademais, eles contribuem para reforçarmos que o objetivo do estudo não é rotular pessoas como “negacionistas” ou “não-negacionistas”. O foco esteve nas atitudes, nas interpretações de mundo, nas racionalizações, nas motivações e nas possíveis fontes (com destaque para as elites enquanto provedoras de enquadramentos). E é por esse motivo que não há uma coluna, no quadro de apresentação do perfil dos entrevistados no início do capítulo, em que eles sejam classificados desse modo reducionista.

6.16.3. Negação implicatória

A negação implicatória é aquela relativa ao nosso papel em um determinado contexto. Neste trabalho, buscou-se identificar se o “e daí?”¹⁶², proferido por Bolsonaro em determinado momento da pandemia, foi reproduzido nas condutas pessoais e nas opiniões de alguns entrevistados. A codificação inclui momentos em que os entrevistados tenham manifestado que desrespeitavam recomendações de especialistas para evitar a disseminação do vírus, numa demonstração de incompreensão quanto ao papel de cada um para conter (ou espalhar) o vírus. Há, ainda, exemplos de “negociações” com as regras em vigor, como se fosse possível negociar com o vírus. Por fim, a classificação na negação implicatória abrange aqueles que consideram que sua liberdade foi atacada durante a pandemia e que isso não ocorreu por um bem maior.

Indiscutivelmente, só de proibir de fazer isso ou fazer aquilo, claro que minha liberdade foi atacada. Me obrigar a fazer coisa que eu não queria. Isso é realmente uma agressão fantástica. Fazer isso, fecharem o comércio dele por causa da pandemia [...]. As restrições não eram para o bem maior, isso não era mesmo. Mas era uma desculpa para trazer o povo no cabresto, realmente era isso (Entrevistado 10, homem, 75 anos).

Foi. Minha liberdade foi [atacada] porque começou com poucas coisas, mas a gente recebia crítica com questão do remédio que a gente tomava. E a gente não podia andar, não podia sair, não podia frequentar os ambientes que a gente frequentava. Então a gente foi tolhido, sem liberdades [...]. Não era para o bem maior. Não era, porque o bem maior era você poder respirar o ar puro, fazer exercício, caminhar e se relacionar, e os doentes ficarem em casa cuidados e tal. Isso é que era um bem maior (Entrevistada 1, mulher, 74 anos).

Eu não usava a máscara. Eu punha, mas eu não punha no nariz. Eu tenho um pouco de claustrofobia. Então eu tentava não usar e uma vez eu tive confronto com um policial. Eu estava na plataforma do metrô, não tinha ninguém na plataforma, só eu, e

¹⁶² “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; ‘Sou Messias, mas não faço milagre’. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 02 set. 2024.

eu subi a escada. Eu estava cansada e ele estava no final da escada e ele veio com toda grosseria falar que eu tinha que usar máscara. Eu falei “eu vou usar, mas eu estou esperando eu melhorar”, porque aquilo me fazia mal. E ele me ameaçou e ficou lá batendo boca comigo. Não, eu não queria confrontar ninguém, porque todo mundo estava nessa envolvido, eram funcionários e eles tinham que prestar conta e tal. Então assim, eu tentava, como boa brasileira, ir contornando a situação. Eu punha só na boca porque eu tinha esse raciocínio: se eu estou com alguma coisa, então eu vou tapar a minha boca. Mas o meu nariz é livre. Se eu pegar alguma coisa, eu sou responsável (Entrevistada 1, mulher, 74 anos).

Eu não fiquei presa um minuto, eu não fiquei limitada a fazer nada, muito pelo contrário, e rodava tudo quanto é lugar. Nunca me preocupei, não tomei vacina, nada [...]. Eu segui vida normal. Eu tinha muita facilidade de ir e vir. Eu não contratar gente para fazer o serviço para mim. Eu ia na fábrica, ninguém estava parado, nada disso. Eu via um mundo completamente diferente (Entrevistada 16, mulher, 63 anos).

Nós recebíamos, fazíamos festas em plena pandemia, fazemos festas em casa sem problema nenhum. Cada um levava algo, a gente oferecia alguma coisinha e pronto. Chegava aquele pessoal lá, conversava, e de todas as pessoas que frequentaram a minha casa, não tive problema nenhum. E eu ia pros botecos clandestinos tomar a minha cervejinha ou a minha cachacinha. Tinha um boteco lá em Santa Cruz, ele era lá no fundão. Lá o pessoal fazia música, fazia isso, fazia aquilo, sem problema nem nada assim (Entrevistado 10, homem, 75 anos).

6.17. Um exemplo de recurso a falsas memórias

Ao longo de mais de cinco décadas de carreira, a psicóloga estadunidense Elizabeth Loftus tem se dedicado a produzir evidências científicas de que nossa memória não é um álbum de retratos da realidade vivida (Loftus e Ketcham, 1996). Permeada por comentários que ouvimos, lembranças contadas por amigos e familiares que integramos e entrelaçamos às nossas próprias, notícias que vemos na TV, livros que lemos, vídeos que vemos em nossas redes sociais, nossa memória pode, também, sofrer a influência de nossas preferências e ideologias. Foi o que, junto a Frenda e outros colegas, Loftus detectou em um experimento (Frenda *et al.*, 2013) no qual demonstraram a possibilidade de implantar falsas memórias de eventos políticos.

A cada participante, eram apresentados registros de quatro eventos políticos, três verdadeiros e um falso. Cerca de metade dos participantes reportaram se lembrar do evento que havia sido inventado pela equipe da pesquisa (ante uma proporção de 82% de lembrança dos eventos verdadeiros). Como fonte para conhecimento do falso evento, 27% dos recrutados para a pesquisa diziam se lembrar de o terem visto nos noticiários (possivelmente essa menção a uma fonte jornalística tenha sido uma tentativa de agregar credibilidade à memória).

Quando avisados de que um dos quatro eventos era falso e instados a descobrir qual, 63% dos participantes acertaram, proporção esta que se reduz para 53% no subgrupo dos que

havam se lembrado do evento falso como tendo, de fato, acontecido. Numa análise estatística dos dados, os autores observaram que duas falsas memórias, que retratavam George W. Bush e Barack Obama em situações desfavoráveis/reprováveis, eram significativamente mais lembradas pelos liberais e conservadores, respectivamente. Os achados apontaram, pois, para a maior propensão a falsas memórias que sejam congruentes com os sistemas de crenças dos indivíduos – isto é, a maior probabilidade de crença em falsas memórias favoráveis aos atores do grupo político de preferência e naquelas desfavoráveis aos membros do grupo adversário. Situações opostas a essas seriam potenciais causadoras de dissonâncias cognitivas – sendo, portanto, evitadas (Festinger, 1957).

O objetivo das entrevistas nesta tese não era implantar nem detectar falsas memórias, até porque isso demanda métodos totalmente distintos. Mas uma das entrevistadas relatou, em uma resposta sobre sua confiança nas urnas eletrônicas, ter passado pela experiência de ver seu voto ter sido registrado para o candidato adversário ao de sua preferência. Quando falamos em teorias da conspiração, é comum ouvir menções a “eles”, que seriam pessoas e corporações sem nome, sem identidade clara, desconhecidas, com muito poder e envolvidas em um complô sobre o qual pouco se sabe. O que se observa nesta entrevista, porém, é diferente; trata-se do relato em primeira pessoa de uma experiência que, factualmente, não tem como ter ocorrido – embora tenha sido relatada em vídeos que circularam em redes sociais em eleições passadas.

Entrevistadora: Você falou que no seu voto, acho que em 2022, você viu que o seu voto não foi contabilizado corretamente. O que aconteceu? Como que foi?

Entrevistada 16: Na hora que você aperta, ele [o voto na urna eletrônica] imediatamente vai para outro número, entendeu? Você aperta, você... como você não tem comprovante nenhum, você aperta 22, mas ele muda o número rapidamente e faz do jeito que ele quer. A máquina é enganosa. Nós saímos de lá, eu e minha amiga, revoltadas, revoltadas. Aí minha aflição ficou grande. Falei assim "Bolsonaro vai perder, misericórdia, vai perder". Porque eles roubaram e roubaram todo mundo! Muita gente reclamou.

Entrevistadora: Você via mudando para o Lula? Como é que era?

Entrevistada 16: Era. O quadro era tão rápido na hora que você aperta que ele não aparecia o nome da pessoa, exato, não. Ele dava assim: "confirmado", ele dava um “tilte” no negócio, entendeu? Então foi muito na cara.

O que se verifica, aqui, não é uma forma distorcida de olhar para um acontecimento, tampouco um relato de “ouvir falar” da experiência de outras pessoas; é uma falsa memória descrita em detalhes e com convicção¹⁶³.

6.18. A coesão dos sistemas de crenças negacionistas – uma expansão para outros temas

Dois temas comuns ao Brasil e aos Estados Unidos, além da gestão que minimizou a seriedade da pandemia de Covid-19, são os questionamentos aos resultados eleitorais das últimas eleições presidenciais e as disputas pelas interpretações das tentativas de golpe. No Brasil, questiona-se as urnas eletrônicas; nos Estados Unidos, o alvo é o voto em papel, especialmente pelos correios. Quanto às tentativas de golpe posteriores às derrotas eleitorais dos candidatos de extrema direita, nos Estados Unidos ela ocorreu em 6 de janeiro de 2021; no Brasil, transcorreram em 8 de janeiro de 2023. Em todos esses episódios, mesclam-se a desconfiança institucional, a negação da realidade, a busca pela imposição da realidade desejada por meios violentos e a posterior minimização de comportamentos criminosos. A expressão “tentativa de golpe” também se coloca em disputa, assim como a atribuição de responsabilidades, a justiça das penalizações e os participantes desses atos.

Eu acredito que isso foi armado, então não acredito nesse processo chamado eleição. É mais como uma seleção. Então ele foi escolhido, e depois o Joe Biden também foi escolhido (Entrevistado 25, homem, 60 anos).¹⁶⁴

Obviamente não [acredita no resultado das eleições de 2022]. Você vê o Nikolas Ferreira como o deputado mais bem eleito do Brasil. Ele é de Minas. E como que Bolsonaro perde [em Minas], sendo que um apoiava o outro? É totalmente falso esse resultado, manipulado. E teve fraude. Eu trabalhei na eleição na minha seção Bolsonaro ganhou e a gente estava até comentando como é que vai ficar, né? [...] Eu sou contra a urna eletrônica. Eu acho que tem que ser voto no papel, porque países de primeiro mundo são assim. Eles não confiam na máquina. Qualquer um pode manipular tudo, entendeu? (Entrevistada 23, mulher, 50 anos).

Sinceramente, não. Porque, do meu círculo, do meu círculo de amizades, a grande maioria das pessoas falavam “eu vou votar no Bolsonaro, vou votar no Bolsonaro,

¹⁶³ Sempre existe a possibilidade da mentira, da simples invenção. Deve-se considerar que esta entrevista foi a única realizada com duas entrevistadas juntas, por solicitação delas (conforme reporte anteriormente). De qualquer maneira, a impressão, pela espontaneidade no relato da falsa memória, é de que a entrevistada realmente acreditava ter visto a mudança de seu voto na urna. A outra entrevistada disse não ter passado por essa experiência, mas não demonstrou surpresa com o relato da amiga e reforçou que sua cunhada também viveu a situação.

¹⁶⁴ No original: “I believe that it was set up so I don't believe in this process called election. It's more like selection. So he was selected and then so was Biden was selected” (Entrevistado 25, homem, 60 anos).

vou votar no Bolsonaro”, e de repente o Lula vai lá e ganha. Sinceramente, me causou estranheza, sabe? (Entrevistado 22, homem, 45 anos).

É assim, inclusive com as urnas. Por que não fazer o voto impresso para confirmar o voto? Não precisa. O custo disso foi falta de credibilidade e eu não acredito em quem não se dispõe a fazer o que está ao seu alcance para provar aquilo que ele afirma, só por afirmar. Por que será que só nós temos urna eletrônica? Por que deixar essa dúvida a essa altura do campeonato desse tanto? (Entrevistada 15, mulher, 63 anos).

Não confio de jeito nenhum. Porque eu acho que Lula não tinha aquele tanto de voto, não. Tanta gente falou que não ia votar nele. Até no Nordeste mesmo, foi manipulado [...]. E na minha opinião, os esquerdistas entraram lá e fizeram aquela baderna [no dia 8 de janeiro]. E aí os bocós que estavam lá, de direita, que quase que eu fui lá, dançaram. (Entrevistada 4, mulher, 53 anos).

Até o tal do golpe. Aquilo lá é gente infiltrada que usou gente bem intencionada. Andei vendo pessoas e acredito que realmente alguns foram... Tem gente que é muito levada e elas foram levadas por ali e chegaram lá. Foram usados por um grupo, um grupo que se infiltrou, que quebrou, que fez, que influenciou e saiu ileso. E essa época, por que eu penso assim? Uê, cadê as Câmeras? Gente, sumirem imagens de um momento desses? Isso é inconcebível para um governo que tem o mínimo de credibilidade (Entrevistada 15, mulher, 63 anos).

E velhinhas com Bíblia? Gente! Cristãos tementes a Deus, manifestando a sua posição em relação ao que estava acontecendo no Brasil, foram presas. Gente morreu lá dentro sem o devido processo legal por problema de saúde, não foi liberado, mas os bandidos estão sendo liberados. Mas os do 8 de janeiro estão sendo massacrados, fuzilados, sem ter a mínima condição de higiene. Isso é sub-humano. A Constituição fala que o tratamento degradante é crime e eles estão fazendo isso com apoio de quem? Do STF. Ditadura. A gente vive numa ditadura (Entrevistada 23, mulher, 50 anos).

A partir dos trechos acima citados, algumas observações são pertinentes: verifica-se a persistência das atitudes e opiniões negacionistas, organizadas de maneira aparentemente coesa, a respeito de diferentes temas. Isso nos remete à conclusão de que esses elementos cognitivos enviesados exercem papel central no sistema de crenças desses indivíduos. Outro aspecto de relevo, conectado ao anterior, relaciona-se aos saberes a que os entrevistados recorreram para embasar seus argumentos. Ao longo das entrevistas, foi frequente que os participantes fizessem referência às áreas de formação para evidenciar sua autoridade ou credibilidade em determinado assunto; as entrevistadas 15 e 23, por exemplo, são graduadas em Direito e submeteram sua expertise a avaliações que, por vezes, se desconectavam ou negavam a realidade. Nosso objetivo era detectar e compreender as negações, o raciocínio motivado, as justificações e as tentativas de responsividade à realidade por parte de indivíduos com escolaridade superior, de modo a vermos em funcionamento a potencial submissão de seu ferramental cognitivo aos vieses afetivos. De modo geral, podemos afirmar que conseguimos, por meio das entrevistas, avançar nessa compreensão.

Neste capítulo, buscamos apresentar uma análise das entrevistas qualitativas a partir de inúmeros eixos temáticos. Tratamos: dos sentimentos e opiniões e suas variações durante a pandemia; das fontes de informação e motivos para confianças e desconfianças; das avaliações das gestões presidenciais que minimizaram a seriedade da crise; das opiniões sobre o “kit Covid”, máscaras e isolamento social, temas bastante mobilizados pelas elites políticas; das opiniões justificadas sobre o papel da ciência na vida das pessoas; das instâncias de raciocínio motivado, negações e recurso a teorias conspiratórias; do papel das experiências imediatas na conformação e reforço atitudinal, mesmo diante de evidências contrárias; da coesão de sistemas de crenças com componentes negacionistas – sendo estes provavelmente centrais, por seu papel estruturante em variados temas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese explorou o fenômeno do negacionismo da pandemia de Covid-19, no Brasil e nos Estados Unidos, a partir de variadas (e complementares) perspectivas e abordagens teóricas. Inicialmente, trouxemos um panorama da crise global de saúde iniciada em 2020 e que se estendeu até 2023. Por meio de fontes jornalísticas e especializadas, buscamos evidenciar os acontecimentos e consensos científicos que se estabeleceram no decorrer da pandemia, bem como as maneiras pelas quais esses fatos e evidências foram distorcidos pelos presidentes que minimizaram a gravidade da crise sanitária, Jair Bolsonaro (Brasil) e Donald Trump (Estados Unidos). A partir de teorias oriundas da Ciência Política, da Psicologia Comportamental e da História das Ciências, abordamos o papel dos presidentes, enquanto elite política, na conformação da opinião pública, na politização da pandemia. Especialmente no caso brasileiro, recorremos a depoimentos da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia (a despeito de seu evidente caráter político), além de evidências apuradas por estudos como o de Ventura *et al.* (2021), para demonstrarmos o caráter intencional do estímulo à disseminação descontrolada do coronavírus, com o objetivo de alcançar a suposta “imunidade de rebanho por contágio”.

As discussões teóricas aportadas a este trabalho perpassaram diferentes áreas de conhecimento, da Epistemologia à História, passando pela Comunicação, Psicologia e Ciência Política. A lógica que norteou o percurso da discussão teórica é a de que, embora a negação seja um fenômeno atitudinal que se manifesta no indivíduo, ela é influenciada por fatores de diferentes níveis. Quem nega não está sozinho, o que conduz à ideia de entrelaçamentos das negações que desemboca no negacionismo enquanto fenômeno de caráter social. Para que os indivíduos negacionistas obtenham informações e se municiem de recursos argumentativos que reduzam eventuais dissonâncias cognitivas e contribuam para o conforto psicológico, as autoridades epistêmicas e os membros dos grupos sociais vistos como líderes de opinião exercem papéis fundamentais. Essa função pode ser pensada a partir de dois eixos: 1. o das autoridades epistêmicas legitimadas entre os negacionistas e cuja expertise é instrumentalizada pelas lideranças agnotológicas, ao mesmo tempo em que se descredibiliza as instâncias tradicionais de acesso a informações e conhecimento; 2. e o de líderes de opinião enquanto “filtros” das informações circulantes no ambiente informacional mais amplo, num processo de comunicação em duas etapas (Lazarsfeld *et al.*, 1948) sujeita ao raciocínio motivado do líder

de opinião. Em outras palavras, a oferta agnotológica e a demanda negacionista se encontram quando temos, de um lado, indivíduos dispostos a acolher informações que confirmem seus vieses e, de outro lado, autoridades políticas e especializadas dispostas a emprestar sua influência ao objetivo de disseminar a dúvida, a incerteza e o ceticismo instrumentalizado. Já no nível dos indivíduos comuns, as negações se encontram, se entrelaçam e reforçam a partir da exposição seletiva, da permanência e reforço das bolhas epistêmicas e do rechaço às dissonâncias a partir de um cardápio informacional ofertado no interior dessas bolhas.

O negacionismo, na origem do termo, se enquadra em um contexto histórico específico, o das tentativas de refutação da ocorrência do Holocausto. Esta tese propôs uma distinção entre o negacionismo estratégico e intencional, equivalendo-o à agnotologia enquanto disseminação deliberada de dúvidas e ignorância por interesses variados, e o negacionismo “ingênuo” enquanto manifestação psicológica diante de uma realidade inconveniente ou brutal (e difícil de enfrentar). A este respeito, o reconhecimento de um fato negado se traduz pelo paradoxo do “saber-não saber” (Cohen, 2001).

Quais eram as realidades que se negava durante a pandemia? Para responder a esta questão, exploramos duas frentes de acesso à realidade pandêmica que extrapolavam a experiência imediata dos indivíduos: as realidades factual e científica. Por meio de uma discussão teórica e aplicada à crise sanitária global, trouxemos reflexões críticas sobre os papéis do jornalismo profissional e da comunidade científica, grupos estes que atuam a partir de critérios estabelecidos no interior dos campos sociais de modo a diferenciá-los da mera opinião. Buscamos, por um lado, evidenciar que esses profissionais não estão imunes a questionamentos, tampouco a falhas. Mas, por outro lado, em ambientes informacionais diversificados e contaminados pela desinformação, não é nada trivial a empreitada de buscar, de maneira metodologicamente orientada e submetida à validação pelas comunidades de pertencimento e ao escrutínio público, acessar fragmentos da realidade e ofertá-los aos públicos não-especializados.

De qualquer maneira, de modo a reforçarmos a necessidade de rigor e de um olhar crítico sobre as fontes de informações tradicionais, empreendemos uma análise de conteúdo de dois noticiários de cada país. O objetivo era verificar se, qualitativamente, para além dos temas na agenda pública, os enquadramentos adotados e as fontes para legitimá-los variaram de um programa para outro. Nossas conclusões apontam para importantes diferenças nas formas como a pandemia foi contada, a depender das fontes jornalísticas de informação. Isso tem sido

bastante estudado em relação às redes sociais online, mas pretendemos evidenciar que, mesmo em veículos de mídia tradicionais, os enquadramentos podem levar a concepções heterogêneas quanto a acontecimentos como a pandemia de Covid-19.

Neste trabalho, trouxemos resultados que, a partir de diversas e complementares abordagens metodológicas, construíram um cenário em que se desenrolou o negacionismo da pandemia. Detectamos, em consonância com inúmeros outros estudos, a influência das predisposições e preferências políticas na conformação das atitudes de minimização de riscos e do sentimento de medo, mesmo quando a pandemia estava em momentos objetivamente difíceis (com picos de casos e de mortes). De fato, preferências partidárias e avaliações dos presidentes que minimizavam a crise moldaram não apenas a forma de se sentir e perceber a crise, mas os comportamentos adotados.

De maneira aprofundada que apenas as entrevistas qualitativas poderiam trazer, exploramos os motivos dos indivíduos com atitudes negacionistas para pensarem e agirem dos modos que atuaram na pandemia, bem como suas formas de fazer sentido do mundo. Encontramos indícios da manifestação de negações de diferentes tipos, além do recurso ao raciocínio motivado e às teorias da conspiração para explicar uma realidade que lhes era desconfortável (novamente a partir do paradoxo do “saber-não saber”). Os entrevistados com atitudes consistentemente negacionistas, sobretudo por terem sido selecionados a partir do recorte de alta escolaridade (que os coloca na posição de sofisticados ou cognitivamente mobilizados), dialogavam com o mundo externo às suas bolhas e, para isso, precisavam de argumentos. Foi nesse lugar, o da argumentação, que buscamos pelos indícios do raciocínio motivado.

É importante esclarecer que, conforme tratamos neste trabalho, principalmente pela perspectiva multinível que o abarca, o enfoque não esteve nos indivíduos negacionistas, mas em suas atitudes. É por esse motivo que não há, na análise das entrevistas qualitativas, uma classificação dos participantes negacionistas versus não negacionistas. Esperamos que a abordagem a partir de diferentes áreas e níveis (do psicológico ao social e histórico) tenha deixado claro que as atitudes negacionistas, embora manifestações de âmbito individual, são compostas por múltiplos fatores. A realidade é muito mais complexa do que os rótulos e dicotomias permitiriam, e é por isso que os entrevistados são vistos a partir de uma complexa rede atitudinal e de nuances, muito mais do que caberia numa “caixa” com grupos estanques. Além disso, o componente da contingência e alguns outros estudos citados na tese nos induzem

a pensar que, diante de circunstâncias que desafiem os elementos cognitivos mais centrais dos nossos sistemas de crenças, eventualmente, qualquer um de nós poderia vir a manifestar atitudes negacionistas.

A não classificação dos entrevistados em negacionistas não quer dizer, no entanto, que não tenhamos avaliado a consistência interna dos sistemas de crenças dos negacionistas – e essa intenção foi mais um motivo para buscarmos pelos entrevistados cognitivamente mobilizados e potencialmente mais competentes para argumentar em favor de seus vieses. Observamos, de fato, a tendência a uma mentalidade negacionista que abrange não apenas a pandemia, mas inclui temas também mobilizados pelas lideranças políticas, como a descrença em resultados eleitorais e a reinterpretação de eventos como as tentativas de golpe que ocorreram nos dois países.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos que opiniões e impressões pessoais não equivalem a fatos nem a evidências científicas, são as crenças, percepções, atitudes e opiniões sobre a pandemia, sua gravidade e melhores formas de lidar com ela que, no fim das contas, confluem para moldar comportamentos e nos orientar no mundo. Uma inquietação inicial, que se tornou questão de pesquisa, era a seguinte: até que ponto se sustenta um comportamento negacionista? A preservação da própria vida e das de pessoas queridas não seria um limite à manifestação comportamental do negacionismo? Se, por um lado, temos uma cobertura vacinal considerável (embora impactada pelas pistas distorcidas emanadas pelos presidentes, como tratamos no capítulo 5), por outro, quando conversamos com indivíduos que manifestaram atitudes e comportamentos negacionistas durante a pandemia, percebemos que o que nos parece evidente e incontestável pode estar sujeito a reinterpretações. Ao pressupormos que a realidade imediata é menos permeável a esses reenquadramentos, nos equivocamos. Por meio das entrevistas qualitativas, restou evidenciado que até mesmo as experiências diretas dos indivíduos, incluindo casos graves de Covid-19 e mortes de familiares, podem ser por eles reenquadradas, seja para não lidar com eventuais dissonâncias cognitivas ou para reduzir o medo e a dor diante de uma realidade brutal e inescapável.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWITZ, A. I.; SAUNDERS, K. L. Is Polarization a Myth? *The Journal of Politics*, v. 70, n. 2, p. 542–555, abr. 2008.
- AJZENMAN, N.; CAVALCANTI, T.; DA MATA, D. More than words: Leaders' speech and risky behavior during a pandemic. *American Economic Journal: Economic Policy*, v. 15, n. 3, p. 351-371, 2023.
- ALESINA, A.; MIANO, A.; STANTCHEVA, S. The polarization of reality. In: *AEA Papers and Proceedings*, v. 110, p. 324-328. Nashville, TN: American Economic Association, maio 2020.
- ANDERSON, E. Epistemic bubbles and authoritarian politics. *Political Epistemology*, p. 11-30, 2021.
- AVILA, A. L. de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. *Revista Brasileira de História*, v. 41, p. 161-184, 2021.
- BARDON, A. The truth about denial: Bias and self-deception in science, politics, and religion. Oxford University Press, 2020.
- BATISTA PEREIRA, F.; NUNES, F. Presidential Influence and Public Opinion During Crises: The Case of COVID-19 in Brazil. *International Journal of Public Opinion Research*, v. 34, n. 2, edac014, 2022.
- BATISTA PEREIRA, F. Sofisticação política e opinião pública no Brasil: revisitando hipóteses clássicas. *Opinião Pública*, v. 19, n. 2, p. 291-319, 2013.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BECKER, H. S. *Evidências: Sobre o bom uso de dados em Ciências Sociais*. São Paulo: Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. Network propaganda: Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics. Oxford University Press, 2018.
- BENNETT, W.; LIVINGSTON, S. *The disinformation age*. Cambridge University Press, 2020.
- BERINSKY, A. J. Assuming the costs of war: Events, elites, and American public support for military conflict. *The Journal of Politics*, v. 69, n. 4, p. 975-997, 2007.
- BERINSKY, A. J. Rumors, truths, and reality: A study of political misinformation. *Unpublished manuscript*, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 2012.
- BISBEE, J.; IN LEE, D. Objective facts and elite cues: partisan responses to covid-19. *The Journal of Politics*, v. 84, n. 3, p. 1278-1291, 2022.
- BISBEE, J.; IN LEE, D. Mobility and Elite Cues: Partisan Responses to Covid-19. *Working in progress*. 30 jul. 2020.
- BLOCK, D. Post-truth and political discourse. Springer, 2018.

BORGES, A.; RENNO, L. Brazilian Response to Covid-19: Polarization and Conflict. In: *COVID-19's Political Challenges in Latin America*. Cham: Springer, 2021. p. 9-22.

BUENO, N.; NUNES, F.; PAVÃO, N. Motivated reasoning without partisanship? Fake news in the 2018 Brazilian Elections. In: *12º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política*. 2020. Anais [...]. Online, 2020.

BURKE, P. *Ignorance: a global history*. Yale University Press, 2023.

CABRAL, S.; ITO, N.; PONGELUPPE, L. The Disastrous Effects of Leaders in Denial: Evidence from the COVID-19 Crisis in Brazil. 2021. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3836147. Acesso em: 30 jul. 2022.

CALVO, E.; VENTURA, T. Will I get COVID-19? Partisanship, Social Media Frames, and Perceptions of Health Risk in Brazil. *Working in progress*. Mai. 2020.

CAMPBELL, A.; CONVERSE, P.; MILLER, W.; STOKES, D. *The American voter*. New York; London: John Wiley, 1960.

CAMUS, A. *A peste*. Tradução de Valerie Rumjanek Chaves. 39ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

CARDOSO, E. W. Em busca da mentira: historiadores contra a falsificação do Holocausto. *Revista Brasileira de História*, v. 41, n. 87, p. 89-110, 2021.

CASE, C.; et al. The effects of source cues and issue frames during COVID-19. *Journal of Experimental Political Science*, v. 9, n. 3, p. 369-378, 2022.

CHONG, D.; DRUCKMAN, J. N. Framing theory. *Annual Review of Political Science*, v. 10, p. 103-126, 2007.

COHEN, S. *States of Denial: Knowing About Atrocities and Suffering*. 2001.

CONTE, R.; SICHMAN, J. S. Multi-agent Systems and Agent-based Simulation: First International Workshop, MABS'98, Paris, France, July 1998: Proceedings. Springer, 1998.

CONVERSE, P. The nature of belief systems in mass publics. In: APTER, D. (Ed.). *Ideology and discontent*. New York: The Free Press of Glencoe, 1964.

COPPOCK, A. *Persuasion in parallel: How information changes minds about politics*. University of Chicago Press, 2023.

CRANO, W.; PRISLIN, R. *Attitudes and attitude change*. New York: Psychology Press, 2008.

DAHLGREN, Peter. Media, knowledge and trust: The deepening epistemic crisis of democracy. *Javnost-The Public*, v. 25, n. 1-2, p. 20-27, 2018.

DALTON, R. J. *Political realignment: Economics, culture, and electoral change*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

DALTON, R. J. Cognitive mobilization and partisan dealignment in advanced industrial democracies. *The Journal of Politics*, v. 46, n. 1, p. 264-284, 1984.

DALTON, R. J. Partisan mobilization, cognitive mobilization and the changing American electorate. *Electoral Studies*, v. 26, n. 2, p. 274-286, 2007.

- DALTON, R. J. "The blinders of partisanship." *Research Handbook on Political Partisanship* (2020): 74-88.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Edipro, 2018.
- DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *Scientiae Studia*, v. 6, p. 201-218, 2008.
- DELLI CARPINI, Michael X.; KEETER, Scott. What Americans know about politics and why it matters. New Haven: Yale University Press, 1996
- DI CESARE, Donatella. *If Auschwitz is Nothing: Against Denialism*. John Wiley & Sons, 2023. Kindle versão.
- DITTO, Peter; PIZARRO, David; TANNENBAUM. Motivated Moral Reasoning. In: BARTELS, Daniel; BAUMAN, Christopher; SKITKA, Linda; MEDIN, Douglas (Eds.). *The Psychology of Learning and Motivation*. Burlington: Academic Press, 2009. p. 307-338.
- DIWAN, Pietra. Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- DOMINGOS, A., ROCHA, V. and MARCIANO, P., 2024. A estrada dos tijolos amarelos: Desafios e sugestões para produzir pesquisas qualitativas mais transparentes. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 43, p.e275124.
- DOWNS, A. *An economic theory of democracy*. Nova York: Harper & Row Publishers, 1957.
- DUNAWAY, Johanna; GRABER, Doris A. *Mass media and American politics*. Cq Press, 2023.
- DUNKER, Christian. Ciência pouca é bobagem: Por que psicanálise não é pseudociência. Ubu Editora, 2024.
- ELGAR, Edward. The blinders of partisanship. In: *Research Handbook on Political Partisanship*. Edward Elgar Publishing, 2020.
- ENDERS, A., FARHART, C., MILLER, J., USCINSKI, J., SAUNDERS, K., & DROCHON, H. (2023). Are republicans and conservatives more likely to believe conspiracy theories?. *Political behavior*, 45(4), 2001-2024.
- FESTINGER, Leon; RIECKEN, Henry W.; SCHACHTER, Stanley. *When prophecy fails*. Pinter & Martin Publishers, 2008.
- FESTINGER, Leon. *A theory of cognitive dissonance*. Stanford University Press, 1957.
- FIGUEIREDO, Marcus. *A decisão do voto: democracia e racionalidade*. São Paulo: Sumaré–ANPOCS, 1991.
- FIORINA, Morris; ABRAMS, Samuel. Political polarization in the American public. *Annual Review of Political Science*, v. 11, p. 563-588, 2008.
- FIRESTEIN, Stuart. *Fracasso: Por que a ciência é tão bem-sucedida*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- FOA, R. S.; MOUNK, Y. The Signs of Deconsolidation. *Journal of Democracy*, v. 28, n. 1, p. 5-15, 2017.

FOA, Roberto Stefan; MOUNK, Yascha. The danger of deconsolidation: The democratic disconnect. *Journal of Democracy*, v. 27, n. 3, p. 5-17, 2016.

FREND, Steven J.; KNOWLES, Eric D.; SALETAN, William; LOFTUS, Elizabeth F. False memories of fabricated political events. *Journal of Experimental Social Psychology*, v. 49, n. 2, p. 280-286, 2013.

FREUD, Sigmund. *A negação*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.

FUKS, Mario; CASALECCHI, Gabriel; RIBEIRO, Ludmila. Os efeitos da sofisticação política no sistema de crenças democrático. Disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/03/atitudes-e-cognicao-conhecimento-dos-brasileiros-sobre.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

FUKS, M., & MARQUES, P. H. (2022). Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. *Opinião Pública*, 28, 560-593.

FUKS, M.; RIBEIRO, G.; OKADO, L.; LOPES, N.; BARBOSA, M. A opinião pública e a pandemia de Covid-19 no Brasil. In: SÁTYRO, N. G. D.; CABRAL, E. R. (Orgs.). *Covid-19 no Brasil: Algumas contribuições sobre (des)-coordenação e opinião pública* (ebook). Belo Horizonte: Fino Traço, 2023

GALISON, Peter; PROCTOR, Robert. Agnotology in action: A dialogue. 2020. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/12146.003.0004>.

GALTON, Francis. Eugenics: Its definition, scope, and aims. *American Journal of Sociology*, v. 10, n. 1, p. 1-25, 1904.

GLENN, Sigrid S. Metacontingencies in walden two. *Behavior analysis and social action*, v. 5, p. 2-8, 1986.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Northeastern UP, 1986.

GORDIN, Michael D. *On the fringe: Where science meets pseudoscience*. Oxford University Press, 2021.

GRAMACHO, et al. Political Preferences, Knowledge, and Misinformation About COVID-19: The Case of Brazil. *Frontiers in Political Science*, v. 3, n. 646430, 13 maio 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/political-science/articles/10.3389/fpos.2021.646430/full>. Acesso em: 30 jul. 2022.

HALLAL, Pedro C. SOS Brazil: democracy under attack. *The Lancet*, v. 400, n. 10349, p. 355, 2022.

HALLAL, Pedro C. SOS Brazil: science under attack. *The Lancet*, v. 397, n. 10272, p. 373-374, 2021.

HOMMA, A.; MAIA, MLS; AZEVEDO, ICA; FIGUEIREDO, IL; GOMES, LB; PEREIRA, CVC; PAULO, EF; CARDOSO, DB. Pela reconquista das altas coberturas vacinais. *Cadernos de Saúde Pública*; 39(3):e00240022 doi: 10.1590/0102-311XPT240022, 2023.

INGLEHART, R. The Age of Insecurity: Can Democracy Save Itself? *Foreign Affairs*, v. 97, p. 20, 2018.

INGLEHART, Ronald. The silent revolution: changing values and political styles among Western publics. Princeton: Princeton University Press, 1977.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. *Modernization, cultural change, and democracy: The human development sequence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

IYENGAR, Shanto; KINDER, Donald R. *News that matters: Television and American opinion*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

IYENGAR, Shanto; SOOD, Gaurav; LELKES, Yphtach. Affect, Not Ideology: A Social Identity Perspective on Polarization. *Public Opinion Quarterly*, v. 76, n. 3, p. 405-431, 2012.

JERIT, Jennifer; BARABAS, Jason. Partisan perceptual bias and the information environment. *The Journal of Politics*, v. 74, n. 3, p. 672-684, 2012.

JERIT, Jennifer; BARABAS, Jason; BOLSEN, Toby. Citizens, knowledge, and the information environment. *American Journal of Political Science*, v. 50, n. 2, p. 266-282, 2006.

JOHNSON, Eric A.; REUBAND, Karl-Heinz. *What we knew: Terror, mass murder, and everyday life in Nazi Germany*. New York: Basic Books, 2005.

KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Tradução de Cássio Arantes Leite. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KAHN-HARRIS, Keith. *Denial: The unspeakable truth*. Notting Hill Editions, 2018.

KRAFT, Patrick W.; LODGE, Milton; TABER, Charles S. Why people “don’t trust the evidence” motivated reasoning and scientific beliefs. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, v. 658, n. 1, p. 121-133, 2015.

KROSNICK, Jon; PETTY, Richard. Attitude strength: an overview. In: KROSNICK, Jon; PETTY, Richard (Orgs.). *Attitude strength: Antecedents and consequences*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Paulo Aukar a partir do texto original publicado em *The Structure of Scientific Revolutions*. 3. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

KUNDA, Ziva. The Case for Motivated Reasoning. *Psychological Bulletin*, v. 108, n. 3, p. 480, 1990.

LAKOFF, George. The all new don’t think of an elephant!: Know your values and frame the debate. Chelsea Green Publishing, 2014.

LAZARSELD, Paul; BERELSON, Bernard; GAUDET, Hazel. *The people’s choice: how the voter makes up his mind in a presidential campaign*. New York: Columbia University Press, 1948.

LENZ, Gabriel S. Follow the leader?: how voters respond to politicians' policies and performance. Chicago and London: University of Chicago Press, 2012.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *How Democracies Die: what history reveals about our future*. London: Viking, 2018.

- LIPSET, Seymour Martin. Some social requisites of democracy: Economic development and political legitimacy. *The American Political Science Review*, v. 53, n. 1, p. 69-105, 1959.
- LIPSTADT, Deborah. Denying the Holocaust: The growing assault on truth and memory. Simon and Schuster, 2012.
- LODGE, Milton; TABER, Charles S. *The rationalizing voter*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- LOFTUS, Elizabeth; KETCHAM, Katherine. *The myth of repressed memory*. New York: St. Martin's Griffin, 1996.
- LUPIA, Arthur. Shortcuts versus encyclopedias: Information and voting behavior in California insurance reform elections. *American Political Science Review*, v. 88, n. 1, p. 63-76, 1994.
- MAIO, Gregory R.; HADDOCK, Geoffrey. *The Psychology of Attitudes and Attitude Change*. Los Angeles: Sage, 2009.
- MANDETTA, Luiz Henrique. Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.
- MARQUES, Pedro. Afeto ou ideologia: medindo polarização política no Brasil? Paper apresentado no 12º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (online). 2020.
- MASON, L. *Uncivil agreement: how politics became our identity*. Chicago: University of Chicago Press, 2018.
- McINTYRE, Lee. The scientific attitude: Defending science from denial, fraud, and pseudoscience. MIT Press, 2019.
- MENDONÇA, Ricardo; FILGUEIRAS, Fernando; ALMEIDA, Virgílio. Algorithmic institutionalism: the changing rules of social and political life. Oxford: Oxford University Press, 2024.
- MILLER, J. M.; SAUNDERS, K. L.; FARHART, C. E. Conspiracy endorsement as motivated reasoning: The moderating roles of political knowledge and trust. *American Journal of Political Science*, v. 60, n. 4, p. 824-844, 2016.
- MURPHY, G.; LYNCH, L.; LOFTUS, E.; EGAN, R. Push polls increase false memories for fake news stories. *Memory*, v. 29, n. 6, p. 693-707, 2021.
- MUTZ, Diana Carole. Hearing the other side: deliberative versus participatory democracy. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- NIE, Norman H.; ANDERSEN, Kristi. Mass belief systems revisited: Political change and attitude structure. *The Journal of Politics*, v. 36, n. 3, p. 540-591, 1974.
- NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. *The spiral of silence: Public opinion, our social skin*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- NORRIS, P. Critical citizens: global support for democratic government. Oxford: Oxford University Press, 1999.

- NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. The cultural backlash theory: Eroding the civic culture. In: *Cultural Backlash: Trump, Brexit and authoritarian populism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- OLSON, Michael; KENDRICK, Richard. Origins of attitudes. In: CRANO, William; PRISLIN, Radmila (Orgs.). *Attitudes and attitude change*. New York: Psychology Press, 2008.
- ORESQUES, N.; CONWAY, E. M. Merchants of doubt: How a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming. Bloomsbury Publishing USA, 2011.
- OSKAMP, S.; SCHULTZ, W. *Attitudes and Opinions*. 3. ed. New Jersey: LEA, 2005.
- PASTERNAK, P.; ORSI, Carlos. “Que bobagem.” In: *Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*. São Paulo: Contexto, 2023.
- PENNYCOOK, Gordon; RAND, David G. Lazy, not biased: Susceptibility to partisan fake news is better explained by lack of reasoning than by motivated reasoning. *Cognition*, v. 188, p. 39-50, 2019.
- PONSONBY, Arthur. Falsehood in war-time: Containing an assortment of lies circulated throughout the nations during the Great War. New York: EP Dutton & Company, 1928.
- POPKIN, Samuel L. The Reasoning Voter: Communication and Persuasion in Presidential Campaigns. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- PROCTOR, R. N.; SCHIEBINGER, L. Agnotology: The making and unmaking of ignorance. 2008.
- PUTNAM, Robert. *Comunidade e democracia*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- SAMPAIO, Rafael; SARMENTO, Rayza; CHAGAS, Viktor (Orgs.). *Comunicação e política no contexto da pandemia: breves reflexões*. Curitiba: Compolítica / Carvalho Comunicação, 2021.
- RAMOS, G. et al. Orientação política e apoio ao isolamento social durante a pandemia da COVID-19: evidências do Brasil. *Revista de Administração Pública*, jul./ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/5Lt6cJp8VKQ46M6JGs8Fh4s/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2022.
- RAUCH, Jonathan. *The constitution of knowledge: A defense of truth*. Brookings Institution Press, 2021.
- REDLAWSK, David P.; CIVETTINI, Andrew J. W.; EMMERSON, Karen M. The affective tipping point: Do motivated reasoners ever “get it”? *Political Psychology*, v. 31, n. 4, p. 563-593, 2010.
- RELIHAN, D. P., HOLMAN, E. A., GARFIN, D. R., DITTO, P. H., & SILVER, R. C. (2023). Politicization of a Pathogen: A Prospective Longitudinal Study of COVID-19 Responses in a Nationally Representative US Sample. *Political Psychology*, 44(6), 1193-1213.
- RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julian. Sentimentos partidários y antipetismo: condicionantes y co-variables. *Opinião Pública*, v. 22, n. 3, p. 603-637, 2016.
- RIBEIRO, R.; BORBA, J. Antipartidarismo e intolerância política no Brasil. Trabalho apresentado no 42º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2018.

- RUNCIMAN, David. *How democracy ends*. London: Profile Books, 2018.
- SAMUELS, D.; ZUCCO, C. Partisans, anti-partisans and voter behavior in Brazil. In: *Handbook of Brazilian Politics*. New York/London: Routledge, 2018.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SEAWRIGHT, Jason. *Multi-method social science: Combining qualitative and quantitative tools*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- GADARIAN, Shana Kushner; GOODMAN, Sara Wallace; PEPINSKY, Thomas B. *Pandemic politics: the deadly toll of partisanship in the age of COVID*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2022.
- SILVA, Tarcízio. *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2022.
- SMITH, Joanne; HOGG, Michael. Social identity and attitudes. In: CRANO, William; PRISLIN, Radmila (Orgs.). *Attitudes and attitude change*. New York: Psychology Press, 2008.
- SOUSA, Wesley; SANTOS, Matheus; JAEGER, Antônio. Theoretical aspects and practical implications of memory conformity: a review. *Psicologia em Pesquisa*, v. 14, n. 3, p. 152-172, 2020.
- STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível: Manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.
- SUNSTEIN, Cass R. *Going to extremes: How like minds unite and divide*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- SVOLIK, M. W. Polarization versus democracy. *Journal of Democracy*, v. 30, n. 3, p. 20-32, 2019.
- SZWAKO, José; RATTON, José Luiz. *Dicionário dos negacionismos no Brasil*. Recife: Cepe Editora, 2022.
- TALISSE, Robert B. *Overdoing democracy: Why we must put politics in its place*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- TELLES, H.; CAMARGOS, J.; LOPES, N.; MACHADO, J. A. Sentimentos, negacionismo, confiança no presidente e as percepções da pandemia de Covid-19 no Brasil. In: SATYRO, N. G. D.; CABRAL, E. R. (Orgs.). *Covid-19 no Brasil: Algumas contribuições sobre (des)coordenação e opinião pública* (ebook). Belo Horizonte: Fino Traço, 2023.
- TRAQUINA, Nelson. *Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular Livros, 2020.
- URBINATI, Nadia. Political theory of populism. *Annual Review of Political Science*, v. 22, p. 111-127, 2019.
- VENTURA, D.; PERRONE-MOISÉS, C.; MARTIN-CHENUT, K. Pandemia e crimes contra a humanidade: o “caráter desumano” da gestão da catástrofe sanitária no Brasil. *Revista Direito e Praxis*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 2206-2257, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/7WGyphhcLskRqBCwBNTt9sn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.

VIDAL-NAQUET, Pierre. Os Assassinos da Memória: Um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988.

WALTER, Dror; OPHIR, Yotam. Meta-theorizing framing in communication research (1992–2022): toward academic silos or professionalized specialization? *Journal of Communication*, v. 74, n. 2, p. 101-116, 2024.

WELZEL, Christian. Modernization, cultural change, and democracy: The human development sequence. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

WOOD, Thomas; PORTER, Ethan. The elusive backfire effect: Mass attitudes' steadfast factual adherence. *Political Behavior*, v. 41, p. 135-163, 2019.

WOOLGAR, Steve; LATOUR, Bruno. *A vida de laboratório*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

WRONSKI, J.; KANE, J. Ingroup lovers or outgroup haters? The social roots of Trump support and partisan identity. 2019. Disponível em: <www.researchgate.net/publication/333194217_Mason_Wronski_Kane_BYU_June_2019>. Acesso em: 30 jul. 2020.

XAVIER, D. R. et al. Involvement of political and socio-economic factors in the spatial and temporal dynamics of COVID-19 outcomes in Brazil: A population-based study. *The Lancet Regional Health - Americas*, v. 10, n. 100221, jun. 2022. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(22\)00038-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(22)00038-2/fulltext). Acesso em: 30 jul. 2022.

ZALLER, John R. *The nature and origins of mass opinions*. New York: Cambridge University Press, 1992.

APÊNDICES

1. Roteiro para entrevistas em profundidade

Doutorado em Ciência Política

Aluna: Nayla Lopes

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

University of California, Irvine (UCI)

1. *Conhecendo a/o entrevistada/o – Ambientação*

- 1.1. Ano de nascimento
- 1.2. Sexo
- 1.3. Estado civil
- 1.4. Tem filhos?
- 1.5. Religião (pedir especificação)
- 1.6. Local de nascimento e de moradia
- 1.7. Com quem mora?
- 1.8. Escolaridade
- 1.9. Qual curso superior você fez?
- 1.10. Profissão ATUAL: Trabalha atualmente? Autônomo? Empresário? Aposentado? Dona de casa? Servidor público? Outra?
- 1.11. Tem alguns hobbies? Quais?
- 1.12. Qual o principal problema do seu país?
- 1.13. De quem é a culpa desse problema? Das pessoas? Do governo? Dos políticos? Das Igrejas? Da Internet? Outro?
- 1.14. Se você pudesse mudar alguma coisa nas universidades/no ensino, o que seria?
- 1.15. Voto para presidente nas duas últimas eleições
- 1.16. Preferência partidária (justificada)
- 1.17. Existe algum partido que você não votaria, não gosta e rejeita?
- 1.18. Existe algum **líder** da política ou de outra área qualquer que você tenha admiração?
- 1.19. Existe algum líder da política ou de outra área qualquer que você não goste de jeito nenhum?
- 1.20. Autolocalização ideológica
- 1.21. Interesse por política: geralmente costuma votar? (não, sim por que vota/não vota?)
- 1.22. A sua família conversava sobre política quando você era criança? A sua família tinha alguma preferência política ou nenhuma? Conversa sobre política atualmente? Com quem? Onde: nas redes, pessoalmente, no trabalho?
- 1.23. Participa de associações? Igreja, partidos, ONG, movimentos em geral?
- 1.24. Conhecimento político ("many people don't know the answers to these questions so if there are some you don't know just tell me and we'll go on." – questões baseadas em Delli Carpini e Keeter, 1996)

- 1.24.1. Quem é o atual presidente da república?
- 1.24.2. Qual é a duração de um mandato de deputado?
- 1.24.3. O Brasil é um país presidencialista ou parlamentarista?
- 1.24.4. Qual é o cargo atualmente ocupado por Geraldo Alckmin?
- 1.24.5. Qual é a posição ideológica do presidente Lula? Qual é a posição ideológica do ex-presidente Bolsonaro?
- 1.24.6. O que se comemora no dia 07 de setembro?
- 1.24.7. De qual instituição é a obrigação de avaliar se uma lei é constitucional: Presidência da República, Congresso ou STF?

2. *Opiniões sobre ciência, opiniões e sentimentos relacionados à pandemia*

Pergunta de pesquisa: Quais as opiniões dos indivíduos negacionistas sobre as orientações da OMS e da comunidade científica difundidas ao longo da pandemia e como sua conduta pessoal esteve relacionada a tais opiniões manifestas?

Hipótese de apoio: a expectativa é que os indivíduos com comportamento negacionista tenham opiniões inconsistentes com as orientações oriundas da OMS e da comunidade científica e, possivelmente, conduta pessoal influenciada pelas “pistas” deixadas pelos presidentes negacionistas.

- 2.1. Relembrando o início da pandemia, você passou a acompanhar informações sobre o coronavírus? Este era um assunto importante para você? Por quê?
- 2.2. De modo geral, quais foram os seus sentimentos durante a pandemia?
- 2.3. No início, o que você sentiu?
- 2.4. E no meio?
- 2.5. E ao final da pandemia?
- 2.6. Qual foi sua opinião sobre as restrições de circulação e sobre o distanciamento social? Sua opinião mudou ao longo do tempo, com novas informações recebidas?
- 2.7. Qual foi sua opinião sobre o uso de máscaras? Sua opinião mudou ao longo do tempo, com novas informações recebidas?
- 2.8. E sobre usar álcool gel? Sua opinião mudou ao longo do tempo, com novas informações recebidas?
- 2.9. E sobre lavar as mãos com mais frequência? Sua opinião mudou ao longo do tempo, com novas informações recebidas?
- 2.10. E sobre receber as pessoas em sua casa ou visitar outras pessoas? Sua opinião mudou ao longo do tempo, com novas informações recebidas?
- 2.11. Essas regras em geral: você confiava nelas? Por quê?
- 2.12. Em algum momento, você sentiu medo do vírus?
- 2.13. E quando chegou a vacina no seu país, quais foram os seus sentimentos em relação a ela?
- 2.14. E atualmente, qual é a sua opinião sobre as vacinas contra o coronavírus?
- 2.15. Você sabe quais são os efeitos da vacina? Quais seriam eles? Como você soube?
- 2.16. Antes da pandemia, você já havia tomado outras vacinas ao longo da vida? Quais? Por quê?
- 2.17. Você teve diagnóstico positivo de Covid-19?

- 2.18. Conhece alguém próximo que teve?
- 2.19. Perdeu algum familiar, amigo ou conhecido para a doença? Se sim, de quem foi a responsabilidade pela morte? Da pessoa? Do governo? Do hospital?
- 2.20. O que você achou sobre a conduta da maioria das pessoas do seu convívio (familiares, amigos e conhecidos) durante a pandemia? (Imprudente? Cuidadosa? Proporcional? Exagerada?) Por quê?
- 2.21. O que você achou da conduta do ex-Presidente Trump durante a pandemia?
- 2.22. O que você achou da conduta das autoridades governamentais (ministros da saúde e etc.) durante a pandemia?

3. *Conduta pessoal (comportamentos)*

- 3.1. Sua rotina mudou muito com a pandemia? O que mais mudou (trabalho, vida pessoal, interações sociais, etc.)?
- 3.2. Você recebia familiares e amigos em casa durante a pandemia? E em datas comemorativas e feriados? E durante as festas de fim de ano?
- 3.3. Você viajou a passeio durante a pandemia? Durante as férias? Feriados?
- 3.4. Você trabalhou durante a pandemia? Remota ou presencialmente?
- 3.5. Você lavava as mãos com mais frequência?
- 3.6. Usava álcool gel? Por quê?
- 3.7. Você manteve distanciamento social e aderiu a restrições de circulação durante a pandemia? Por quê?
- 3.8. Você usou máscaras durante a pandemia? Se sim, onde?
- 3.9. Caso tenha tido Covid, tomou algum medicamento (ou outra substância) para **melhorar/se recuperar da doença**? Qual? Por quê? (Quem recomendou? Amigos, colegas de trabalho, médico, propaganda, o presidente/governo?)
- 3.10. Você se vacinou? Se você se vacinou: qual o motivo?
- 3.11. Quantas doses? Qual vacina?
- 3.12. Você teve medo de se vacinar?
- 3.13. PARA QUEM NÃO SE VACINOU: Para algumas atividades, a vacina era obrigatória, como viajar, frequentar alguns lugares, trabalhar... Você deixou de realizar alguma(s) atividade(s) por não ter se vacinado?
- 3.14. Você utilizou plataformas digitais para se reunir online com amigos e familiares (por exemplo: Google Meet, Zoom, Teams, chamadas de vídeo no Whatsapp, etc)?

4. *Fontes de informação e confiança*

Quais as fontes de informação nas quais os indivíduos negacionistas confiam e como eles justificam a confiança que depositam em tais fontes?

Hipótese de apoio: espera-se que os indivíduos negacionistas tenham depositado sua confiança em fontes de informação alinhadas com suas crenças, num processo de exposição seletiva. Num ambiente informacional diversificado, é possível se manter com uma dieta informacional abundante (e aparentemente rica), embora enviesada. As bolhas epistêmicas online viabilizam, ainda, a redução ou mesmo eliminação da exposição a pressões cruzadas.

- 4.1. Onde você buscava informações sobre a pandemia? Com que frequência? Esse é um tema importante para você atualmente?
- 4.2. E quanto a receber informações, você as recebia? De quem?
- 4.3. No início, e mesmo ao longo do tempo, havia muitas incertezas e informações diferentes sobre as melhores formas de combatê-lo/de se proteger dele. Como você decidiu em quem/em quais fontes confiar? Quais eram seus critérios para avaliar a validade das informações que chegavam a você?
- 4.4. Se você encontrasse informações contraditórias em duas fontes de sua confiança, o que fazia para decidir em qual delas acreditaria?
- 4.5. Existem pessoas do seu convívio (parentes, amigos, conhecidos ou você mesma/o) que você considera serem as mais bem informadas sobre a pandemia? Por quê? Você buscava informações com elas?
- 4.6. Você tem alguma autoridade científica de referência para buscar informações sobre o coronavírus? (Citar exemplos dos países)
- 4.7. E autoridades médicas?
- 4.8. E autoridades políticas?
- 4.9. E jornalistas da TV? Da internet? De outras mídias?
- 4.10. Você utiliza redes sociais para se manter informada/o de modo geral? Quais?
- 4.11. Você utiliza redes sociais para publicar/compartilhar informações? De que maneiras?
- 4.12. Você acredita já ter compartilhado informações falsas? Se sim, o fez propositalmente ou sem saber que eram falsas?
- 4.13. De modo geral, você convive com mais pessoas que concordam ou que discordam das suas opiniões e crenças sobre a pandemia e o coronavírus?
- 4.14. Na vida, de modo geral, você costuma ouvir com atenção informações e opiniões divergentes das suas? De modo geral, se considera aberto ou fechado a mudar de ideia? A abertura a essa mudança depende da pessoa com quem está conversando, do que você já pensa sobre o assunto ou do conteúdo que ela traz a você?
- 4.15. Você já conversou sobre a pandemia com pessoas que tiveram experiências muito ruins (por exemplo, que perderam pessoas da família para o vírus)? Se sim, como foi a conversa? Ela fez você mudar alguma de suas opiniões?
- 4.16. O que você achou da cobertura da mídia tradicional em geral (rádio, TV, jornais) sobre a pandemia?
- 4.17. Você já ouviu falar da OMS – Organização Mundial da Saúde?
- 4.18. Você acha que essa organização deu informações úteis sobre a pandemia? Falsas, verdadeiras, inúteis?
- 4.19. Desde o início da pandemia, você já mudou de posição sobre a Covid-19 ou mantém as mesmas opiniões? Por quê?

5. *Política e interesses econômicos na pandemia*

Quais as opiniões dos cidadãos negacionistas sobre a gestão da pandemia pelos presidentes dos três países em análise e sobre os enquadramentos agnotológicos da realidade ofertados por essas lideranças?

Hipótese de apoio: uma vez que os presidentes dos três países foram negacionistas da gravidade da pandemia e atuaram como disseminadores de uma falsa sensação de segurança e normalidade, a expectativa é que os cidadãos negacionistas avaliem como positiva a atuação desses líderes políticos e se alinhem a eles nas opiniões quanto aos possíveis interesses de quem alertava para a seriedade da emergência global (indícios de pensamento conspiracionista).

- 5.1. Qual é a sua opinião sobre a gestão da pandemia pelo presidente Bolsonaro/Trump
- 5.2. E a conduta do presidente durante a pandemia? Você concordou ou discordou das falas e da postura dele durante a pandemia? Por quê?
- 5.3. E sobre a forma de lidar com a pandemia adotada pelo presidente Lula/Biden? Na sua opinião, ele está agindo melhor, pior ou igual a seu antecessor? Por quê?
- 5.4. De modo geral (não apenas sobre a pandemia), em relação ao atual governo, você acredita que o Presidente atual é igual, melhor ou pior do que o antecessor?
- 5.5. Você acredita que havia muitos interesses em jogo durante a pandemia?
- 5.6. Quem lucrou com a pandemia, na sua opinião? Por que pensa assim?
- 5.7. Você acha que alguém tentou se contrapor a esses interesses? Quem? Por quê?
- 5.8. E quanto aos interesses políticos, o que você percebeu sobre isso durante a pandemia?
- 5.9. Na sua avaliação, havia pessoas/grupos/empresas cujo interesse principal era o bem-estar das populações? Quem?
- 5.10. Você sentiu sua liberdade atacada durante a pandemia? Em que momentos? Por quê?
- 5.11. Considera que as restrições foram necessárias (por um bem maior) ou foram somente um pretexto para restringir a liberdade das pessoas?
- 5.12. E a sua família/amigos? Eles chegaram a se afastar de você durante a pandemia por causa de suas opiniões?
- 5.13. E você, você chegou a se afastar de amigos/familiares durante a pandemia?
- 5.14. Você acha que a pandemia mais afastou ou mais aproximou as pessoas de suas relações pessoais? De quem é a culpa por isso?
- 5.15. E depois da pandemia? Você sentiu que algo mudou, piorou ou se manteve igual em seu país?
- 5.16. Depois da volta à “normalidade”, você acha que alguma coisa mudou em sua vida? Para melhor, pior, igual? O que, por exemplo?

6. Crenças e valores

Espera-se que indivíduos negacionistas cultivem valores tradicionais, tenham mais necessidade de ordem e autoridades e encontrem respostas e conforto em uma lógica dogmática. Diante de lideranças políticas que estimulam o negacionismo e oferecem respostas e certezas, esses indivíduos estão mais propensos a corresponder ao negacionismo agnotológico dos líderes.

- 6.1. De 0 a 10, quão importante é a fé religiosa na sua vida?
- 6.2. De 0 a 10, quão importante é o respeito a autoridades?
- 6.3. De 0 a 10, quanto orgulho você tem do seu país?
- 6.4. De 0 a 10, qual é a importância de Deus na sua vida?
- 6.5. Qual é a sua opinião sobre a descriminalização do aborto?

- 6.6. E sobre as mulheres, qual seria o principal papel delas na sociedade?
- 6.7. Em relação à FAMÍLIA, ela é importante em sua vida? Por quê? O que seria uma família IDEAL?

7. *Raciocínio motivado e pensamento conspiracionista*

Quais os caminhos argumentativos adotados pelos negacionistas para justificarem uma interpretação da realidade tão dissonante dos enquadramentos predominantes em circulação nas fontes de conhecimento historicamente legitimadas (ciência e mídia mainstream)?

Hipótese de apoio: sistemas de crenças de indivíduos sofisticados tendem a ter maior consistência interna entre as ideias-elementos que os compõem. Essa coerência interna tende a torná-los “raciocinadores motivados”, com crenças e atitudes resistentes a mudanças. Portanto, a expectativa é que os entrevistados consigam contar histórias completas com sua interpretação de como a pandemia começou, como foi coberta pela mídia e abordada pelos governos – num processo argumentativo enviesado e tendendo ao conspiracionismo, mas coeso e pretensamente objetivo.

- 7.1. De acordo com as informações que você tem e nas quais acredita, como a pandemia começou? Você acredita que o vírus tenha começado a se espalhar na natureza ou saído de um laboratório?
- 7.2. Se saiu do laboratório, isso ocorreu de modo acidental ou proposital? Por que você pensa dessa forma?
- 7.3. Você acha que o governo chinês tenha escondido informações sobre o coronavírus?
- 7.4. E o governo dos Estados Unidos/Brasil/México, agiu com transparência ou ocultou informações das pessoas? Por que você pensa assim?
- 7.5. Você acredita que o número de mortos pelo coronavírus tenha sido maior, menor ou igual ao noticiado pela mídia tradicional (TV, jornais, rádio)? Por quê?
- 7.6. Você se sente incompreendido nas suas opiniões sobre a pandemia? Acha que parte das pessoas não quer/não está preparada para encarar a realidade sobre o que vivemos nos últimos três anos?
- 7.7. Para concluir, qual é a sua verdade sobre tudo o que vivemos nos últimos anos? O que lhe ajudou a passar por esse período? Fé, ciência, informações de pessoas de confiança, suas próprias convicções? Um pouco de tudo?
- 7.8. Considerações finais – gostaria de acrescentar algo?

2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa *Enquadramentos, opiniões e comportamentos durante a pandemia de Covid-19*, que tem como objetivo investigar os fatores que influenciaram as opiniões e os comportamentos dos cidadãos comuns em temas relacionados à pandemia, assim como analisar as abordagens da pandemia pela mídia, governos federais e divulgadores científicos.

O motivo que nos leva a estudar estes temas é a busca por aprofundar a compreensão de fenômenos sociais que, embora impactados por adventos tecnológicos recentes, se inserem em uma longa agenda de pesquisas sobre o papel de comunicadores e de líderes de opinião na conformação de crenças, comportamentos e da opinião pública.

Para este estudo, adotaremos os seguintes procedimentos: análise estatística de pesquisas quantitativas (*surveys*) realizadas antes e durante a pandemia de Covid-19; análise de conteúdo da cobertura midiática, das falas de presidentes da república e dos conteúdos produzidos por divulgadores científicos sobre a pandemia; e análise de conteúdo das entrevistas em profundidade ora realizadas. Caso sinta algum desconforto durante a entrevista, o(a) participante poderá interrompê-la ou encerrá-la a qualquer momento. Todavia, asseguramos que o questionário foi elaborado com o máximo cuidado e tendo em vista exclusivamente o interesse acadêmico pelos temas abordados. Espera-se, por meio dessas entrevistas, compreender de maneira mais profunda os pensamentos a respeito de um período histórico excepcional – o que, acreditamos, será de grande benefício científico e social.

O motivo deste convite é que o (a) Sr. (a) se enquadra nos seguintes critérios de inclusão: detém interesse por política, conhecimento político e escolaridade superior – além de se dispor a dialogar a respeito de suas opiniões e fontes de informação durante a pandemia de Covid-19.

Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira.

O (A) Sr. (a) será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, sendo que em caso de obtenção de fotografias, vídeos ou gravações de voz os materiais ficarão sob a propriedade do pesquisador responsável. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr. (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a(o) Sr.(a).

Eu, _____, portador do CPF _____, nascido (a) em ____/____/_____, residente no endereço _____

_____, na cidade de _____, Estado _____, podendo ser contatado (a) pelo número telefônico () _____ e e-mail _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo *Enquadramentos, opiniões e comportamentos durante a pandemia de Covid-19*, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

CIDADE/ESTADO, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

3. Formulário para recrutamento de entrevistadas/os:

Covid-19: como você viveu a pandemia?

Olá! Meu nome é Nayla Lopes e estou na fase final do doutorado em Ciência Política na UFMG. Minha área de estudo é comportamento político, e minha tese é sobre as opiniões, percepções e comportamentos durante a pandemia de Covid-19. Para avaliar como diferentes pessoas viveram esse período, realizo entrevistas em profundidade – que nada mais são que conversas, nas quais faço algumas perguntas e peço que as pessoas me contem seus “porquês”. Não existem respostas “certas” ou “erradas”; há apenas diferentes percepções, experiências, vivências, condutas, modos de se informar e fontes de informação em que as pessoas confiam (ou das quais desconfiam). A previsão de duração da conversa é de 60 a 90 minutos – mas claro, isso depende do quanto cada pessoa decide compartilhar comigo! Se você tiver um tempo mais apertado, basta me informar quanto tempo tem para conversar comigo e eu me adapto.

Se pudermos conversar, por favor, preencha os campos de nome, telefone/WhatsApp e email. Para este capítulo específico da tese, preciso entrevistar pessoas que tenham pelo menos o nível superior de escolaridade. Peço que deixe também as melhores opções de dia e horário (até 31/08) para nossa entrevista. Ela será realizada on-line, via plataforma Google Meet. Eu envio a você o link e basta clicar nele, na data e horário combinados, para começarmos. Ah, e vou precisar gravar a entrevista, apenas para fins de transcrição (não consigo anotar tudo e a conversa ficaria “engessada”). Desde já, asseguro que o sigilo de todos os participantes será mantido e os dados das entrevistas serão usados apenas para fins acadêmicos, e haverá um termo de consentimento, assinado por mim e pela/o entrevistada/o, no qual essas garantias estão expressas. Caso tenha dúvidas, estou à disposição para respondê-las pelo e-mail: naylafalopes@gmail.com

Muito obrigada pela disponibilidade!

1. Email *

2. Nome *

3. Telefone/WhatsApp *

4. Escolaridade *

- ☐ Fundamental incompleto
 - ☐ Fundamental completo
 - ☐ Médio incompleto
 - ☐ Médio completo
 - ☐ Superior incompleto
 - ☐ Superior completo
 - ☐ Pós-graduação
5. ☐ Disponibilidade de dia e horário para a entrevista - Opção 1 *
- ☐ *Example: January 7, 2019 11:03 AM*
6. ☐ Disponibilidade de dia e horário para a entrevista - Opção 2

Example: January 7, 2019 11:03 AM

This content is neither created nor endorsed by Google.

Google [Forms](#)

R script – LAPOP regression models

```
# Instalando e carregando os pacotes
if (!require("pacman")) install.packages("pacman")
pacman::p_load(tidyverse, rio, skimr, gridExtra, janitor, sjlabelled, sjPlot,
               stargazer, performance)

# Brasil
brasil <- import("BRA_2021_LAPOP_AmericasBarometer_v1.2_w.dta") |>
  select(a4, covid2at, idio2, idio2cov, fs2, fs2covidn, covid11n, m1, anestg, edr, gi0n,
         conocim, b47a, q1tb, prov1t, core_a_core_b) |>
  mutate(across(c(a4, covid2at, idio2, idio2cov, fs2, fs2covidn, covid11n, m1, anestg, edr, gi0n,
                  conocim, q1tb, prov1t, core_a_core_b), ~to_label(.)))

# Descritivas

brasil |>
  tabyl(a4) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(covid2at) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(idio2) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(idio2cov) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(fs2) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(fs2covidn) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(covid11n) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(m1) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(m1, core_a_core_b)

brasil |>
  tabyl(anestg) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(edr) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(conocim) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(b47a) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(b47a, core_a_core_b)
```

```

brasil |>
  tabyl(q1tb) |> adorn_pct_formatting()

brasil |>
  tabyl(prov1t) |> adorn_pct_formatting()

# Manipulando as variáveis

brasil <- brasil |>
  # Filtrando respostas validas
  filter(core_a_core_b == "Core A") |>
  # Manipulando as variáveis dependentes
  mutate(pri_covid = as.factor(ifelse(a4 == "Coronavirus/pandemia/Covid-19"|
    a4 == "Vacunas de coronavirus/la compra de vacunas/no hay suficientes",
    1,0)),
    preoc_covid = as.factor(ifelse(covid2at == "Muy preocupado(a)"|
    covid2at == "Algo preocupado(a)",1,0)),
    econ_covid = as.factor(ifelse(is.na(idio2cov)|idio2cov == "Otra razón",0,1))) |>
  # Manipulando as variáveis independentes
  mutate(exp_covid = as.factor(ifelse(covid11n == "Sí", 1,0)),
    gov_aval = as.factor(ifelse(m1 == "Muy bueno"|m1 == "Bueno", "Positivo",
    ifelse(m1 == "Ni bueno, ni malo (regular)", "Regular","Negativo"))),
    gov_conf = as.factor(ifelse(anestg == "Mucho"|anestg == "Algo", 1,0)),
    educ = as.factor(edr),
    aten_noticia = as.factor(ifelse(gi0n == "Diariamente", "Diariamente",
    ifelse(gi0n == "Algunas veces a la semana",
    "Mais de uma vez na semana",
    "Menos que uma vez na semana"))),
    conheç_pol = as.factor(ifelse(conocim == "Muy alto"|conocim == "Alto",
    "Possui conhecimento político",
    ifelse(conocim == "Ni alto ni bajo",
    "Regular","Não possui conhecimento político"))),
    conf_elei = b47a,
    sexo = as.factor(ifelse(q1tb == "Hombre/masculino", "Homem", "Mulher")),
    estado = as.factor(prov1t))

# Rodando os modelos

br_fit1 <- glm(pri_covid ~ gov_aval + gov_conf + exp_covid + educ +
  aten_noticia + conheç_pol + conf_elei + sexo, data = brasil,
  family = "binomial")

summary(br_fit1)

plot_model(br_fit1)

check_model(br_fit1)

br_fit2 <- glm(preoc_covid ~ gov_aval + gov_conf + exp_covid + educ +
  aten_noticia + conheç_pol + conf_elei + sexo, data = brasil,
  family = "binomial")

summary(br_fit2)

plot_model(br_fit2)

check_model(br_fit2)

```

```

br_fit3 <- glm(econ_covid ~ gov_aval + gov_conf + exp_covid + educ +
              aten_noticia + conhecpol + conf_elei + sexo, data = brasil,
              family = "binomial")

summary(br_fit3)

plot_model(br_fit3)

check_model(br_fit3)

tab_model(br_fit1, br_fit2, br_fit3)

# EUA

eua <- import("USA_2021_LAPOP_AmericasBarometer_v1.2_w.dta") |>
  select(covid1, covid2at, idio2, idio2cov, fs2, fs2covidn, m1, anestg, ed_usa, gi0n,
         b37, b47a, q1tb, prov1t) |>
  mutate(across(c(covid1, covid2at, idio2, idio2cov, fs2, fs2covidn, m1, anestg, ed_usa, gi0n,
                  q1tb, prov1t), ~to_label(.)))

# Descritivas

eua |>
  tabyl(covid1) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(covid2at) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(idio2) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(idio2cov) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(fs2) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(fs2covidn) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(covid11n) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(m1) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(anestg) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(ed_usa) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(b37) |> adorn_pct_formatting()

eua |>

```

```

tabyl(b47a) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(q1tb) |> adorn_pct_formatting()

eua |>
  tabyl(prov1t) |> adorn_pct_formatting()

# Manipulando as variáveis

eua <- eua |>
  # Manipulando as variáveis dependentes
  mutate(pri_covid = as.factor(ifelse(covid1 == "Muy serio"|
    covid1 == "Algo serio",1,0)),
    preoc_covid = as.factor(ifelse(covid2at == "Muy preocupado(a)"|
    covid2at == "Algo preocupado(a)",1,0)),
    econ_covid = as.factor(ifelse(is.na(idio2cov)|idio2cov == "Otra razón",0,1))) |>
  # Manipulando as variáveis independentes
  mutate(gov_aval = as.factor(ifelse(m1 == "Muy bueno"|m1 == "Bueno", "Positivo",
    ifelse(m1 == "Ni bueno, ni malo (regular)", "Regular","Negativo"))),
    gov_conf = as.factor(ifelse(anestg == "Mucho"|anestg == "Algo", 1,0)),
    educ = as.factor(ifelse(ed_usa == "No se graduó de la escuela secundaria",
    "Sem ensino médio",
    ifelse(ed_usa == "Graduado de secundaria", "Ensino médio",
    "Universidade"))),
    aten_noticia = as.factor(ifelse(gi0n == "Diariamente", "Diariamente",
    ifelse(gi0n == "Algunas veces a la semana",
    "Mais de uma vez na semana",
    "Menos que uma vez na semana"))),
    conf_elei = b47a,
    conf_midia = b37,
    sexo = as.factor(ifelse(q1tb == "Hombre/masculino", "Homem", "Mulher")),
    estado = as.factor(prov1t))

# Rodando os modelos

eua_fit1 <- glm(pri_covid ~ gov_aval + gov_conf + educ +
  aten_noticia + conf_elei + conf_midia + sexo, data = eua,
  family = "binomial")

summary(eua_fit1)

plot_model(eua_fit1)

check_model(eua_fit1)

eua_fit2 <- glm(preoc_covid ~ gov_aval + gov_conf + educ +
  aten_noticia + conf_elei + conf_midia + sexo, data = eua,
  family = "binomial")

summary(eua_fit2)

plot_model(eua_fit2)

check_model(eua_fit2)

eua_fit3 <- glm(econ_covid ~ gov_aval + gov_conf + educ +

```

```
      aten_noticia + conf_elei + conf_midia + sexo, data = eua,  
      family = "binomial")  
  
summary(eua_fit3)  
  
plot_model(eua_fit3)  
  
check_model(eua_fit3)  
  
tab_model(eua_fit1, eua_fit2, eua_fit3)
```